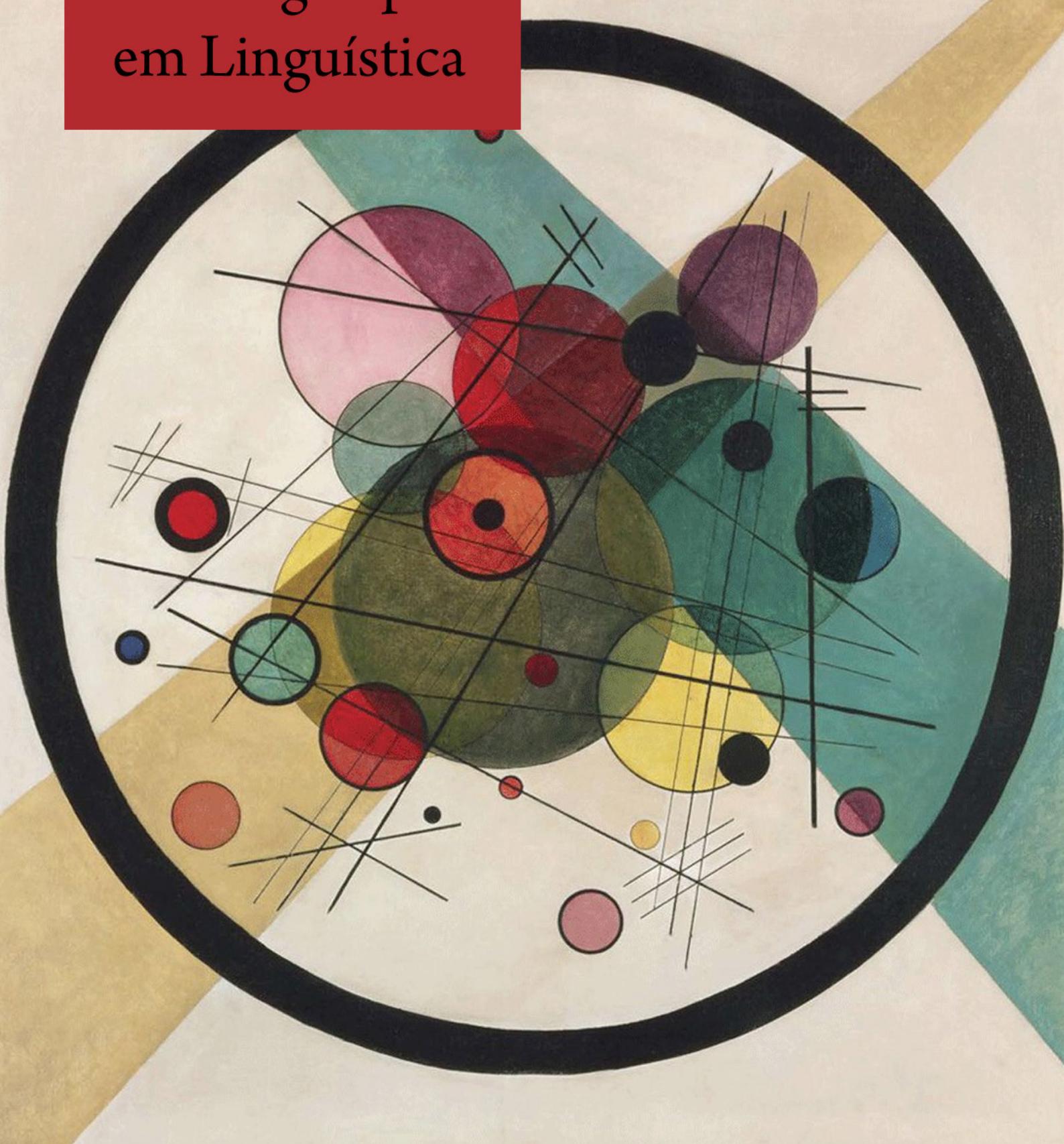


Working Papers em Linguística



2024

v. 25

N. 2

Working Papers em Linguística, v. 25, n. 2, 2024

Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis - SC - Brasil

Editor-chefe

Marco Antonio Rocha Martins

Design e arquivamento

João Paulo Zarelli Rocha

Equipe de revisão

Ana Beatriz Ribeiro
Helena Gouveia
Íris Medeiros da Fonceca
Jonathan Murilo Souza dos Santos
Suzane Cardoso Gonçalves Madruga
Vanessa Grando

Conselho Editorial

Adair Bonini, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Adriana Fischer, Centro Universitário de Brusque, Brasil
Aline Cacilda Koteski Emilio, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Ana Cláudia Souza, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
André Berri, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Clarice Nadir von Borstel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
Cláudia Regina Brescancini, Pontifícia Universidade Católica – RS, Brasil
Cristiane Lazzarotto-Volcão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Cristine Gorski Severo, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Edair Maria Gorski, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Edwiges Maria Morato, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Fabio Luiz Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Felício Wessling Margotti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Helena Guerra Vicente, Universidade de Brasília, Brasil
Heronides Maurílio de Melo Moura, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Izabel Christine Seara, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Josias Ricardo Hack, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Leandra Cristina de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Leonor Scliar Cabral, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Lucélio Dantas Aquino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Luizete Guimarães Barros, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Magdiel Medeiros Aragão Neto, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Mailce Borges Mota, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Inês Probst Lucena, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Izabel de Bortoli Hentz, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Teresa Santos Cunha, Universidade do Estado de Santa Catarina
Márluce Coan, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maurício Eugênio Maliska, Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
Monica Mano Trindade, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Morgana Fabiola Cambrussi, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
Nara Caetano Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Nelita Bortolotto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Nívea Rohling, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Otávio Goes de Andrade, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Renato Basso, Universidade Federal de São Carlos, Brasil
Roberta Pires de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Rodrigo Acosta Pereira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ronald Taveira da Cruz, Universidade Federal do Parnaíba Piauí, Brasil
Rosângela Hammes Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Rosely Xavier, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Simone Bueno Borges da Silva, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Tarcisio de Arantes Leite, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
Vidomar Silva Filho, Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil
Werner Heidermann, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Capa

Kreise im kreis, Wassily Kandinsky, 1923

Sumário

EL METADISCURSO EN TEXTOS ARGUMENTATIVOS: ANÁLISIS DE DOS EDITORIALES DEL PERIÓDICO DIGITAL <i>EL PAÍS</i> Joilton Garcia do Amaral, Rebeca Harapuque Galdino Alves	3
ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE HISPANOFALANTES SOBRE VARIEDADES DA LÍNGUA ESPANHOLA Fernanda Priscila Carraro, Loremi Lorean-Penkal, Beatriz Méndez Guerrero	22
VARIAÇÃO E MUDANÇA DOS USOS DOS VERBOS LEVES DAR, FAZER, TER E TOMAR: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL-CONSTRUÇÃO-NISTA Maria Angélica Furtado da Cunha	40
NOTAS ACERCA DAS RESTRIÇÕES FUNCIONAL E COMPOSICIONAL DE COPULATIVAS ESPECIFICACIONAIS Douglas Alan da Silva	63
O PORTUGUÊS FRONTEIRIZO DE JAGUARÃO (BR) E RIO BRANCO (UY): MAPEAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DESCRIPTIVOS Gabriela Tornquist Mazzaferro, Leonor Simioni, Camila Witt Ulrich	88
O APAGAMENTO DA VIBRANTE NA ESCRITA DE ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA ATIVAR SUA CONSCIÊNCIA LINGÜÍSTICA Eveline Pereira Silveira, Juliana Flor, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott	112
A LÍNGUA-CULTURA E O ENSINO DE PLE: OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO UM MOSAICO DE DIÁLOGOS Mariana Gurgel Pegorini, Cristina Yukie Miyaki	128
VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS DE PORTO ALEGRE (RS) E OS ESTILOS DE VIDA DOS PORTO-ALEGRENSES Bruna Silva dos Santos, Elisa Battisti	150
O AVANÇO DO APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EXTERNA NA REGIÃO SUL: CHUÍ E SANTANA DO LIVRAMENTO (PROJETO ALIB) Caio Korol, Carolina Ribeiro Serra	177

EL METADISCURSO EN TEXTOS ARGUMENTATIVOS: ANÁLISIS DE DOS EDITORIALES DEL PERIÓDICO DIGITAL *EL PAÍS*

O METADISCURSO EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS: ANÁLISE DE DOIS EDITORIAIS DO JORNAL DIGITAL *EL PAÍS*

Joilton Garcia do Amaral | [Lattes](#) | joiltongarcia@hotmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Rebeca Harapuque Galdino Alves | [Lattes](#) | rebeca_harapuque@hotmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Resumen: Un texto argumentativo está condicionado a una función comunicativa y es construido para tratar de persuadir a sus interlocutores y conseguir su adherencia. El editorial, un género discursivo con predominio de la argumentación, es utilizado para difundir posiciones controvertidas. El metadiscurso es un conjunto de elementos lingüísticos que revelan al lector las intenciones comunicativas del emisor. Buscando tratar de esos temas a la vez, el objetivo de este trabajo es analizar dos textos editoriales, presentes en el periódico “El país”, mediante el uso de los marcadores persuasivos del metadiscurso. Como conclusión, percibimos que ambos editoriales siguen la estructura de un texto argumentativo. En cuanto a los marcadores de persuasión, verificamos que los autores de los dos editoriales utilizan marcadores de posicionamiento y de compromiso. El más utilizado en el editorial “Presión eclesial” fue el aparte personal y en el “Conquista democrática” fue el automención. De ese modo, concluimos que, al argumentar, los autores echan mano de técnicas de persuasión con la finalidad de atraer la concordancia de su audiencia, así como que haya un diálogo inconsciente entre escritura/lector a partir de lo que es dicho en el texto.

Palabras clave: Metadiscurso; Argumentación; Editorial.

Resumo: Um texto argumentativo está condicionado a uma função comunicativa e é construído para tentar persuadir seus interlocutores e conseguir sua aderência. O editorial, um gênero discursivo com predomínio da argumentação, é utilizado para difundir posições controvertidas. O metadiscurso é um conjunto de elementos linguísticos que revelam ao leitor as intenções comunicativas do emissor. Buscando tratar desses temas

em conjunto, o objetivo deste trabalho é analisar dois textos de editoriais, presentes no jornal digital *El país*, mediante o uso de marcadores persuasivos do metadisco. Como conclusão, percebemos que ambos os editoriais seguem a estrutura de um texto argumentativo. Em relação aos marcadores de persuasão, verificamos que os autores dos editoriais utilizam marcadores de posicionamento e de compromisso. O mais utilizado no editorial *Presión eclesial* foi o aporte pessoal e no *Conquista democrática* foi o automenção. Desse modo, concluímos que, ao argumentar, os autores utilizam de técnicas de persuasão com a finalidade de atrair a concordância da sua audiência, assim como para que haja um diálogo inconsciente entre escrita/leitor a partir do que é dito no texto.

Palavras-chave: Metadisco; Argumentação; Editorial.

1 CONSIDERACIONES INICIALES

El texto argumentativo tiene el fin de persuadir su lector por medio de argumentos que revelan los puntos de vista de su autor. Ese tipo textual está presente en diversos géneros discursivos, incluso en la conversación cotidiana. Además, suele aparecer relacionado a temas polémicos para los cuales se formula la tesis a ser defendida o rechazada.

El editorial, género discursivo del ámbito periodístico dotado de argumentación, posee como propósito presentar temas reales de la actualidad que generen controversia. Por su parte, el metadisco está direccionado a la organización y estructura del argumento utilizado por el emisor visando una mejor comprensión del receptor. Además, en esa área está presente la idea de que escribir o hablar está más allá de la transmisión de informaciones, pues es un acto social que presenta una relación entre los involucrados con la finalidad de que interactúen entre sí.

Como problematización, partimos del presupuesto de que el autor, a la hora de escribir, utiliza diversos marcadores para persuadir su lector. Con eso, buscamos identificar cuál es el marcador de persuasión más utilizado por el autor y los motivos que llevan a su elección.

Tras las definiciones iniciales y nuestra problematización, explicamos que esta investigación tiene por objetivo principal analizar dos editoriales del periódico digital “*El país*” intitulados “*Presión eclesial*” y “*Conquista democrática*” mediante los aspectos del metadisco. Con eso, nuestros objetivos específicos son: identificar los marcadores de persuasión del metadisco mediante la clasificación de Hyland (2005); presentar los aspectos constitutivos que demarcan la argumentación del autor y su relación con el me-

tadiscurso; describir la relación en contra/a favor de los dos editoriales mediante el uso de los marcadores como forma de adhesión de su lector.

Como referencial teórico, nos basamos en autores como Abreu (2010) con sus estudios acerca de la argumentación. Además, utilizamos las investigaciones de Cavalcante (2009) y Hyland (2005) relacionadas al metadiscurso. Como metodología, utilizamos un abordaje cualitativo, desdoblado en bibliográfico y descriptivo, una vez que presentamos el aparato teórico acerca de la argumentación y del metadiscurso e hicimos el análisis mediante el uso de los marcadores metadiscursivos.

La escritura de esta investigación arrancó en 2020 a causa de un estudio necesario para cumplir una asignatura del curso de grado en la universidad. Al inicio de 2022, tuvimos la idea de retomarla, con la inserción del metadiscurso, una vez que nos pareció interesante abordar esa área de forma conjunta con la argumentación, puesto que están interrelacionadas.

Nuestro trabajo está dividido, además de esta introducción, en más tres partes. Inicialmente, presentamos los aportes teóricos acerca de la argumentación y del metadiscurso; a continuación, en el tercer tópico, exponemos el abordaje utilizado, nuestro corpus y el análisis de nuestro objeto de estudio; por último, las consideraciones finales.

2 APORTES TEÓRICOS ACERCA DE LA ARGUMENTACIÓN Y DEL METADISCURSO

En este capítulo teórico, abordaremos, en un primer momento, las características acerca de la argumentación y, enseguida, los rasgos acerca del metadiscurso.

2.1 Valores de la argumentación

Es válido decir que, desde hace mucho tiempo, la comunicación estuvo presente en nuestras vidas y, sin dudas, fue un importante mecanismo utilizado para la supervivencia del ser humano. Por otro lado, la realidad actual es muy cruel con aquellos que no intercambian sus ideas, pensamientos y se niegan a comunicarse de todos modos, pues cuando eso pasa, el individuo cierra puertas, pierde oportunidades de crecimiento y hasta mismo de descubrimiento.

Para que eso no suceda, es inexcusable la charla, dicho de otro modo, es imprescindible argumentar, exponer sus puntos de vista e intercambiar ideas. Por eso, es necesario gerenciar nuestras relaciones tanto en el área profesional como en la personal y así hacer posible conocer el otro y todo su universo.

Según Calsamiglia Blancafort y Tusón Valls (2001), la argumentación, textualmente hablando, está presente en muchas actividades discursivas y se presentan en la vida social como, por ejemplo, en entrevistas de empleo, conversaciones entre amigos, debates políticos, en opinión, en juicio, en artículo editorial. Es decir, es utilizada en situaciones que tienen el propósito de persuadir o convencer a alguien sobre algo. En otras palabras, la argumentación, en un sentido amplio, “es una práctica discursiva que responde a una función comunicativa: la que se orienta hacia el Receptor para lograr su adhesión” (Calsamiglia Blancafort y Tusón Valls, 2001, p. 294).

Mediante la argumentación, exponemos opiniones hacia nuestro interlocutor con la finalidad de convencerlo y persuadirlo. Para alcanzar ese objetivo, solemos echar mano de temas polémicos y a partir de ellos desarrollar nuestra tesis, que puede ser usada tanto para defender un punto de vista como para contradecirlo.

Como mencionado, la gran finalidad de utilizar la argumentación es para convencer y persuadir, y los dos verbos presentan conceptos totalmente dicotómicos. Según Abreu (2010), convencer es construir algo en el campo de las ideas, hacer con que uno piense como nosotros. Podemos decir a alguien que fuma todas las cosas malas que el cigarrillo hace y así convencerlo de que fumar es dañino a la salud. De otro modo, persuadir, conforme el mismo autor, es construir algo en el lugar de las emociones y sensibilizar el otro para actuar como deseamos. Volviendo al ejemplo, la persona continúa fumando porque está persuadida a hacer eso.

Teniendo eso en vista, aún es válido mencionar a respeto de la retórica, o sea, según Abreu (2010), es el arte de convencer y persuadir, dicho de otro modo, significa el arte de hablar y comunicarse de forma clara, logrando intercambiar las ideas con el otro de modo más sencillo. Esa técnica surgió en Atenas cuando el hombre vivenciaba el primer contacto con la democracia. En la sazón, existían algunas personas sabias en varias áreas del conocimiento que enseñaban este arte. Ellos eran conocidos por el nombre de sofistas.

Por otro lado, Abreu (2010) dice que también existían los filósofos que apenas trabajaban con verdades absolutas, divergiendo a los sofistas que, por viajar mucho, presentaban otros pensamientos y se basaban en puntos de vista, por lo tanto, fue inevitable el conflicto entre ellos.

Tornando a la argumentación, un buen texto argumentativo necesita de una tesis bien producida. De ese modo, tras su formulación, hay que tener en cuenta qué tipos de argumentos van a ser utilizados en el texto. Como forma de probar o negar una tesis, los argumentos deben convencer a alguien de una verdad o una falsedad acerca del tema y ser fundamentados en hechos reales (Hernández, 2010).

En consonancia con Marchesani (2008), los argumentos del editorial son creados a partir de la imagen preconcebida de sus lectores y la estructura argumentativa se construye mediante la interacción escritor/lector. Aún según la autora, el editorial posee rasgos de objetividad, y, por eso, las frases son más cortas y sin complejidad cuando del punto de vista estructural, además, el lenguaje utilizado, generalmente, es sencillo, de fácil comprensión.

En otra vertiente, Alcíbar Cuello (2015, p. 226) dice que el artículo editorial es “el tipo textual por el que la empresa periodística juzga, a partir de su propia perspectiva ideológica, las noticias de trascendencia social”, además, lo clasifica como un género de opinión por medio del cual el periódico como institución social enjuicia aquellos acontecimientos de la actualidad que considera relevantes desde un punto de vista social, político, económico o cultural.

Tras el aparato teórico acerca de la argumentación, vimos que ella está presente hasta en nuestras conversaciones informales del cotidiano. Así, de modo a contribuir con nuestra investigación, abordaremos, a seguir, los aspectos del metadiscurso, ya que mantiene intrínseca relación con el estudio del texto argumentativo, además de ser el foco de nuestra investigación.

2.2 Rasgos del metadiscurso

Por la necesidad de intercambiar ideas, nos hacer entender y comprender el otro, el hombre aprovecha la ventaja evolutiva para el desarrollo del lenguaje, especialmente, la forma verbal. Ese proceso de compartir informaciones, puede ser llamado de comunicación. Por medio de ella podemos decir ideas, hechos, quienes somos, nuestros deseos, sentimientos y emociones etc. Por eso, a todo momento estamos tratando de exponernos y convencer al receptor sobre nuestras ideas.

Sin embargo, para una buena comprensión, es necesario que las informaciones proferidas por el autor estén bien estructuradas y organizadas dentro del discurso. Con esto en mente, se puede decir que el metadiscurso es un conjunto de partes preposicionales del texto que revelan al lector las intenciones comunicativas del emisor, o sea, si él está en contra o a favor de algo (retórica), si está evidenciando una información o, incluso, enumerando ideas, por ejemplo (Cavalcante, 2009).

Dentro de este orden de ideas, Arias (2014) afirma que el metadiscurso se relaciona con los rasgos del texto que demuestran interacción entre el escritor y sus lectores de una manera afectiva y refuerza que esa interacción solo ocurre en relación a los elementos internos al texto, o sea, aquello que está explícito internamente.

Se puede resumir a continuación, que el metadiscurso está vinculado a los elementos que aclaran las ideas articuladas, con la coherencia y, además, con marcadores que revelan al lector el posicionamiento del autor. En relación a los marcadores, Hyland (2005) los clasifican basado en las perspectivas pragmáticas, textuales e interpersonales.

En la perspectiva que aquí se adopta, como el metadiscurso se proyecta en la interacción autor-lector, Hyland (2005) crea una estructura de marcadores de interacción persuasiva del autor. Tal estructura se divide en posicionamiento y compromiso. Vale resaltar que nuestro estudio analítico versará sobre tales marcadores en textos de editoriales. De esa forma, presentaremos a seguir los conceptos de posicionamiento y compromiso y sus respectivas subclasificaciones.

El posicionamiento se refiere a las actitudes del autor y a sus peculiaridades a la hora de escribir, opinar y juzgar. Además, esos rasgos son reconocidos por sus lectores. Su finalidad es intervenir en el tema de suerte que su lado personal de autoridad argumentativa sea demostrado (Hyland, 2005). El enfoque aquí está en el “yo”.

Ya el compromiso está caracterizado por la conexión existente con los lectores. En este caso, el escritor reconoce la presencia de su público con la finalidad de llamar su atención, considerar sus inseguridades e inserirlos en el discurso como participantes para que ellos interpreten el texto de forma alienada (Hyland, 2005). El foco de esta interacción es el “tú”.

Esos conceptos creados por Hyland (2005) posee subclasificaciones, que presentaremos en el cuadro siguiente.

Cuadro 1 – Los marcadores de interacción persuasiva

Marcadores de posicionamiento				
Atenuación	Intensificación	Indicador de actitud	Automención	
Marcadores de compromiso				
Mención del lector	Directivo	Pregunta	Referencia a conocimientos compartidos	Aparte personal

Fuente: adaptado de Hyland (2005) y traducido por los autores.

Abordaremos los conceptos de cada uno de los marcadores según los aportes de Hyland (2005). Por consiguiente, enseguida, presentaremos la nomenclatura de los marcadores de posicionamiento.

En primer lugar, tenemos la **atenuación**, que es un marcador que expresa duda. Generalmente, el autor expresa la incertidumbre por medio de palabras como “quizás” y “posible”, por ejemplo. A lo mejor, estos marcadores enseñan hasta qué punto la información es verdadera. De esa forma y de modo sutil, el autor intenta mostrar algo de confianza al lector y, al mismo tiempo, imparcialidad.

En segundo lugar, está el marcador de **intensificación**, que, al revés de la atenuación, expresa seguridad y mucha convicción por medio de palabras y estructuras sintácticas como “obviamente”, “es cierto que” y “claramente”. Asimismo, además de firmeza en la información, el autor logra, al usar estos conectores, enfatizar la idea dicha.

Dando continuidad, en tercer lugar, está el **indicador de actitud**. Este marcador se relaciona con algunas emociones del autor, como sorpresa y frustración. Ese lado afectivo es visible en el discurso cuando expresa concordancia, importancia, cuando dice si algo es apropiado o no y en el uso de palabras como “infelizmente” o “felizmente”. Con eso, el autor hace que el lector tome el puesto a su lado: concordando, teniendo las mismas reacciones y, sobre todo, que sus juzgamientos sean los mismos, generando así, interacción entre ellos.

Por último, la **automención** marca la presencia o la ausencia de pronombres de primera persona, así como de adjetivos de pose; hay la presencia de un “yo” en el discurso. Cuando mencionado, el autor decide mostrarse de manera consciente. Sin embargo, cuando no, queda explícito en el texto que las cosas se desarrollan de forma independiente.

Expuestos los marcadores de posicionamiento, ahora veremos los de compromiso, que, como vistos en el cuadro 1, se clasifican en cinco tipos.

La **mención del lector**, el primer marcador de compromiso, ocurre cuando el autor incluye el lector por medio de elementos de deixis personales, o sea, utiliza pronombres personales, determinantes posesivos, la primera persona del plural, vocativos y formas de tratamientos.

Luego, el marcador **directivo** está marcado por el uso del imperativo con la función de inducir el lector a realizar alguna acción. Como ejemplos tenemos: mira, ve, imagina y otros más. Además de eso, puede venir con la presencia de la expresión “es importante” o del adverbio “necesariamente”.

La **pregunta** es responsable por hacer con que el lector piense acerca del contenido mencionado. De ese modo, es un marcador que despierta e invita el lector para participar de forma directa del texto.

Acerca de la **referencia a conocimientos compartidos** se puede decir que está

relacionada a la presencia de marcadores explícitos para que la información dicha pueda ser reconocida como familiar. Con eso, el autor construye lectores defendiendo sus creencias, siempre afirmando la idea e interactuando con su lector. Generalmente, usan palabras o expresiones como “nosotros sabemos que”, “obviamente” etc.

Por fin, el último tipo de marcador de compromiso se clasifica como **aparte personal**. En este tipo de marcador, el autor interrumpe el argumento, puesto que incluye un comentario personal sobre el tema hablado. Eso ocurre porque la finalidad del autor es dirigirse, estratégicamente, a sus interlocutores de suerte que contribuya para un diálogo interpersonal que venga a existir entre autor y lector; pues, de ese modo, el receptor se informa de la posición del autor de tal forma que puede concordar o no con el apuntamiento insertado.

Tal como observamos en los aportes dados sobre el metadiscursivo y las clasificaciones de los marcadores de interacción persuasiva, hay varias formas de persuadir al lector, a depender de la situación comunicativa que el texto está puesto, del contenido que abarca, de la forma de inserir el lector en el texto o no etc. Con eso en mente, daremos continuidad a los aspectos metodológicos de la investigación y al análisis de los editoriales teniendo en cuenta esos marcadores discursivos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

En nuestra investigación, utilizamos un abordaje cualitativo bibliográfico, pues hicimos una revisión teórica acerca de la argumentación y del metadiscursivo. Además, se clasifica como descriptiva, una vez que realizamos un análisis de dos editoriales cuyos aspectos fueron descritos e interpretados teniendo en cuenta los marcadores de persuasión del metadiscursivo.

La investigación bibliográfica es relevante en cualquier tipo de estudio, una vez que es a través de ella que revisamos los estudios de investigadores acerca del tema estudiado y sus puntos de vista. Con ella, buscamos información y elegimos los documentos que iremos abordar en nuestra investigación que estén relacionados con nuestro objeto de estudio (Paiva, 2019).

Ya la investigación descriptiva, se caracteriza por ser responsable por realizar un análisis describiendo e identificando las características del objeto de estudio (Richardson, 2012). En nuestro caso, hicimos la descripción e identificación de los marcadores persuasivos del metadiscursivo existentes en los dos editoriales, así como de los aspectos constituyentes de la argumentación y su relación con esos marcadores.

3.1 El corpus de análisis

Como objeto de estudio, nuestra investigación está direccionada al análisis de dos editoriales presentes en el periódico digital “El país”. La elección por este tipo textual se explica por el hecho de que está fuertemente relacionado al género argumentativo. Respecto al tema, elegimos uno que consideramos polémico en la sociedad contemporánea: el matrimonio homosexual. Priorizamos ese asunto, pues juzgamos esencial para explorar los marcadores de persuasión del metadiscursivo.

Relativo al título de los dos editoriales analizados, son ellos: “Presión eclesial”, publicado el 06 de mayo de 2005; y “Conquista democrática”, publicado el 30 de junio de 2005. Como dicho en el párrafo anterior, ambos abordan temas relacionados al universo LGTBI, una vez que informan sobre la ley del matrimonio homosexual.

Para la elección de los editoriales, en primer lugar, teníamos en mente encontrar un texto que estuviera a favor del matrimonio homosexual y otro en contra, con la finalidad de poder trabajar la argumentación y el metadiscursivo a partir de puntos de vistas opuestos.

En relación a la definición de los textos, juzgamos adecuado buscarlos en el periódico digital “El país”, en español, visto que es muy difundido mundialmente. En nuestras búsquedas, hallamos diversos textos, pero estos dos nos llamaron la atención por el hecho de estar relacionados a la opinión de la iglesia, constituyendo, en nuestra opinión, un tema polémico tratado por los clérigos. En relación a la fecha que fueron publicados, nos pareció un poco antigua, pero solamente en el sentido diacrónico, pues el tema sigue siendo muy importante y debatido en la contemporaneidad.

Explicados el corpus y los motivos de su elección, pasaremos, en seguida, al análisis de los editoriales. Conforme nuestros objetivos, identificaremos los marcadores de persuasión del metadiscursivo mediante la clasificación de Hyland (2005); presentaremos los aspectos constitutivos que demarcan la argumentación del autor y su relación con el metadiscursivo; describiremos la relación en contra/a favor de los dos editoriales mediante el uso de los marcadores como forma de adhesión de su lector.

3.2 Análisis del editorial “Presión eclesial”

Cuanto a los aspectos argumentativos que constituyen ese editorial¹, percibimos que hay la presentación de su tesis al inicio del texto, demostrando cual tema va a tratar a lo largo de la argumentación. Identificamos la tesis en el fragmento “La cúpula de la Iglesia católica española está decidida a agotar todos los recursos posibles para impedir la

¹ El texto integral está presente en el Apéndice I.

promulgación de la ley del matrimonio homosexual, sujeta ahora a debate en el Senado”.

Siguiendo el texto, el autor defiende que “Una sociedad democrática garantiza la libertad de expresión de todos, tanto más de una confesión religiosa con la que se identifica un sector importante de la población”. Con eso, presenta el desarrollo de la argumentación, manifestando la opinión con fuertes argumentos acerca del tema, utilizados para persuadir al lector en los párrafos segundo y tercero.

Como conclusión, el autor presenta un análisis acerca del tema argumentado al decir que “Alentar a la desobediencia de los funcionarios públicos para no celebrar matrimonios gais (...) les colocará a éstos en una situación muy comprometida y de transgresión de la ley”.

Tras presentar los aspectos constituyentes del editorial, percibimos que sigue las características de un texto argumentativo, pues empieza con la tesis, en seguida hace uso de los argumentos y, por fin, concluye la idea presente en el texto.

Para dar sentido a esas ideas o párrafos, se utilizan marcadores que son responsables por ayudar y orientar al lector para que sea posible entender el texto y la perspectiva del autor. Estos marcadores son comprendidos dentro de la metadiscursividad que, segundo Hyland (2005), establece una relación entre el autor y el lector al utilizar esas marcas en textos para lograr la comunicación entre los involucrados.

En relación al análisis de los marcadores persuasivos utilizados por el escritor, presentaremos, ahora, los pasajes del texto que juzgamos poseer esos marcadores:

1) “Una sociedad democrática garantiza la libertad de expresión de todos”.

En este caso, el autor presenta un hecho que es conocido por los ciudadanos, una vez que trata de un derecho garantizado a todas las personas, lo que se supone ser una información compartida por ellas. Por lo tanto, es un marcador de referencia a conocimientos compartidos, una vez que este tipo de información bien podría estar presente en un texto constitucional que puede ser accedido por todos los individuos, de forma impresa o virtual, siempre que tengan los recursos para dicho acceso.

2) “Tanto más de una confesión religiosa con la que se identifica un sector importante de la población”.

En el segundo ejemplo, el autor utiliza el marcador de aparte personal, puesto que incluye su opinión sobre el tema, aportando nueva información, de suerte que el lector se

sitúe en la lectura (Cavalcante, 2009). El autor hace uso de ese marcador para defender su punto de vista acerca de la posición de la iglesia, puesto que, como podemos verificar al inicio del primer párrafo, el clero rechaza la aprobación de la ley para matrimonios homosexuales.

3) “Pero el pacto democrático obliga igualmente a todos a cumplir las leyes que emanan del Parlamento”.

En ese ejemplo, hallamos el marcador de aparte personal, por el hecho de que el autor intenta llamar la atención de sus lectores en relación a las leyes del Parlamento, para que sepan que el cumplimiento es deber de todos. O sea, además de ser un derecho que debería ser de conocimiento, como dicho en el ejemplo 1, el autor pone un comentario nuevo para alertar un público que quizá no lo tenga.

4) “El comunicado, (...), es prepotente en su descalificación de la ley”.

Aquí, creemos que se trata de un marcador de aparte personal. Eso se explica teniendo en cuenta que, una vez más, el escritor inserta un comentario personal sobre el tema. Como afirma Hyland (2005), el autor inicia un diálogo interpersonal con sus lectores de forma que ellos tengan conocimiento del punto de vista presentado, estando ellos de acuerdo o no.

El escritor, mediante ese marcador, presente en el segundo párrafo, argumenta utilizando términos con el intuito de demostrar que la iglesia utiliza de su poder para intentar tomar las decisiones que no son de su alcada y que su comunicado va contra los derechos de la sociedad.

5) “Quizás demasiado para lo que se presuponía que iba a significar”.

En ese caso, se emplea el marcador de atenuación, ya que se utiliza la palabra “quizá”. Al usar ese término, el autor toma la actitud de pasar al lector una información menos concreta, por no estar seguro de ella, pero que, a la vez, transmite un tono de confiabilidad (Cavalcante, 2009). Al utilizar de ese marcador de atenuación, en el tercer párrafo, el autor continúa argumentando en contra la iglesia, opinando que la decisión tomada es muy rígida, comparándola con hechos que ya habían ocurrido o que aún iban a ocurrir.

6) “Es verdad que no aporta nada nuevo”.

Como se puede observar en el uso del énfasis “es verdad”, presenciamos un caso de intensificación. Ese tipo de marcador se clasifica como un apelativo de seguridad, puesto que presenta certidumbre en el habla (Cavalcante, 2009). Al revés del caso 5 anterior, aquí hay un ejemplo de firmeza en lo dicho. Con su uso, el escritor transmite confianza a su público meta a la hora de argumentar.

7) “Alentar a la desobediencia de los funcionarios públicos (...), les colocará a éstos en una situación muy comprometida y de transgresión de la ley”.

El último caso encontrado en ese editorial es un marcador de mención del lector. Al usar el pronombre “éstos”, el autor retoma el sujeto funcionarios públicos (posibles lectores de su texto), con la finalidad de llamarlos la atención a que serán comprometidos caso ellos desobedezcan las órdenes de la Cámara baja acerca del matrimonio gay. En el último párrafo del editorial, el autor concluye diciendo que aceptar al pedido de la iglesia sería como poner a los homosexuales en una situación más abajo de la que ya estaban, además de transgredir la ley.

Finalizando el análisis del editorial “Presión eclesial”, verificamos que el autor echa mano del uso tanto de marcadores de posicionamiento como de compromiso. En cuanto a los de posicionamiento, el autor emplea el marcador de atenuación y el de intensificación. En relación a los de compromiso, emplea los marcadores de mención del lector, de referencia a conocimientos compartidos y los de apartes personales, siendo este último el más utilizado. La razón por la elección de ese marcador, se explica, quizás, por el intento de llamar la atención del lector a creer en lo que está siendo puesto como argumento en el texto, una vez que, cuando exponemos nuestras opiniones, los lectores suelen tener más ganas de leer y, consecuentemente, saber la conclusión del punto de vista del autor.

Hecho el análisis del primer editorial, pasaremos ahora al del segundo: “Conquista democrática”.

3.3 Análisis del editorial “Conquista democrática”

En ese editorial², en relación a los aspectos de la argumentación, el autor presenta, inicialmente, su tesis para, en seguida, argumentar a favor del tema, al decir que “El ma-

² El texto integral está presente en el Apéndice II.

rimonio homosexual no menoscaba al heterosexual ni ataca a la familia tradicional". Con eso, en seguida, explica las ideas que le llevaron a tener tal posicionamiento, diciendo que los derechos de esos colectivos son ampliados mediante la institución de esa ley.

En el último párrafo, el autor concluye retomando lo que fue dicho en la tesis, señalando que la ley aprobada fue una conquista para los homosexuales y que los derechos civiles realmente fueron atendidos por el Gobierno de la época.

Así como en el primer editorial analizado, ese posee los elementos que constituyen un texto argumentativo: la tesis al inicio; los argumentos enseguida; y, por fin, la conclusión de la idea constante en el texto. Por lo tanto, hay una relación entre la argumentación y el metadiscurso, pues, para nortear al lector a respecto de la opinión del autor y la organización de los argumentos, son utilizados los marcadores del metadiscurso que, además de esas funciones mencionadas, es responsable, también, por la cohesión del texto.

A continuación, presentaremos el análisis de los marcadores de interacción persuasivos existentes en el texto:

8) "La ley de matrimonio homosexual, aprobada ayer en el Congreso por 187 a favor y 147 en contra, delimita mejor que ninguna otra el campo escogido por el Gobierno (...)".

Al principio del texto, ya es notable el uso del marcador de intensificación de posicionamiento, pues el autor pasa la idea de certeza y seguridad en lo que está por afirmar al usar los términos "delimita mejor". Por medio de eso, intentar lograr una mejor aceptación del argumento por parte de sus lectores (Cavalcante, 2009).

En ese primer párrafo, el escritor habla, inicialmente, de la aprobación de la ley del matrimonio homosexual, delimitando la actuación del gobierno en los derechos civiles y apuntando los sectores que son contra la referida ley. De eso modo, intensifica su argumento con el uso del marcador referido en el párrafo anterior.

9) "Olvidan que un rasgo de las sociedades democráticas y rationalmente ordenadas es procurar a las minorías los mismos derechos".

Al final del primer párrafo el autor usa un marcador de compromiso clasificado como aparte personal, pues, de modo indirecto, el autor ofrece un comentario personal que interrumpe el argumento para exponer su punto de vista (Cavalcante, 2009). La interrupción es visible al decir que una de las características de las sociedades democráticas y

ordenadas es procurar que los derechos sean igualitarios, o sea, que las minorías deben tener los mismos derechos que las mayorías. Además, es notable la presencia del marcador de posicionamiento conocido como automención, por la ausencia de deixis personales y el uso total de la tercera persona.

10) “¿Cómo se puede impugnar, por vulneración de derechos constitucionales, una ley con cuyo contenido se dice estar de acuerdo, salvo en el nombre?”

Aquí, el autor utiliza el marcador de compromiso llamado preguntas. Con ese tipo de marcador, el emisor interactúa con su interlocutor haciendo que este refleje acerca del tema (Cavalcante, 2009). Tras ese uso, el autor reflexiona sobre el caso, presentando argumentos acerca de lo que preguntó, terminando sus ideas con el marcador del ejemplo 11.

11) “Ahora llega tarde”.

Aquí, podemos ver, por segunda vez, la ausencia de deixis personales, que es una característica del marcador automención (Cavalcante, 2009). En este caso, es visible dos deixis de tiempo señaladas por los adverbios “ahora” y “tarde”. Este texto marca de forma clara que fue construido en la tercera persona.

En ese caso, el autor hace referencia al partido del gobierno, que tuvo la oportunidad de hacer algo respecto a la boda homosexual pero que no lo hizo. O mejor, critica el PP, una vez que el partido acepta la equiparación, pero no la denominación del matrimonio, siendo que en sus ocho años de gobierno se opuso a regularizar tal ley.

12) “Y constituye ante todo una conquista democrática, de la que no sólo ellos deben sentirse orgullosos, sino la sociedad entera”.

Al final del editorial “Conquista democrática”, el emisor cierra el último párrafo con el marcador de referencia a conocimientos compartidos, pues supone que el interlocutor mantenga sus creencias al afirmar algo que suene familiar, o sea, una información ya conocida (Cavalcante, 2009). Al emplear ese marcador, el autor finaliza el texto informando que el derecho de casarse de los homosexuales posee el significado de perjuicio, pero que toda la sociedad debe sentirse orgullosa de tal hecho, pues es una gran conquista democrática.

A lo que toca el análisis de los marcadores de persuasión, verificamos el uso de ambas clasificaciones. Los usos de los marcadores de posicionamiento fueron: intensificación y automención. Ya los usos de los marcadores de compromiso fueron: preguntas, aparte personal y referencia a conocimientos compartidos. El marcador más utilizado en ese editorial fue el de automención, cuya explicación por su uso puede estar relacionada a querer inserirse en el texto para “establecer complicidad con el lector, a través de expresiones de solidaridad” (Arias, 2014, p. 163) de modo que el receptor del texto sepa cómo piensa el autor respecto al tema.

Tras realizar el análisis de los fragmentos de los dos editoriales, identificamos que el texto utiliza marcadores de persuasión a favor y en contra. De modo general, ambos son a favor del tema, lo que cambia el uno al otro es que, en el editorial “Presión eclesial”, el autor presenta datos en contra la ley del matrimonio homosexual, mientras que, en el “Conquista democrática”, presenta hechos favorables a dicha boda.

Teniendo en vista uno de nuestros objetivos, la relación establecida entre los fragmentos en contra o a favor con el uso de los marcadores persuasivos puede ser percibida por el hecho de que el autor argumenta sus ideas a partir de un hecho verdadero, sea él favorable o no.

En relación al texto que presenta hechos en contra, el autor puede utilizar de un marcador de atenuación o intensificación, como verificamos en nuestro análisis, para reflejar sus ideas y presentar hechos que hagan con que sus lectores sean a favor y acepten la boda homosexual. En ese caso, la relación existente entre el argumento en contra y el uso del marcador está relacionada con el intento del autor en persuadir su lector a adherir a algo que es defendido.

En el tocante al texto que emplea datos a favor de la boda homosexual, el autor podría emplear marcadores de automención o de apartes personales, ya que, en esos casos, por el texto presentar datos favorables, el autor solamente tendría que presentar ideas que corroborasen para la defensa de lo defendido. La relación aquí también sería de persuadir al lector, pero que, por la naturaleza del texto a favor, la persuasión del autor estaría más relacionada a presentar hechos reales y dar a conocer determinado tema al público de forma general.

4 CONSIDERACIONES FINALES

Como se pudo verificar a lo largo de esta investigación, nuestro objetivo fue analizar dos editoriales del periódico digital “El país”, a partir de los estudios del metadis-

curso, teniendo en cuenta los aspectos de la argumentación. En nuestro estudio teórico, apuntamos las características de los editoriales y de la argumentación. Además de eso, presentamos los aportes teóricos del metadiscursión y los componentes de los marcadores de interacción persuasiva.

A partir del análisis de los editoriales, percibimos que ambos siguen la estructura de un texto argumentativo. En resumen, se percibe que los dos editoriales se concluyen de forma coherente con lo que fue argumentado a lo largo del texto, retomando algunas ideas que fueron argumentadas, pero sin cambiar el foco principal de su argumentación.

En relación a los marcadores de persuasión, verificamos que ambos los autores de los dos editoriales utilizan de los marcadores de posicionamiento y de compromiso. También averiguamos que el marcador más utilizado en el editorial “Presión eclesial” fue el aparte personal, lo que, en nuestro entendimiento, demuestra la fuerza argumentativa personal de los escritores al escribir, a fin de adquirir la concordancia de sus lectores. Ya en el “Conquista democrática”, el marcador más empleado fue el de automención, puesto que el autor se insertaba en el texto para proferir sus ideas.

En definitiva, podemos concluir este trabajo diciendo que, al argumentar, el autor echa mano de diversas técnicas de persuasión con la finalidad de atraer la concordancia de su audiencia, o sea, que sus interlocutores se pongan de acuerdo con lo que están leyendo, así como que puedan realizar un diálogo inconsciente con lo que es dicho por el escritor del texto.

REFERENCIAS

- ABREU, Antônio Soares. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 11. ed. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2006.
- ARIAS, Cristian González. *El metadiscursión en columnas de opinión y en los comentarios de lectores en un ambiente virtual y público*. Spanish in Context 11:2 (2014), 155–174. doi 10.1075/sic.11.2.01gon issn 1571-0718 / e-issn 1571-0726. Disponible en: <https://pt.booksc.org/book/59418814/864b86>. Consulta en: 04 mar. 2022.
- ALCÍBAR CUELLO, Miguel. *Propuesta pragmático-discursiva para analizar artículos editoriales: modelo y estrategias*. In: Estudios sobre el mensaje periodístico, vol. 21, núm. 1 (2015) 225-241.
- CALSAMIGLIA BLANCAFORT, Helena y TUSÓN VALLS, Amparo. *Las cosas del decir: manual de análisis de discurso*. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Metadiscursividade, argumentação e referenciação*. Estudos linguísticos, São Paulo, 38 (3): 345-354, set-dez. 2009. Disponível en: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51371>. Consulta en: 04 mar. 2022.

El país. *Conquista democrática*. Disponible en: https://elpais.com/diario/2005/07/01/opinion/1120168801_850215.html. Consulta en: 28 ene. 2020.

El país. *Presión eclesial*. Disponible en: https://elpais.com/diario/2005/05/07/opinion/1115416802_850215.html. Consulta en: 28 ene. 2020.

HERNÁNDEZ, Guillermo. *Leer, interpretar, valorar, pensar y escribir*. Madrid: SGEL, 2010.

HYLAND, Ken. *Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse*. In: Discourse Studies, Sage publications, vol. 7, núm. 2, 2005, p. 173-192. Disponible en: https://www.academia.edu/40421421/Stance_and_engagement_a_model_of_interaction_in_academic_discourse. Consulta en: 28 feb. 2022.

MARCHESANI, Silvana. *A argumentação em editoriais e artigos de opinião: um estudo comparativo*. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008. Disponible en: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_MarchesaniS_1.pdf. Consulta en: 05 feb. 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres et al. 3. ed. 14. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.



APÉNDICE I

PRESIÓN ECLESIAL

EL PAÍS (06 maio 2005)

La cúpula de la Iglesia católica española está decidida a agotar todos los recursos posibles para impedir la promulgación de la ley del matrimonio homosexual, sujeta ahora a debate en el Senado. Una sociedad democrática garantiza la libertad de expresión de todos, tanto más de una confesión religiosa con la que se identifica un sector importante de la población. Pero el pacto democrático obliga igualmente a todos a cumplir las leyes que emanan del Parlamento. Llamar a la desobediencia a los legisladores o a los funcionarios, en éste o en otros casos, es una intromisión inaceptable que choca con la legalidad.

Una vez más la Iglesia se arroga el derecho de ser juez y parte a la hora de afirmar lo que es correcto o incorrecto en el ordenamiento civil de una sociedad libre que se ha dotado de un Estado no confesional. El comunicado, difundido ayer al término de la primera reunión mantenida por el ejecutivo de la Conferencia Episcopal desde la llegada a la presidencia del obispo Blázquez, es prepotente en su descalificación de la ley con el argumento de que está en contradicción con la razón y la moral; exhala dramatismo al tacharla de dañina para el bien común, y demuestra escasa compasión al rechazar la tesis de sus defensores de que lo único que busca es ampliar los derechos de un sector discriminado de la población.

El comunicado de ayer es exageradamente duro, quizás demasiado para lo que se presuponía que iba a significar la llegada del obispo de Bilbao a la presidencia de la Conferencia Episcopal. Es verdad que no aporta nada nuevo a lo que los prelados españoles han venido manifestando al respecto desde que el Gobierno socialista anunció su plan el pasado octubre. Pocos días después de la muerte de Juan Pablo II, el cardenal López Trujillo, presidente del Pontificio Consejo para la Familia, atronaba contra el peligro de la desintegración de la familia en España a raíz de la política del Gobierno sobre derechos civiles, y así se lo hicieron ver en Roma los cardenales españoles al ministro de Justicia en presencia del Rey en vísperas de la inauguración del papado de Benedicto XVI.

Alentar a la desobediencia de los funcionarios públicos para no celebrar matrimonios gays amparándose en una objeción de conciencia que no recoge el texto aprobado por la Cámara baja, les colocará a éstos en una situación muy comprometida y de transgresión de la ley. Así lo ha entendido incluso la mayoría de quienes se han opuesto a la nueva norma.

APÉNDICE II

CONQUISTA DEMOCRÁTICA

EL PAÍS (30 junio 2005)

La ley de matrimonio homosexual, aprobada ayer en el Congreso por 187 a favor y 147 en contra, delimita mejor que ninguna otra el campo escogido por el Gobierno para actuar con la mayor urgencia en su primer año de legislatura: el de los derechos civiles, ampliándolos y favoreciendo su ejercicio a las minorías y a los colectivos que más dificultades encuentran a su reconocimiento en la práctica social. Los sectores políticos y religiosos opuestos a esta ley la tildan de sectaria, de ajena al interés general y de impropias de una sociedad ordenada, para restarle legitimidad. Olvidan que un rasgo de las sociedades democráticas y racionalmente ordenadas es procurar a las minorías los mismos derechos, con igual grado de protección legal y de amparo institucional de que gozan las mayorías.

La ampliación de la institución matrimonial a las parejas del mismo sexo supone un acto legislativo audaz, como lo han sido en la historia los que han abierto espacios de libertad personal y social, rompiendo tabúes y prejuicios erigidos, en muchos casos, en modelo normativo y moral único para toda la sociedad. Hoy eso no es posible, pues la sociedad española es plural: en lo político, en lo religioso, en lo sexual y en las formas de convivencia. El matrimonio homosexual no menoscaba al heterosexual ni ataca a la familia tradicional. Amplía ese derecho a un colectivo de ciudadanos hasta ahora excluidos del mismo en razón de su orientación sexual, algo prohibido por la Constitución, más allá de la cuestión del nombre, en la que se atrincheran quienes combaten la ley.

Si el Partido Popular, como dice ahora, está a favor de la plena equiparación legal de las parejas homosexuales, y sólo cuestiona su denominación de matrimonio, no se comprende muy bien que recurra al Tribunal Constitucional. ¿Cómo se puede impugnar, por vulneración de derechos constitucionales, una ley con cuyo contenido se dice estar de acuerdo, salvo en el nombre? El PP tuvo en sus manos lograr esa equiparación en sus ocho años de gobierno. No lo hizo. Se opuso incluso a la regulación estatal de las parejas de hecho. Ahora llega tarde.

Rodríguez Zapatero señaló ayer en el Congreso que la ley aprobada supone un paso en la construcción de “un país decente, porque una sociedad decente es la que no humilla a sus miembros”. Los homosexuales españoles lo han sido con saña. Está en el recuerdo común la persecución legal y exclusión social que padecieron en el franquismo. Su derecho a contraer matrimonio tiene, pues, significado de desagravio. Y constituye ante todo una conquista democrática, de la que no sólo ellos deben sentirse orgullosos, sino la sociedad entera.

ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE HISPANOFALANTES SOBRE VARIEDADES DA LÍNGUA ESPANHOLA¹

LINGUISTIC ATTITUDES OF SPANISH SPEAKERS
TOWARDS VARIETIES OF THE SPANISH LANGUAGE

Fernanda Priscila Carraro | [Lattes](#) | ferscarraro@gmail.com
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

Loremi Loregian-Penkal | [Lattes](#) | llpenkal@unicentro.br
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

Beatriz Méndez Guerrero | [ORCID](#) | beatriz.mendez@uam.es
Universidade Autônoma de Madri – UAM

Resumo: Este trabalho analisa as crenças e atitudes linguísticas de hispanofalantes em relação a quatro variedades da língua espanhola: variedade andina, variedade rio-platense, variedade mexicana e variedade castelhana, além de vozes de brasileiros falantes de espanhol como língua estrangeira, fazendo-se uso de dados que compõem o *corpus* de uma pesquisa de doutorado em andamento. A metodologia está baseada em um questionário que segue a técnica de falsos pares (*matched guise*), proposta por Lambert e Lambert (1975). Sugere-se, com base no quadro teórico sobre crenças, atitudes e representações linguísticas, segundo Méndez Guerrero (2022), Pereira e Costa (2012), Moreno Fernández (2009) e Lambert e Lambert (1975), que as variedades mais prestigiadas serão a castelhana e a rio-platense, uma vez que, a primeira variedade mais se aproxima daquela utilizada pela maioria dos participantes do estudo. No caso da segunda variedade, esta recebe mais avaliações positivas em pesquisas sobre atitudes. Ademais, propõe-se a existência de um alto índice de segurança linguística entre os participantes, haja vista a sua variedade castelhana ser considerada a mais prestigiada no contexto da pesquisa.

Palavras-chave: Sociolinguística; Crenças e atitudes linguísticas; (In)segurança linguística; Variedades da língua espanhola.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Parecer aprovado pelo Comitê de Ética nº 6.247.223.

Abstract: This study analyzes the linguistic beliefs and attitudes of Spanish speakers towards four varieties of the Spanish language: Andean variety, Rio-platense variety, Mexican variety, and Castilian variety, as well as the voices of Brazilian speakers of Spanish as a foreign language, using data from a corpus of an ongoing doctoral research. The methodology is based on a questionnaire that follows the matched guise technique, proposed by Lambert and Lambert (1975). Based on the theoretical framework on beliefs, attitudes, and linguistic representations, according to Méndez Guerrero (2022), Pereira and Costa (2012), Moreno Fernández (2009), and Lambert and Lambert (1975), it is suggested that the most prestigious varieties will be Castilian and Rio-platense, since the former variety is the closest to the one used by most of the study participants. In the case of the second variety, it receives more positive evaluations in attitude surveys. Furthermore, it is proposed that there is a high level of linguistic security among the participants, given that their Castilian variety is considered the most prestigious in the context of the research.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic beliefs and attitudes; (In)security in language; Spanish language varieties.

1. Introdução

Por sua natureza subjetiva, os estudos sobre crenças, atitudes e representações linguísticas são fortes aliados para compreender as questões linguísticas que envolvem o reconhecimento de “reações afetivas e cognitivas que os indivíduos manifestam nas hipóteses e juízos avaliativos que realizam” (Crano; Prislin, 2006, p. 347 *apud* Méndez Guerrero, 2022, p. 2).

As representações, para além das atitudes, interagem com as práticas linguísticas, sobre “a regressão/desaparecimento de uma língua, as políticas de revitalização de línguas, segurança/insegurança linguística, bem como abordagens para o ensino de línguas” (Pereira e Costa, 2012, p. 172) e, também, interferem nas condições em que são produzidas, isso porque essas atitudes determinam as ideias que temos sobre as línguas e sobre as pessoas que as falam.

De acordo com Lambert e Lambert (1975, p. 63-64), as percepções dos acontecimentos sociais representam as atitudes tomadas perante tal percepção. Os autores, apoiados em Donald Campbell (1963), afirmam que há uma relação estreita entre a maneira de interpretar as coisas e a atitude que tomamos a respeito. “Na verdade, ‘a maneira pela qual vejo’ alguma coisa pode ser apenas uma maneira alternativa de descrever ‘o que estou prestes a fazer’. [...] Portanto, perceber é uma maneira de agir”. Uma atitude é, conforme apresentam os autores,

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir (Lambert e Lambert, 1975, p. 100).

Como visto, dentro do embasamento teórico da psicologia social, as crenças e as atitudes refletem em como os falantes se comportam no convívio social. De maneira geral, emitimos apreciações sobre as variedades de uma língua e sobre a sua cultura.

As discussões sobre o tema em questão migraram para os estudos da Sociolinguística nas décadas de 1980 e 1990. A partir deste momento, esta área do conhecimento começou a ser desenvolvida com vistas ao melhor entendimento sobre crenças, atitudes e representações linguísticas por parte dos falantes, já que “la actitud se manifiesta tanto hacia las variedades y los usos lingüísticos propios como hacia los ajenos²” (Moreno Fernández, 2009, p. 179). Sendo assim, qualquer falante é capaz de expressar opinião, sentimentos e preferências sobre a maneira de falar dos outros e sobre a sua própria, e qualquer falante pode identificar se tal variedade é familiar ou distante da sua própria variedade no momento em que ouve o outro falar.

Criamos imagens e estereótipos sobre um falante a partir do momento em que ouvimos sua voz e sua maneira de pronunciar as palavras. Para Calvet (2002, p. 65), “existe um motivo que faz com que o falante escolha usar tal língua ou tal variante e isso interfere na forma como ele vê as outras línguas que não a sua própria”. É a partir destas escolhas que (re)criamos as nossas crenças e, por consequência, as nossas atitudes.

Neste trabalho, que é parte de um estudo de tese em andamento, analisaremos quais são as atitudes linguísticas de hispanofalantes sobre variedades da língua espanhola e sobre a língua espanhola como língua estrangeira. Para isto, tomaremos como norte os seguintes objetivos: 1) descobrir quais são as atitudes linguísticas apresentadas pelos hispanofalantes em relação às variedades da língua espanhola; 2) verificar o conhecimento que os participantes apresentam sobre as variedades, por meio do nível de identificação; 3) verificar se há traços de insegurança linguística nos hispanofalantes em relação à sua própria variedade.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se um instrumento de pesquisa criado e inspirado no instrumento adotado pelo projeto PRECAVES³ e em pesquisas da área no Brasil, que conta com um questionário *online*, ambos inspirados na técnica de falsos pares

² “A actitude se manifesta tanto às variedades e aos usos linguísticos próprios como aos alheios” (Moreno Fernández, 2009, p. 179, tradução nossa).

³ “Projeto para o Estudo das Crenças e Atitudes sobre as Variedades do Espanhol no século XXI”. Mais informações sobre o projeto em: <http://www.variedadesdelespanol.es/>.

(*matched guise*) de Lambert e Lambert (1975), através de vozes masculinas e femininas das variedades: andina, mexicana, castelhana e argentina, além de vozes de brasileiros falantes de espanhol. O questionário foi respondido por 32 hispanofalantes, estratificados por sexo, idade, profissão e lugar de origem, todos eles morando atualmente na Espanha.

2. Estudos sobre atitudes linguísticas em relação às variedades do espanhol

Dentro do meio hispânico, assim como no Brasil, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas têm grande relevância. Destacamos, dentre os principais trabalhos, os de López Morales (1979 e 2004), Moreno Fernández (2009), e Garret (2010), que tratam de discorrer sobre o referencial teórico das atitudes e apresentar pesquisas realizadas sobre o tema.

De acordo com Garrett (2010, p. 2), “people hold attitudes to language at all its levels: for example, spelling and punctuation, words, grammar, accent and pronunciation, dialects and languages. Even the speed at which we speak can evoke reactions⁴”, em outras palavras, podemos expressar atitudes em qualquer nível, seja em relação à pronúncia, ao sotaque, à pontuação, à gramática, pois os falantes são capazes de julgar positiva e negativamente a forma de falar uma língua ou a variedade de uma língua. Escolhemos, mesmo que inconscientemente, a maneira como falamos, pois nos aproximamos daquilo que nos parece mais bonito, interessante, conveniente, etc. A partir de nossas escolhas, também (re)criamos as nossas crenças e, por consequência, nossas atitudes. Segundo Moreno Fernández, através dos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas, é possível

conocer más profundamente asuntos como la elección de una lengua en sociedades multilingües, la inteligibilidad, la planificación lingüística o la enseñanza de lenguas; además las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla⁵ (Moreno Fernández, 2009, p. 177, destaque nosso).

De certa forma, os falantes decidem de que maneira e por quanto tempo qual língua será utilizada, e estes processos são, na maioria dos casos, inconscientes. A língua muda porque os seus falantes tomam decisões sobre como falar esta língua. O autor ainda apon-

⁴ “As pessoas expressam atitudes em relação à linguagem em todos os seus níveis: por exemplo, ortografia e pontuação, palavras, gramática, sotaque e pronúncia, dialetos e idiomas. Até mesmo a velocidade com que falamos pode evocar reações” Garrett (2010, p. 2, tradução nossa).

⁵ Conhecer mais profundamente assuntos como a escolha de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico ou o ensino de línguas; além disso, as atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que ocorrem nas comunidades de fala (Moreno Fernández, 2009, p. 177, destaque nosso, tradução nossa).

ta que atitudes positivas podem determinar onde e como se usa uma língua ou variedade em detrimento de outras, pode definir em quais contextos, formais ou informais, uma língua será usada, sendo capaz, ainda, de definir como e em quanto tempo ocorrem as mudanças linguísticas em determinado idioma.

Entender e investigar sobre a situação atual do prestígio ou desprestígio de variedades das línguas são os objetivos dos trabalhos mais recentes publicados na área das crenças e atitudes linguísticas e da sociolinguística. Um exemplo disso é o trabalho de Santos Díaz e Ávila Muñoz (2021), que apresenta resultados de uma pesquisa realizada com 206 informantes, estudantes de Filologia Hispânica e Tradução da Universidade de Málaga, com coleta de dados realizada entre os anos de 2018 e 2020. A metodologia utilizada, neste e nos trabalhos a serem citados nesta seção, é a que rege as pesquisas sobre crenças e atitudes.

O objetivo do trabalho dos autores mencionados é conhecer as atitudes dos falantes de espanhol de Málaga tanto sobre a sua própria variedade (andaluza) como sobre as variedades normativas do espanhol. Como resultados, Santos Díaz e Ávila Muñoz (2021) afirmam que os informantes não associam à sua própria variedade o prestígio em relação a bons cargos de trabalho, um bom nível de estudos e aos profissionais altamente qualificados, diferentemente do que associam quando tratam de outras variedades.

Os resultados apresentados pelos autores indicam um forte impacto social sobre dois âmbitos: o identitário e o educativo. O primeiro, transformado em uma construção de identidade própria andaluza por parte dos governos que têm dirigido esta comunidade nos últimos anos (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021, p. 185), com vistas a promover a cultura da região. A partir da Lei Orgânica 2/2007, a Comunidade Autônoma deve fomentar a identidade e a consciência através de seus valores linguísticos. De acordo com os autores,

Este aspecto se considera de gran interés, principalmente, para la formación inicial del futuro profesorado ya que en el currículo del área de Lengua Castellana y Literatura queda recogida la importancia de conocer las variedades del castellano y valorar esta diversidad como una riqueza cultural⁶ (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021, p. 186).

Como resultados, os autores apontam que, apesar das práticas políticas em relação à promoção da variedade andaluza, os informantes da pesquisa ainda demonstram traços

⁶ Este aspecto é considerado de grande interesse, principalmente para a formação inicial dos futuros professores, uma vez que no currículo da área de Língua Espanhola e Literatura é destacada a importância de conhecer as variedades do espanhol e valorizar essa diversidade como uma riqueza cultural (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021, p. 186, tradução nossa).

de estigma da própria variedade. Méndez Guerrero (2022) apresenta resultados de uma pesquisa que realizou sobre as variedades castelhana e andaluza da língua espanhola. O *corpus* é composto por 70 jovens maiorquinos. A autora utilizou como metodologia a que rege as pesquisas sobre crenças e atitudes e, especialmente neste trabalho, apresenta dados recolhidos por meio de métodos diretos, que tratam das dimensões cognitiva e afetiva.

Como objetivos principais, Méndez Guerrero (2022) aponta três: 1) descobrir qual é o grau de reconhecimento das variedades andaluza e castelhana dos participantes da pesquisa; 2) descobrir quais são as avaliações diretas sobre as variedades citadas nas dimensões cognitiva e afetiva; e 3) descobrir qual é o nível de proximidade avaliada pelo grupo em relação às variedades apresentadas e à sua própria. A autora aponta como resultados a evidência de que tanto o reconhecimento das variedades como a avaliação são positivas e que os maiorquinos expressaram proximidade com a variedade castelhana, a sua própria, e não com a andaluza.

Guerrero e San Martín (2018) realizaram um estudo sobre as atitudes linguísticas de 100 informantes chilenos sobre variedades da língua espanhola e tinham como objetivo descobrir quais variedades eram consideradas mais prestigiosas e quais as percepções apresentadas pelos informantes a respeito da sua própria variedade. Os autores utilizaram métodos diretos e indiretos a partir de um questionário como instrumento metodológico, ferramenta bastante comum entre as pesquisas sobre crenças e atitudes. Como resultados, dentre os principais, os autores apontam que, para a maioria dos informantes da amostra, não há uma variedade de língua espanhola que seja melhor que outra, entretanto, a andina e a chilena são as que mais se destacam, esta última sendo a utilizada pelo grupo entrevistado.

3. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, escolhemos a linha mentalista para recolher os dados e analisá-los a partir de técnicas diretas e indiretas, com o objetivo de evitar as limitações que a escolha de somente uma das técnicas poderia oferecer. A partir desta escolha, assume-se que os falantes são capazes de expressar crenças e atitudes perante estímulos, que se trata, neste estudo, dos áudios das variedades disponíveis no questionário.

A avaliação direta se dá a partir da escolha entre os cinco pares de adjetivos da categoria cognitiva: confusa-clara, suave-áspera, monótona-variada, lenta-rápida, rural-urbana; e os seis pares de adjetivos da categoria afetiva: próximo-distante, agradável-desagradável, simples-complicada, bonita-feia, divertida-chata, leve-rígida, em uma escala de

um a quatro, sendo os números um e dois avaliações negativas e três e quatro avaliações positivas. Essa avaliação é feita a partir da voz que o participante ouve e a proximidade existente entre tal voz e a sua própria maneira de falar, por isso a categorizamos como direta, pois o que se avalia é o sujeito que fala no áudio.

Em relação à avaliação indireta, foram preparadas perguntas relacionadas aos traços de personalidade dos donos das vozes, tais como: grau de educação, inteligência, simpatia; as perguntas estão formuladas com uma valorização graduada e com uma escala de diferencial semântico. Outro grupo de perguntas relacionado às avaliações indiretas são as que se referem ao país de origem e à cultura do país do falante. Este instrumento de pesquisa nos permitiu identificar e analisar as crenças e atitudes que os hispano-falantes apresentaram às variedades da língua.

3.1. O questionário

Apesar de não apresentarmos, em sua totalidade, os dados recolhidos via formulário, o questionário foi criado via *Google Forms* e é composto de 12 questões para cada áudio. Além das perguntas relativas às variedades, há 4 perguntas abertas que atuam como forma de identificação de traços de segurança/insegurança linguística dos participantes da pesquisa.

O instrumento de pesquisa foi inspirado na técnica de falsos pares (ou *matched-guise*), desenvolvida por Lambert e Lambert (1975), utilizada por Labov (2008) e na metodologia praticada pelo grupo espanhol de estudos PRECAVES. O *Proyecto PRECAVES XXI – Proyecto para el Estudio de las Creencias y Actitudes hacia las Variedades del Español en el siglo XXI*, realiza, através de site próprio, pesquisas no formato *online*, sendo o instrumento de investigação desta tese baseado na metodologia e nas perguntas utilizadas pelo projeto citado, com algumas adaptações e inclusão de perguntas que julgamos importantes no desenvolvimento de pesquisas da área no Brasil.

Além dos pares de adjetivos mencionados no item anterior, analisaremos as respostas dadas na questão: Você acha que fala bem a língua espanhola? Justifique sua resposta. O objetivo é entender quais são os motivos que os falantes usam como justificativa para o fato de acharem que falam bem ou não esta língua.

Serão analisadas as respostas dadas na pergunta: De onde você acha que é esta pessoa? Referindo-se aos áudios de vozes masculinas e femininas disponibilizados aos participantes. O objetivo é saber se os participantes da pesquisa são capazes de identificar as variedades da língua espanhola e os falantes de espanhol como língua estrangeira.

3.2. A amostra

A amostra é composta por dados de 32 falantes de espanhol como língua materna, todos moram, no momento da pesquisa, na Espanha, e avaliaram quatro variedades da língua espanhola: variedade rio-platense, castelhana, andina e mexicana. Além destas variedades, acrescentamos material de áudio que apresenta brasileiros falando em espanhol. As vozes disponibilizadas para a avaliação são de homens e mulheres, entre 30 e 54 anos, para cada uma das variedades, totalizando 10 vozes (áudios), e o conteúdo dos áudios estão relacionados aos temas: infância, família, sentimentos e trabalho.

Os participantes não têm acesso a informações como identidade, país de origem, idade, profissão, entre outras, sobre as vozes dos áudios apresentados. A resposta dada pelos participantes é baseada no seu próprio conhecimento sobre as variedades da língua, com base no contato que estabeleceu com tais variedades durante a sua formação ou sua vida. Na Tabela 1, ilustramos as principais características da amostra de participantes desta pesquisa.

Tabela 1 - Amostra

Sexo	Homens	10	31,25%
	Mulheres	22	68,75%
Idade	18 – 28 anos	19	59,37%
	29 – 38 anos	07	21,87%
	39 – 48 anos	03	9,37%
	49 – 58 anos	03	9,37%
Profissão	Estudantes	12	37,50%
	Professores	10	31,25%
	Outras profissões relacionadas	10	31,25%
Lugar de origem*	Espanha	22	68,75%
	Outros países hispanos	10	31,25%
Grupo	Com formação dialetal	21	65,63%
	Sem formação dialetal	11	34,37%
Língua materna**	Espanhol	27	84,37%
	Castelhano	03	9,37%
	Catalão	01	3,13%
	Euskera	01	3,13%

Fonte: dados coletados pelas autoras.

* Todos os participantes moram na Espanha.

** Todos os participantes consideraram a língua espanhola como língua materna. As outras línguas citadas foram consideradas maternas também, além do espanhol. Não distinguimos espanhol de castelhano.

Conforme apresentado na Tabela 1, a amostra é composta por, em sua maioria, participantes mulheres (68,75%), fato comum entre as pesquisas sociolinguísticas, de

acordo com Méndez Guerrero (2022, p. 372-373). A faixa etária da maioria dos participantes da pesquisa é de 18 a 28 anos (59,37%), estudantes (37,50%), que falam espanhol como língua materna. Somente 6,26% dos participantes têm outra língua materna além do espanhol, que são: catalão e euskera. Sobre o lugar de origem dos participantes, 22 são espanhóis e 10 são latino-americanos que moram na Espanha, cujos países de origem são: México, Colômbia, Peru e Venezuela.

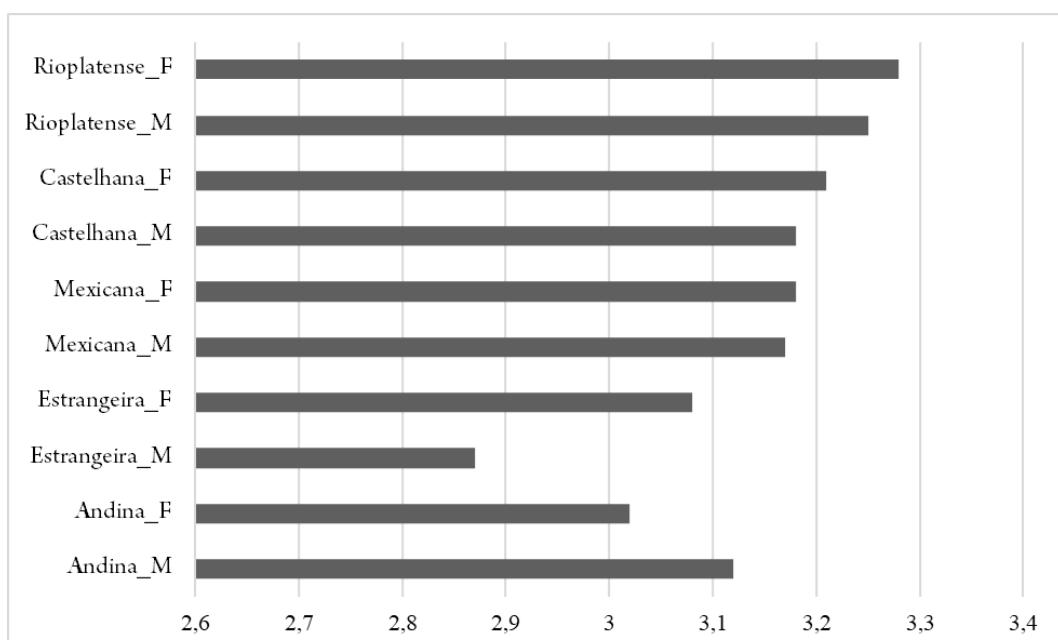
4. Resultados e Discussão

Como mencionado anteriormente, para orientar nosso trabalho nos propusemos a responder às perguntas sobre quais são as atitudes linguísticas apresentadas pelos hispanofalantes; qual é o conhecimento dos participantes sobre as variedades apresentadas e qual é o seu nível de (in)segurança linguística. Para esta análise, em termos estatísticos, nos referiremos aos dados principalmente por números absolutos e porcentagens, bem como por meio de aplicação de provas estatísticas (valor de *p*) pelo programa estatístico: Statistical Package for the Social Sciences – SPSS, v. 18.

4.1. Avaliações dos hispano-falantes sobre as variedades do espanhol

Em uma escala de 1 a 4, os participantes tiveram que avaliar as variedades a partir do áudio disponibilizado e de pares de adjetivos, tais como: pouco inteligente – inteligente; desagradável – agradável; etc., em que o número 1 indicaria muito desagradável, o número 2 desagradável, o número 3 agradável e o número 4 muito agradável.

Gráfico 1 – Médias das avaliações das variedades



Fonte: dados coletados pelas autoras.

Como é possível observar no Gráfico 1, as variedades com as médias mais altas de avaliações positivas foram a rioplatense, com 3,28 para a voz feminina e 3,25 para a voz masculina. A variedade castelhana recebeu uma média de 3,21 para a voz feminina e de 3,18 para a voz masculina. Em ambos os casos, as vozes femininas foram melhor avaliadas.

Sobre as demais variedades, as médias para a variedade andina foram 3,12 para a voz masculina e 3,02 para a voz feminina, único caso nesta pesquisa em que a voz feminina recebeu menos avaliações positivas que a masculina. As médias para a variedade mexicana-centro-americana foram 3,17 para a voz masculina e 3,18 para a voz feminina. Os falantes de espanhol como língua estrangeira receberam 2,87 na voz masculina e 3,08 na voz feminina.

Chama a nossa atenção o fato de que, com exceção da variedade andina, todas as variedades receberam mais avaliações positivas para as vozes femininas. Infere-se que tal resultado esteja relacionado com o fato de que a amostra seja composta, em sua maioria, por dados de mulheres. Algumas considerações sobre a forma de falar e a pronúncia foram feitas pelos participantes em relação aos áudios da pesquisa. A variedade rioplatense, a melhor avaliada, agradou aos participantes nos seguintes aspectos:

Participante 02: Aspiración de/s/ implosiva y al final de palabra (/hahta/).

Participante 06: La entonación “cantarina”.

Participante 07: La entonación y la fuerza expresiva que tiene.

Participante 11: La entonación es como cantada.

Participante 13: Me resulta envolvente la pronunciación y la entonación en general.

Participante 22: Cómo aspira la /s/ implosiva, cómo asibila la /r/ en “arraigo” y que sean sonoras sus /j - Λ/.

Participante 24: El sonido Y lo pronuncia como SH.

Participante 25: El tono de voz me gusta. También la impresión y el detenimiento que realiza cuando quiere mostrar mayor importancia por algo en concreto⁷.

Outros aspectos mencionados foram: “el tono”; “Las r fuertes”; “el ritmo variado”; “el acento”; etc. As justificativas apresentadas vão ao encontro do que afirma Moreno

⁷ Participante 02: Aspiração da /s/ implosiva e no final da palavra (/hahta/). Participante 06: A entonação “cantarina”. Participante 07: A entonação e a força expressiva que possui. Participante 11: A entonação é como se fosse cantada. Participante 13: A pronúncia e a entonação em geral me parecem envolventes. Participante 22: Como aspira a /s/ implosiva, como sibila a /r/ em “arraigo” e que suas /j - Λ/ sejam sonoras. Participante 24: O som Y é pronunciado como SH. Participante 25: Gosto do tom de voz. Também da impressão e da ênfase que ele faz quando quer destacar maior importância para algo específico.

Fernández (2022) sobre a variedade rioplatense. Bastante particular e de fácil identificação, o espanhol rioplatense conta com uma história e cultura diversa. A mistura dos imigrantes italianos, os guaranis e brasileiros originou o que se conhece hoje como a pampa gaúcha. Entre a vida no campo e a recepção de imigrantes europeus, houve muitas consequências linguísticas. Desta forma, entre os traços mais característicos dessa região,

se encuentra el yeísmo pronunciado con una particular tensión palatal que recibe el nombre de **rehilamiento**, porque se produce un rozamiento intenso en el paladar, que puede tener un resultado sordo, representado como [š] o como [ʃ], o sonoro, representado como [ž] o como [ʒ]: *caballo* [ka.'ba. ʒo]; *silla* ['si.ʒa]; *yo* ['ʒo]⁸ (Moreno Fernández, 2020, p. 120, destaque do autor).

O autor afirma que esta pronúncia tão marcada é muito chamativa para os outros falantes da língua espanhola e se tornou “marca registrada” da variedade, apesar de não ser característica de 100% do território que compõe a variedade rioplatense. O fato de ser considerada agradável aos ouvidos dos participantes também tornou fácil a identificação desta variedade, embora não tenha sido a mais identificável entre as variedades deste estudo, como verificaremos no próximo item.

4.2. Nível de identificação das variedades

Em relação ao nível de identificação das variedades, para a interpretação dos resultados, utilizamos os seguintes parâmetros: identificação adequada - no caso de identificação exata do país de origem da voz; identificação aproximada - no caso de indicação de outro país que apresente os mesmos traços linguísticos da voz; identificação inadequada - no caso de indicação de país ou região a que não pertence ou que não apresenta traços linguísticos da voz; e não respondeu - quando o participante não indica nenhuma resposta.

Para cada variedade, consideramos como identificação aproximada os países e regiões que compartilham traços linguísticos, culturais e históricos (Andión Herrero, 2004). Desta maneira, para a variedade andina (Peru), consideramos como identificação aproximada: Colômbia, Equador e Bolívia. Para as vozes estrangeiras (Brasil), consideramos qualquer resposta que mencione o Brasil como correta ou estudantes brasileiros de espanhol como Língua Estrangeira (LE) e estudantes de espanhol como LE, sem mencionar o país, como respostas aproximadas. Em relação à variedade mexicana (México), consideramos como resposta aproximada a menção de Guatemala, Honduras, El Salvador,

⁸ Se encontra o yeísmo pronunciado com uma tensão particular palatal que recebe o nome de rehilamiento, porque se produz um roce intenso no paladar, que pode ter um resultado surdo, representado como [š] ou como [ʃ], ou sonoro, representado como [ž] ou como [ʒ]: *caballo* [ka.'ba. ʒo]; *silla* ['si.ʒa]; *yo* ['ʒo] (Moreno Fernández, 2020, p. 120, destaque do autor, tradução nossa).

Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Sobre a variedade castelhana (Espanha), somente consideramos como correta a menção de Espanha, sem considerar a identificação aproximada. Por último, na variedade rioplatense (Argentina), consideramos, como resposta aproximada, Uruguai e Paraguai.

Existe uma proporção mais alta de identificação exata da variedade castelhana. Dos 32 participantes, tivemos 100% de acerto em relação à voz feminina e 96,87% de acerto em relação à voz castelhana masculina, conforme mostra a tabela 2. Tal fato se justifica porque se trata da variedade da maioria dos participantes da pesquisa. As variedades menos reconhecidas foram a andina e as produzidas por vozes estrangeiras. Sobre a variedade andina, que apresenta vozes peruanas, a não identificação pode estar relacionada com o pouco contato que os espanhóis têm com esta variedade, ou com a relação que fazem entre esta variedade e os países Colômbia e Equador, que apresentam índices maiores de população de imigrantes na Espanha.

Tabela 2 – Identificação das variedades:
números absolutos e porcentagens de acordo com sexo da voz

Variedade	Sexo	Identificação adequada N (%)	Identificação aproximada N (%)	Identificação inadequada N (%)	Não respondeu N (%)
Andina	Mas	3 (9,37%)	6 (18,75%)	23 (71,87%)	0
	Fem	10 (31,25%)	9 (28,12%)	10 (31,25%)	3 (9,37%)
Mexicana	Mas	15 (46,87%)	4 (12,50%)	10 (31,25%)	3 (9,37%)
	Fem	14 (43,75%)	3 (9,37%)	12 (37,50%)	3 (9,37%)
Castelhana	Mas	31 (96,87%)	0	1 (3,12%)	0
	Fem	32 (100%)	0	0	0
Rio-platense	Mas	22 (68,75%)	3 (9,37%)	7 (21,87%)	0
	Fem	22 (68,75%)	8 (25%)	2 (6,25%)	0
Estrangeira	Mas	17 (53,12%)	4 (12,50%)	11 (34,37%)	0
	Fem	6 (18,75%)	2 (6,25%)	22 (68,75%)	2 (6,25%)

Fonte: dados coletados pelas autoras.

Para a realização das provas estatísticas, no programa estatístico SPSS, agrupamos os acertos obtidos em identificação adequada e aproximada em uma categoria: adequada, e as respostas de identificação inadequada permaneceram iguais. Agrupamos, também, as vozes femininas e masculinas dentro das variedades correspondentes. Para os dados da categoria “não respondeu”, consideramos no programa como dados vazios. Obtivemos os seguintes dados:

Tabela 3 – Nível de identificação das variedades:
dados estatísticos em relação às cinco variedades

	adequada		aproximada		inadequada		Valor de <i>p</i>
	N	%	N	%	N	%	
Andina	13	7,6%	15	38,5%	33	33,7%	
Estrangeira	23	13,4%	6	15,4%	33	33,7%	
Mexicana	29	16,9%	7	17,9%	22	22,4%	0,000
Castelhana	63	36,6%	0	,0%	1	1,0%	
Rio-platense	44	25,6%	11	28,2%	9	9,2%	

Fonte: dados coletados pelas autoras.

Pode-se verificar que os dados da Tabela 3 são coerentes com os números demonstrados na Tabela 2. As vozes reconhecidas adequadamente neste estudo foram: as vozes mexicanas, a voz estrangeira masculina e, especialmente, as vozes castelhanas e rioplatenses, com seus altos níveis de reconhecimento, 36,6% e 25,6%, respectivamente, como demonstrado na tabela 3. No que se refere à identificação aproximada, as variedades andina e rioplatense se destacam, com 38,5% e 28,2%, respectivamente. Sobre a identificação inadequada, destacam-se as variedades andina e estrangeira, com 33,7% para ambas, pelo fato de que a falante feminina do áudio da voz estrangeira adota um sotaque latino, dificultando a sua identificação como estrangeira. Sobre a voz feminina andina, os participantes que identificaram inadequadamente, indicaram países de origem como: Honduras, Chile, México, Guatemala e Venezuela. Tais países não correspondem à zona de variedade andina.

Os números que mais chamam a atenção, certamente, são os de identificação da variedade castelhana. Segundo Méndez Guerrero (2022, p. 377), o fato de haver uma maior identificação da variedade espanhola castelhana deve-se à tradição de considerar esta variedade como referência, ideia que segue em vigor em alguns contextos e grupos sociais. Levando em consideração que o resultado do valor é menor que 0,005 ($p=0,000$), esta análise apresenta relevância estatística.

4.3. (In)segurança linguística

Os participantes que apresentaram insegurança linguística em relação à própria maneira de falar foram três, sendo dois espanhóis e um latino. Vinte e três dos participantes apresentaram traços de segurança linguística, afirmando que falam bem a língua espanhola, sendo dezesseis espanhóis e sete latinos. Quatro participantes, sendo três es-

panhóis e um latino, responderam como “depende”, justificando que falam bem dependendo do contexto ou dependendo de qual seria o conceito de “falar bem”. Houve dois participantes que não responderam, conforme a tabela 4:

Tabela 4 – Traços de (in)segurança linguística: números absolutos e porcentagens

	Espanhóis N (%)	Latinos N (%)	Total N (%)
Sim, falo bem	16 (50%)	6 (18,75%)	22 (68,75%)
Não falo bem	2 (6,25%)	2 (6,25%)	4 (12,5%)
Depende do contexto	3 (9,37%)	1 (3,12%)	4 (12,5%)
Não responderam	1 (3,12%)	1 (3,12%)	2 (6,25%)
Total	22 (68,75%)	10 (31,25%)	32 (100%)

Fonte: dados coletados pelas autoras.

Em relação ao traço de insegurança linguística (12,5%), as justificativas referem-se ao fato de não ser entendido, de mesclar idiomas, de não ter conhecimentos gramaticais suficientes, além da falta de vocabulário. Seguem os dados:

Participante 01: No, mucha gente no me entiende. Hablo muy rápido y con mucho acento extremeño.

Participante 07: No creo hablarla muy bien, aunque para escribirla sí creo que todavía estoy haciéndolo óptimamente. Me pasa que, como estoy en contacto con el inglés u otras lenguas, a veces se me olvidan palabras, o tengo discordancias de género/número, cosas así. O pongo el verbo en inglés y lo conjugó en español. Una ensalada la verdad⁹.

Com relação a falar bem a língua espanhola, se dividirmos os dois grupos e os analisamos separadamente, o grupo dos latinos (n=10) apresenta 60% (n=6) de segurança linguística, enquanto o grupo de espanhóis (n=22) apresenta 72,72% (n=16) de traço de segurança linguística. Pode-se inferir que os detentores da variedade mais prestigiada reconhecem tal prestígio. Já em relação à indicação de segurança linguística de 68,75%, os participantes hispanofalantes apresentavam argumentos como:

⁹ Participante 01: Não, muita gente não me entende. Falo muito rápido e com sotaque estremeno. Participante 07: Não creio falar muito bem, ainda que para escrever sim creio que ainda estou fazendo-o otimamente. O que acontece é que, como estou em contato com o inglês ou outras línguas, as vezes eu esqueço palavras, ou tenho discordâncias de gênero/número, coisas assim. Ou coloco o verbo em inglês e o conjugó em espanhol. Uma salada na verdade.

Participante 03: Sí, claro. Es mi lengua materna y con ella me comunico a la perfección.

Participante 09: sí, los demás me entienden.

Participante 08: Sí, no cometo errores gramaticales¹⁰.

Nota-se que, conforme os dados apresentados, de forma geral, falar bem uma língua está relacionado ao conhecimento gramatical, ao conhecimento de vocabulário e em ser entendido pelos interlocutores.

A ideia de falar bem uma língua vem do conceito de bom falante. Calvet (2002) indica que um bom falante é aquele que se comporta como um camaleão linguístico, em outras palavras, aquele que adapta a sua maneira de falar de acordo com os interlocutores e com o contexto em que se encontra. Nos resultados obtidos, alguns participantes expressaram a sua noção de *bon usage* a que Calvet se refere:

Participante 17: Sí porque soy capaz de adaptarme a diversos contextos de comunicación con una amplia variedad de vocabulario pero, si no encuentro las palabras, busco otra manera de comunicar lo que quiero decir.

Participante 25: Yo abogo por una perspectiva de análisis totalmente descriptiva. Yo creo que sí hablo bien el español porque la gente en la mayoría de situaciones comprende mi mensaje. Además, también puedo adaptarme a las condiciones de una u otra situación comunicativa. Si eludo una s final o no me importa poco o nada.

Participante 31: Considero que hablo bien el español porque es mi lengua materna principalmente, además algunas de mis aficiones son leer y escribir. Sin embargo, seguro que cometo algunos errores de ortografía o concordancia y mi vocabulario no es igual de amplio como el de un filólogo o escritor profesional, pero hablo “bien” porque me comunico con efectividad con cualquier interlocutor hispanohablante¹¹.

¹⁰ Participante 03: Sim, claro. É a minha língua materna e com ela me comunico perfeitamente. Participante 09: Sim, os outros me entendem. Participante 08: Sim, não cometo erros gramaticais.

¹¹ Participante 17: Sim, porque sou capaz de me adaptar a diversos contextos de comunicação com uma ampla variedade de vocabulário, mas, se não encontro as palavras, busco outra maneira de comunicar o que quero dizer. Participante 25: Eu defendo uma perspectiva de análise totalmente descriptiva. Eu acredito que falo bem o espanhol porque as pessoas na maioria das situações compreendem a minha mensagem. Além disso, também consigo me adaptar às condições de uma ou outra situação comunicativa. Se eu omito um “s” no final ou não me importo pouco ou nada. Participante 31: Considero que falo bem o espanhol porque é a minha língua materna principalmente, além disso, algumas das minhas paixões são ler e escrever. No entanto, com certeza cometo alguns erros de ortografia ou concordância e meu vocabulário não é tão amplo como o de um filólogo ou escritor profissional, mas falo “bem” porque me comunico com eficácia com qualquer interlocutor hispanofalante.

Os participantes que responderam terem recebido formação sociolinguística na graduação apresentaram a noção de *bon usage* de uma língua similar à de Calvet (2002). Diferentemente dos dados anteriores, nestes últimos podemos perceber a existência de uma percepção diferente do que é falar bem uma língua. Tal percepção está relacionada a ser entendido, saber expressar-se, buscar alternativas quando não se sabe exatamente que palavras utilizar e, principalmente, adaptar a fala ao contexto, como advoga Calvet (2002).

5. Considerações Finais

A realização de estudos sobre crenças, atitudes e representações linguísticas dentro da Sociolinguística, de acordo com Serrano (2011), objetiva identificar a posição sociopsicológica do falante sobre uma língua e suas variedades. Este mapeamento é importante para identificar as questões históricas relacionadas às atitudes e representações dos falantes, principalmente em relação ao prestígio linguístico concedido a determinadas variedades de uma língua.

A importância das atitudes linguísticas no meio social tem sido tema de muitos trabalhos da área da Sociolinguística e apresenta muitos aspectos ainda não estudados sobre a sua natureza e suas repercussões e/ou consequências.

Concluímos que os participantes da pesquisa demonstraram um índice elevado de reconhecimento das variedades castelhana e rioplatense. A primeira, na visão dos entrevistados, por ser a mais prestigiada e o “modelo a ser seguido”, além de representar a variedade utilizada pela maioria dos participantes da pesquisa. E a segunda, pelo seu alto nível de agradabilidade e de fácil reconhecimento pelos traços fonéticos muito salientes. As realizações típicas do fonema /ʒ/, realizado como [ʒ] ou [ʃ], podem ter sido identificadas imediatamente pelos participantes da pesquisa, o que ajudou na identificação desta variedade.

Em relação ao baixo nível de identificação das demais variedades, entendemos que pode ser mais um reflexo da globalização linguística (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021), havendo tantas variedades da língua espanhola nos dias atuais, o que torna difícil a exata identificação de cada uma delas. Sobre a (in)segurança linguística, os participantes demonstraram alto nível de segurança linguística e as justificativas giraram em torno do fato de se tratar de sua língua materna e, inferimos, tratar-se da variedade melhor prestigiada dentre as variedades da língua espanhola.

A voz estrangeira masculina, na avaliação dos entrevistados, foi fortemente estigmatizada, porém a voz feminina não. Pode-se inferir que isso se justifica devido ao sota-

que adotado pela voz feminina, que se assemelha mais a um falante de língua espanhola como língua materna. A voz masculina apresenta um sotaque de um brasileiro falante de espanhol, o que a tornou desprestigiada no contexto da pesquisa. Para os participantes da pesquisa, esta voz é considerada áspera e rural. Neste sentido, nos parece importante promover o prestígio dos falantes de língua estrangeira que não adotam nenhum sotaque em específico.

Por último, o fator sexo se mostra relevante: as vozes femininas são melhor avaliadas, em sua maioria, pelos participantes da pesquisa que, coincidentemente, são compostos em sua maioria por mulheres. Entende-se que as mulheres tendem a valorizar de forma mais positiva as vozes femininas.

A partir destes resultados, dentre as lacunas identificadas, destacamos a necessidade de refletir sobre a crença existente do que é falar bem uma língua e como esta se reflete nas práticas sociais, bem como repensar as práticas e as políticas linguísticas, a fim de promover o respeito às variedades linguísticas.

Concluímos, assim, que o entendimento aprofundado sobre crenças e atitudes linguísticas contribui não apenas para a ampliação teórica da área da Sociolinguística, mas também para o debate de políticas linguísticas mais inclusivas e respeitosas em relação à diversidade linguística em contextos sociais diversos, alimentando um diálogo essencial para o desenvolvimento de sociedades linguisticamente justas e equitativas.

Referências

- CAMPBELL, D. Social attitudes and other acquired behavioral dispositions. *Psychology: A study of a science*, v. 6, New York, 1963.
- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- GARRETT, P. *Attitudes to language*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- GUERRERO, S.; SAN MARTÍN, A. Creencias y actitudes de los jóvenes universitarios chilenos hacia las variedades cultas del español. *Boletín de Filología*, 53(2), 2018, p. 237–262. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032018000200237>.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4ed. Tradução de Dante Moreira Leite, 1975.

MÉNDEZ GUERRERO, B. Actitudes de los mallorquines hacia el castellano y el andaluz. Datos del proyecto PRECAVES XXI. *Revista Española de Lingüística Aplicada/ Spanish Journal of Applied Linguistics*, v. 35, 2022, p. 365 – 395. <https://doi.org/10.1075/resla.20010.men>.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 2009.

PEREIRA, T.; COSTA, D. Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 171-188, 1. sem. 2012.

SANTOS DÍAZ, I. C.; ÁVILA MUÑOZ, A. M. Creencias y actitudes lingüísticas de los universitarios malagueños hacia la variedade andaluza. *Philologia Hispalensis*, v. 35, n. 1, 2021. <https://dx.doi.org/10.12795/PH.2021.v35.i01.08>.



VARIAÇÃO E MUDANÇA DOS USOS DOS VERBOS LEVES *DAR*, *FAZER*, *TER* E *TOMAR*: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL-CONSTRUÇÃO

VARIATION AND CHANGE IN THE USES OF THE LIGHT VERBS *DAR*, *FAZER*, *TER* AND *TOMAR*: A FUNCTIONAL-CONSTRUCTIONIST APPROACH

Maria Angélica Furtado da Cunha | [Lattes](#) | angefurtado@gmail.com

UFRN | UFF | CNPq

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise a construção formada com os verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* + SN. O objetivo principal é investigar os processos de variação e mudança por que passam esses verbos e seus collocados em duas sincronias – séculos XVIII e XX – com base em instâncias reais de gramática em uso. O modelo teórico adotado é a Linguística Funcional Centrada no Uso, com contribuições da Gramática de Construções (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016). Este estudo assume a hipótese de que orações com esses verbos são usadas para satisfazer demandas comunicativas e cognitivas bem recortadas, discursivamente motivadas. A metodologia de análise é qualquantitativa (Cunha Lacerda, 2016). Os dados do século XX têm como fonte diferentes *corpora* que compreendem situações de fala e escrita; e a pesquisa diacrônica utiliza, como universo de investigação, o *corpus* do projeto Tycho Brahe. Os resultados obtidos comprovam que, na sincronia mais recente, as combinações [Verbo_{LEVE} + SN] são recorrentes no uso discursivo da língua, formando uma unidade de pareamento forma-função – uma construção – relativamente rígida em termos posicionais e lexicais. Os dados coletados possibilitaram a constatação de que essas combinações apresentam variação dentro de cada sincronia e entre as sincronias observadas. Sob o viés diacrônico, passaram por mudança em termos de collocados e da ordenação dos SN que coocorrem com os verbos leves.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções; Verbos leves; Colocados.

Abstract: This paper analyzes the construction formed with the light verbs *dar* (give), *fazer* (make), *ter* (have) and *tomar* (take) + NP. The main goal is to investigate the processes of variation and change undergone by these verbs and their collocates in two syn-

chronies – the 18th and 20th centuries – based on real instances of grammar in use. The theoretical framework adopted is Usage-Based Functional Linguistics, with contributions from Construction Grammar (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016). This study assumes the hypothesis that clauses with these verbs are used to satisfy well-defined, discursively motivated communicative and cognitive demands. The analysis methodology is qualitative-quantitative (Cunha Lacerda, 2016). The data from the XX century are sourced from different corpora comprising speech and writing situations, and the diachronic investigation uses the corpus of the Tycho Brahe project as its research universe. The results obtained show that, in the most recent synchrony, the combinations [Light Verb + NP] are recurrent in the discursive use of the language, forming a form-function pairing unit – a construction – which is relatively rigid in positional and lexical terms. The data collected made it possible to see that these combinations vary within each synchrony and between the synchronies observed. From a diachronic point of view, they have undergone changes in terms of the placement and ordering of the NP that co-occurs with the light verbs.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics; Constructional approach; Light verbs; Collocates.

1. Introdução

Os verbos leves têm sido foco de atenção de muitos estudiosos da língua ao longo do tempo. Na literatura linguística, esses verbos recebem diversas designações, como *verbos-suporte*, *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos gerais*, *verbos operadores*, *verboides*, *verbalizadores*. Jespersen (1940) é geralmente reconhecido como um dos primeiros linguistas a estudar esses verbos no inglês, denominando-os *light verbs*. Contudo, a *Grammatica da língua portuguesa*, de João de Barros (1540), já apontava indícios da existência de alguns verbos que funcionavam como verbo-suporte.

Em se tratando do português, Neves (1996, p. 202) é um dos primeiros trabalhos sobre as construções¹ com verbo-suporte sob a ótica do Funcionalismo, ressaltando que o estudo dessas construções “deve integrar a investigação das predicações da língua.” Mais tarde, em sua *Gramática de usos do português* (Neves, 2000), retoma e amplia o estudo, caracterizando os tipos semânticos de verbos e as funções dessas construções. Segundo a autora, os verbos-suporte são “verbos de significado bastante esvaziado que formam,

¹ Neves (1996, 2000) faz um uso ateórico, genérico, do termo “construção”, sem vinculação à Gramática de Construções.

com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem outro verbo da língua” (Neves, 2000, p. 53).

Gramáticas descritivas do português – Castilho (2010) e Bagno (2011), entre outras – tendem a reafirmar o que diz Neves (1996; 2000). Para Castilho (2010, p. 392), o verbo-suporte é “um verbo fortemente preso a um substantivo, constituindo-se um sintagma verbal complexo.” O substantivo que o acompanha se caracteriza por baixa referencialidade, não é “antecedido de especificadores e não funciona como argumento interno do verbo” (p. 410). Segundo Neves (1996), Castilho (2010) aponta que o verbo-suporte “supre certas faltas no léxico”, quando não é possível substitui-lo por um sinônimo, a exemplo de *fazer ginástica* vs. **ginasticar*. Bagno (2011, p. 635) retoma Neves (2000) e afirma que os verbos-suporte mais frequentes no Português do Brasil **são** *dar, fazer, guardar, levar, manter, pegar, soltar, ter e tomar*. Acrescenta, ainda, que “é praticamente impossível enumerar combinações permitidas por esses verbos.” Considerando casos em que não se pode equiparar a construção verbo-suporte + SN com verbos equivalentes, a exemplo de *tomar banho* e *banhar-se*, admite que essa construção “serve para preencher lacunas no léxico da língua.” Mais adiante, ao abordar a função dos verbos-suporte, cita Ilari e Basso (2008), que questionam a razão de existirem, na língua, formas diferentes que expressam conteúdo semântico similar. Ratificando Ilari e Basso, Bagno (2011) aponta que as construções com verbo-suporte “se justificam pela versatilidade sintática e discursiva que oferecem” (p. 637).

Neste artigo, a análise da construção com os verbos leves *dar, fazer, ter e tomar*, a exemplo de *dar licença, fazer compra, ter dúvida e tomar conta*, segue uma abordagem funcional-construcionista (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016), com o objetivo de depreender os processos de variação e mudança que se dão com essa construção em termos das propriedades dos verbos leves e dos sintagmas nominais que com eles coocorrem². Examino os lexemas mais frequentes (ou colocados, conforme Sardinha, 2004) com cada tipo de verbo a fim de depreender a formação de *chunks*, a exemplo de *dar conta, fazer compra, ter medo e tomar banho*. Essas unidades pré-fabricadas (Erman; Warren, 2000) resultam da combinação desses verbos com o SN que ocupa o *slot* (ou posição) do objeto direto na construção transitiva³.

Assumo a hipótese de que o aumento gradual da frequência de uso de *dar, fazer, ter e tomar* leves + SN leva à regularização desse recurso gramatical e sua consequente convencionalização. As orações com esses blocos são usadas para satisfazer demandas

² Para uma discussão sobre *chunks* e ensino de língua, ver Bispo e Furtado da Cunha (2022).

³ Sobre a construção transitiva, ver Furtado da Cunha e Silva (2018).

comunicativas e cognitivas bem recortadas, discursivamente motivadas.

Para a investigação, recorro à metodologia de análise qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016), com base em dados efetivos de uso.

O modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Oliveira; Rosário, 2016), articulado a uma abordagem construcional da gramática (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), fornece os meios adequados para a análise dos verbos leves. Como defendem funcionalistas e construcionalistas, todo uso que se faz da língua é motivado pela conceptualização do falante e pela perspectiva semântica adotada por ele para veicular informação.

O restante deste artigo está organizado como se segue: além desta introdução, a seção 2 discorre sobre o modelo teórico que fundamenta a análise; a seção 3 descreve os *corpora* da pesquisa; a seção 4 trata dos padrões estruturais sancionados pela construção; a seção 5 analisa os colocados e a formação de *chunks*; a seção 6 examina as motivações discursivo-pragmáticas responsáveis pelo uso do bloco [V_{LEVE} + SN]; e, finalmente, a última seção sumariza os resultados do estudo e levanta questões pertinentes a serem discutidas em trabalho futuro.

2. Modelo teórico

A vertente funcionalista denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)⁴ se fundamenta na proposição de que a gramática de qualquer língua resulta da regularização ou rotinização de estratégias discursivas recorrentes (Givón, 2012 [1979]; Bybee, 2016 [2010]). Nessa direção, a língua é entendida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, emergente (Du Bois, 1985; Hopper, 1987; Bybee, 2016 [2010]), em que coexistem padrões mais ou menos regulares e outros que surgem em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas (Givón, 2001; Bybee, 2016 [2010]).

O sistema linguístico tem, pois, uma natureza eminentemente dinâmica, já que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Nesse sentido, pode-se falar em variação e gradiência dos elementos linguísticos: num viés sincrônico, o uso constante da língua pelos falantes cria variação; numa perspectiva diacrônica, a gradiência envolvida na variação pode levar à mudança, que implica gradualidade. A gradiência refere-se ao fato de que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem

⁴ A Linguística Funcional Centrada no Uso aproxima-se, em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos do que Bybee (2016 [2010], 2015) denomina *Usage-based Linguistics*.

ser facilmente distinguidas devido à variação que há entre unidades de uma mesma categoria (em diferentes níveis) e em função da mudança que ocorre ao longo do tempo, de modo gradual, movendo um elemento em um contínuo de uma categoria à outra.

O uso da língua é central para essa abordagem, que relaciona textos e enunciados às funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que eles desempenham na comunicação, as quais influenciam a organização do sistema linguístico, orientando a escolha e a ordenação dos elementos da língua. A LFCU considera, no estudo do surgimento, variação e mudança das construções, motivações comunicativas e cognitivas, uma vez que postula uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de interação social.

Com a incorporação de uma perspectiva construcional à LFCU, a gramática de qualquer língua passa a ser concebida como uma rede de signos inter-relacionados, um conjunto de construções, entendidas como pareamentos de forma-função (Goldberg, 1995). As construções são armazenadas na mente do falante com base em enunciados reais, por meio do processo de categorização de instâncias que ocorrem frequentemente no uso interacional da língua. A interpretação de que a gramática é composta por construções (Goldberg, 2006) acarreta o entendimento de que a relação entre forma e função é básica e inerente a toda descrição gramatical (Östman; Fried, 2005).

A rede construcional comprehende quatro níveis de abstração: esquema, subesquema, microconstrução e construto (Traugott; Trousdale, 2021[2013]). O esquema possui uma natureza altamente abstrata, abrangendo as construções mais genéricas da rede, estruturas complexas com diversas possibilidades de preenchimento das suas posições (*slots*). Os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades observável entre construções individuais diversas. As microconstruções comprehendem as construções individuais propriamente ditas, que já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por fim, os construtos consistem em ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como sendo o *locus* da mudança. Relacionam-se à frequência *token*, ou seja, o número de ocorrências de determinada construção. Por sua vez, o nível do esquema, do(s) subesquema(s) e da(s) microconstrução(ões) está relacionado à frequência *type* – número de expressões possíveis para uma determinada categoria (Bybee, 2011).

Para a LFCU, a variação pode ser entendida como competição entre formas (Haiman, 1983; Du Bois, 1985; Givón, 1995). O modelo das motivações competitivas é um vasto campo de pesquisa, teórica e empírica, que fornece suporte para as propostas de variação e mudança linguística. Nessa linha, a variação não é um processo unidirecio-

nal rumo a um estado final, mas antes uma constante e dinâmica tentativa para manter o equilíbrio entre simplificação (economia) e transparência (iconicidade). Vale ressaltar que a competição pelo uso é contemplada pelo princípio de camadas (Hopper, 1991), que trata da coexistência de formas linguísticas diferentes que concorrem pelo uso devendo à proximidade de significado.

O modelo clássico da Linguística Funcional norte-americana aborda o fenômeno de mudança linguística sob o prisma da gramaticalização. A LFCU, de viés construcionista, seguindo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), reconhece dois tipos de mudança: (a) mudança construcional, que afeta uma dimensão interna de uma construção (em sua forma ou em seu conteúdo), sem, contudo, envolver a criação de um novo nó na rede. A mutação ocorrida pode levar à convivência de variantes da mesma construção; (b) construcionalização, que é a criação de um novo pareamento forma-função – ou seja, de uma nova construção –, instaurando-se um novo nó na rede.

Para tratar da mudança linguística com base na noção de rede construcional, Traugott e Trousdale (2021[2013]) apontam três propriedades da construção que estão envolvidas em vários estágios do processo de mudança: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade envolve *slots* e o preenchimento deles por uma variedade de palavras e sintagmas. Esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede construcional. A produtividade refere-se ao grau em que o esquema sanciona outras construções mais especificadas. Essa propriedade está estreitamente relacionada à noção de (sub)esquema: um (sub)esquema é considerado altamente produtivo quando sanciona um número considerável de padrões microconstrucionais, o que se pode comprovar pela frequência *type*. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao âmbito em que o elo entre forma e significado é transparente, sendo considerada em termos da convergência ou divergência entre aspectos da forma e aspectos do significado.

Em qualquer nível de organização da língua, a repetição de cadeias de elementos leva à formação de *chunks* na representação cognitiva. O *chunking* é um processo cognitivo de domínio geral que, no âmbito linguístico, se refere à formação e à fixação de estruturas complexas compostas por elementos que constantemente coocorrem (Bybee, 2016 [2010]). Tais estruturas equivalem a construções e expressões formulaicas que, em termos cognitivos, resultam em uma unidade simples, a qual pode ser armazenada e acessada como um bloco, tal o nível de integração entre seus elementos constituintes. Essas unidades são denominadas *chunks* (Furtado da Cunha, 2022). Logo, o processo de

chunking envolve as atividades de produção e de decodificação da mensagem.

O resultado da associação entre um verbo leve e um SN⁵ é denominado, na literatura, predicador complexo. Dessa associação resulta uma unidade composta que funciona como núcleo do sintagma verbal em orações simples (*dar proteção, fazer comentário, ter conhecimento, tomar providência* etc.). O verbo se distancia do seu sentido referencial e, dessa forma, não seleciona sozinho os argumentos que constituem a oração em que ele ocorre, embora seja portador das categorias de pessoa, tempo e modo via flexão. Em contrapartida, o SN perde seu *status* de argumento e, portanto, não é pronominalizável. Nesses casos, a predicação pode ser indicada pelo núcleo do SN, como em *dar proteção* (= *proteger*), ou mesmo ser apreendida holisticamente, como em *dar conta* (= *ser capaz, conseguir*).

As representações de uma dada categoria, aqui, especificamente, a construção com verbos leves, por um feixe de exemplares resultam do uso frequente dessa categoria, ao mesmo tempo em que permitem, na sincronia, a gradiência de estruturas e, na diacronia, a gradualidade da mudança (Bybee, 2016 [2010]). No empacotamento de *chunks*, verifica-se a atuação do princípio de iconicidade (Givón, 1984), visto que, quanto mais próximos estão os conteúdos no nível da cognição, mais integrados na codificação. Nesse viés, as construções linguísticas são esquemas cognitivos que implicam procedimentos em grande parte rotinizados a fim de que os usuários alcancem os seus propósitos comunicativos. Isso significa que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua.

A respeito do processo de fixação de um *chunk* na língua, Bybee (2016 [2010], p. 147) afirma que o uso convencionalizado de “formas linguísticas reflete situações convencionalizadas a que as pessoas se referem frequentemente”. Por sua vez, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) acentuam que a produtividade de uma construção está relacionada ao aumento de *collocates*, os quais são considerados um modo particular de agrupamento de palavras que coocorrem em um determinado contexto com significado particular.

Em se tratando da construção [Verbo_{LEVE} + SN], o foco está na análise dos nomes que preenchem o *slot* do SN em combinação com os verbos leves *dar, fazer, ter* e *tomar*, formando *collocations*. Conforme Croft e Cruse (2004), *collocations* são combinações de palavras que são preferidas a outras combinações que parecem semanticamente equivalentes. Quando essas combinações são idiomáticas, elas são não compostionais,

⁵ Outros itens linguísticos diferentes do SN podem ocorrer com verbos leves e formar predicadores complexos, como *dar certo* e *dar ruim* (Machado Vieira, 2010). Aqui, o foco é a construção [V_{LEVE} + SN].

em razão de o significado do todo não corresponder à soma do significado das partes, a exemplo de *mexer os pauzinhos* (= *usar de influência para favorecer algo ou alguém*). Na mesma linha, Sardinha (2004) denomina as coocorrências de itens lexicais de *colocados*, palavras que são usadas com frequência significativa uma ao lado da outra, como por exemplo *dar conta, fazer exercício, ter jeito, tomar cuidado*.

Como veremos adiante, as ocorrências com os verbos leves *dar, fazer, ter* e *tomar* evidenciam diferentes possibilidades de configuração sintática, correspondentes a realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é parcialmente não especificada, também denominadas aloconstruções (Cappelle, 2006). As aloconstruções são variantes gramaticais sincrônicas (Perek, 2015) de uma mesma construção que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos cognitivos, pragmáticos e morfossintáticos.

3. Descrição dos dados

Os dados das duas últimas décadas do século XX foram extraídos dos seguintes *corpora*: um *corpus* oral compilado com base em entrevistas retiradas de três diferentes bancos de dados, cada um com 300.000 palavras: Projeto Mineirês (<http://www.letras.ufmg.br/mineires>), Projeto PEUL (<http://www.letras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>) e Projeto NURC (<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj>), e um *corpus* escrito, CHAVE, que contém textos jornalísticos (<https://www.linguateca.pt/CHAVE>). A pesquisa diacrônica utilizou o *corpus* do projeto Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>). Note-se que o volume textual sob análise é o mesmo para os dois séculos. O Quadro 1 sintetiza as informações sobre esses *corpora*.

Quadro 1 – Informações sobre os corpora

Século	Corpus	Modalidade	Gênero	Nº de palavras
XVIII	Tycho Brahe	Escrita	Tese, carta, texto teatral, romance, folheto e poema	600 mil
XX	PEUL, NURC e Mineirês	Oral	Entrevistas	600 mil
	CHAVE	Escrita	Artigo, coluna, carta do leitor, reportagem, editorial, entrevista e notícia	

Fonte: elaboração própria

No banco de dados dos dois séculos, foram coletadas orações cujos verbos leves são acompanhados por SN Objeto Direto (OD) e/ou Objeto Indireto (OI), codificado por SPrep ou SN pronominal. Embora os *corpora* sejam comparáveis em termos do número de palavras, foram obtidas mais ocorrências no século XVIII do que no século XX, à exceção do verbo *tomar*, cujo total de construtos é ligeiramente maior no século XX. Naturalmente, esse resultado pode estar relacionado aos gêneros discursivos de cada *corpus* e ao fato de esses gêneros representarem o *continuum* fala-escrita em contextos diversos de interlocução. A Tabela 1 exibe o quantitativo de ocorrências para cada verbo por período.

Tabela 1 – Quantitativo de dados por século

Século	Dar	Fazer	Ter	Tomar	Total
XVIII	477 (61%)	363 (58%)	202 (63%)	81 (48%)	1123 (59%)
XX	310 (39%)	265 (42%)	118 (37%)	89 (52%)	782 (41%)
Total	787 (100%)	628 (100%)	320 (100%)	170 (100%)	1905 (100%)

Fonte: elaboração própria

Em termos metodológicos, para a análise utilizei o procedimento qualquantitativa (Cunha Lacerda, 2016). Procedo, portanto, a uma descrição formal-funcional desse padrão construcional, observando o comportamento de suas instanciações ao longo das sincronias especificadas, atentando para os processos de variação e mudança linguística e para a frequência de ocorrências (frequência de *types* e de *tokens*). Para aferir tendências, conferindo maior suporte à análise, recorro também à quantificação de dados. A abordagem qualitativa amparada pela quantificação é amplamente defendida e adotada no âmbito da LFCU.

4. Padrões estruturais

A análise empreendida indica que os construtos formados pelos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* em textos dos séculos XVIII e XX podem ser codificados por um conjunto limitado de padrões estruturais, a depender do grau de integração entre o verbo e seus complementos. Desse modo, é possível encontrar orações com dois (Sujeito e Objeto Direto) ou três participantes (Sujeito, Objeto Direto e Objeto Indireto), como nas amostras seguintes:

- (1) Você quer um time *que dê espetáculo* ou uma equipe guerreira, que só jogue pelo resultado? (PEUL)

- (2) O cenário mais provável neste início de 1994 é o seguinte: o Congresso vai aprovar algum ajuste fiscal (corte de gastos e aumento de impostos), dando ao ministro Fernando Henrique Cardoso a possibilidade de pelo menos continuar lutando pelo déficit zero. (CHAVE)
- (3) Quando eu saí do Oratório, achei o Arcebispo como um doido, dando uns sinais de alegria tão imprudentes como inesperados. (Tycho Brahe)
- (4) Dê-me sempre m.tas ocasiões de lhe mostrar a alta estima e consideração com q. sou de V. Exa. M.to fiel afectuoso. (Tycho Brahe)

Em (1) e (3), o verbo *dar* apresenta sujeito (*que = time* e $\emptyset = \text{o Arcebispo}$) e objeto direto (*espetáculo* e *uns sinais de alegria*), ao passo que em (2) e (4) esse verbo tem três participantes: sujeito ($\emptyset = \text{o Congresso}$ e $\emptyset = \text{V. Exa.}$), objeto direto (*a possibilidade* e *m.tas ocasiões*) e objeto indireto (*ministro Fernando Henrique Cardoso* e *me*). Com relação à probabilidade de codificação biargumental ou triargumental de *dar* leve, alguns pontos merecem consideração. De fato, em termos semânticos, o verbo leve, assim identificado porque se distancia do seu significado básico, referencial, constitui, com o SN que ocupa o *slot* do objeto direto, um bloco semântico-sintático indivisível. Dito de outro modo, o V_{LEVE} não expressa uma ideia independente do nome que o segue, o qual, por esse motivo, não funciona como OD prototípico desse verbo, isto é, não é seu argumento interno. Em contrapartida, esse SN atua como o núcleo do predicado (Chafe, 1994; Basílio, 2007; Castilho, 2010). Não obstante, para facilidade de expressão, neste texto refiro-me a esse elemento como “objeto direto” (“OD”). No que diz respeito à presença ou não de OI, esta depende da carga semântica de *dar* leve, de forma que quanto mais próximo tal verbo está do seu sentido mais básico, maior a possibilidade de ocorrência do argumento recipiente. Convém ressaltar que, embora afastado do seu sentido original, o verbo leve conserva traços semânticos de transferência, daí a possibilidade de codificação triargumental. Note-se que, tanto em (2) como em (4), o OI antecede o OD, ordenação preferida quando os verbos de transferência, cujo protótipo é *dar*, são usados em seu sentido básico (Furtado da Cunha, 2017). Considerando esses casos, é possível dizer que há graus de “leveza” do verbo leve, refletidos na cristalização ou não do *chunk*. Nesse sentido, observa-se correspondência formal e funcional: maior afastamento entre verbo e OD representa maior fluidez ou menor compactação do bloco $V_{LEVE} + SN$.

Quanto ao *slot* dos elementos ($SN_{SUJEITO}$, $SN_{OBJETO\ DIRETO}$ e/ou $SN_{PRO}/S_{Prep}_{OBJETO\ INDIRETO}$) que coocorrem com o verbo leve, os dados apontam que também há variadas possibilidades de configuração, tanto nos construtos do século XVIII quanto nos do século XX, como se vê a seguir:

- (5) Quando nos vem da mão daqueles que juram ódio aos Reis, é sempre suspeitosa, e por isso se não devia abandonar a medida que se propõe, e ficarmos por aí seguros de que nos não façam guerra daqui a dois dias. (Tycho Brahe)
- (6) Filosofamos sôbre as vicissitudes das cousas humanas, encarrego-lhe a inspeção do meu jantar e faço-lhe confidências de cousas que quero que diga, mas de que lhe peço sumo segrêdo. (Tycho Brahe)
- (7) Quer V. S. responder à proposta do C. de P... e determina lhe faça eu a cópia da resposta. (Tycho Brahe)
- (8) Recomende-me ao Duque; e faça meus respeitos à Sr.a Duqueza que seriam, se ella de licença, muitas e verdadeiras saudades por que realmente as terei. (Tycho Brahe)

Nas ocorrências de (5) a (8), verificam-se diferenças na ordenação dos participantes “objeto direto” e objeto indireto. Em (5), o OI pronominal (*nos*) precede o V_{LEVE}, que é seguido pelo “OD” (*guerra*). Em (6), o OI clítico (*lhe*) vem depois do V_{LEVE}, que é acompanhado pelo “OD” (*confidências de cousas*). Em (7), a ordenação é OI_{PRO} V_{LEVE} Sujeito “OD” (*a cópia da resposta*), enquanto em (8) temos V_{LEVE} “OD” (*meus respeitos*) e OI codificado como SPrep (*à Sr.a Duqueza*). Contudo, nas amostras do século XX, o “OD” tende fortemente a seguir o V_{LEVE}, a despeito de qual seja o verbo, o que aponta para a fixação e consequente convencionalização do *chunk*, confirmando a hipótese de mudança linguística. No que diz respeito ao OI, sua codificação é variável, podendo este ser um clítico, como em (4), (5), (6), (7) e (9) ou um SPrep, como em (2), (8) e (10), nas duas sincronias examinadas:

- (9) Engraçado você me fazer essa pergunta, porque outro dia mesmo eu perguntei ao Arnaldo: Arnaldo, onde é que nós fazíamos as nossas compras? (NURC)
- (10) Ela tá fazendo um favor [pra] ... pra gente, entendeu? (Mineirês)

Nos dados do século XVIII constata-se, portanto, gradiência nos padrões estruturais, com maior mobilidade posicional dos participantes. Isso se deve ao fato de que, nesse período, os exemplares de [V_{LEVE} + SN + (SN_{PRO}/SPrep)] ainda não se encontravam cristalizados, apresentando, por conseguinte, maior versatilidade morfossintática.

Em termos construcionais, a sequência formada pelos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar* + SN é um subesquema da construção de estrutura argumental transitiva, mais es-

quemática, representada como $[SN_1 + V + SN_2]$ (Bispo; Furtado da Cunha, 2022). Nessa linha, a construção $[SN_1 + V_{LEVE} + SN_2]$ agrupa propriedades compartilhadas por um amplo conjunto de expressões visto que seus elementos constituintes não são especificados. Isso quer dizer que essa construção é aberta, ou esquemática, pois pode ser preenchida por diferentes V_{LEVE} assim como por diferentes SN, tanto na posição de sujeito como de objeto.

A esquematicidade tem relação direta com outra propriedade da construção, a produtividade (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), de modo que quanto mais esquemática é uma construção, mais produtiva ela é, na medida que pode instanciar grande número de construtos. Relativamente à composicionalidade, a construção $[SN_1 + V_{LEVE} + SN_2]$ revela baixo grau dessa propriedade, visto que, da perspectiva semântica, os elementos que compõem a sequência $[V_{LEVE} + SN]$ não podem ser interpretados isoladamente em virtude de formarem um todo de significado.

5. Colocados e formação de *chunks*

Tal como dito antes, o objetivo central deste estudo é identificar os lexemas/colocados mais frequentes com cada tipo de V_{LEVE} e verificar a possibilidade de formação de *chunks* quando se combinam esses verbos com o SN que ocupa o slot do OD, formando um predicador complexo. Nesse sentido, atestei uma certa preferência por determinado(s) lexema(s) para cada V_{LEVE} em cada período selecionado, conforme exibe o Quadro 3. Foram considerados os primeiros dez colocados mais frequentes com cada verbo e o número de ocorrências de cada um deles.

Quadro 2 – Colocados mais frequentes por século

SÉCULO	DAR	FAZER	TER	TOMAR
XVIII	gosto (28) licença (19) conta (13) crédito (13) liberdade (12) ordem (11) conselho (10) exemplo (10) cuidado (10) lugar (10)	favor (31) honra (22) caso (18) justiça (14) mercê (12) diligência (10) reflexão (10) gosto (9) vaidade (9) esforço (6)	honra (34) medo (25) dó (17) razão (14) necessidade (8) gosto (9) confiança (7) dúvida (7) cuidado (6) esperança (6)	conta (10) liberdade (6) resolução (6) exemplo (3) parte (3) caminho (3) lugar (3) conselho (2) ordem (2) confiança (2)

XX	conta (20) exemplo (10) resposta (5) atenção (5) conselho (4) razão (4) trabalho (4) valor (4) liberdade (3) satisfação (3)	festa (13) compra (12) pergunta (8) besteira (8) falta (7) estágio (7) viagem (6) visita (2) favor (1) esforço (1)	medo (19) acesso (8) dúvida (5) interesse (4) preocupação (4) necessidade (3) cuidado (3) vontade (3) contato (3) raiva (2)	banho (20) conta (19) cuidado (12) consciência (3) decisão (3) coragem (2) medida (2) exemplo (1) parte (1) caminho (1)
----	--	---	--	--

Fonte: elaboração própria

A observação do Quadro 3 mostra que, no tocante às propriedades dos SN que acompanham os verbos leves nos dois séculos investigados, esses lexemas são, em sua maioria, substantivos abstratos, derivados de verbos – deverbais (*conta, cuidado, esforço, por exemplo*) ou nominalizações (*preocupação, necessidade, esperança, entre outros*). Por serem derivados de verbos, dependendo da semântica do verbo base, os colocados tendem a denotar ações e, assim, podem funcionar como núcleo do predicado, já que o V_{LEVE} está esvaziado do seu sentido pleno, básico. Essas propriedades dos SN mantêm-se relativamente equilibradas para todos os verbos leves. No nível morfológico, esse substantivo tende significativamente a não se flexionar em número, o que é um forte indicador de perda de referencialidade. Nas amostras analisadas, no século XVIII os SN no plural somam 172 (15%) dados, ao passo que no século XX esse número diminui para 97 (12%). Esses resultados confirmam a tendência de não referencialidade do “objeto direto”.

Alguns desses colocados podem ocorrer com diferentes verbos leves nos séculos investigados, com maior ou menor frequência. O Quadro 3 demonstra que tanto pode haver incremento quanto decréscimo no uso de determinado substantivo. É o que acontece, por exemplo, com *gosto*, que ocorre com todos os V_{LEVE} no século XVIII, mas não foi encontrado com nenhum deles no século XX. Evidentemente, trata-se de amostras particulares, as quais, embora amplas, não representam a língua integralmente.

Quadro 3 – Colocados que ocorrem com diferentes verbos por século

SÉCULO	DAR	FAZER	TER	TOMAR
XVIII	gosto (25)	gosto (9)	gosto (8)	gosto (1)
	conta (13)	conta (2)		conta (10)
	cuidado (10)		cuidado (6)	cuidado (1)
	exemplo (10)			exemplo (3)

XX	conta (20)	conta (1)		conta (19)
	cuidado (0)		cuidado (3)	cuidado (12)
	exemplo (10)			exemplo (1)

Fonte: elaboração própria

Quanto ao processo cognitivo de *chunking*, a combinação dos verbos leves com o SN que ocupa o *slot* do OD pode ou não constituir *chunks*, conforme o grau de integração entre o V_{LEVE} e o colocado. Tal gradiência pode ser explicada pelo subprincípio icônico de proximidade, elaborado pela LFCU (Givón, 1984). De acordo com esse princípio, os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática. Além disso, os atributos semânticos e morfológicos do SN que segue o V_{LEVE}, tais como a natureza abstrata, o conteúdo acional, a não referencialidade e a forma no singular também concorrem para a maior integração entre esses dois elementos.

Esses graus de integração variam em um *continuum*, a depender tanto do verbo leve e do SN quanto da sincronia focalizada. Nos dados do século XVIII nem sempre o SN segue imediatamente o verbo, podendo ser separado deste por determinante (artigo, demonstrativo ou possessivo), modificador (adjetivo ou advérbio) e/ou pronome com a função semântico-sintática de recipiente/objeto indireto. Vejamos algumas ocorrências extraídas do *corpus* Tycho Brahe:

- (11) Eu me lembro perfeitamente do último dia semelhante em que ainda tinha Pai perto de mim. Tenho as maiores saudades dessa fortuna.
- (12) É verdade que, fazendo muitas vezes reflexões quanto a esta qualidade de homens, me parecem alguns, e pode ser que sejam todos, daqueles célebres orgulhos que têm o segredo de mascarar o génio natural com o exterior duma indiferente hipocrisia.
- (13) Então, mestre! fala ou não fala? Você já fez o seu depoimento; agora queremos vêr como o ratifica!
- (14) El-rei Ciro, dando lugar no trono a Ápama, esta lhe tirava a coroa da cabeça com uma mão, com a outra dando-lhe bofetadas.

Em (11), o lexema *saudades* está distanciado de *tenho* pelo artigo *as* e o adjetivo *maiores*; em (12), a locução adverbial *muitas vezes* separa *fazendo* de *reflexões*; em (13), entre *fez* e *depoimento* intervêm o artigo *o* e o possessivo *seu*; finalmente, em (14), o OI clítico *lhe* separa *dando* de *bofetadas*. Essas ocorrências indicam que o bloco [V_{LEVE}SN]

ainda não era produzido nem percebido como uma unidade simples, uma sequência de palavras pré-fabricada (Erman; Warren, 2000), ou seja, um *chunk*. A única exceção, nos dados, é o lexema *conta*, que, nos dois séculos examinados, sempre aparece junto ao verbo leve, seja ele *dar*, *fazer* ou *tomar*, demonstrando, dessa maneira, que o *chunk* já estava fixado. Por sua vez, no século XX, o SN se posiciona após o verbo leve, revelando o processo de construcionalização do bloco [V_{LEVE} SN]. Nesse século, a variação que mais se destaca refere-se à presença ou não de determinante (*o*, *um*) antes do substantivo e a possibilidade de flexão de alguns deles, como em:

- (15) Meu filho é muito bonito. Eu tenho o maior medo. Eu mando ele pra escola sozinho, porque não tem como eu pegá ele. Tem ... talvez até dá, dando um jeitinho. (Mineirês)
- (16) Não... eu trabalhava nesse... nesse... nessa Eco-lazer transportando as pessoas que vinha de Campo Grande para Eco-lazer. Então nisso eu ... dava aquela entradinha também ... trabalhei com um grupo que toca lá também. Levava eles, buscava eles. (PEUL)
- (17) Na sua escola, assim, há festinhas? Vocês fazem festinhas? (PEUL)
- (18) Quer dizer então que quando o senhor faz uma fezinha é, Loto. (PEUL)

No século XVIII, ocorreram apenas três amostras de SN flexionado, a exemplo de:

- (19) Que gostinho lhe deram agora estas duas últimas palavras! (Tycho Brahe)
- (20) E assim naõ ponhas por estanque os teus favores: antes affavel, dá-me alguma amostrinha de tua inclinaçao. (Tycho Brahe)
- (21) Conhece Madame Charpel, a quem os males de seu marido ou os que lhe vieram por outras vias têm posto à dependura, e que parecendo a preguiça do Brasil anda sempre fazendo mesurinhas à Serpe, recuando para trás como o caranguejo. (Tycho Brahe)

Vimos que a presença ou não de elementos entre o V_{LEVE} e o SN reflete o grau de integração do *chunk*. Para verificar se houve mudança nos *chunks* do século XX em comparação aos do século XVIII, investiguei a ocorrência de determinante antes do SN nos lexemas dos dois períodos. A Tabela 2 exibe os resultados obtidos para os SN_{NU}, aqueles que seguem imediatamente o V_{LEVE} sem material interveniente, a exemplo de (1) e (5).

Tabela 2 – Quantitativo de SN_{NU} por século e por verbo

SÉCULO	DAR	FAZER	TER	TOMAR	TOTAL
XVIII	237 (50%)	167 (46%)	123 (61%)	35 (43%)	562 (50%)
XX	169 (55%)	143 (54%)	68 (58%)	62 (70%)	442 (57%)

Fonte: elaboração própria

Conforme se pode observar na Tabela 2, à exceção do V_{LEVE} *ter*, o percentual de SN_{NU} aumenta do século XVIII para o XX, o que indica maior integração entre o V_{LEVE} e o SN e, portanto, maior fixação e convencionalização do *chunk*, ou seja, construcionalização. A convencionalização é entendida como a integração de uma inovação em uma tradição de fala ou escrita, tal como evidenciado por materiais textuais (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Assim, uma construção é convencional quando é compartilhada por um grupo expressivo de falantes.

A maior ou menor integração entre V_{LEVE} e SN revela a gradiência do bloco, implicando aspectos da forma, como a inserção de determinante (artigo, possessivo, demonstrativo) antes do “objeto direto”, bem como aspectos da função, envolvendo processos metafóricos e/ou metonímicos⁶. Nesse sentido, as sequências [V_{LEVE} + SN] se distribuem em um *continuum*, determinado pela proximidade entre esses dois elementos. Em oposição ao século XX, a ordenação dos lexemas em relação ao V_{LEVE} tende a ser menos rígida ou mais variável no século XVIII, indicando que os *chunks* ainda não estavam consolidados. Em outras palavras, o processo de mudança – construcionalização – ainda não se completou.

Focalizando as combinações de V_{LEVE} e SN na comparação dos dois períodos, a expectativa de que houvesse menos restrição entre o verbo leve e o tipo semântico de SN em textos do século XVIII do que nos do século XX se confirmou. Contudo, os resultados obtidos não autorizam afirmações conclusivas, uma vez que foram coletados mais dados no século XVIII (1123) do que no século XX (782), conforme a Tabela 1. Novamente, esses números podem estar relacionados à natureza dos *corpora* investigados e aos gêneros discursivos que os compõem. Por sua vez, a frequência do mesmo SN com cada verbo nos dois séculos é bastante desigual. Por exemplo: *gosto* ocorre 28 vezes com *dar* no século XVIII e nenhuma vez no século XX; *favor* tem 30 ocorrências com *fazer* no século XVIII e apenas uma no século XX; *honra* ocorre 33 vezes com *ter* no século XVIII e nenhuma vez no século XX e *banho* não registra nenhuma ocorrência com *tomar* no século XVIII, mas 20 no século XX. Por outro lado, alguns lexemas têm frequência bastante similar: *conta* com

⁶ Esses processos não serão tratados aqui por questões de espaço.

dar (13 e 20); *pergunta com fazer* (7 e 8); *medo com ter* (24 e 18) e *conta com tomar* (10 e 19), em que o primeiro número se refere ao século XVIII e o segundo, ao século XX. É necessário levar em conta que se trata da análise de *corpora* específicos e suas limitações, os quais, evidentemente, não correspondem à totalidade da língua.

6. Motivações discursivo-pragmáticas

Conforme posto na Introdução, alguns linguistas mencionam que os verbos-supórtate e seu complemento (“objeto direto”), apresentam um significado global que, em geral, corresponde ao significado de outro verbo (Neves, 2000; Castilho, 2010; Bagno, 2011).

Outro ponto que recupera o que já foi dito anteriormente diz respeito à possibilidade de substituir o *chunk* por um verbo referencial. Se considerarmos o *chunk* em isolamento, fora do seu contexto discursivo, a sua substituição por um verbo pleno é possível em alguns casos. Assim, *dar apoio* = *apoiar*, *fazer escolha* = *escolher*, *ter acesso* = *acessar*, *tomar banho* = *banhar-se*. Contudo, em muitas situações, o significado do bloco não corresponde ao de outro verbo na língua, a exemplo de *dar licença*, *fazer confusão*, *tomar exemplo* e *ter raiva*. Isso indica que esses blocos são usados para preencher uma lacuna lexical (Neves, 1996; Castilho, 2010; Bagno, 2011), corroborando a não separação absoluta entre léxico e gramática, conforme assumido pela Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Oliveira; Rosário, 2016).

Nesse quadro, a pergunta que se coloca, nos termos de Ilari e Basso (2008), diz respeito ao próprio surgimento da sequência [V_{LEVE} + SN], quando há verbos na língua que transmitem o mesmo significado de tal sequência, o que vai de encontro ao princípio de economia (Jespersen, 1940; Haiman, 1983; Givón, 1985, entre outros). De acordo com a LFCU, se duas formas apresentam conteúdos equivalentes, então elas devem ter funções discursivo-pragmáticas diferentes. Logo, a substituição do *chunk* por um verbo pleno correspondente pode ser barrada pelo próprio contexto de ocorrência deste.

A análise dos dados empíricos atestou que o bloco [Verbo_{LEVE} + SN] desempenha funções discursivo-pragmáticas particulares nos contextos em que é usado (Neves, 2000; Machado Vieira, 2010; Bagno, 2011), como a qualificação (22) e (23) e a intensificação (24) e (25):

- (22) A meu ver, sobram argumentos em favor de que o Brasil dê sinais claros de interesse nessa integração. (CHAVE)

- (23) Redução de eficiência, dificuldade para tomar decisões corriqueiras, fuga de responsabilidade e troca constante de cargos ou empregos têm incidência mais elevada entre executivos com estresse. (CHAVE)
- (24) Intão cumeçô a a dispertá mai aquele dinhêro nu bolsu do que abrí um um caderno pra podê istudá ... Intão meus pais assim minha mãe num fez aquela pressão di fazê o valor dus istudus maior do que o valor di querer já u u dinhêro né (Mineirês)
- (25) A Cielge, uma pequena empreiteira de São Paulo, tinha tanta certeza que seria vencedora em uma licitação da CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz) (CHAVE)

O uso de *dê sinais* em (22) e *tomar decisões* em (23) oportuniza a qualificação do SN (*sinais claros* e *decisões corriqueiras*, respectivamente), e não do evento em si. De modo semelhante, a opção pelo *chunk fazer pressão* em (24) e *ter certeza* em (25) possibilita a intensificação do SN (*aquela pressão* e *tanta certeza*, respectivamente), em vez de intensificar o próprio evento.

Conforme exposto anteriormente com relação às amostras (15-21), o SN após o V_{LEVE} pode expressar um significado especial (diminutivo) que o emprego do verbo pleno correspondente não permitiria:

- (15) Meu filho é muito bonito. Eu tenho o maior medo. Eu mando ele pra escola sozinho, porque não tem como eu pegá ele. Tem ... talvez até dá, dando um jeitinho. (Mineirês)
- (21) Conhece Madame Charpel, a quem os males de seu marido ou os que lhe vieram por outras vias têm posto à dependura, e que parecendo a preguiça do Brasil anda sempre fazendo mesurinhas à Serpe, recuando para trás como o caranguejo. (Tycho Brahe)

Em (15) e (21), o grau diminutivo do SN (*jeitinho* e *mesurinhas*) não alude ao tamanho ou dimensão do jeito ou do comprimento; em vez disso, confere um valor depreciativo (para “menos”) a um estado de coisas considerado negativo (Silva, 2014). Nesse sentido, “dar um jeitinho” designa um modo astucioso de resolver as coisas, em geral burlando as convenções, o famoso e pejorativo “jeitinho brasileiro”.

O *chunk* também pode ser empregado para expressar o valor reiterativo do evento, especialmente quando o SN está flexionado no plural, como em:

- (26) A secretária estadual de Planejamento, Maria Eugênia Rio, disse que o atraso foi provocado pelos feriados bancários do final de 93. O secretário estadual do Trabalho, Roberto Corrêa, acha que o Estado pode compensar o atraso dando descontos em contas de água e luz.

O bloco [V_{LEVE} + SN] pode ainda concorrer para a coesão textual, quando o falante se refere ao SN (*uma facada*, em (27), e *a avaliação*, em (28)) por meio de um pronome relativo que introduz uma oração com o verbo leve, conforme se vê em:

- (27) (O falante começa a mostrá marcas pelo corpo ao falá.) Isso aqui foi foi uma ... uma facada que eu tomei no baile. (Mineirês)
- (28) A boa notícia: a pesquisa, de certa forma, confirma a avaliação que Sarney tem feito de que é o melhor candidato para enfrentar Lula num eventual segundo turno. (Chave)

Por conseguinte, ao empregar a sequência [V_{LEVE} + SN], o falante/escrevente atribui ao texto algum efeito especial, conforme os excertos apresentados anteriormente o demonstram. Em (29), por exemplo, a substituição de eu fiz até algumas tentativas de caminhar por eu até tentei caminhar acarretaria ao período alguma perda no nível semântico-pragmático.

- (29) Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto de caminhar pela manhã pela redondeza, mas é absolutamente impossível, impossível não, é desagradável, não é?

As amostras analisadas revelam que o uso de *dar, fazer, ter* e *tomar* leves + SN, quer haja ou não um verbo pleno correspondente na língua, propicia não apenas o acréscimo de outros elementos (modificadores, intensificadores) ao SN, mas também a atribuição de um significado especial (valor depreciativo e reiterativo) ao evento ou estado de coisas que a oração descreve. Nesse viés, além de um incremento semântico que encarece o significado da sequência formada com o verbo leve, tal sequência desempenha funções discursivo-pragmáticas específicas.

7. Discussão

Orientado pela Linguística Funcional Centrada no Uso, de viés construcionista, este artigo analisou a construção formada com os verbos leves *dar, fazer, ter e tomar* + SN com o objetivo de observar os processos de variação e mudança por que passam esses verbos e seus colocados em duas sincronias – séculos XVIII e XX – com base em instâncias reais de gramática em uso.

Os resultados obtidos podem ser examinados tanto em um eixo horizontal, que dá conta da variação, quanto em um eixo vertical, que contempla a mudança. Os dados analisados possibilitaram a constatação de que a sequência [V_{LEVE} + SN] apresenta variação dentro de cada sincronia (século XVIII e século XX) e entre as sincronias observadas, exemplificando o conceito de camadas ou *layering* (Hopper, 1991), em que novas formas emergem no uso linguístico e passam a competir com outras mais antigas, de sentido aproximado. No eixo horizontal, foi observada, nos dois séculos, variação (i) no número de participantes dos verbos, que alternam entre uma configuração biargumental ou triargumental; (ii) na posição (*slot*) que tais participantes podem ocupar, refletindo o grau de integração entre o verbo e seu “objeto direto”, o que indica gradiência nos padrões estruturais e maleabilidade posicional dos argumentos, estreitamente relacionadas à formação de *chunks*; (iii) nos próprios *chunks* quando se considera cada sincronia. Esses *chunks* que variam estão em sintonia com a ideia de aloconstruções (Capelle, 2006; Furtado da Cunha, 2022), ou seja, realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é não especificada. No século XX, as combinações [Verbo_{LEVE} + SN] são recorrentes no uso discursivo da língua, formando uma unidade de pareamento forma-função – uma construção – relativamente rígida em termos posicionais e lexicais – um *chunk*.

Por seu turno, no eixo diacrônico houve mudanças construcionais em termos de (i) posicionamento pós-verbal do SN em relação ao V_{LEVE} no século XX, o que demonstra maior integração do bloco, com aumento do número de SN_{NU}; (ii) maior restrição entre o V_{LEVE} e o tipo semântico-morfológico de colocado no século XX; (iii) ordenação dos SN que coocorrem com os verbos leves.

Em comum, nos dois séculos o SN tende a ser um substantivo abstrato, derivado de verbo (deverbal ou nominalização) e sua não referencialidade se reflete na ausência de flexão de número na maioria deles. Além disso o uso da sequência [V_{LEVE} + SN] atende a motivações discursivo-pragmáticas, avançando da casualidade do discurso para a regulização gramatical.

Algumas questões permanecem em aberto, tais como:

- (i) A sequência [V_{LEVE} + SN] representa uma única construção ou um conjunto de construções, tendo em vista que o verbo leve pode variar?
- (ii) Que tipos de construção de estrutura argumental – transitiva, ditransitiva e intransitiva – o arranjo [V_{LEVE} + SN] pode codificar?
- (iii) Que *links* relacionais – polissêmicos e metafóricos – estão implicados nos variados usos dos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*?

Essas questões serão abordadas em trabalho futuro.

Referências

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu [m], Typographum, 1540.
- BASILIO, M. M. Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER. In: *Anais do Congresso de Letras da UERJ*. Rio de Janeiro: Botelho Editora, p. 1-19, 2007.
- BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. “Não tomar partido é tomar partido”: chunks e ensino de língua portuguesa. In: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (orgs.). *Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas*. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.
- BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. In: SCHÖNEFELD, Doris. *Constructions all over: Case studies and theoretical implications*, 2006.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAFE, W. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Lingüística*. Volume especial, p. 83-101, 2016.

DU BOIS, J. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-366.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Text-Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 20, n. 1, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Emergência e convencionalização da construção V LEVE (DAR, FAZER) + SN. *Revista do GEL*, v. 19, n. 3, 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1, p. 49-74, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Lingüística*, n. 1, v. 14, p. 48-64, 2018.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012 [1979].

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 187-218.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, p. 781-819, 1983.
- HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*, v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- ILARI, R; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. 2. Campinas: Unicamp, 2008, p. 163-365.
- JESPERSEN, O. *A modern English grammar on historical principles*. London: Allen and Unwin, 1940.
- MACHADO VIEIRA, M. Perífrases verbo-nominais. *Estudos Linguísticos*, v. 1, p. 409-429, 2010.
- NEVES, M. H. de M. Estudo das construções com verbo-suporte. In: KATO, M. (org.). *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1996, p. 119-54.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.
- ÖSTMAN, J-O; FRIED M. (eds.). *Construction grammars: Cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- SILVA, J. R. *O grau em perspectiva*. São Paulo: Cortez, 2014.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].



NOTAS ACERCA DAS RESTRIÇÕES FUNCIONAL E COMPOSICIONAL DE COPULATIVAS ESPECIFICACIONAIS

NOTES ON THE FUNCTIONAL AND COMPOSITIONAL RESTRICTIONS OF SPECIFICATIONAL COPULATIVES

Douglas Alan da Silva | Lattes | douglasalan711@gmail.com
UNICAMP

Resumo: Neste artigo, analisamos sentenças mediadas pelo verbo-cópula ‘ser’ e ladeadas por dois sintagmas determinantes (DPs). Objetivamos descrever copulativas assim estruturadas e classificadas como especificacionais motivando duas restrições suas: especificacionais têm uso restrito e sua primeira posição limita a ocorrência de DPs indefinidos. Na análise, confrontamos copulativas especificacionais a outras copulativas que podem ser ladeadas por DPs, as predicativas, para termos como parâmetro um ambiente sintático em que as restrições não ocorrem. Verificamos o comportamento das copulativas mediante coordenação e justaposição de sentenças, adequação à estrutura ‘x diz sobre DP que...’, pela capacidade de ocorrência do modificador ‘certo’ em sua composição, por pares pergunta-resposta e a partir da classificação de familiaridade discursiva. Concluímos que o valor de referencialidade/especificidade e o ordenamento dos DPs de especificacionais desfavorecem o uso de tais copulativas na função de tópico-comentário. Constatamos que elas são sentenças marcadas, especializadas para contextos em que têm função de pressuposição-foco. Quanto à restrição de composição, concluímos que decorre de o DP pré-verbal ter de ser composto por elementos antigos no discurso, o que se alinha com a constatação de que esse DP veicula uma informação em pressuposição pragmática.

Palavras-chave: Copulativas; Verbo de cópula; Especificacionais; Predicativas; Estrutura Informacional.

Abstract: In this article, we analyze sentences mediated by the copula verb ‘ser’ and flanked by two determiner phrases (DPs). We aim to describe copulatives structured in this way and classified as specificational, motivating two of their restrictions: specificacionals have restricted use and their first position limits the occurrence of indefinite DPs. In the analysis, we compare specificational copulatives to other copulatives that can be flanked by DPs, the predicatives, in order to have as a parameter a syntactic environment

in which the restrictions do not occur. We verify the behavior of the copulatives through coordination and juxtaposition of sentences, adequacy to the structure ‘x says about DP that...’ by the capacity of occurrence of the modifier ‘certo’ in their composition, by question-answer pairs and from the classification of discursive familiarity. We conclude that the value of referentiality/specificity and the ordering of the DPs of specificationals disfavor the use of such copulatives in the topic-comment function. We found that they are marked sentences, specialized for contexts in which they have a presupposition-focus function. As for the composition restriction, we concluded that it arises from the fact that the pre-verbal DP must be composed of old elements in the discourse, which is in line with the finding that this DP conveys information in pragmatic presupposition.

Keywords: Copulatives; Copula verb; Specificationals; Predicatives; Informational Structure.

1. Introdução

Neste artigo, descrevemos sentenças como (1), mediadas pelo verbo-cópula ‘ser’, cujos constituintes pré- e pós-verbal são sintagmas determinantes (DPs):

(1) O culpado é o Pedro.

A sentença (1) é classificada como especificacional, pois o primeiro DP estabelece o domínio do indivíduo que possui a propriedade de ser ‘o culpado’, para que o segundo DP especifique que o membro desse domínio é o referente de ‘o Pedro’¹.

Especificacionais apresentam duas restrições de interesse aqui. Uma é referida como leitura de foco fixo, exemplificada por (2) em contraste a (3). Nesses exemplos, notamos uma especialização, de modo que a especificacional só é lícita no contexto em que o foco (em versálete) ocorre no segundo DP.

(2) O QUE o Pedro é nesse caso policial?

#O CULPADO é o Pedro.

¹ A classificação especificacional aparece no trabalho de Higgins (1979) no âmbito gerativista, sendo a perspectiva trazida para a discussão dessas sentenças a de autores dessa linha. Contudo, ao entendermos que a estrutura informacional (EI) compõe a gramática do falante, utilizaremos para a reflexão desta ordem a pragmática discursiva, em vez da conversacional, pois aquela parte do que é delimitado pela manifestação formal para averiguar o pareamento com noções discursivas (Lambrecht, 1994). Para tanto, dados introspectivos serão fornecidos, especialmente quando advindos das reflexões sintáticas e semânticas, mas utilizaremos para a análise da EI dados pautados no uso real coletados da rede social X.

(3) QUEM é o culpado nesse caso policial?

O culpado é O PEDRO.

A outra restrição é composicional. Alguns indefinidos parecem barrados da primeira posição de especificacionais, como vê-se por (4):

(4) #Um professor é o Alan².

Objetivamos descrever essas sentenças delimitando motivos para as duas restrições observadas. Mais precisamente, objetivamos: (i) descrever os valores de referencialidade e especificidade presentes nessas copulativas; (ii) descrever preliminarmente os valores dos DPs que as compõem considerando noções como pressuposição, tópico, foco e informação antiga e nova; (iii) verificar como os comportamentos descritos nas etapas anteriores associam-se à leitura fixa das especificacionais; e (iv) identificar quais deles relacionam-se à restrição composicional operante nessas copulativas.

Para motivarmos a restrição de uso, voltamos o olhar ao contexto delimitado pela pergunta à qual a especificacional não é uma resposta adequada. Verificamos qual é a função pragmática que essa pergunta delimita e as características que faltam em especificacionais, impedindo-as como respostas possíveis nesse contexto. Para tanto, aplicamos as formas de delimitar funções pragmáticas vistas em Reinhart (1981) e Lambrecht (1994). Este é mobilizado por adotar pares pergunta-resposta como abordagem analítica e Reinhart (1981), por propor o uso da estrutura ‘x diz sobre DP que...’ para determinar a função pragmática dos sintagmas de uma sentença e a referencialidade ou especificidade associada. Determinamos a referencialidade dos DPs também mediante coordenação e justaposição de sentenças.

Para a segunda restrição, há já duas motivações diretamente voltadas às especificacionais e que não são complementares (Comorovski, 2008; Heycock, 2012; Milway, 2016). Uma perspectiva comprehende que apenas DPs indefinidos fortes/específicos podem estar na primeira posição dessas sentenças. Além de aferirmos a especificidade dos DPs pela sua adequação à estrutura ‘x diz sobre DP que...’, faremos isso testando a ocorrência do modificador ‘certo’ na composição de especificacionais. A outra perspectiva comprehende que DPs indefinidos na posição pré-verbal de especificacionais devem ter

² A noção de contraste com uma informação anteriormente apresentada, sob a qual talvez sentenças como esta seriam possíveis, não está no escopo da discussão, que investiga a leitura pragmática sem contraste para a formação de especificacionais.

uma âncora discursiva em sua composição. Para investigar essa justificativa, partimos da classificação de familiaridade de Prince (1981).

Quando relevante, confrontamos especificacionais com outras copulativas, as predicativas, para termos um parâmetro quanto ao que se esperaria no caso de não ocorrerem as restrições.

Esse percurso será realizado da seguinte forma. Na seção 2, caracterizamos as copulativas. Na seção 3, apresentamos a perspectiva relacional da estrutura informacional e os modos de delimitar comportamentos funcionais por ela. Na seção 4, evidenciamos a marcação de referencialidade/especificidade das copulativas, descrevemos preliminarmente os seus usos, bem como a propriedade dos DPs de especificacionais pela classificação de familiaridade discursiva. Na seção 5, trazemos as considerações finais.

2. Breve caracterização das copulativas

Partindo de Higgins (1979), podemos destacar os seguintes tipos de copulativas relevantes para a nossa análise:

- (5) A funcionária que mais se destaca na equipe é a Bia. *especificacional*
- (6) A Bia é a funcionária que mais se destaca na equipe. *predicativa*

Em (5), está o nosso objeto de estudo, de estrutura DP-ser-DP (isto é, mediado pelo verbo ‘ser’ e ladeado por dois DPs) e com leitura especificacional. Por essa leitura, o primeiro DP deve fazer a delimitação de um domínio e, após a cópula, o segundo DP deve especificar um membro desse domínio instanciado (Higgins, 1979, p. 213). (5) é uma especificacional, pois estabelece que, no domínio do indivíduo que possui a propriedade de ser ‘a funcionária que mais se destaca na equipe’, encontra-se o referente de ‘a Bia’.

A copulativa em (6), que também exibe a estrutura DP-ser-DP, será mobilizada para comparação e contraste com especificacionais. Pela leitura predicativa, diz-se do referente do primeiro DP que ele tem certa propriedade, denotada pelo segundo DP (Higgins, 1979; Mikkelsen, 2005). Sob leitura predicativa, a copulativa em (6) estabelece que, ao referente representado pelo DP ‘a Bia’, pode ser atribuída a propriedade de ser ‘a funcionária que mais se destaca na equipe’³. Em outras palavras, ‘Bia’ é incluída no domínio do portador da propriedade ‘a funcionária que mais se destaca na equipe’.

³ A estrutura DP-ser-DP de predicativas será a utilizada para confronto de comportamentos quanto ao uso na seção 4, mas elas também podem apresentar em sua segunda posição sintagmas adjetivais, ou mesmo nominais não acompanhados por artigo: (i) A Bia é excepcional; (ii) a Bia é esperta. Esses casos serão relevantes na discussão sobre referencialidade e especificidade da seção 4.

A partir de Mikkelsen (2005), assumimos que a cópula dessas sentenças não possui carga lexical e que a marcação de referencialidade dos DPs definidos delas é a seguinte:

Quadro 1 - Referencialidade dos constituintes de predicativas e especificacionais

Copulativa	DP pré-verbal	DP pós-verbal
Predicativa	Referencial (<e>)	Não referencial (<e,t>)
Especificacional	Não referencial (<e,t>)	Referencial (<e>)

Fonte: o autor, com base em Mikkelsen (2005).

No Quadro 1, há um valor controverso na literatura, aquele do DP pré-verbal de especificacionais, o qual alguns autores entendem contrariamente como referencial (<e>). Não apresentaremos a argumentação para cada acepção aqui (cf. Moro, 1997; Heycock, 1995, 2012; Heycock; Kroch, 1998, 1999, 2002; Den Dikken, 1994; Mikkelsen, 2005, 2011), mas a perspectiva assumida, de que esse DP é não referencial, será motivada na seção 4.1.

Ao observar o Quadro 1 desconsiderando a ordem dos constituintes, notamos que os DPs de especificacionais têm os mesmos valores semânticos que os DPs de predicativas: cada uma tem um DP referencial, bem como um DP não referencial que denota propriedade e, como tal, não representa um indivíduo por si só. Contudo, considerando a ordem dos constituintes, notamos que a disposição dos valores dos DPs de especificacionais é inversa em comparação à dos valores dos DPs de predicativas.

Nesse sentido, compreendemos que predicativas e especificacionais são sentenças equivalentes em sua semântica, que diferem em termos do ordenamento de seus DPs (cf. Den Dikken, 1994; Heycock, 1995; Moro, 1997; Mikkelsen, 2005, 2011). Retomando os exemplos (5) e (6), essa associação fica mais clara quando notamos que os DPs que compõem a predicativa são também os mesmos da especificacional e que ambas se diferem pelo ordenamento desses DPs.

Vimos no Quadro 1 valores de referencialidade para DPs definidos das copulativas com base em Mikkelsen (2005). Por outro lado, um DP pode também ser indefinido. Indefinidos podem ou não veicular a leitura de que um referente específico está sendo representado. Nesse sentido, uma extensão esperada do Quadro 1 seria: os valores referenciais seriam específicos quando do uso de um DP indefinido, e os não referenciais seriam não específicos. Como ocorre com o DP pré-verbal definido, o valor do DP pré-verbal indefinido é fruto de debate (cf. Comorovski, 2008; Heycock, 2012; Milway, 2016). A perspectiva aqui assumida, de que esse DP é não específico, será motivada na seção 4.2. Por ora, consideremos as leituras mencionadas para DPs indefinidos nas posições pré- e pós-verbal das especificacionais a serem exemplificadas na seção seguinte.

2.1 Composições consideradas para os DPs

Algumas composições de DP serão relevantes, em particular a composição que combina um artigo definido ou indefinido a um nome comum e a composição em que ocorre um nome próprio (com um artigo definido⁴). Na distribuição dessas características quanto aos DPs das copulativas, há pelo menos duas restrições composticionais, exemplificadas nesta subseção e sintetizadas no Quadro 2, ao fim dela.

A primeira é que um DP composto por nome próprio não pode ocorrer como o constituinte final de predicativas ou como o inicial de especificacionais⁵:

- (7) #A Íris é [a Paula]. *predicativa*
(8) #[A Paula] é a Íris. *especificacional*

Essas posições são destinadas a DPs que denotam propriedade, o que restringe DPs compostos por nomes próprios, que são por padrão referenciais. Apenas o primeiro DP de predicativas e o segundo DP de especificacionais compõem-se por nome próprio.

Ambos os DPs de cada copulativa podem ter um nome comum acompanhado de um artigo definido ou indefinido:

- (9) a. Uma funcionária habilidosa do RH é a melhor adição à equipe.
b. A moça simpática, a Bia, é uma funcionária que resolve conflitos. *predicativas*
- (10) a. Uma funcionária que resolve conflitos é a moça simpática, a Bia.
b. A melhor adição à equipe é uma funcionária habilidosa do RH. *especificacionais*

No entanto, encontramos a segunda restrição composticional quando alguns sintagmas indefinidos com nome comum ladeiam predicativas (cf. (11)), mas ocorrem apenas na posição pós-verbal de especificacionais (cf. (12a) vs (12b))⁶:

⁴ Não daremos relevância à presença ou ausência do artigo definido junto a nome próprio. Entendemos que nomes próprios já são definidos, sendo o uso do artigo junto a eles um emprego dialetal.

⁵ (7) e (8) seriam lícitas pela leitura que identifica que um indivíduo pode ser referido por dois nomes próprios diferentes ('Paula' ou 'Íris'). Essa, contudo, não é uma leitura de predicativas ou especificacionais.

⁶ Em (11a) e (12b), o DP 'uma recrutadora' é lido como específico/forte. O uso de 'certo' ajuda a captar essa leitura: 'uma certa recrutadora é a melhor adição do RH até o momento'/ 'a melhor adição do RH até o momento é uma certa recrutadora'.

(11) a. [Uma recrutadora] é a melhor adição do RH até o momento.

b. A Bia é [uma recrutadora].

predicativas

(12) a. # [Uma recrutadora] é a Bia.

b. A melhor adição do RH até o momento é [uma recrutadora].

especificacionais

O motivo dessa segunda restrição será discutido em 4.4. Constataremos que, para indefinidos, é pertinente se eles coocorrem com outros modificadores do nominal quando compõem o primeiro DP de especificacionais.

No quadro a seguir, apresentamos uma síntese das possíveis composições, com a numeração de pelo menos um de seus exemplos (NPr, NC e OMs são siglas para nome próprio, nome comum e outros modificadores do nominal, respectivamente).

Quadro 2 – Permissibilidade de algumas composições para os DPs de copulativas

Parâmetro	Predicativa		Especificacional	
	1º DP	2º DP	1º DP	2º DP
NPr	Permitido (11b)	Não permitido (7)	Não permitido (8)	Permitido (12a)
Artigo indefinido, NC, sem OMs	Permitido (11a)	Permitido (11b)	Não permitido (12a)	Permitido (12b)
Artigo indefinido, NC com OMs	Permitido (9a)	Permitido (9b)	Permitido (10a)	Permitido (10b)
Artigo definido e NC	Permitido (9b)	Permitido (9a)	Permitido (10b)	Permitido (10a)

Fonte: o autor.

3. **Background: perspectiva relacional da estrutura informacional**

Nesta seção, apresentamos meios de averiguar funções pragmáticas, bem como listamos comportamentos sintáticos e semânticos, a saber, ordem, referencialidade e especificidade, relacionáveis a essas funções. Tal apresentação servirá de base para a análise descritiva das copulativas na seção 4.

3.1 Perspectiva relacional: pressuposição e tópico, asserção e comentário

Para Lambrecht (1994), proposições pragmáticas são representações conceituais de um estado de coisas ou situações, estruturadas de acordo com o estado mental dos falantes em dado contexto. Por partir da assunção de falantes, a proposição pragmática

não equivale à proposição lógica, que parte de um conjunto de sentenças para verificar as suas condições de verdade.

A formação de uma proposição pragmática é resultado das assunções do falante acerca do que é de conhecimento do ouvinte e do que não é. Isso pois, em comunicação, o falante visa influenciar o estado de conhecimento do ouvinte e, para tanto, deve assumir que este último já possui uma representação conceitual do mundo, composta pelo conjunto de proposições que ele conhece ou considera como certas.

Para organizar a articulação da informação em uma proposição, Lambrecht (1994) apresenta os conceitos de pressuposição pragmática e asserção pragmática. A pressuposição e a asserção são as partes correspondentes às assunções do falante em relação ao estado de conhecimento do ouvinte. A pressuposição pragmática corresponde à parte da proposição que o falante assume ser sabida pelo ouvinte, enquanto a asserção pragmática corresponde à parte que ele assume não ser sabida pelo ouvinte.

Segundo Lambrecht (1994), apesar de poderem ser conceituadas independentemente, as noções de tópico, comentário e foco são relacionadas às noções de pressuposição e asserção da proposição pragmática. Antes de atestarmos essa relação pelo exemplo (13) a seguir, consideremos a conceituação.

Quando uma entidade é assumida como o tema de interesse na comunicação, ela é conceituada como tópico. Para que os participantes da comunicação elejam essa entidade como tema de interesse, ou tópico, é necessário que ela esteja em pressuposição, já inserida no conjunto de proposições assumidas por ambos.

Como a referida entidade é tema de interesse, espera-se que o conhecimento acerca dela seja expandido. A parte da informação que diz sobre essa entidade é conceituada como comentário e será a asserção da proposição pragmática, em vista de conter uma informação não compartilhada entre os participantes da comunicação.

Além da definição de que o foco tendencialmente recebe o pico acentual na materialização de uma sentença, Lambrecht (1994) define o foco pela proposição, como o elemento informativo central da asserção. No caso da relação tópico-comentário, o foco é viabilizado pelo comentário, que é informativo por expandir o conhecimento sobre um tema de interesse.

Vejamos como isso ocorre mediante a relação pergunta-resposta a seguir, de Lambrecht (1994, p. 121, (4.2a)):

(13) What did the children do next?

The children went to SCHOOL.

‘O que as crianças fizeram depois?’

As crianças foram para a ESCOLA’

Perguntas como aquela em (13) delimitam uma resposta com leitura de tópico-comentário, pois estabelecem uma entidade (*the children*) e requerem uma informação sobre ela (*What did the children do next?*). Em resposta, o predicado verbal *went to school* corresponde à informação requerida sobre a entidade *the children* e, por expandir o conhecimento sobre tal entidade, esse predicado apresenta-se como o comentário da sentença-resposta. Para essa expansão, é necessário que algo não sabido seja apresentado, ou seja, o comentário *went to school* relaciona-se à asserção da proposição. Nessa sentença, o predicado equivale também ao foco, como o pico acentual dentro dele, em *school*, reforça.

Por outro lado, evidencia-se o tema de interesse/tópico quando a pergunta requer uma informação *sobre* uma entidade e a resposta apresenta uma informação ainda não assumida *acerca* dessa entidade. Em (13), o DP *the children* representa tal entidade, que, por ser assumida como interesse da comunicação, é uma informação em pressuposição pragmática.

Para Reinhart (1981), o tópico cumpre um papel organizacional em relação à proposição. Segundo a autora, quando uma entidade é inserida no discurso por um nominal e selecionada como tema de interesse, ela estabelece-se como um tópico. Como princípio de organização, o tópico põe uma nova proposição em uma relação de proposições atreladas à entidade tema de interesse. Em analogia, a autora aponta que um tópico funciona como a entrada de um catálogo de assuntos sob a qual informações relativas são armazenadas.

Reinhart (1981) apresenta uma outra forma de delimitar se um DP em certa sentença tem a capacidade de ser seu tópico. Essa consiste em colocar tal DP em uma estrutura como *x say of/about DP that...*⁷ (“x diz do/sobre DP que...”). Por consequência, a parte que diz sobre esse DP vem após o item *that* (“que”) da estrutura. Reinhart (1981) faz a aplicação com parte do excerto de (14), analisando se *the book* (“o livro”) é seu tópico, o que é possível concluir afirmativamente pela coerência de (15):

(14) [...] As for this book, many more people are familiar with its catchy title
then are acquainted with its turgid text.

‘[...] Quanto a esse livro, muito mais pessoas estão familiarizadas com
seu título cativante do que com seu texto empolado’

⁷ A autora usa o rótulo NP, de sintagma nominal.

- (15) He said about/of the book that many more people are familiar with its catchy title than are acquainted with its turgid text.

‘Ele disse sobre o/do livro que muito mais pessoas estão familiarizadas com seu título cativante do que com seu texto empolado’

(Reinhart, 1981, p. 64-65, (16) e (17))

Mediante tal exposição, pudemos notar que o tópico e sua contraparte, o comentário/foco, relacionam-se à formação da proposição que uma sentença apresenta. Também reportamos duas formas de delimitar o elemento tópico de uma sentença e o comentário sobre ele.

Lambrecht (1994), porém, não considera que toda relação funcional tenha um tema de interesse, ou tópico tematizador, como Reinhart (1981) faz. Nesse sentido, sobre a função de tópico, o autor traz uma nuance ao dizer que a pressuposição está relacionada a ela, mas que essas não são equivalentes, pois há sentenças com pressuposição pragmática desprovidas de um tópico (tematizador).

Na seção a seguir, abordaremos qual alinhamento sintagmático e quais leituras semânticas são previstos para sentenças que têm a função tópico-comentário, bem como apresentaremos outra função para contraste com essa, a de foco-pressuposição. Pelo contraste, verificaremos que a pressuposição não corresponde ao tópico e o elemento foco não mais ocorrerá mediante um comentário.

3.2 Perspectiva relacional: (des)associações sintática e interpretativa

Apesar de Reinhart (1981) enfatizar que o critério determinante para se depreender um tópico advinha da noção de temacidade, a autora sinaliza que o DP tópico é sensível a tendências de outras ordens. Uma de ordem sintática é a de que nominais em posição inicial de línguas SV(O) tendem a ser assinalados para tópico.

Lambrecht (1994) corrobora tal percepção. No entanto, como evidencia o autor, por ser uma tendência e não uma obrigatoriedade, o primeiro elemento de uma sentença pode ser o foco, como acontece em (16):

- (16) Who went to school?

The CHILDREN went to school.

‘Quem foi para a escola?’

As CRIANÇAS foram para a escola’ (Lambrecht, 1994, p. 121, (4.2b))

Em (16), a pergunta não estabelece uma entidade e não requer algo sobre ela. A pergunta requer uma identidade (*who [...]*) e traz uma informação que se assume ser compartilhada (*[... went to school]*), pois é a partir dela que uma entidade pode ser identificada (*the children*). Assim sendo, há uma informação em pressuposição, a do predicado *went to school*, mas não há um tópico, pois não se sabe a princípio quem realizou tal ação. Essa identidade não sabida é informada pelo argumento sujeito *the children* da declarativa. Esse argumento é o foco da sentença, pois, além de receber o pico acentual, é informativo ao trazer a identidade requisitada. O foco na resposta em (16) é denominado identificacional, ou foco no argumento.

Um outro ponto em relação à sentença-resposta de (16) é que ela é sintaticamente a mesma sentença-resposta de (13). Isso evidencia que a informação de uma sentença não é intrínseca a formas léxico-gramaticais, ainda que viabilizada por elas. Para abrange casos assim, Lambrecht (1994) traz o conceito de marcação. Segundo o autor, certas sentenças, como a sentença-resposta em (13) e (16), podem ser caracterizadas como não marcadas, por poderem estar em diferentes contextos, recebendo em cada um desses leituras funcionais distintas.

Para Lambrecht (1994), apesar de haver mais de uma possibilidade de leitura funcional, as sentenças não marcadas completas (isto é, com dois argumentos em volta do verbo) recebem uma interpretação funcional por *default* quando lidas sem pista prosódica ou contextual, que é a de tópico-comentário. Nesse sentido, se fôssemos apresentados a *the children went to school* sem essas pistas, tenderíamos a colocar o pico prosódico (geralmente associado ao foco) sobre o último argumento e a compreender o primeiro DP, o sujeito da sentença, como o tópico da estrutura. Ou seja, a sentença mencionada seria interpretada por *default* sob a leitura que ela possui em (13), de tópico-comentário.

O autor aponta que os termos oracionais sujeito e predicado equivalem respetivamente às funções tópico e comentário na maior parte dos casos. De acordo com Lambrecht (1994), uma vez que a maioria dos predicadores tem pelo menos um sujeito, mas não necessariamente um complemento objeto, é necessariamente também o argumento sujeito que será identificado com o papel pragmático de tópico (Lambrecht, 1994, p. 132).

Essa relação é forte a ponto de não ser aceita uma ordem diferenciada, em que o sujeito é o foco (no comentário) e o objeto é o tópico (tematizador): “many predicates require the subject to be a preverbal topic and the object a postverbal focus constituent, but there are no predicates which require the reverse situation”⁸ (Lambrecht, 1994, p. 18).

⁸ “Muitos predicados exigem que o sujeito seja um tópico pré-verbal e o objeto, o constituinte com foco pós-verbal, mas não há predicados que exijam a situação inversa” (tradução nossa).

Apesar dessa restrição, o foco do tipo identificacional pode estar no sujeito, e o predicado pode estar em pressuposição, sem necessariamente ser o tópico da sentença, como podemos depreender do exemplo (16).

Além do critério sintático discutido, representado em (i), Reinhart (1981) sinaliza que o DP tópico é sensível às condições em (ii), (iii) (que abordaremos da perspectiva semântica e que podem ser verificadas pelo teste da autora anteriormente apresentado) e (iv), que descarta uma determinação de ordem informacional:

- (i) nominais em posição de sujeito (em particular, a primeira em línguas SVO) tendem a ser assinalados para tópico;
- (ii) nominais são eleitos como tópico se forem referenciais;
- (iii) nominais indefinidos são eleitos como tópico se forem específicos;
- (iv) nominais não podem ser eleitos como tópico apenas de acordo com o seu *status* de antigo no discurso.

A seguir, analisaremos as copulativas anteriormente apresentadas, partindo desses itens listados como temas de discussão das seções, bem como dos testes apresentados anteriormente, a fim de delimitar as propriedades e funções discursivas de especificacionais, em confronto com as de predicativas quando relevante.

4 Acerca da interpretação das copulativas sob análise

Nesta seção, o ponto de partida serão os itens listados anteriormente, a serem tomados como comportamentos esperados das copulativas em investigação. Descreveremos não somente relações, mas também contrastes entre o comportamento real das copulativas e o esperado, para chegarmos às propriedades: semântica (seções 4.1 e 4.2), sintática e pragmática (seções 4.3 e 4.4) de especificacionais.

4.1 A referencialidade como indicador de tópico

Avelar (2004, p. 192, (33)) traz alguns exemplos em que as sentenças de uma coordenação são legíveis como especificacionais. Neles, o primeiro DP da sentença inicial é retomado por um pronome na posição de sujeito da segunda sentença:

- (17) a. ?O seu melhor amigo é hoje o João, mas há três anos atrás ele era o Pedro.
b. *?O Ministro da Fazenda é hoje o Palocci, mas ele era o Armínio Fraga no governo FHC.

- c. *O regente brasileiro na segunda metade do século XIX era D. Pedro II, mas ele foi o Padre Antônio Feijó quando o imperador era ainda menor.

Pelos exemplos acima, o autor aponta que a realização do pronome traz uma interpretação argumental (comumente referencial) para o primeiro DP da especificacional, o que repercute em sua malformação, dado que o primeiro DP de especificacionais seria um predicado (não referencial).

Em movimento semelhante, notamos que a necessidade de omissão do pronome em configurações como as que seguem, em contraponto à sua realização, sugere uma leitura não referencial do primeiro DP de especificacionais no PB (a seguir, *ec* representa uma categoria não pronunciada):

- (18) a. O apresentador do jornal da noite não foi o João, *?ele/*ec* foi o Carlos.
b. A garota que causou problema não foi a Maria, *?ela/*ec* foi a Jane.
c. O presidente da comissão de evento não foi o Paulo, *?ele/*ec* foi o Pedro.

Nesses exemplos, a negação auxilia a evidenciar que o primeiro DP de especificacionais é não referencial. Ela nega haver um indivíduo associado ao primeiro DP e isso o faz permanecer no seu estado de domínio sem membro especificado. O conflito ocorre quando esse DP é ligado ao pronome da segunda oração, que, nessa configuração, traz a leitura de que um indivíduo está sendo referido por ambos. Como é papel apenas do segundo DP de especificacionais representar um indivíduo, o conflito é causado. O mesmo caso não acontece quando da omissão do pronome.

Ainda, pode ser feito um contraste com as sentenças a seguir, nas quais o segundo sintagma daquelas em (18) foi substituído por um comum a predicativas. Por ser mais provável nesta composição que o DP descriptivo na posição de sujeito seja referencial, notamos que tal DP permite ser retomado por um pronome na sentença seguinte sem problemas:

- (19) a. O apresentador do telejornal da manhã não foi descuidado, ele foi mal-intencionado.

- b. A garota que causou problema não foi desatenta, ela foi bem esperta.
- c. O presidente da comissão de evento não foi maldoso, ele foi desatencioso.

Podemos finalizar com a concretização da malformação de especificacionais pelo teste que Reinhart (1981) aconselha:

- (20) a. O médico que está de plantão hoje à noite é essencial para o hospital.
 - b. A Maria disse sobre o médico que está de plantão hoje à noite que ele é essencial para o hospital.
-
- (21) a. O médico que está de plantão hoje à noite é o Paulo.
 - b. ?A Maria disse sobre o médico que está de plantão hoje à noite que ele é o Paulo.

Sobre o exemplo (20a), em que temos uma predicativa, a aplicação do teste é bem realizada, como vemos em (20b), em contraste com a especificacional em (21a), que é lida estranhamente sob o teste em (21b), confirmando a inadequação de especificacionais a uma leitura de tópico-comentário, pela qual o primeiro DP seria tendencialmente lido como referencial, segundo Reinhart (1981).

4.2 A especificidade como indicador de tópico

Considerando os sintagmas indefinidos, Heycock (2012) aponta que o tipo barrado da posição de sujeito de sentenças predicativas, cf. (22a), é o mesmo tipo barrado da posição de sujeito de (pseudoclivadas) especificacionais, cf. (23a):

- (22) I had been struggling with a complicated set of data...
 ‘Eu tenho sofrido com um conjunto complicado de dados...’
 - a. ?*A problem was particularly hard.
 b. One problem was particularly hard.
 ‘Um problema foi particularmente difícil’
-
- (23) a. ?*A problem was that we didn’t understand all the parameters.
 b. One problem was that we didn’t understand all the parameters.
 ‘Um problema foi que nós não entendemos todos os parâmetros’
- (Heycock, 2012, p. 219, (34) e (35))

Citando Milsark (1974), a autora aponta que essa incapacidade de ocorrer como sujeito de predicativas é comum aos indefinidos fracos (ou não específicos), de modo que os indefinidos que podem ocorrer como sujeito dessas sentenças são, por contraste, indefinidos fortes (ou específicos), como vemos em (22b) e (23b).

Em contrapartida, Milway (2016) nota que essa percepção da autora é problemática pelo fato de tais conceitos, forte e fraco, não serem sempre determinados pela lexicalização dos DPs, como Heycock (2012) parece entendê-los, mas sim pela interpretação desses. Ao contrário da proposta de Heycock (2012), Milway (2016) defende que são os sintagmas fortes os barrados da posição de sujeito de especificacionais, sendo permitidos, em verdade, os fracos. Comorovski (2008) corrobora essa percepção utilizando um teste alternativo. Segundo essa autora, a ocorrência do modificador *certain* (“certo”) no DP indefinido traz a ele uma leitura específica. A partir disso, Comorovski (2008) aponta para a malformação de especificacionais quando tal modificador ocorre no primeiro DP, indicando que esse não pode ser específico/forte.

Considerando o PB em meio a tal discussão, como temos para *one* e *a* a mesma forma gramatical, ‘um’, não dispomos de uma morfologia distinta para julgarmos se DPs próximos aos que Heycock (2012) utiliza podem ser fracos ou fortes, como sugere Milway (2016). Por outro lado, utilizando o modificador ‘certo’ no DP indefinido, podemos notar que, em sentenças predicativas, o sujeito sendo um indefinido específico/forte como prevê Heycock (2012) não traz problemas à leitura:

- (24) Eu estou tendo dificuldade com um conjunto de dados...
- Um certo problema foi difícil de resolver.
 - Um certo problema que encontrei foi difícil de resolver.

Em contraste, esses mesmos indefinidos, lidos como específicos pelo uso do modificador ‘certo’, são ruins na primeira posição das sentenças especificacionais do PB, diferentemente da previsão de Heycock (2012) para tais sentenças:

- (25) a. Um (#certo) problema que tive hoje foi a discussão com meu irmão.
b. Uma (#certa) aluna esforçada do quinto ano é a Maria.

Esse teste distancia novamente uma leitura tópico-comentário para especificacionais, de acordo com a relação estabelecida em Reinhart (1981). Em reforço, podemos

notar que, em contraste aos exemplos com sentenças predicativas, especificacionais com um primeiro DP indefinido soam estranhas quando consideradas sob o teste sugerido em Reinhart (1981):

- (26) a. Um médico que está de plantão hoje à noite é essencial para o hospital.
b. A Maria disse sobre um médico que está de plantão hoje à noite que ele é essencial para o hospital.

- (27) a. Um médico que está de plantão hoje à noite é o Paulo.
b. ?A Maria disse sobre um médico que está de plantão hoje à noite que ele é o Paulo.

Pelos resultados, somos levados à conclusão de que o primeiro DP de especificacionais, quando indefinido, deve ser fraco/não específico, ao contrário do sujeito de predicativas, que pode ser forte/específico.

4.3 Da primeira posição sintática em relação à leitura de tópico

Podemos iniciar a presente análise pelo desempenho das copulativas predicativa e especificacional sob a função pragmática de tópico-comentário. Tal função pode ser desencadeada nas sentenças por meio da relação pergunta-resposta a seguir, adaptada de um caso real de uso (em que Big Bang é o nome de uma banda)^{9,10}:

- (28) O QUE é o Big Bang?
a. O Big Bang são OS REIS DO K-POP. *predicativa*
b. #OS REIS DO K-POP são o Big Bang. *especificacional*

Em (28), pelo uso do sintagma ‘o que’, uma propriedade é requisitada. Na declarativa, o constituinte que responde a tal sintagma serve para expandir o conhecimento acerca da entidade (banda ‘Big Bang’) mencionada na pergunta, determinando tal entidade como o tema de interesse entre os participantes.

⁹ Usuário do X. “O Kang perguntando **o que é o Big Bang** (a teoria) e Moo falando que [o Big Bang] são os reis do kpop. Eu morro com esses dois kkkkkkkkkk”. 2024. Post do X, grifos nossos. Há aqui o desencontro das entidades, mas, para nossa análise, o relevante é que há a intenção de estabelecer uma mesma entidade como tópico entre os participantes a fim da progressão do diálogo. Por isso, no caso do nosso exemplo, consideramos o enquadramento da mesma entidade, a banda.

¹⁰ Por simplicidade, utilizamos versatele neste e nos demais exemplos para destacar o DP equivalente ao foco da sentença como um todo, não apenas à porção dele com pico acentual.

Pelas declarativas dos exemplos, notamos que a predicativa em (28a) é lícita sob a função de tópico-comentário, mas a especificacional em (28b) não é. Nas declarativas em (28), encontramos uma composição próxima às sentenças ditas completas por Lambrecht (1994), pois há dois sintagmas realizados à margem do verbo à semelhança de sentenças SVO. Contudo, entre essas declarativas, apenas na especificacional em (28b) o sintagma sobre o qual o pico acentual recai não é o final, prejudicando a leitura de tópico-comentário da sentença. Associando foco com pico acentual, o foco em (28b) recairia no primeiro DP dessa copulativa, o que não a permite ser lida como tópico-comentário, estendendo a esses dados a generalização de Lambrecht (1994): não há uma relação na qual o elemento pré-verbal equivale ao foco no comentário e o pós-verbal, ao tópico tematizador.

Pelo que constatamos nas seções 4.1 e 4.2, sobre a referencialidade/especificidade do primeiro DP de especificacionais e predicativas, era de se esperar diferenças relativas a essas copulativas sob a função de tópico-comentário. Como vimos, Reinhart (1981) define que, para ser lido como tópico tematizador, o DP sujeito deve ser referencial ou específico. Pela perspectiva semântica, sendo o primeiro DP em especificacionais não referencial/não específico, não surpreende que tal copulativa seja repelida da função em que o primeiro DP é o tópico tematizador, enquanto predicativas, que podem ter um primeiro DP referencial/específico, sejam bem-formadas nela.

Nesse sentido, a ordem sintática diferenciada entre essas copulativas, que repercute no alinhamento diferente de referencialidade dos DPs de cada uma, pode ser o que impede a boa-formação da sentença especificacional sob a função pragmática delimitada por (28), pois tal ordenamento requereria a possibilidade de uma marcação pragmática na ordem em que o comentário precede o tópico.

A seguir, consideremos outro dado adaptado de um caso real de uso, no qual, em um contexto diferente, predicativas e especificacionais podem coocorrer¹¹:

(29) QUEM são as fofoqueiras?

- a. ELAS são as fofoqueiras. predicativa
- b. As fofoqueiras são ELAS. especificacional

Na pergunta em (29), o sintagma-qu ‘quem’ requer que uma identidade seja identificada a partir da propriedade ‘as fofoqueiras’. Assim, estabelece-se a pressuposição de

¹¹ Usuário do X. “As fofoqueiras são elas kkkkkkkkkk [a seguir no *post*, há um vídeo de Juliette e Sarah, ex-BBBS]”. 2021. Post do X (© 2024).

que alguém pode ser identificado a partir da propriedade ‘as fofoqueiras’. Na sentença-resposta, o foco equivale ao DP ‘elas’ (referente a duas ex-BBBs), pois traz a identidade requisitada e, portanto, não compartilhada na comunicação. Sob tal contexto, notamos que, como tópico e pressuposição não se equivalem, o primeiro DP de especificacionais, ainda que não referencial, pode apresentar-se como a informação em pressuposição, e o foco pode recair na posição final da sentença, mas sendo ele do tipo foco identificacional/no argumento.

Em vista do exemplo (29), é uma possibilidade que tal par de copulativas, a predicativa e a especificacional, constitua um caso de alossentença, pois, além de corresponder a duas sentenças com marcação referencial equivalente, diferindo-se na sua forma pela ordem sintáticas dos DPs (cf. seção 2), podem ser realizadas no mesmo contexto.

Lambrecht (1994) aponta que um membro das alossentenças é pragmaticamente não marcado, pois pode estar em, por exemplo, duas funções pragmáticas, enquanto o outro membro é marcado, por estar em apenas uma delas.

O comportamento da predicativa em (28a) e (29a) está de acordo com a previsão de que essa é uma sentença não marcada. Predicativas são comumente definidas pela leitura funcional *default*, que Lambrecht (1994) aponta ocorrer quando não há pista prosódica ou contextual, a de temacidade. Mikkelsen (2005, p. 3), por exemplo, contrasta especificacionais com predicativas definindo que “[...] a specifical clause does not tell us something *about* the referent of the subject [as predicatives do], instead it says *who* or *what* the referent is”¹² (cf. também Raposo; Uriagereka, 1995; Avelar, 2004; Jiménez-Fernández, 2012). Contudo, a predicativa, como uma sentença não marcada, não é particularizada para essa função discursiva (cf. (29a)).

A especificacional, por sua vez, mostra-se particularizada para o contexto em (29b), que possibilita que o foco (identificacional) recaia sobre o segundo DP da sentença, compondo, assim, o cenário de foco fixo, como evidencia o contraste com (28b).

Segundo Mikkelsen (2005), um possível motivo para a existência de uma especificacional no contexto em que uma predicativa poderia ser utilizada, como ocorre em (29), parte da busca de uma estrutura que atenda às tendências acentual e discursiva, também abordadas em Lambrecht (1994) e Prince (1981): o acento, geralmente associado ao foco, tende a estar no fim da sentença; a informação antiga tende a preceder a nova. Nos termos desta seção, podemos associar (sem assumir uma relação de equivalência) esta última tendência com a informação em pressuposição e a em asserção (com foco),

¹² “[...] uma sentença especificacional não nos diz algo *sobre* o referente do sujeito [como as predicativas fazem], em vez disso, ela diz *quem* ou *o que* é o referente”.

dizendo que a primeira tende a preceder a segunda. Uma predicativa, por sua vez, não apresenta essas características, acentual e discursiva, sob a leitura de foco-pressuposição, em que especificacionais também são possíveis. A predicativa apenas apresenta tais características na sua leitura funcional típica, de tópico-comentário.

4.4 Da influência da familiaridade assumida e suas questões

Em sua análise, Mikkelsen (2005) utiliza os conceitos de familiaridade vistos em Prince (1981, 1992) e Birner (1994, 1996), citados por ela, destacando-os como promissores no esclarecimento da noção de tópico em especificacionais: “I assume that being Discourse-old is a precondition for being topic, and hence specificational subjects must be Discourse-old, at least relative to the predicate complement”¹³ (Mikkelsen, 2005, p. 134)¹⁴. Partindo disso, estabelece que sentenças especificacionais obedecem à condição em (30) (p. 152, (8.32)):

(30) Discourse condition on DP-inversion

The initial element of a DP-inversion must be at least as Discourse-old as the final element, and it cannot be entirely Discourse-new.¹⁵

Na definição de Prince (1981), nominais definidos fazem referência a entidades que estão tipicamente na consciência dos participantes do discurso (*evoked*), de modo que é previsível que funcionem comumente como informação antiga e, portanto, que apareçam como o primeiro DP de especificacionais, da forma que já temos visto. No entanto, a definição de Mikkelsen (2005) parece excluir a possibilidade de indefinidos estarem na primeira posição dessas sentenças. Os sintagmas indefinidos são classificados como novos (*new*) na proposta em Prince (1981) pela sua ação de introduzir uma entidade no discurso.

Que sentenças iniciadas por um DP indefinido podem ser especificacionais é uma dúvida para Higgins (1979) e são descartadas como tal em trabalhos como Heycock e

¹³ “Eu assumo que ser antigo no Discurso é uma pré-condição para ser tópico e, portanto, os sujeitos de especificacionais devem ser antigos no Discurso, pelo menos em relação ao complemento predicado” (tradução nossa).

¹⁴ Este é um claro contraste com Reinhart (1981) e Lambrecht (1994) na definição de tópico. Lambrecht (1994) considera tais propriedades dos sintagmas, mas destaca a análise relacional na apreensão da leitura pragmática da sentença. Reinhart (1981) aponta que o conceito de tópico (tematizador) não pode ser determinado estritamente pelo *status* informational dos DPs, mas pelo propósito comunicativo da sentença.

¹⁵ “Condição do discurso sobre inversão do DP. O elemento inicial de uma inversão de DP deve ser pelo menos tão antigo no discurso quanto o elemento final, e não pode ser inteiramente novo no discurso” (tradução nossa).

Kroch (1999). No entanto, não podemos descartar que indefinidos podem iniciar tais sentenças em vista de especificacionais como (31):

- (31) Usuário do X. “@conta1 um conselho... Peça ajuda a quem repudia esse tipo de gente. **Uma pessoa que pode te ajudar é @conta2 [...]**”. 2023. Post do X, grifo nosso.¹⁶

Heycock (2012) aponta que há uma condição para indefinidos poderem estar na primeira posição de especificacionais, que é de especificidade, de maneira que apenas DPs fortes/específicos podem aparecer nela. Como vimos em 4.2, no entanto, esse critério não parece adequado de acordo com os dados do PB. Resta, assim, a necessidade de explicar qual seria o fator influente para permitir especificacionais como (31).

Mikkelsen (2005) argumenta que para um constituinte contar como antigo no discurso, basta que alguma parte dele veicule informação antiga. Em (31), ainda que se introduza uma nova entidade por ‘uma pessoa’, temos pelo seu modificador pós-nominal uma âncora discursiva em ‘te’, que é situacionalmente evocada (*situationally evoked*) por referir-se ao indivíduo com que se fala na situação. Além disso, supomos a omissão, justamente por reiterar elementos textualmente já citados (*textually evoked*), do trecho em itálico de ‘uma pessoa que pode te ajudar *com esse tipo de gente*’, que estabelece ligação com ‘peça ajuda a quem repudia *esse tipo de gente*’. ‘@conta’, por sua vez, equivalente ao nome do indivíduo na rede, é o foco da sentença por apresentar uma entidade não utilizada (*unused*) anteriormente e servir como resposta para o sintagma-qu ‘quem’.

Joh (2014) argumenta que tal compreensão acerca dos indefinidos traz à Mikkelsen (2005) algumas complicações. Consideremos os seguintes exemplos:

- (32) Bill is a doctor. #A doctor is John (too). (Mikkelsen, 2005, p. 159, (8.46))
(33) O Bill é um médico. #Um médico é o João (também).

Ao assumir que indefinidos podem ser antigos no discurso, seu uso deveria ser possível na segunda sentença de cada exemplo, (32) e (33), considerando que há menção prévia ao mesmo indefinido. Joh (2014) ressalta que, diferentemente do que ocorre na proposta de Mikkelsen (2005), na classificação de Prince (1981), indefinidos são consistentemente novos no discurso e segue disso o porquê não podem retomar uma entidade citada anteriormente. Joh (2014) argumenta que são os indefinidos que são novos, mas

¹⁶ O nome das contas em citação foi alterado.

ancorados (*brand-new anchored*), que são lícitos como sujeito de especificacionais, em contraste aos indefinidos novos sem âncora (*brand-new unanchored*) como os do exemplo (32) e, acrescentamos, (33). Em vista disso, ela traz a seguinte condição para atender a especificacionais em seu modelo discursivo (p. 840, (36)):

(34) Anchored Brand-New Condition for topic

An expression, E, can successfully refer to a (pragmatic) topic, T, iff E is of a form that is more given (familiar) than or as given as the entity.¹⁷

A autora destaca que outra proposta sua é que a condição em (34) não funciona sozinha, mas juntamente à noção de tópico de Reinhart (1981). Todavia, temos visto evidências de que não parece adequado ler especificacionais como sentenças do tipo tópico-comentário e, desse modo, uma junção de (34) com a noção de tópico em Reinhart (1981) não parece esclarecedora na análise de especificacionais em particular¹⁸.

O que Joh (2014) nota parece-nos uma questão de precisão na definição de Mikkelsen (2005), no sentido de que a condição necessária é que uma parte do material de um DP seja antiga, e não o DP como um todo, dado que se trata ainda de um DP encabeçado por artigo indefinido. Por outro lado, trazendo uma associação com a condição de que esse DP deve veicular uma informação em pressuposição, parece que os elementos antigos no discurso devem ter mais peso para a interpretação desse sintagma na proposição pragmática do que a indefinitude do DP, que identifica a entidade como nova no discurso.

De todo modo, pela ótica da propriedade de familiaridade dos DPs, podemos entender por que sentenças tais quais (32) e aquela do PB em (33) são malformadas como especificacionais, que é porque o primeiro DP dessas é apenas novo. Não há nada em sua estrutura que seja relativo ao discurso antigo. Em consequência, podemos tratar copulativas como (31), iniciadas por DPs indefinidos com âncora, como especificacionais, bem como podemos constatar um reforço à proposta de que, para sua boa formação, especificacionais necessitam de um *link* discursivo presente no primeiro DP, que parte de modificadores além do artigo indefinido.

Um dos maiores conflitos na análise de Mikkelsen (2005), e que permanece como

¹⁷ “Condição Novo em Folha Ancorado para tópico. Uma expressão, E, pode se referir com sucesso a um tópico (pragmático), T, se E tiver uma forma que é mais dada (familiar) do que ou tão dada quanto a entidade” (tradução nossa).

¹⁸ Embora a noção de tópico de Reinhart (1981) pareça abranger mais contextos do que a de Lambrecht (1994), da qual estamos partindo principalmente, a concepção de Reinhart (1981) ainda abrange casos que seriam classificados como tópico tematizador em Lambrecht (1994), classificação que não comprehende especificacionais.

uma questão para análises similares, está no critério de guiar-se por sintagmas que reiteram outros já mencionados para determiná-los como antigos/tópicos no discurso. Tal caso pode ser exemplificado da seguinte forma (o grifo em negrito é nosso):

- (35) Usuário do X. “Até em um momento importante vocês não tiram o nome da Selena da boca... **OS ÚNICOS OBCECADOS SÃO VOCÊS, DEIXEM A SELENA EM PAZ!**”. 2024. *Post* do X, grifo nosso.

Em (35), ainda que o pronome ‘vocês’, que se refere aos indivíduos que questionam Gomez, tenha sido mencionado anteriormente, a identificação de que são eles ‘os únicos obcecados’ só é estabelecida após o uso da especificacional. Em outras palavras, ‘vocês’ não era uma identidade estabelecida assim, como ‘os únicos obcecados’, para outros participantes até então. No entanto, pelo critério de ter sido evocado anteriormente, ‘vocês’, desconsiderando o propósito da comunicação, deveria ser entendido como a informação antiga da especificacional.

Apesar de essa ocorrência ser captada na definição (30) de Mikkeslen (2005) (ambos os DPs seriam antigos¹⁹), ela mostra que a relação entre informação antiga e tópico não deve ser medida somente em termos da propriedade de familiaridade dos DPs, já que, assim sendo, determinaríamos ‘vocês’ como o tópico de (35), quando, considerando o propósito comunicativo, tal DP está mais para o foco da sentença.

5 Considerações finais

Neste artigo, objetivamos descrever especificacionais delimitando características que motivam suas restrições funcional e composicional.

Sobre a restrição contextual (foco fixo), pela pista contextual da relação pergunta-resposta, esclarecemos que especificacionais não são lícitas na função de temacidade. Assumindo que o DP lido como tópico precisa ser referencial ou específico, por testes, notamos que o primeiro DP de especificacionais não atende a essa marcação, pois é não

¹⁹ O contexto é aquele em que o cantor Justin Bieber e Hailey Bieber, sua esposa, anunciaram que terão um filho (isso é caracterizado como um momento importante em (35)). Alguns internautas, um deles recitado na publicação do autor de (35), apontaram que Selena Gomez, ex do cantor, se “vitimizaria” mais após o anúncio. Partindo disso, um dos fãs da cantora utiliza a percepção dos opositores de que ela seria obcecada (ou ofensas relacionadas a esse campo semântico) pelo ex para apresentar a sua ofensiva pelo primeiro DP da especificacional grifada. Nesse sentido, o primeiro DP é definido por ter como pressuposto o domínio dos ‘obcecados’. O autor de (35) reanalisa quem se adéqua a esse domínio, defendendo que pertencem a ele unicamente os opositores de Selena, referidos por ‘vocês’. É, portanto, ‘os únicos obcecados’ que estabelece o link com o discurso prévio, um link menos óbvio do que os anteriormente discutidos.

referencial e não específico. Ademais, em vista de seu ordenamento sintático, especificacionais somente conseguiriam responder ao contexto tópico-comentário na ordem em que o comentário precede o tópico, o que não é um uso esperado de uma sentença nessa função.

Por outro lado, constatamos que especificacionais veiculam leitura de pressuposição-foco. Nesse uso, o elemento lido como foco (identificacional) é o segundo DP, em contraste ao que ocorre na leitura em que a especificacional é ruim, a de tópico-comentário, na qual o foco (no comentário) só poderia ser lido pelo seu primeiro DP.

Nesse processo, evidenciamos que o comportamento de foco fixo é particular a especificacionais tendo por contraste as copulativas predicativas. Levantamos a possibilidade de que ambas as copulativas componham um par de alossentenças, bem como apontamos a relação entre especificacionais e as tendências acentual e discursiva (o pico acentual ocorre no fim da sentença; precedência da informação em pressuposição à informação em asserção).

Averiguamos também que a condição de Mikkelsen (2005) para as especificacionais do inglês pode ser estendida para as do PB (o primeiro DP de especificacionais não pode ser inteiramente novo no discurso). Só não assumimos, como a autora, que ser um elemento antigo torna tal elemento o tópico da sentença. Também não apoiamos Joh (2004) na associação entre familiaridade discursiva e tópico tematizador para a descrição de especificacionais em particular. Por outro lado, assumimos que a condição de Mikkelsen (2005) está de acordo com a função de pressuposição do primeiro DP de especificacionais.

Sobre o comportamento de restrição dos indefinidos, não é o caso de não poderem estar na posição pré-verbal de especificacionais porque são não específicos, dado que esses são exatamente os indefinidos encontrados na primeira posição delas, pelo que constatamos por testes. Verificamos que também no PB a restrição de ordem informacional ocorre em vista da distinção entre indefinidos não ancorados *vs* ancorados no discurso, que restringe que apareçam na primeira posição de especificacionais os indefinidos que não apresentam modificadores para além do artigo indefinido – o que impede sua potencial ancoragem no discurso.

Referências

- VELAR, J. O. *Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser, e estar em português brasileiro.* 247 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270357>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- COMOROVSKI, I. Constituent Questions and the Copula of Specification. In: VON HEUSINGER, K. (ed.). *Existence: Semantics and Syntax*. 2008. p. 49–77.
- DEN DIKKEN, M. Predicate inversion and minimality. *Linguistics in the Netherlands*, v. 11, n. 1, pp. 1–12, 1994.
- ENÇ, M. The Semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, v. 22, n. 1, p. 1-25, 1991.
- HEYCOCK, C. Specification, equation, and agreement in copular sentences. *Canadian Journal of Linguistics*, v. 57, n. 2, p. 209-240, 2012.
- HEYCOCK, C. The internal structure of small clause: new evidence for inversion. *The North East Linguistics Society*, v. 25, n. 5, pp. 224-238, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/2682822_The_Internal_Structure_of_Small_Clauses_New_Evidence_from_Inversion. Acesso em 20 out. 2019.
- HARTMANN, J. M. Focus and prosody in nominal copular clauses. In: FEATHERSTON, S.; HÖRNIG, R.; WIETERSHEIM, S.; WINKLE, S. (EDS). *Experiments in Focus: Information Structure and Semantic Processing*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2020, p. 71-104.
- HEGGIE, L. *The Syntax of Copular Structures*. Thesis (PhD) - University of Southern California, USC, 1988.
- HEYCOCK, C.; KROCH, A. Inversion and equation in copular sentences. *ZAS Papers in linguistics*, v. 10, p. 71-87, 1998.
- HEYCOCK, C.; KROCH, A. Pseudocleft connectedness: implications for the LF interface level. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 3, p. 365-397, 1999.
- HEYCOCK, C.; KROCH, A. Topic, focus, and syntactic representations. In: MIKKELSEN, L.; POTTS, C. (Eds). *Proceedings of the 21st West Coast Conference on Formal Linguistics*, 21, Somerville. *Proceedings [...]*. Somerville: Cascadilla Press, 2002. p. 101–125.
- HIGGINS, F.; R. *The pseudo-cleft construction in English*. London: Routledge, 1979.

JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, A. L. What information structure tell us about individual-stage level predicates. *Borealis - An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 1–32, 2012.

JOH, Y. Indefinite subjects in specifical clauses. *The Journal of Studies in Language*, v. 29, n. 4, p. 827-848, 2014.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MIKKELSEN, L. *Copular clauses: specification, predication and equation*. Holanda: John Benjamins Publishing, 2005.

MIKKELSEN, L. Copular clauses. In: MAIENBORN, C.; HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (Eds.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 1805-1829. Disponível em: http://linguistics.berkeley.edu/~mikkelsen/papers/chapter_68.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

MILWAY, D. On some subjects of specifical copular clauses. 2016. Mais informações em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=D4amuEAAAQJ&citation_for_view=D4amuEAAAQJ:fQNAKQ3IYiAC.

MORO, A. *The raising of predicates: predicative noun phrases and the theory of clause structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223–256.

RAPOSO, E.; URIAGEREKA, J. Two types of small clauses (toward a syntax of theme/rheme relations). In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and semantics: small clauses*. San Diego: Academic Press, 1995. p. 179-206.

REINHART, T. Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics. *Philosophica*, v. 27, n. 1, p. 53-94, 1981.



O PORTUGUÊS FRONTEIRIÇO DE JAGUARÃO (BR) E RIO BRANCO (UY): MAPEAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DESCRIPTIVOS¹

BORDER PORTUGUESE IN JAGUARÃO (BR) AND RIO BRANCO (UY):
A SURVEY OF DESCRIPTIVE LINGUISTIC STUDIES

Gabriela Tornquist Mazzaferro | [Lattes](#) | gabrielatornquist@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa

Leonor Simioni | [Lattes](#) | leonorsimioni@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa

Camila Witt Ulrich | [Lattes](#) | camilaulrich@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O presente artigo tem como objetivo mapear estudos linguísticos do português falado nas cidades de Jaguarão (Rio Grande do Sul, Brasil) e Rio Branco (Cerro Largo, Uruguai). A hipótese é de que haja uma escassez de trabalhos com dados linguísticos nessa região, em especial voltados ao português uruguai e estudos comparativos. O mapeamento revelou a existência de trabalhos que abordam o português falado em Jaguarão (BR) ou em Rio Branco (UY), em relação a aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos. Não há registro de trabalho de cunho morfológico, semântico ou pragmático, nem de trabalhos comparando as duas variedades. Também há apenas dois trabalhos de cunho histórico, apesar de se tratar de localidades povoadas desde o final do séc. XVIII. No campo fonético-fonológico, o maior destaque é para a descrição do sistema vocalico, enquanto no campo morfossintático, os estudos tratam dos pronomes pessoais. Os estudos sobre o português em Rio Branco revelam um cenário heterogêneo em relação a outras variedades uruguaias do português. Além disso, há estudos sobre percepção, atitude, paisagem e política linguística na região, que revelam a complexidade das atividades linguísticas dos habitantes da fronteira. Tais resultados justificam a proposição de projetos que se preocupem em não tratar a fronteira Brasil Uruguai de modo homogêneo – como, por exemplo, a criação de um banco de dados de fala de Jaguarão e Rio Branco, que vise documentar e preservar o português falado como língua materna pelos brasileiros e como língua de herança ou contato pelos uruguaios, sendo fonte privilegiada para registro, estudo e descrição do português.

Palavras-chave: Português fronteiriço; Mapeamento linguístico; Variação e mudança linguística; Jaguarão (BR); Rio Branco (UY).

¹ Este estudo é desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos Formais (Formalin) do Laboratório de Linguística do Português (LALIP), da Unipampa – Campus Jaguarão, e faz parte da agenda de pesquisa do Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas na Fronteira – Unipampa.

Abstract: The aim of this paper is to map linguistic studies on the varieties of Portuguese spoken in the cities of Jaguarão (Rio Grande do Sul, Brazil) and Rio Branco (Cerro Largo, Uruguay). We hypothesize that there are very few papers on linguistic data from this region, especially on Uruguayan Portuguese and comparative studies. The survey revealed the existence of papers on Portuguese spoken in Jaguarão (BR) or in Rio Branco (UY), with regards to their phonetic-phonological and morphosyntactic aspects. There are no investigations on morphology, semantics or pragmatics, nor investigations that compare both varieties. There are only two papers on diachrony, even though these localities have been populated since the end of the XVIII century. In the field of phonetics and phonology, prominence is given to the description of the vowel system while morphosyntax studies deal with personal pronouns. Studies on Rio Branco Portuguese reveal a complex and heterogeneous scenario in comparison with other Uruguayan Portuguese varieties. Furthermore, studies on perception, linguistic attitudes, linguistic landscape and language policies reveal the complexity of the linguistic activities developed by border inhabitants. These results corroborate project proposals that don't regard the BR - UY border as an homogeneous object – such as the creation of a linguistic database with spoken data from Jaguarão and Rio Branco, with the purpose of registering and preserving Portuguese spoken as a first language by brazilians and as a heritage or contact language by uruguayans. Such project will be a privileged source for registering, studying and describing Portuguese.

Keywords: Border Portuguese; Linguistic mapping; Language variation and change; Jaguarão (BR); Rio Branco (UY).

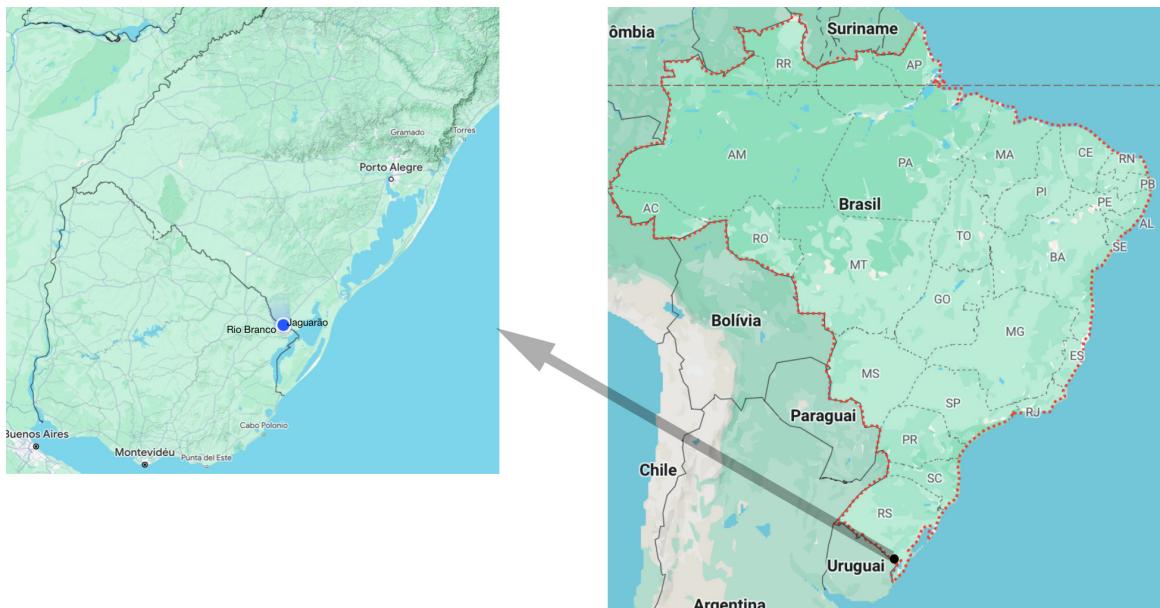
1. Introdução

Tendo em vista que estudos descritivos sobre o português do e no Brasil mostram-se fundamentais para uma compreensão mais completa da língua e da sociedade brasileira, além de contribuírem para o desenvolvimento de políticas linguísticas mais inclusivas e para o avanço das teorias, o presente artigo apresenta um mapeamento dos estudos linguísticos sobre o português falado nas cidades vizinhas de Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil e Rio Branco, Cerro Largo, Uruguai. Este estudo, que demonstra a escassez de trabalhos com dados linguísticos na região Extremo Sul do Brasil, justifica a proposição de um banco de dados que compreenda o português falado “dos dois lados” da fronteira, uma vez que, ainda que o senso comum caracterize a situação linguística fronteiriça como uma “mistura de línguas” (“portunhol”), Carvalho (2003) defende que o português falado nas zonas fronteiriças uruguaias como língua de herança seja tratado como um dialeto do português – o português uruguai (doravante, PU) –, o que é corroborado por autores como Souza, Chaves e Simioni (2018) e Simioni (2019), entre outros.

Ao retraçar as origens históricas da situação linguística na fronteira do Uruguai com o Brasil, Rona (1965) chama a atenção para o fato de que todo o norte do país foi ocupado por populações de origem portuguesa e brasileira desde antes do processo de ocupação por colonos espanhóis, situação que perdurou mesmo após a independência do Uruguai (em 1828). Segundo os dados do primeiro Censo realizado no Uruguai, em 1860, de um total de 200.000 habitantes no país, 40.000 eram brasileiros, ocupando aproximadamente 47.000km² justamente na região nordeste (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987). A situação linguística da região começa a se alterar a partir da segunda metade do séc. XIX, através de iniciativas como a fundação de diversos povoados nas zonas de fronteira (entre os quais Villa Artigas, atualmente Rio Branco) e o Reglamento de Instrucción Pública (1877), que previa o acesso gratuito e universal à educação, que deveria ser desenvolvida em língua nacional. A partir daí, instaura-se progressivamente uma situação de bilinguismo diglóssico (Behares, 2007), permanecendo o português no território uruguai como língua de herança e como língua de contato. É a partir desses fatos históricos que Simioni (2021) investiga a hipótese de que o português falado no Uruguai como língua de herança preserve resquícios da gramática do português falado no Brasil na primeira metade do século XIX, antes das notórias mudanças que caracterizam o PB atual².

Especificamente sobre o PU falado na fronteira do departamento de Cerro Largo, onde localiza-se a cidade de Rio Branco (UY), há poucos estudos. O mapa a seguir (Figura 1) ilustra a localização das duas cidades.

Figura 1 — Mapa indicativo da localização das cidades de Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY)



Fonte: Google Maps

² Vejam-se, por exemplo, os trabalhos descritos em Roberts e Kato (1995), Galves, Kato e Roberts (2019) e os volumes da coleção História do Português Brasileiro (Castilho, 2018-22).

A ocupação dos territórios que hoje correspondem a Rio Branco (UY) e Jaguarão (BR) remonta ao final do séc. XVIII e início do séc. XIX, respectivamente, com a Guardia Arredondo (1792) e a Guarda do Serrito e da Lagoa (1802). Jaguarão foi instituída como município em 1832 e elevada à condição de cidade em 1855, enquanto Rio Branco, outrora Villa Artigas (1852), mudou de nome em 1915 e adquiriu o estatuto de cidade em 1953.

A cidade de Jaguarão localiza-se a 390 km de distância de Porto Alegre, tem cerca de 26.603 habitantes, conforme os dados do Censo 2022, e está ligada à cidade de Rio Branco por meio da Ponte Internacional Mauá, que passa sobre o Rio Jaguarão. Essa ponte facilita o acesso à zona de compras livre de impostos, os *free shops*, localizados em Rio Branco, responsáveis por fomentar a economia local, que se baseia, também, em pecuária, agricultura, comércio e turismo. Em relação ao Mercosul, essa é uma importante ligação comercial, já que o caminho mais curto entre Porto Alegre e Montevidéu é o que passa entre essas duas cidades.

Ainda assim, como ficará claro neste artigo, a grande maioria dos trabalhos sobre o português (brasileiro ou uruguai) falado na fronteira ora compara variedades do português brasileiro (doravante, PB) entre si, ora compara variedades do PU entre si; outros trabalhos enfocam exclusivamente uma variedade do PB ou do PU (neste último caso, prevalecem os estudos sobre a variedade de Rivera - UY). Para contribuir com essa descrição, o banco de dados COLORES (Contato Linguístico Oral da Região Extremo Sul), específico do português falado nas cidades fronteiriças de Jaguarão e Rio Branco, está sendo construído com o propósito de documentar e preservar o português falado como língua materna pelos brasileiros e como língua de herança pelos uruguaios. O banco será uma fonte privilegiada para documentação, estudo e descrição de línguas, podendo ser útil em pesquisas de diversas áreas das Letras, como sociolinguística, fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso, além de facilitar possíveis estudos comparativos futuros. As amostras poderão servir de *corpus* para pesquisas que objetivem a descrição e a análise do português falado em Jaguarão e Rio Branco, a comparação da fala jaguarense com outros dialetos do RS e do Brasil, a testagem de diferentes teorias linguísticas, a comparação do PB com o PU, além de poder vir a ser uma fonte de dados linguísticos contemporâneos. Por isso, associado à criação do COLORES, um projeto integrado vem sendo desenvolvido com o foco na investigação tanto da gramática do português falado quanto do escrito, a fim de contribuir para a descrição e a análise da gramática em diferentes variedades, níveis e sincronias e produzir materiais didáticos para o ensino de gramática socialmente referenciados e coerentes com os resultados encontrados.

A proposta de criação do banco é inspirada em diferentes bancos de dados orais e escritos do português brasileiro, criados a partir dos anos 1970, os quais abrangem diferentes regiões do país, perfis sociais e sincronias. Podemos mencionar como exemplos representativos dessas iniciativas NURC, Peul, PHPB e VARSUL, cujos *corpora* seguem sendo objeto de estudo, permitindo a descrição e investigação de muitas variedades e aspectos do português brasileiro.

Ataliba de Castilho, cujo protagonismo nos esforços para a descrição do PB é inequívoco, nota o seguinte sobre o contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguai:

quanto aos contactos entre o Português e o Espanhol da América, tornou-se bem conhecida a situação na fronteira uruguaio-brasileira graças às pesquisas de Hensey (1967), Elizaincin (1979), Elizaincin / Behares / Barrios (1987), Barrios (1999). Está ainda no nível do anedotário o estudo do “portunhol”, como um novo campo de indagações, de interesse para verificar como as comunidades representam a língua do vizinho (Castilho, 2001, p. 276).

Como ficará evidente ao longo do texto, quase 25 anos depois, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas nos estudos sobre o tema.

Para fins de organização, os estudos a serem apresentados serão agrupados da seguinte forma: (i) o português falado em Jaguarão (BR): aspectos fonético-fonológicos; (ii) o português falado em Jaguarão (BR): aspectos morfossintáticos; (iii) o português falado em Rio Branco (UY); e (iv) estudos de percepção, atitude, paisagem e política linguística, conforme indicado abaixo³ (Quadro 1).

Quadro 1 — Levantamento de estudos realizados em Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY)

Levantamento de estudos realizados em Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY)	
(i) O português falado em Jaguarão (BR): aspectos fonético-fonológicos	
Análise prosódica de línguas em contato: questões totais no português e no espanhol falado na fronteira Brasil/Uruguai	Adriana Bodolay (2011)
Alçamento da vogal média /e/ postônica final no português falado em Jaguarão	Mariana Müller de Ávila; Maria José Blaskovski Vieira (2014)
Sândi externo: uma análise preliminar de dados fronteiriços de Rio Branco e Jaguarão	Paula Penteado de David e Cíntia Da Costa Alcântara (2014)
O comportamento das vogais postônicas finais na fronteira do Brasil com o Uruguai	Gabriela Tornquist Mazzaferro e Carmen Matzenauer (2019)
Vogais postônicas não finais: variação linguística no português fronteiriço	Gabriela Tornquist Mazzaferro e Carmen Matzenauer (2021)

³ Os trabalhos estão listados em ordem cronológica.

(ii) O português falado em Jaguarão (BR): aspectos morfossintáticos	
A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas	Paulo Borges (2004)
Os clíticos no português da fronteira gaúcha: Chuí, Jaguarão e Pelotas	Paulino Vandresen (2004)
Análise da posição dos clíticos em atas da Câmara de Vereadores de Jaguarão do século XIX	Bruna Gabriela Padula Medeiros (2016)
A utilização do pronome me na fronteira sul do Brasil: estudo de caso da cidade de Jaguarão RS	Jairo de Almeida Santana e Leonor Simioni (2016)
(iii) O português falado em Rio Branco (UY)	
El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay	Jose Pedro Rona (1965)
Nos falemo brasilero: Dialectos portugueses en Uruguay	Adolfo Elizaincín, Luís Behares, Graciela Barrios (1987)
Análise da fricativa sibilante /s/ do português do Uruguai	Javier Eduardo Silveira Luzardo (2008)
Nas casa sempre em brasilero: o preenchimento de sujeitos e objetos no PU de Poblado Uruguay	Samanta Cuello Muniz (2017)
“Eu te vou dizer” como é a colocação dos clíticos no português uruguai	Marilza Madeira (2018)
Sujeitos nulos no português de Poblado Uruguay	Karoline Gasque de Souza, Lurian da Silveira Chaves, Leonor Simioni (2018)
A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguai	Leonor Simioni (2019)
Sujeitos pronominais no português uruguai e no português brasileiro: sincronia e diacronia	Leonor Simioni (2021)
(iv) Percepção, atitude, paisagem e política linguística	
O sociolinguismo da fronteira sul	Fritz Hensey (1969)
O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão-Río Branco	Dania Pinto Gonçalves (2013)
As fronteiras internas do “portugués del norte del Uruguay”: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas	Henry Daniel Lorencena Souza (2016)
Patrimônio linguístico e cultural da fronteira: portunhol como patrimônio imaterial de Jaguarão	Edilson Teixeira (2020)
Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai	Dania Pinto Gonçalves (2021)
Portunhol usado no gênero cardápio em estabelecimentos comerciais de Jaguarão/RS	Taiciane Corrêa Farias da Silva (2022)
Desvendando el paisaje lingüístico de la frontera Jaguarão/Río Branco	Elizângela Garcia Souza e Luciana Contreira Domingo (2023)

Fonte: Elaboração própria

2. O português falado em Jaguarão (BR)

Nesta seção serão apresentados os estudos que tratam sobre o português falado na cidade de Jaguarão (BR), em especial aqueles voltados às análises de aspectos fonético-fonológicos e aspectos morfossintáticos.

2.1 Aspectos fonético-fonológicos

No campo fonético-fonológico, são poucos os estudos encontrados, os quais se restringem a uma análise das vogais. Enquanto Bodolay (2011) analisa os padrões prosódicos utilizados em enunciados declarativos e interrogativos por falantes do português em região de contato com a língua espanhola, outros quatro estudos descrevem o comportamento das vogais nas cidades da região.

Ávila e Vieira (2014) apresentam resultados relacionados à variação das vogais e ~ i em posição postônica final, a partir de dados de fala da comunidade de Jaguarão/BR. A hipótese é de que os índices de elevação da vogal seriam baixos devido ao contato com o espanhol, já que o sistema fonológico desta língua não apresenta neutralização entre vogais médias e altas em posição postônica. Foram analisadas 23 entrevistas retiradas do Banco de Dados BDS PAMPA. Diferentemente do esperado, os resultados deste estudo mostraram que houve 98% de ocorrência da vogal /i/ na posição em estudo, o que levou as autoras a não realizarem uma análise estatística, uma vez que a elevação foi praticamente categórica. Logo, o fato de a vogal /e/ ter pouca produção nessa posição indica que há uma mudança linguística em andamento.

Mazzaferro e Matzenauer (2019) analisam as vogais médias postônicas finais no português falado em cinco cidades que fazem fronteira com o Uruguai (Aceguá, Chuí, Jaguarão, Quaraí e Santana do Livramento) a fim de fazer um mapeamento da realização dessas vogais no português fronteiriço, partindo da hipótese da existência de diferenças em relação ao português falado no restante do Rio Grande do Sul e do país, considerando o contato com o espanhol, cujo sistema vocálico é distinto do português em estrutura e funcionamento. Além disso, verificam a escassez de registros de pesquisas que reúnem as cinco cidades que fazem fronteira entre Brasil e Uruguai, além de não haver formalização do fenômeno de elevação vocálica a partir da Teoria da Otimidade Estocástica. Esse recorte, que faz parte de estudo mais amplo (Mazzaferro, 2018), tinha como objetivo: (i) analisar e formalizar o comportamento fonológico das vogais médias postônicas finais do português falado nas cidades localizadas na fronteira com o Uruguai; e, (ii) verificar se há influência do espanhol na fala dos brasileiros que residem na fronteira. Foram entre-

vistados 8 (oito) brasileiros nativos de cada uma das cidades fronteiriças, integralizando 40 (quarenta) informantes – submetidos a uma entrevista sociolinguística, da qual foram extraídas palavras categorizadas como substantivos comuns, classificadas em duas tabelas: uma com palavras terminadas com a vogal /e/ e outra com a vogal /o/.

As análises quali-quantitativas mostram que a hipótese da existência de diferenças no emprego das vogais átonas finais do português das cidades da fronteira com o Uruguai, quando comparado ao português falado no restante do estado e do país, não se confirmou nas cidades de Chuí e Jaguarão, em que em 100% dos dados houve o emprego de vogais altas átonas finais, mas ao se verificarem formas em variação no uso das vogais médias postônicas finais nas outras cidades (Aceguá, Quaraí e Santana do Livramento), pode-se dizer que, nessas comunidades, o espanhol mostra-se condicionador do PB, particularmente nas formas com a átona final /e/. Esses resultados permitem, então, afirmar que, em se referindo ao comportamento das vogais médias em posição átona final, o mapeamento das cinco cidades brasileiras que fazem fronteira com o Uruguai mostra uma especificidade do PB fronteiriço, ao ser comparado com o PB de outras regiões: no PB da fronteira sul, do Brasil com o Uruguai, é ainda variável a preservação das vogais médias, sendo mantida especialmente a vogal coronal /e/.

Mazzaferro e Matzenauer (2021) analisam o comportamento variável das vogais postônicas não finais no português falado em cinco cidades brasileiras que fazem fronteira com o Uruguai (Aceguá, Chuí, Jaguarão, Quaraí e Santana do Livramento). A justificativa para o recorte, que faz parte de estudo mais amplo (Mazzaferro, 2018), está no fato de não haver registro de pesquisa com o foco na formalização do fenômeno de elevação vocálica com o suporte da Teoria da Otimidade Estocástica, nem estudos que contemplam as cinco cidades que fazem fronteira entre Brasil e Uruguai. As autoras pretendem contribuir para: (i) a realização de um mapeamento linguístico do português fronteiriço; e, (ii) análise e formalização do comportamento fonológico das vogais médias postônicas não finais do português falado nas cidades fronteiriças, observando se os falantes brasileiros apresentam a influência do espanhol nas suas produções. A amostra foi constituída por entrevistas de 8 (oito) brasileiros nativos de cada uma dessas cidades, integralizando 40 (quarenta) informantes, a partir da aplicação de um instrumento de produção linguística, a fim de eliciar palavras proparoxítonas, com vogais médias postônicas não finais. Foram testadas 40 palavras com as vogais médias em posição postônica não final – 20 palavras com a vogal dorsal/labial /o/ e 20 com a vogal coronal /e/.

Os resultados apontam que o processo de elevação das vogais postônicas não fi-

nais se mostra presente em todas as cidades de fronteira, mas com índices inferiores ao restante do Rio Grande do Sul e do país, com um percentual de elevação da vogal média /o/ mais alto do que a elevação da vogal média /e/, totalizando 37,5% e 8,9%, respectivamente. As cidades que demonstraram uma prevalência do processo de elevação nessa posição em se considerando os dados da vogal /o/ foram Chuí e Jaguarão. Com relação ao processo de elevação de /e/ nessa mesma posição, as cidades que mais se destacaram foram Aceguá e Jaguarão. O funcionamento das vogais médias postônicas não finais, portanto, mostra variação, mas o índice do emprego da vogal alta é inferior ao do PB falado no restante do estado e do país, especialmente em se tratando da vogal média coronal /e/ e isso é o que evidencia a especificidade da região de fronteira⁴.

Bodolay (2011) apresenta uma análise prosódica de dois aspectos: frequência fundamental, correlato acústico da melodia, e duração, correlato acústico do tempo, de enunciados interrogativos do português falado em Jaguarão e do espanhol falado em Rio Branco, a fim de evidenciar as características de cada um. Foram observadas especificamente a melodia e a duração das sílabas tônicas e átonas. A hipótese da autora é de que o contato linguístico produz efeitos no que diz respeito ao uso da melodia pelos falantes. A metodologia contou com gravações de duas informantes, uma de cada cidade, as quais gravaram cinco enunciados interrogativos em português e cinco enunciados interrogativos em espanhol, cuja estrutura era sujeito e verbo, sendo ambos, SN e SV, compostos por vocábulos oxítonos. Os dados foram analisados no programa Praat, em que foram medidas a frequência fundamental e a duração.

Os resultados indicaram que a melodia das questões totais utilizada pelas falantes dessa fronteira se caracteriza por aspectos pontuais, como duração extra longa das sílabas finais. O movimento melódico complexo, que recai sobre a última tônica do enunciado é semelhante, apesar de haver uma diferença no que se refere à tessitura e ao registro: no caso da variante de Rio Branco, tanto uma quanto o outro são implementados de forma diferente, realizando-se em níveis melódicos mais altos do que a variante jaguarense.

2.2 Aspectos morfossintáticos

No campo morfossintático, os estudos encontrados estão restritos aos pronomes. Enquanto Borges (2004) analisa a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro da fronteira sul, outros três trabalhos descrevem o comportamento dos pronomes átonos em cidades da região.

⁴ Santos (2010) traz os dados do Rio de Janeiro (RJ), em que houve 10% de elevação da vogal /e/ e 82% na posição postônica não final; e, Vieira (2002) aponta que, em Porto Alegre (RS), houve 81% de elevação de /e/ e 98% de /o/ nessa mesma posição.

Borges (2004), em sua tese de doutorado, descreve e analisa a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro, com foco em aspectos históricos, sociais e linguísticos da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Fundamentado na Teoria Variacionista (Weinrich, Herzog e Labov, 2006 [1968]) e em estudos sobre gramaticalização (Castilho, 1997), são analisados dois tipos de dados: (i) fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995); (ii) fala de sessenta indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. As entrevistas foram realizadas em 2000 e 2001: trinta e seis em Pelotas (pertencentes ao banco VarX) e vinte e quatro em Jaguarão (pertencentes ao banco BDS PAMPA).

A partir da análise dos dados das peças de teatro, o autor nota que a partir da década de 1960 a forma *a gente* cristaliza-se como pronome pessoal de primeira pessoa do plural; a utilização de *a gente*, em variação com *nós*, está relacionada a condicionadores linguísticos de natureza discursiva, sintática, morfológica e fonológica. Em relação às entrevistas, o autor menciona, entre outras conclusões, que (i) o uso de *a gente* em Pelotas está em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão; (ii) a divisão por classe social indica que em Jaguarão a mudança acontece de forma inconsciente; (iii) o uso de *a gente* é maior nas faixas etárias mais jovens nas duas comunidades.

Vandresen (2004) propõe uma investigação sobre o uso e a ordem dos clíticos na fala informal de moradores das cidades de Chuí, Jaguarão – ambas fronteiriças – e Pelotas. A análise se justifica pelo debate entre gramáticos e sociolinguistas sobre a posição (pré ou pós-verbal) em que os pronomes átonos podem ocorrer e pelo fato de, no espanhol, os pronomes átonos poderem ser enclíticos diante de verbos nas formas nominais (ex. *tengo que irme*) ou proclíticos nos demais casos (ex. *lo compraré en efectivo*). Além disso, há diferença entre as línguas quanto à possibilidade de combinação de dois pronomes átonos com o verbo, existente apenas em espanhol (ex. *me lo quitaron* ou *quitáronmelo*). Para tanto, foram analisadas 3.581 ocorrências de pronomes átonos nas posições de objeto direto e objeto indireto em 72 entrevistas do BDS PAMPA, sendo 24 falantes do Chuí, 24 de Jaguarão e 24 de Pelotas, a partir de uma amostra estratificada em dois sexos, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade.

Os resultados encontrados pelo autor na análise dos dados das três cidades vão ao encontro de outras análises sobre a colocação dos pronomes átonos no PB falado, revelando a forte tendência à próclise. Os falantes de Chuí e Jaguarão seguem claramente as tendências do PB falado no resto do país, não havendo sob este aspecto influência clara da sintaxe espanhola. Ainda, um fato interessante nestes casos de ênclise é que 64,5%

(31/48) das ocorrências com verbo simples ocorrem na expressão *ir-se embora* (ex. *vou me embora*).

Medeiros (2016), em seu trabalho de conclusão de curso, analisa a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em documentos oficiais de Jaguarão do século XIX – mais especificamente, do ano de 1845. O recorte temporal se deve às mudanças ocorridas no português brasileiro na passagem do século XIX para o século XX, dentre elas, a posição dos clíticos (Tarallo, 1996). A autora realizou o levantamento da frequência de uso de pronomes em 16 atas da Câmara de Vereadores de Jaguarão, todas redigidas pelo mesmo escrivão.

Os resultados mostram que não há violação da norma gramatical, e que, excluídos os casos de próclise e ênclise obrigatórias, ainda há um leve predomínio da ênclise nos dados, dada a transcrição não fiel da fala dos participantes. Também foi observada a ocorrência de diferentes marcas linguísticas compatíveis com uma gramática do português brasileiro atual, como a omissão do pronome *se* (ex. *a [rua] que __ segue pela frente do ex-quartel da tropa*) e ausência de concordância entre sujeito e verbo (ex. *as dificuldades que se apresenta nesta Vila*).“

Santana e Simioni (2016) analisam o uso do clítico de primeira pessoa do singular *me* na cidade de Jaguarão (ex. *hoje me acordei às 07:00 da manhã*), devido ao aparente estranhamento de quem chega a esta região a este tipo de dado e ao fato de em outras regiões do país ele já não ser mais tão frequente, conforme apontam Duarte e Ramos (2015). Essa análise parte da coleta de 39 dados provenientes de conversas informais, tanto na Unipampa-Jaguarão quanto no cotidiano da cidade, sem a intervenção de questionários pré-esquematizados. Ainda, não se consideraram variáveis extralingüísticas.

Os resultados da análise mostram que o pronome átono *me* é constantemente utilizado no espaço fronteiriço jaguarense, com diferentes funções sintáticas (complemento verbal, dativo ético, entre outras). O aparente estranhamento de quem chega à região está relacionado à diminuição do uso dos pronomes oblíquos em outras regiões, caracterizando, assim, uma variante linguística particular dessa região. Destaca-se também a existência de expressões como “*me dormi*” e “*não me fica mais*” (“*não tem mais*”, referindo-se, por exemplo, a uma mercadoria em uma loja), importadas diretamente do espanhol uruguaio e muito recorrentes na fala jaguarense.

3. O português falado na zona de Rio Branco (UY)⁵

Nesta seção serão apresentados os estudos que tratam sobre o português falado na zona de Rio Branco (UY). Primeiramente, abordaremos os trabalhos que propõem uma comparação entre variedades do português falado no Uruguai (aspectos fonético-fonológicos e aspectos morfossintáticos); em seguida, os trabalhos que abordam exclusivamente o português falado na região de Rio Branco.

Rona (1965), a partir de investigações de campo e de questionários enviados por correio, delimita a fronteira linguística no Uruguai, que corresponderia, aproximadamente, às zonas povoadas por brasileiros em 1861. Nessas zonas, o autor identifica dois “dialetos fronteiriços”: um dialeto espanhol com influência portuguesa nos níveis lexical, morfológico e sintático, cujo sistema fônico praticamente não se distingue do encontrado no restante do Uruguai, e um dialeto português com influência castelhana, cujo sistema fonológico e léxico são majoritariamente portugueses, ao qual pertenceria a “variedade jaguarense”, caracterizada por poucos vocábulos castelhanos, morfologia castelhana, uso do *voseo* e presença de traços fônicos portugueses. A descrição fônica da variedade jaguarense fornecida pelo autor evidencia as seguintes características: sistemas consonantal e vocálico como os do português sul-rio-grandense; ausência de vogais epentéticas em contextos de encontro consonantal com fricativas e oclusivas; palatalização das oclusivas alveolares antes de [i]; neutralização de /r/ e /l/ em grupos consonantais.

Luzardo (2008), em sua dissertação de mestrado, descreve e analisa a realização da fricativa sibilante /s/ em final de sílaba nos DPU de Artigas, Rivera, Rio Branco e Chuy, a partir da análise de 2.328 ocorrências retiradas do Banco de Dados do Português do Uruguai (BDPU). O autor observa a ocorrência de três variantes: [s], [z] e [h]. A variante [z] responde à mesma regra do PB, aparecendo em contexto seguinte [+sonoro]; [h] é inovadora em relação ao PB; e [s] se comporta parcialmente como no PB, podendo ocorrer em contexto seguinte [-sonoro] e [+sonoro]. A partir da análise quantitativa realizada mediante o pacote Varbrul, o autor observa, em relação à variedade de Rio Branco, um peso relativo de .81 na realização da variante [h]. O tratamento conjunto das diferenças encontradas entre DPU e PB (ocorrências de [s] no lugar de [z] e ocorrências de [h] no lugar de [s] e de [z]) aponta como relevante a variável comunidade, com um peso relativo de .83 para Rio Branco. Isto é, a variedade do português utilizada em Rio Branco é a que mais se distancia do PB em relação ao fenômeno analisado.

⁵ As primeiras menções à presença de um “dialeto fronteiriço misto” de base portuguesa ao longo de toda a fronteira entre Brasil e Uruguai devem-se a Rona (1963; 1965). Desde então, têm sido propostas diferentes denominações para essa(s) variedade(s): *fronterizo*, *Dialectos Portugueses en Uruguay* (DPU), portunhol e português uruguai, entre outras, cada uma refletindo definições e marcos teóricos distintos (Carvalho, 2003). Na discussão desta seção, serão utilizadas a terminologia e a definição adotadas por cada autor.

Elizaincín, Behares e Barrios (1987) se propõem a descrever a morfossintaxe dos *dialectos portugueses del Uruguay* (DPU) a partir de dados coletados mediante gravações de interações com falantes abordados espontaneamente, sem agendamento prévio, em 7 localidades da fronteira Uruguai – Brasil. Para a análise, foram selecionados traços morfossintáticos que se comportam de forma distinta em português e espanhol⁶; para cada traço investigado, observa-se a variabilidade das formas empregadas e se tendem mais ao português ou ao espanhol. Os principais resultados referentes aos dados coletados em Rio Branco são os seguintes: artigos com forte tendência ao português; pronomes possessivos sempre empregados sem artigo antecedente; menor perda de concordância nominal (62%); sem mudança da vogal temática -a- para -e- no presente do indicativo (cf. *ficamo / fiquemo*); predominância de *ter* sobre *haver* impessoal. A análise indica que a variedade de Rio Branco apresenta a maior diferenciação em relação às demais variedades/localidades investigadas.

Muniz (2017), em seu trabalho de conclusão de curso, analisa o preenchimento de sujeitos e objetos pronominais no português uruguai (PU) falado na localidade de Poblado Uruguay (UY)⁷, comparando ao PB e ao espanhol falado em Rio Branco (UY). Para a análise, a autora baseou-se nos dados do PB conforme descritos na literatura⁸ e realizou entrevistas semi-estruturadas com informantes uruguaios falantes de espanhol da cidade de Rio Branco e com informantes bilíngues nascidos em Poblado Uruguay, cuja língua materna é o português. Os resultados do estudo mostram que o PU apresenta taxas de sujeito nulo maiores que o PB, mas menores do que o espanhol falado em Rio Branco, encontrando-se num “meio termo”. Há preferência por sujeitos nulos na 1^a pessoa do plural e sujeitos preenchidos com a 1^a pessoa do singular. O comportamento sintático dos objetos no PU é bastante próximo ao encontrado no espanhol, com uso dos clíticos de terceira pessoa *lo(s)*, *la(s)*, *le(s)*, ocorrências de duplicação de objeto e subida de clíticos, como em *le dizeram pra ela; me tenho relacionado com gente que tá bem*.

Madeira (2018), em seu trabalho de conclusão de curso, descreve a colocação dos clíticos no corpus do PU coletado por Muniz (2017), dedicando especial atenção à subida de clíticos. Os resultados mostram que, em construções com apenas um verbo, os clíticos sempre precedem os verbos simples conjugados e o gerúndio, ficando enclíticos

⁶ Por exemplo, a forma dos artigos, pronomes e preposições e a morfologia verbal.

⁷ Trata-se de uma pequena localidade rural uruguaiã situada na fronteira com o Brasil, a aproximadamente 30km de Rio Branco.

⁸ Especialmente Berlinck, Duarte e Oliveira (2015) e Cyrino, Nunes e Pagotto (2015).

aos imperativos; com infinitivos, a posição do clítico pode ser enclítica ou proclítica. Já em sequências verbais há subida de clíticos em todas as perífrases e também com verbos causativos, mas não com verbos de reestruturação. A autora também compara os resultados com a colocação pronominal no PB, no português europeu e no espanhol, concluindo que essa variedade possui características próprias.

Souza, Chaves e Simioni (2018) investigam a presença de propriedades de línguas de sujeito nulo no PU a partir do corpus ampliado coletado por Muniz (2017). As autoras tomam a inversão livre de sujeito e o paradigma flexional como foco da investigação, por serem as propriedades mais facilmente observáveis em dados espontâneos, e também examinam detalhadamente os contextos sintáticos de ocorrência de sujeitos nulos de referência definida no corpus. Os dados analisados apresentam características compatíveis com as línguas de sujeito nulo, como a presença de inversão livre, paradigma flexional rico e predomínio de sujeitos nulos em contextos que favorecem seu preenchimento no PB, o que é tomado como indício de que essas duas variedades possuem gramáticas distintas.

Simioni (2019) descreve a realização de sujeitos e objetos pronominais no PU a partir do corpus ampliado coletado por Muniz (2017). Em relação ao sujeito, a autora observa um paradigma com seis formas pronominais (a saber: *eu, tu, ele/ela, nós, vocês, eles/elas*, sem as formas *vos, ustedes, nosotros* do espanhol e também sem as formas inovadoras *você* e *a gente* do PB) e a presença de variação na concordância entre sujeito e verbo. Sujeitos de referência indeterminada são expressos preferencialmente pela 3^a pessoa do plural com sujeito nulo, sendo frequente também a forma *um* impessoal e, em menor medida, a 3^a pessoa do singular acompanhada de *se*, a forma *a gente* e o pronome *tu*. Já os objetos podem ser realizados como clíticos, nulos ou pronomes retos, sendo esses últimos sempre empregados para retomar referentes [+ humanos]. Os clíticos de 3^a pessoa são produtivos tanto na forma acusativa (*lo(s), la(s)*) quanto dativa (*le(s), lhe(s)*). Em relação às retomadas anafóricas, tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto os pronomes retos de 3^a pessoa são empregados exclusivamente com referentes [+ humanos]. Na posição de objeto, referentes inanimados são retomados preferencialmente por nulos. Os clíticos podem retomar tanto referentes animados quanto inanimados. A descrição apresentada difere tanto da gramática do PB quanto da gramática do espanhol, corroborando a hipótese de que o PU possui uma gramática própria.

Simioni (2021) explora a hipótese de que o PU preserva características sintáticas do português falado no Brasil até a primeira metade do século XIX, especificamente o sujeito nulo. Retomando os resultados de Souza, Chaves e Simioni (2018) e Simioni

(2019) sobre a expressão dos sujeitos pronominais no PU e cotejando-os a dados diacrônicos do PB do final do século XIX e início do século XX, a autora mostra que as características encontradas nesta variedade do português, embora não sejam compatíveis com a gramática do PB atual, são encontradas nos dados diacrônicos do PB.

4. Percepção, atitude, paisagem e política linguística

Nesta última seção de análise, apresentamos trabalhos que abordam um panorama linguístico geral da região da fronteira sul, sendo eles referentes ao contato linguístico das cidades vizinhas, às atitudes dos falantes frente às variedades linguísticas, à paisagem linguística da região e às políticas que envolvem as variedades do português e espanhol.

Hensey (1969) analisa o contato linguístico nas cidades-gêmeas da fronteira sul Santana do Livramento-Rivera e Jaguarão-Rio Branco por meio de cinco variáveis: i) convívio fronteiriço, ii) presença e penetração do espanhol em terras brasileiras e do português em terras uruguaias, iii) aquisição e emprego de cada língua, iv) índices de interferência fonológica, v) tipos de interferência do espanhol no português e vice-versa. A metodologia, inspirada nos estudos labovianos, envolve levantamentos de dados e entrevistas realizadas no ano de 1965. A conclusão do estudo é de que uma das línguas está em situação dominante ou pelo menos privilegiada. No caso das cidades-gêmeas analisadas, a língua privilegiada é o português.

Gonçalves (2013) objetiva descrever a prática linguística de comerciantes jaguarenses e identificar qual a atitude linguística do grupo para com o seu falar, justificada pela presença do fenômeno do code-switching⁹ na localidade. Com base em estudos de contato linguístico na fronteira BR-UY (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987) e bilinguismo (Macnamara, 1969), a autora analisa gravações individuais de 40 comerciantes e comerciários no lado brasileiro do par Jaguarão-Rio Branco. Houve controle de três variáveis: gênero, tempo de serviço e estudo de espanhol em alguma instituição de ensino. A partir dos resultados, a autora chega a algumas considerações: (i) os sujeitos são bilíngues desequilibrados, pois dominam como nativos o português, e, em diferentes graus, o espanhol; (ii) a prática linguística não corresponde a um DPU, mas ao fenômeno de code-switching; (iii) os comerciantes e comerciários identificam a existência de uma terceira prática linguística, que vai além do português e do espanhol; (iv) a grande maioria dos informantes (75%) se identifica com esse terceiro modo de falar na fronteira.

Gonçalves (2021) descreve e comprehende o papel da presença visual das línguas

⁹ Code-switching é, segundo Gumperz (1982, p. 59, tradução livre), “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”.

no espaço plurilíngue da fronteira entre Brasil e Uruguai. Fundamentada em estudos de paisagem linguística, a autora analisa dados de 10 localidades em uma amostra de 7.251 fotografias e 3.315 unidades de análise da fronteira Brasil – Uruguai, distribuídas nos pares de cidades fronteiriças, incluindo o par Jaguarão-Rio Branco. A autora conclui que há um espaço fronteiriço notoriamente plurilíngue, em que se observam línguas como árabe, mandarim, inglês, francês, entre outras.

Silva (2022) analisa a utilização do portunhol nos cardápios de dois estabelecimentos comerciais de Jaguarão com os objetivos de: identificar que sentidos o uso do portunhol tem para os comerciantes desses ambientes de circulação; observar, a partir dos relatos dos proprietários, qual a reação dos clientes em relação ao uso do portunhol; e discutir como as pessoas entendem essa terceira língua, o portunhol. A análise se justifica pelo fato de existir um fluxo muito grande de pessoas de outros países, como Uruguai, na fronteira da cidade de Jaguarão. Para tal análise, a autora, além da pesquisa bibliográfica, coletou registros fotográficos dos cardápios e aplicou um questionário aos comerciantes. Por fim, conclui que a utilização das duas línguas (português e espanhol) busca facilitar o entendimento dos clientes ao ler o cardápio de produtos oferecidos no local.

Souza e Domingo (2023) desvendam a paisagem linguística da fronteira Jaguarão–Rio Branco sob a justificativa de que as cidades vizinhas compartilham comércios, escolas e outros locais de ampla circulação. Com base em estudos sobre paisagem linguística (Landry; Bouhris, 1997), as autoras delimitaram o local, realizaram a coleta, a seleção e a descrição de imagens presentes nas vias públicas e analisaram os discursos escritos presentes nas imagens. Os dados comprovam que há bilinguismo na fronteira. A paisagem linguística revela a presença indistinta do português e do espanhol nos mesmos espaços discursivos, indicando uma maneira própria de os moradores da fronteira se relacionarem.

Souza (2016) tem o objetivo de analisar o contato linguístico entre o espanhol e o português nas regiões bilíngues uruguaias, com destaque às percepções dos falantes e sua relação com as políticas linguísticas vigentes, já que há presença histórica do português na região fronteiriça e não apenas devido à influência exercida pelo Brasil. A partir da análise pluridimensional de Thun (1998), o autor analisou documentação histórica e aplicou um questionário, tendo como informantes 40 indivíduos (divididos de acordo com o sexo, a faixa etária e o grau de instrução) em cada um dos pontos pesquisados: Chuy, Río Branco, Rivera, Artigas e Montevidéu.¹⁰ Os dados revelam que há heterogeneidade nos diferentes pontos de fronteira pesquisados. Algumas fronteiras internas estão sendo

¹⁰ Nas cidades de fronteira, as entrevistas foram feitas em português (falantes bilíngues) e em Montevidéu em espanhol (falantes monolíngues).

superadas ou criadas por uma geração sobre a outra, ou seja, diferentes gerações avaliam diferentemente o contato linguístico. No Chuy, por exemplo, a fronteira é superada e há maior receptividade ao português por parte da geração mais jovem. Em Río Branco acontece o contrário: a geração mais jovem é a que mais cria barreiras para o contato linguístico. Segundo o autor (p. 141), “em Río Branco há uma diminuição considerável do prestígio do português entre os mais jovens, indicando que no passado a língua teve uma maior importância no dia a dia de seus habitantes”.

Teixeira (2020) debate o *status* do portunhol de Jaguarão como patrimônio cultural imaterial brasileiro no Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A partir de estudos sobre formação de memória e identidade (Halbwachs, 2006) e política e contato linguístico (Fonseca, 2000), o autor realiza o levantamento de questões políticas, geográficas, linguísticas e socioculturais e mostra que há pendências quanto ao registro do portunhol no IPHAN. Quando isso for feito, haverá mais prestígio dessa variedade que ainda é estigmatizada.

5. Considerações finais

A gramática de variedades linguísticas faladas em regiões de fronteira é influenciada por características das línguas de seu entorno – nesse caso, do português e do espanhol. É o que mostra o presente texto, que se propôs a mapear estudos linguísticos do português falado nas cidades de Jaguarão (BR) e de Rio Branco (UY) com o objetivo de contribuir para a análise e a formalização da gramática do português fronteiriço.

O levantamento de referências na área nos permitiu verificar em que medida estão os estudos descritivos do português falado na região. Em relação ao português falado em Jaguarão, descrito na seção 2, no campo fonético-fonológico há maior destaque para a descrição do sistema vocalico, havendo espaço para trabalhos sobre o sistema consonantal ou sobre unidades suprasegmentais. No campo morfossintático, a totalidade dos estudos encontrados trata do quadro pronominal - seja com a inserção de *a gente*, seja com a descrição do uso dos pronomes átonos. Cabe destacar que não há nenhum trabalho de cunho morfológico, semântico ou pragmático; quanto à sintaxe, há lacunas na descrição sincrônica e diacrônica de fenômenos como preenchimento de sujeitos e objetos pronominais, colocação pronominal, realização da concordância verbal e nominal, para citar alguns.

Os trabalhos a respeito do português falado na cidade Rio Branco, explorados na seção 3, configuraram duas vertentes distintas. Os estudos pioneiros apresentam panoramas mais gerais da variedade em questão. Nessas análises, que tratam de diversas locali-

dades fronteiriças, vemos que outras cidades uruguaias são mais exploradas do que Rio Branco. Já os estudos mais recentes, específicos sobre a variedade de Rio Branco, focam na estrutura morfossintática, com pesquisas sobre o uso dos pronomes átonos e o preenchimento (ou não) das posições de sujeito e objeto. Os resultados apontam para um sistema com uma gramática própria, que ainda carece de investigações com um número maior de dados e análises comparativas. Há escassez de descrição de diversos aspectos linguísticos sincrônicos e diacrônicos. Além disso, encontramos um único estudo que compara diretamente a variedade de Rio Branco a variedades na mesma zona.

Por fim, com base na seção 4, os estudos linguísticos mais amplos, que tratam de atitudes dos falantes e de paisagem e política linguística, são a grande maioria e revelam a complexa atividade linguística dos moradores da fronteira. Há contato linguístico em virtude de atividades comerciais, culturais e familiares, o que propicia práticas linguísticas diferentes de outras regiões, as quais precisam ser exploradas de forma sistemática.

De modo geral, a partir das descrições do português falado em Jaguarão e Rio Branco, podemos afirmar que há escassez de trabalhos com dados linguísticos sincrônicos e diacrônicos na região Extremo Sul do Brasil. Tais aspectos justificam a proposição dos projetos intitulados Gramática do português: aquisição, variação e ensino; Gramática do Português: teoria, análise e ensino; e, Gramática do Português: história, contato e ensino¹¹, uma iniciativa conjunta que pretende investigar a gramática do português falado e escrito em diferentes variedades e níveis de análise por meio de metodologias qualitativas, quantitativas, mistas ou documentais, a depender do fenômeno analisado. Com esta iniciativa, esperamos contribuir para a descrição e a análise da gramática do português em diferentes variedades, níveis de análise e sincronias e produzir materiais didáticos para o ensino de gramática socialmente referenciados e coerentes com os resultados encontrados na pesquisa.

Além disso, este artigo de revisão bibliográfica revela que as amostras de dados de Jaguarão e/ou Rio Branco quase sempre estão embutidas, de forma menos privilegiada, em análises que tratam de um panorama mais geral da região fronteiriça. Contudo, nem todas as regiões de fronteira podem ser caracterizadas da mesma forma. Alguns estudos de caráter comparativo mostram que o português falado em Jaguarão se distancia do português de outras cidades fronteiriças (cf. Mazzaferro e Matzenauer, 2018), do português de Rio Branco (cf. Muniz (2017), Simioni (2019), Souza (2016), Souza, Chaves e Simioni (2018)) e do espanhol (cf. Vandresen (2004)), merecendo, portanto, atenção especial.

¹¹ Estes projetos estão vinculados ao Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas na Fronteira e ao Núcleo de estudos Formais da Linguagem (Formalin) do Laboratório de Linguística do português (LALIP), da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão.

Esse caráter peculiar vai ao encontro de Couto (2011, p. 373-375), que propõe a existência de quatro tipos de contato:

- (i) membros de um povo se deslocam para o território de um povo com língua relativamente consolidada (ex. imigrantes latinos nos EUA);
- (ii) membros de um povo mais forte (econômica, militar e politicamente) se deslocam para o território de uma população menos forte nesse sentido (ex. potências colonizadoras na África e na América);
- (iii) tanto o povo “mais fraco” quanto o povo “mais forte” se deslocam para um terceiro território (ex. ocupação de ilhas por colonizadores e escravos);
- (iv) cada povo permanece no respectivo território, viajando esporádica e temporariamente para o território do outro povo (ex. deslocamento de russos para a Noruega no verão).

Ainda, para o autor, há diferença no contato entre cidades separadas por acidentes geográficos ou não. As fronteiras BR – UY separadas por rio, sobre as quais há pouca literatura e poucos dados de análise linguística, pertencem ao tipo de contato (iv), em que há trocas frequentes, mas “a interação entre moradores [...] não é tão intensa e íntima como a que se dá entre moradores das duas partes [de cidades-gêmeas]” (p. 383). O caso das cidades de Santana do Livramento – Rivera, Aceguá – Aceguá e Chuí – Chuy é mais complexo e não se encaixa em nenhuma das classificações do autor, já que não há acidente geográfico separando os territórios. São, portanto, uma única comunidade de fala. Nesses casos,

Chuí/Chuy, Aceguá/Aceguá e Santana do Livramento/Rivera são delimitados pelos próprios habitantes como ecossistemas linguísticos únicos, embora complexos, portanto, comunidades de fala. [...] Em suma, o território leva a uma maior interação, que nos autoriza a delimitá-lo como uma única comunidade de fala (Couto, 2011, p. 388).

As conclusões expostas ao longo do texto, somadas à proposta de Couto (2011), revelam a importância de não tratarmos a fronteira BR – UY de modo homogêneo. Nesse sentido, cabe mencionar a importância da construção de um banco de dados específico da região da Jaguarão e Rio Branco. Embora dados de Jaguarão estejam presentes no BDS PAMPA (Borges e Brisolara, 2020)¹², há especificidades na região que precisam ser levadas em consideração. O banco COLORES, em fase de coleta e transcrição de entrevistas

¹² De acordo com Borges e Brisolara (2020, p. 83), o BDS PAMPA possui 24 entrevistas realizadas com participantes de Jaguarão, sendo eles estratificados em sexo (2: feminino; masculino), faixa etária (5: 16-25; 26-37; 38-49; 50-64; mais de 64) e escolaridade (2: informantes analfabetos ou máximo quinta série; a partir do primeiro ano do segundo grau, sem limite).

semiestruturadas, tem sua metodologia estabelecida com base nos dados do IBGE e do SEBRAE-RS para a cidade e apresenta estratificação em sexo (2: feminino; masculino), faixa etária (2: 25-39; 40-59; mais de 60 anos) e escolaridade (3: até 4 anos; 5-9; mais de 10 anos). Além disso, conta com representatividade de diferentes regiões das cidades na seleção dos participantes (ex. célula social preenchida minimamente por um morador do centro, um da periferia e um de área rural ou quilombola). A margem de 3 a 5 informantes por célula social corresponde a um mínimo de 54 e um máximo de 90 participantes. Com a criação de um banco de dados de fala de Jaguarão (RS) e Rio Branco (UY), pretendemos registrar e documentar o português falado na região e valorizar a cultura local.

Referências

ÁVILA, M. M., VIEIRA, M. J. B. *O Alçamento da vogal média /e/ postônica final no português falado em Jaguarão*. Apresentação de Trabalho/Comunicação no XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas. 2014. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_02691.pdf. Acesso em 20 nov. 2024.

BEHARES, L. Portugués del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (Org.) *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: ANEP, 2007. p. 99-171.

BERLINCK, R.; DUARTE, M.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (orgs.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 81-149.

BODOLAY, A. N. Análise prosódica de línguas em contato: questões totais no português e no espanhol falado na fronteira Brasil/Uruguai. *Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*, v. 1, p. 24-31, 2011. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_colloquio/article/view/1199. Acesso em 20 nov. 2024.

BORGES, P. R. S. *Agramaticalização de “a gente” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>. Acesso em 20 nov. 2024.

BORGES, P. R. S.; BRISOLARA, L. B. Banco de dados sociolinguísticos da fronteira e da campanha sul-rio-grandense – BDS PAMPA – um percurso histórico. *Revista do GEL*, v. 17, n. 2, 2020, p. 82-101. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2107>. Acesso em 20 nov. 2024.

CARVALHO, A. M. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, v. 2, 2003, p. 125-150. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41678174>. Acesso em 20 nov. 2024.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 19, p. 25-63, 1997.

CASTILHO, A. T. de. Políticas lingüísticas no Brasil: o caso do português brasileiro. *Lexis*, v. 25, n. 1 e 2, 2001, p. 271-297. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/4969>. Acesso em 20 nov. 2024.

CASTILHO, A (coord.). *História do português brasileiro*. 11 vols. São Paulo: Contexto, 2018-22.

COUTO, H. H. Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguai. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Org.). *Contatos linguísticos no Brasil*. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 369-395.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (orgs.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 37-80.

DUARTE, M. E. L.; RAMOS, J. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 173-195.

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L. E.; BARRIOS, G. *Nos falemo Brasilero: Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.

FONSECA, M. C. L. Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial*. 2000. IPHAN.

GALVES, C.; KATO, M. A.; ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

GONÇALVES, D. P. *O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão-Río Branco*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2013, 132 p. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/2173>. Acesso em 20 nov. 2024.

GONÇALVES, D. P. *Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021, 154 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233742>. Acesso em 20 nov. 2024.

GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

HALBWASCHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HENSEY, F. *O sociolinguismo da fronteira sul*. II Congresso da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, 1969, p. 107-116.

LANDRY; R.; BOUHRIS, R. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 16, n. 1, 1997, p. 23-49. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0261927X970161002>. Acesso em 20 nov. 2024.

LUZARDO, J. E. S. *Análise da fricativa sibilante /s/ do português do Uruguai*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas. 2008. 115p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/67>. Acesso em 20 nov. 2024.

MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: KELLY, L. *Description and measure of the bilingualism*. Toronto: University of Toronto Press, 1969.

MADEIRA, M. "Eu te vou dizer" como é a colocação dos clíticos no português uruguai. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018. 30 p. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br//handle/riu/3554>. Acesso em 20 nov. 2024.

MAZZAFERRO, G. T. *Vogais médias postônicas do português: Um estudo de variação linguística no extremo sul do Brasil*, Tese de Doutorado. Universidade Católica de Pelotas. 2018. 187p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/jspui/727>. Acesso em 20 nov. 2024.

MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. O comportamento das vogais postônicas finais na fronteira do Brasil com o Uruguai. *Revista Linguística (Online)*, v. 35, p. 57-79, 2019. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/ojs/index.php/Revista/article/view/7>. Acesso em 20 nov. 2024.

MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. Vogais postônicas não finais: Variação linguística no português fronteiriço. In: Carmen Matzenauer; Dermeval da Hora. (Org.). *Linguagem: Variação e estrutura da língua*. 1. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2021, v. 1, p. 38-70.

MEDEIROS, B. G. P. *Análise da posição dos clíticos em atas da Câmara de Vereadores de Jaguarão do século XIX*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2016. 28 p. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/2358>. Acesso em 20 nov. 2024.

MUNIZ, S. C. “*Nas casa sempre em brasilerio*”: o preenchimento de sujeitos e objetos pronominais no PU de Poblado Uruguay. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017. 77p. Disponível em: https://dspace.unipampa.edu.br//handle/riu/2369?locale=pt_BR. Acesso em 20 nov. 2024.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RONA, J. P. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. *Veritas*, v. VIII, n. 2, p. 201-221, 1963.

RONA, J. P. *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.

SANTANA, J. de A.; SIMIONI, L. A utilização do pronome me na fronteira sul do Brasil: estudo de caso da cidade de Jaguarão RS. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 2, ed. especial, 2016, p. 654-664. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/326>. Acesso em 20 nov. 2024.

SANTOS, A. de P. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2010.

SIMIONI, L. A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguai. *Fórum linguístico*, v. 16, n. 1, 2019, p. 3601-3611. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n1p3601>. Acesso em 20 nov. 2024.

SIMIONI, L. Sujeitos pronominais no português uruguai e no português brasileiro: sincronia e diacronia. In: BÉRTOLA, C.; OGGIANI, C.; POLAKOF; A. C. (Org.). *Estudios de lengua y gramática*. Montevideo: Universidad de la República, 2021, p. 119-129.

SILVA, T. C. F. da. *Portunhol usado no gênero cardápio em estabelecimentos comerciais de Jaguarão/RS*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2022. 22 p. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/8996>. Acesso em 20 nov. 2024.

SOUZA, H. D. L. *As fronteiras internas do “portugués del norte del Uruguay”*: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016, 187 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142915>. Acesso em 20 nov. 2024.

SOUZA, K. G. de; CHAVES, L. da S.; SIMIONI, L. Sujeitos nulos no português de Poblado Uruguay. *PAPIA*, v. 28, n. 1, p. 7-24, 2018.

SOUZA, E. G.; DOMINGO, L. C. Desvendando el paisaje lingüístico de la frontera Jaguarão/Río Branco. In: DOMINGO, L. C. ¿Puede hablar el fronterizo? Notas sobre el paisaje lingüístico de la frontera Jaguarão/Río Branco. Bagé: Innova Media Comunicação e Serviços Empresariais, 2023, p. 12-25.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 69-105. Coleção Repertórios, 1996.

TEIXEIRA, E. Patrimônio linguístico e cultural da fronteira: portunhol como patrimônio imaterial de Jaguarão. In: SANTOS, A. B.; MACHADO, J. P. *Pesquisando e pensando o patrimônio: estudos de casos e problemas teóricos*. 1. ed. Jaguarão: EdiCon, 2020, p. 38-52.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of romane Linguistics and Philology*. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

VANDRESEN, P. Os clíticos no português da fronteira gaúcha: Chuí, Jaguarão e Pelotas. *Anais da XX Jornada GELNE*. João Pessoa, 2004, p. 2083-2090.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas. Uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRSP, p. 127-159, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno; rev. C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



**O APAGAMENTO DA VIBRANTE NA ESCRITA DE ESTUDANTES
DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PROPOSTA
PEDAGÓGICA PARA ATIVAR SUA CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA**

THE ERASURE OF VIBRANT IN THE WRITING OF STUDENTS IN THE FINAL
YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL: A PEDAGOGICAL PROPOSAL
TO ACTIVATE THEIR LINGUISTIC AWARENESS

Eveline Pereira Silveira | [Lattes](#) | evelinesilveira12@gmail.com

UFSC

Juliana Flor | [Lattes](#) | professorajulianaflor@gmail.com

UFSC

Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott | [Lattes](#) | isabelmonguilhott@gmail.com

UFSC

Resumo: Este artigo aborda o fenômeno variável do apagamento da vibrante na escrita de estudantes dos anos finais do ensino fundamental, evidenciando sua relevância no contexto educacional. A partir da análise de textos produzidos pelos próprios alunos, propomos estratégias pedagógicas para desenvolver sua consciência linguística por meio de atividades lúdicas, visando sensibilizá-los para a importância dos sons na escrita. Essa proposta pedagógica objetiva promover a compreensão do sistema fonológico da língua, contribuindo para o aprimoramento das habilidades linguísticas dos estudantes.

Palavras-chave: Apagamento; Vibrante; Proposta pedagógica.

Abstract: This article looks at the phenomenon of vibrant deletion in the writing of students in the final years of elementary school, highlighting its relevance in the educational context. Based on an analysis of texts produced by the students themselves, we identify pedagogical strategies to develop their linguistic awareness through playful activities, with the aim of sensitizing students to the importance of sounds in writing. This pedagogical proposal aims to promote understanding of the phonological system of the language, contributing to the improvement of students' language skills.

Keywords: Erasure; Vibrant; Pedagogical proposal.

1 Introdução

O apagamento da vibrante final é um fenômeno que não se restringe à variação na fala, já que se verifica o fenômeno também na escrita. Trata-se, portanto, de um processo de redução ou ausência da vibrante em posição de coda medial ou final (cf. Callou, 2015; Monarettto, 2000). Esse processo, de modo geral, não apresenta avaliação negativa por parte dos falantes, sendo aceito na maior parte das esferas da sociedade, na oralidade, porém, as pessoas mais escolarizadas sabem que, no momento da escrita, a vibrante precisa ser mantida.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), em todas as regiões do Brasil, a vibrante, em final de palavra, tende a sofrer apagamento na fala. Segundo a autora, a pronúncia de palavras como *corrê* em lugar de *correr*, *almocá* em lugar de *almoçar* e *sorri* em lugar de *sorrir* é comumente encontrada. Esse fenômeno variável é condicionado por fatores não apenas fonológicos e morfológicos, como item lexical, por exemplo, já que sabemos que na classe dos verbos a queda é maior, se comparado a nomes ou preposições, mas também sociais, como contexto de uso e perfil do falante, por exemplo (cf. Bortoni-Ricardo, 2004).

Neste artigo, analisamos textos escritos por alunos de uma turma do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual pública de ensino de Santa Catarina (SC), em que o fenômeno variável se mostrou recorrente. Em seguida, propomos atividades didático-pedagógicas que visam, em sala de aula, a um trabalho focado no desenvolvimento da consciência linguística e na adequação à escrita formal da língua, no tangente ao apagamento da vibrante final.

Ao despertar a consciência linguística, busca-se que o estudante perceba a diferença tanto na oralidade quanto na escrita entre o verbo no infinitivo e o verbo conjugado. A percepção de que a sílaba tônica difere em verbos como *errar*, no infinitivo, e *erra*, no presente do indicativo, por exemplo poderá, também, despertar a consciência fonológica no momento da transposição da oralidade para a escrita, considerando que o termo *consciência fonológica* refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada, quanto à habilidade de manipular tais segmentos, e desenvolve-se gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (Capovilla e Capovilla, 2000 apud Lopes, 2004).

Assim, a proposta pedagógica visa não apenas trabalhar com a adequação à norma, mas também ampliar a compreensão dos estudantes sobre as diferenças entre oralidade e escrita e variação linguística, promovendo uma educação que valorize tanto a norma culta quanto as práticas reais de uso da língua.

A seguir, temos um exemplo da nossa amostra, retirado do texto escrito de um aluno do oitavo ano, que ilustra o fenômeno em análise, com a queda da vibrante na forma verbal infinitiva *relacionar*.

Exemplo 1¹ - Apagamento da vibrante no verbo *relacionar*.

“(...) e ficaram juntos para se **relaciona**, ele teve 7 filhos com ela idai ele foi feliz para sempre”

O artigo está assim organizado, a seguir, na seção 2, tratamos, brevemente, dos estudos sobre a queda da vibrante no português brasileiro, com questões relacionadas à oralidade e seu reflexo no processo de escrita. Na seção 3, apresentamos o contexto de aplicação da proposta e, em seguida, trazemos exemplos retirados dos textos dos estudantes que fazem parte da amostra investigada. Por fim, na seção 4, propomos atividades didático-pedagógicas para trabalhar o fenômeno em variação na escrita e, por fim, na seção 5, tecemos algumas considerações.

2 O apagamento da vibrante final

O processo fonológico de apagamento constitui-se pela supressão de um segmento, podendo ser uma vogal, glide ou uma consoante (cf. Winter, Casarin e Paza, 2023). Neste trabalho, o segmento suprimido a ser analisado é o apagamento da vibrante em posição de coda final, um fenômeno observado de forma recorrente nas produções escritas ao longo do processo de escolarização.

Segundo Monareto (2000), antigo na língua portuguesa, o apagamento da vibrante já acontecia nas classes sociais menos favorecidas economicamente, hoje está presente em todos os estratos, de forma ainda mais usual em situações com menor monitoramento. De acordo com a autora, a expansão do apagamento da vibrante pelas esferas sociais e classes de palavras diversas é mais recente, mas as alterações da vibrante aparecem desde o período latino.

Isso mostra que é um caso de mudança de baixo para cima, nos termos de Labov (2008), e que não carrega mais consigo marca de classe social.

O processo, em seu início considerado uma característica dos falares incultos, era utilizado nas peças de Gil Vicente, para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno expandiu-se paulatinamente e é hoje

¹ Os exemplos foram retirados de textos escritos por alunos do oitavo ano de uma escola da rede estadual pública de ensino do estado de SC.

comum na fala dos vários estratos sociais e corresponde ao estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no português do Brasil (Callou, 2015, p.48).

O processo de enfraquecimento simplifica a estrutura silábica da língua portuguesa, isso porque a estrutura que antes era CVC (consoante – vogal – consoante) torna-se apenas CV (consoante – vogal). Winter, Casarin e Paza (2023) afirmam que:

Essa variação encontra-se atualmente em estágio final de um processo de enfraquecimento que modifica a estrutura silábica CVC para o padrão CV, alongando e dando mais intensidade à vogal final, e pode ser explicado pelo Princípio de Sequenciamento da Sonoridade a partir da diminuição da sonoridade do núcleo silábico em direção à coda (p.03).

Para Callou (2015), caso queiramos melhor compreender a regra de apagamento da vibrante, precisamos diferenciar as classes morfológicas a que pertencem as palavras analisadas, além de ser necessário identificar a posição ocupada pelo segmento. De acordo com Callou, Moraes e Leite (2002, p. 478), o apagamento ocorre mais nos verbos do que nos nomes e, predominantemente em contextos finais, uma vez que em sílaba interna, o fenômeno quase não ocorre.

Como sabemos, muitos fenômenos de variação linguística que ocorrem na oralidade são refletidos nos textos escritos, o que muitas vezes, fazem com que não haja adequação às normas de referência da escrita. Esses processos fonológicos que nos mostram a heterogeneidade da língua são também responsáveis por generalizarmos e classificarmos os desvios que aparecem na escrita dos nossos alunos como sendo sempre de cunho ortográfico.

Segundo Santiago (2012 apud Messias; Lacerda, 2022, p. 252) esses processos fonológicos percebidos na escrita que ocasionam os desvios nas normas ortográficas são chamados de aspectos grafonéticos, caracterizados como ocorrências de traços característicos da oralidade em textos escritos.

Entender o processo fonológico é imprescindível para que o professor consiga elaborar estratégias de ensino. O apagamento da vibrante acontece, pois, o aluno passa para a escrita traços da oralidade, como verifica Lacerda e Messias:

Muitas vezes, os processos fonológicos são evidenciados na escrita de modo a originar desvios às normas ortográficas da língua. Tais ocorrências são chamadas por Santiago (2012) de aspectos grafonéticos. Aspectos grafonéticos são as ocorrências de traços característicos da oralidade

em textos escritos. Esse termo é usado por Santiago (2012) ao estudar as marcas de oralidade presentes em cartas escritas por sertanejos baianos pouco escolarizados, no século XX, em busca de indícios para a construção da história do português popular brasileiro (2019, p.252).

Embora haja relação entre as modalidades oral e escrita, conforme Marcuschi (2016), a escrita não deve ser considerada uma simples reprodução da fala, pois ambas as modalidades possuem particularidades que as diferenciam. Isso implica que a fala e a escrita são formas de manifestação linguística com usos distintos, cada qual com suas próprias normas e contextos de utilização.

3 Atividade para a coleta dos dados analisados

Para coletar os dados analisados, foram investigadas produções textuais de alunos de uma turma de oitavo ano de uma escola da rede estadual pública de ensino de Santa Catarina².

3.1 Metodologia de coleta dos dados

A unidade de ensino da qual resultaram os textos analisados neste artigo, organizou-se com uma proposta inicial de leitura e discussão acerca do livro *O diário do lobo, a verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka, durante uma aula de Língua Portuguesa. Nesta narrativa, o personagem Lobo Mau conta a sua versão da clássica história em que ele é conhecido pela perseguição aos três porquinhos.

Após a leitura e a discussão do livro, foi realizado um júri simulado acerca do caráter do réu, o Lobo Mau, para o qual a sala foi dividida em acusação e defesa.

Dado o veredito, os estudantes produziram a escrita de uma reflexão acerca do posicionamento pessoal do caráter do Lobo, seguida da reescrita do texto original, *O diário do lobo, a verdadeira história dos três porquinhos*, com um desfecho diferente.

3.2 Análise dos dados de escrita de estudantes dos anos finais do ensino fundamental

Nosso *corpus* foi composto por vinte e oito produções escritas, em nove delas encontramos o apagamento da vibrante. Trazemos, a seguir, alguns exemplos:

Exemplo 2 - Apagamento da vibrante final nos verbos *buscar* e *tratar*.

“Depois desses dias ele percebeu que estava entrando em depressão, e ele foi **busca** ajuda em um médico para se **trata**, então ele começou a se **trata** e depois de um (...)”

² A professora de Língua Portuguesa da turma é uma das autoras deste texto.

Exemplo 3 - Apagamento da vibrante final nos verbos *pedir, comer, chamar, esperar* e *comprar*.

“O lobo é culpado porque de sim foi **pedi** a açuca ai ele tava refriando e tonciu e caiu a cara io porquinho tava morto não era necessidade **come** o porco e sim **chama** a policia e **espera** e **compra** o açuca mais facio cai não”

Exemplo 4 - Apagamento da vibrante final no verbo *espirrar*.

“em acusação ao lobo mau ele poderia muito bem colocar o braço na frente ou virar pro lado pra **espirra** não virado pra casa do porco (...)”

Exemplo 5: Apagamento da vibrante final nos verbos *viajar, comer* e *passar*, bem como no substantivo *narrador*.

“Vão viaja e uma mosa ajuda eles eda um misto para eles come. E depois um padre da uma maçã para eles dois ajuda eles passa dus pulisias. O narrador eo Murilo (...)”

Nos textos selecionados, observamos o apagamento da vibrante, na sua maioria, em formas verbais, apenas uma ocorrência em nome, o que nos fornece um percentual de 90% de verbos e 10% de substantivos, corroborando os resultados de Callou, Moraes e Leite (2002).

Quadro 1 - Palavras extraídas dos textos analisados.

Vocabulário/apagamento do R	Vocabulário/forma adequada	Classe morfológica
busca	buscar	verbo
trata	tratar	verbo
pedi	pedir	verbo
chama	chamar	verbo
compra	comprar	verbo
come	comer	verbo
espira	espirrar	verbo
viaja	viajar	verbo
passa	passar	verbo
narrado	narrador	nome

Fonte: Elaborado pelas autoras

Salientamos que essa análise não foi aprofundada porque teve como intuito principal exemplificar que o fenômeno vem ocorrendo com frequência em textos de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, para, em seguida, propormos estratégias pedagógicas para o trabalho com o fenômeno em sala de aula. A sugestão é discutir com os estudantes o fenômeno em variação, nos dados em uso, para que tenham a oportunidade de compreender e aceitar as variações linguísticas e culturais presentes em sua própria variedade e em outras variedades da língua portuguesa, para uma maior consciência e respeito à diversidade linguística. Concomitantemente a essa discussão, os estudantes precisam trabalhar com a adequação dos usos aos diferentes contextos sócio comunicativos.

4 Propostas didático-pedagógicas

Nesta seção, trazemos duas propostas de atividades didático-pedagógicas, direcionadas às turmas de oitavo ano do ensino fundamental, com o objetivo de refletir sobre o fenômeno variável do apagamento da vibrante final. Pretendemos colaborar para uma aprendizagem significativa e prazerosa, na direção de uma educação linguística para a diversidade e a adequação ao contexto de uso.

As atividades pretendem mostrar a relação entre a oralidade e a escrita, chamando a atenção para o fato de que há uma tendência em fazermos a correspondência entre o som e a letra nos textos escritos, a partir daí, utilizar as estratégias propostas para minimizar o apagamento da vibrante nos contextos monitorados de escrita.

Quanto à metodologia, para ambas as propostas didático-pedagógicas propomos etapas com ênfase aos conteúdos relacionados ao fenômeno em estudo. Outras etapas e atividades podem ser acrescentadas, a depender do contexto escolar específico e das demandas das turmas em que as propostas forem aplicadas.

4.1 Atividade 1: Primeira etapa

A proposta inicial é socializar com a turma, em uma projeção, por exemplo, alguns textos escritos pelos alunos em que encontramos o fenômeno do apagamento da vibrante. Sem identificação, os textos podem ser projetados de modo que os estudantes identifiquem o apagamento da vibrante em seus textos e nos dos colegas.

Em seguida, o professor pode mostrar uma mesma forma verbal no infinitivo pessoal, no futuro do subjuntivo, e no presente do indicativo, levando os estudantes a perceberem a necessidade de diferenciar as formas verbais na língua em uso, conforme a figura 6:

Figura 6: Formas do infinitivo, indicativo e subjuntivo

Infinitivo	Indicativo	Subjuntivo
Infinitivo Pessoal	Presente	Futuro
por errar eu	eu erro	quando eu errar
por errares tu	tu erras	quando tu errares
por errar ele	ele erra	quando ele errar
por errarmos nós	nós erramos	quando nós errarmos
por errardes vós	vós errais	quando vós errardes
por errarem eles	eles erram	quando eles errarem

Fonte: Elaborado pelas autoras

O professor pode mostrar, também, contextos com as diversas circunstâncias de escrita em que se deve ou não marcar a vibrante no final das palavras.

Quadro 2: Exemplos com as formas verbais do infinitivo, futuro do subjuntivo e presente do indicativo

Infinitivo pessoal	Eu prefiro não <u>errar</u> nas minhas decisões.
Futuro do Subjuntivo	Quando ele <u>errar</u> comigo, não o perdoarei novamente.
Presente do Indicativo	Ele <u>erra</u> com frequência, mas está sempre aprendendo.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Aqui, o professor pode introduzir o conceito fonético-fonológico relacionado à tonicidade das formas verbais:

Formas verbais no infinitivo (como “errar”, “buscar”) têm a última sílaba mais forte (acentuação oxítona).

Formas verbais não infinitivas (como “ele erra”, “ele busca”) têm a penúltima sílaba mais forte (acentuação paroxítona).

Este contraste entre as formas verbais pode ser explorado para sensibilizar os alunos quanto à importância da estrutura silábica na escrita e na fala. Ao associar esta diferença na tonicidade, com os aspectos morfossintáticos tratados, os alunos poderão perceber a variação linguística e como o apagamento da vibrante pode influenciar a percepção

fonológica da língua. Isso os ajudará a reconhecer que, no infinitivo, o *R* final faz parte da estrutura sonora mais proeminente, diferentemente das formas não infinitivas, em que a tonicidade recai na penúltima sílaba.

4.2 Atividade 1: Segunda etapa

Em seguida, propomos que o professor promova uma discussão sobre a relação entre a oralidade e a escrita, chamando a atenção para o fato de que há uma tendência a fazermos correspondência entre o som e a letra nos textos escritos. Como tendemos a apagar a vibrante na fala, o mesmo tende a se repetir nos textos escritos.

Para isso, os alunos podem ser convidados a ouvirem a música *Todos os verbos*, interpretada por Zélia Duncan. Aqui eles serão motivados a observar os verbos no infinitivo. Em um segundo momento, a música será ouvida novamente e os alunos deverão anotar os verbos no infinitivo que encontrarem na audição. Por fim, a letra da música pode ser projetada na lousa ou entregue impressa aos alunos. Nesta ocasião, durante a comparação entre suas escritas e a letra da música, eles devem perceber a relação entre a oralidade e a escrita das palavras.

Errar é útil

Sofrer é chato

Chorar é triste

Sorrir é rápido

Não ver é fácil

Trair é tátil

Olhar é móvel

Falar é mágico

Calar é tático

Desfazer é árduo

Esperar é sábio

Refazer é ótimo

Amar é profundo

E nele sempre cabem de vez

Todos os verbos do mundo

E nele sempre cabem de vez

Abraçar é quente

Beijar é chama

Pensar é ser humano

Fantasiar também

Nascer é dar partida

Viver é ser alguém

Saudade é despedida

Morrer um dia vem

Mas amar é profundo

E nele sempre cabem de vez

Todos os verbos do mundo

TODOS os verbos. Intérprete: Zélia Duncan. Compositor:
Marcelo Janeci. In: OURO e cobre Duncan.

Ao fim desta etapa, o professor pode retomar a diferença entre as formas verbais no infinitivo e no futuro do subjuntivo, em que a última sílaba é tônica, e as formas conjugadas na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, em que a penúltima sílaba é mais forte, e levar uma outra letra de música aos alunos. A música sugerida é *Quando a chuva passar*, da cantora e compositora Ivete Sangalo, que pode ser projetada na lousa e escutada pela turma.

Durante a audição, os alunos deverão anotar, identificando e diferenciando, os verbos que estão conjugados e aqueles que estão no infinitivo. Em seguida, o professor pode conduzir uma reflexão sobre a percepção fonológica a partir da identificação da tonicidade dos verbos anotados pelos alunos, ressaltando a distinção na tonicidade das formas verbais.

Pra que falar

Se você não quer me ouvir?

Fugir agora não resolve nada

Mas não vou chorar

Se você quiser partir

Às vezes a distância ajuda

E essa tempestade

Um dia vai acabar

Só quero te lembRAR

De quando a gente

Andava nas estrelas

Nas horas lindas

Que passamos juntos

A gente só queria amar e amar

E hoje eu tenho certeza

A nossa história não

Termina agora

Pois essa tempestade

Um dia vai acabar

Quando a chuva passar

Quando o tempo abrir

Abra a janela e veja

Eu sou o sol

Eu sou céu e mar

Eu sou seu e fim

E o meu amor é imensidão oh oh oh oh

Só quero te lembrar

De quando a gente

Andava nas estrelas

Nas horas lindas

Que passamos juntos

A gente só queria amar e amar

E hoje eu tenho certeza

A nossa história não

Termina agora

Pois essa tempestade

Um dia vai acabar

QUANDO a Chuva Passar. Intérprete: Ivete Sangalo.
Compositor: Ivete Sangalo. In: As super novas. São Paulo: Universal Music, 2005.

As músicas escolhidas para a atividade são apenas sugestões e podem ser substituídas conforme o interesse e contexto dos alunos. As músicas foram selecionadas para chamar a atenção dos alunos para os verbos conjugados e no infinitivo, e, ainda, à distinção entre a tonicidade das formas verbais, com foco na sílaba tônica, dessa forma, a proposta pedagógica pode ser adaptada, respeitando a flexibilidade e o objetivo de desenvolver a consciência linguística dos estudantes.

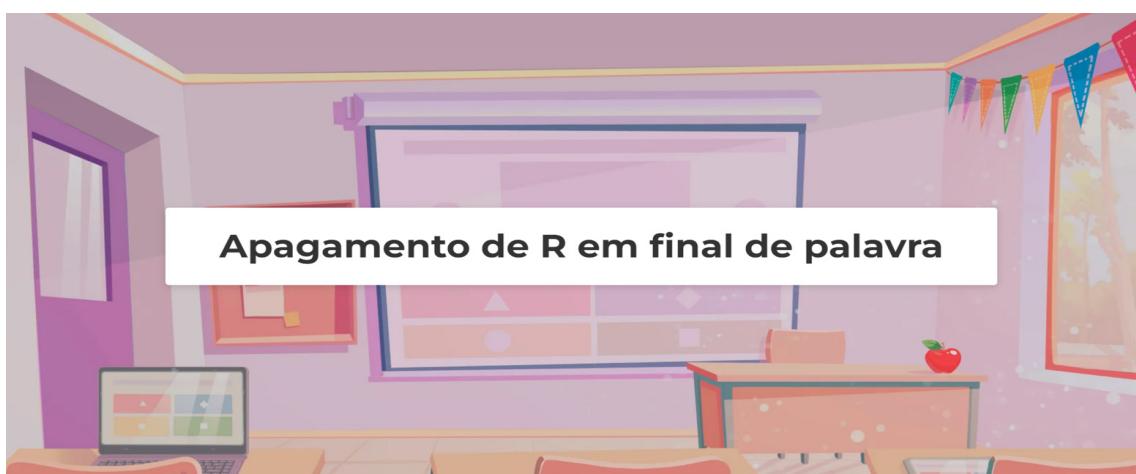
4.3 Atividade 1: Terceira etapa

Para finalizar a proposta, ainda utilizando como recurso a lousa digital ou outro recurso acessível, o professor trará a estratégia de um jogo pedagógico. Para tanto, será utilizada a plataforma de aprendizagem digital *Kahoot*, na tentativa de envolver ainda mais os alunos e estimular a participação ativa em sala de aula.

O *Kahoot* tem uma abordagem lúdica, que combina elementos de jogos com conteúdo educacional, em que os professores podem criar jogos de perguntas e respostas, conhecidos como *kahoots*, relacionados a diversos temas. Esses *kahoots* podem ser usados tanto para rever conceitos prévios, quanto para introduzir novos conteúdos.

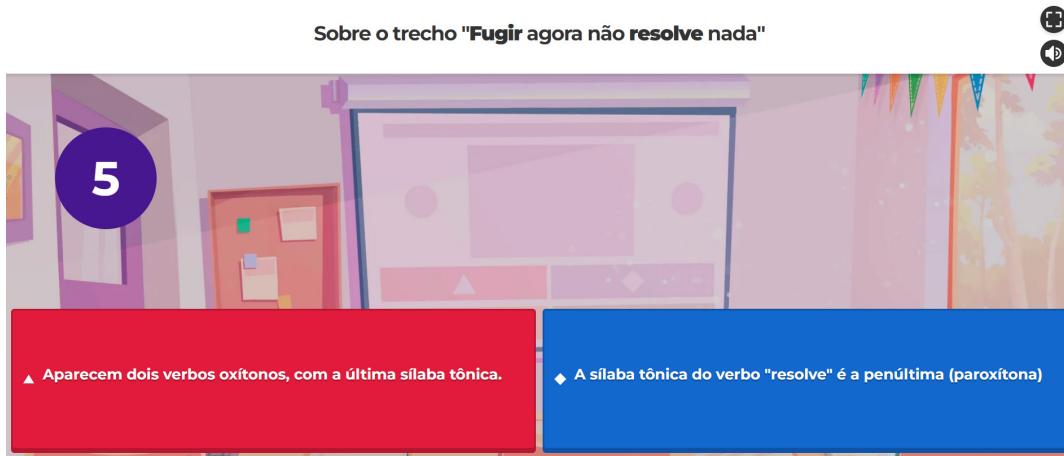
Alguns trechos das músicas *Todos os verbos* e *Quando a chuva passar* trabalhadas na primeira etapa, aparecerão no jogo.

Figura 7: Imagem do jogo criado na plataforma *Kahoot*



Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 8: Imagem do jogo criado na plataforma *Kahoot*



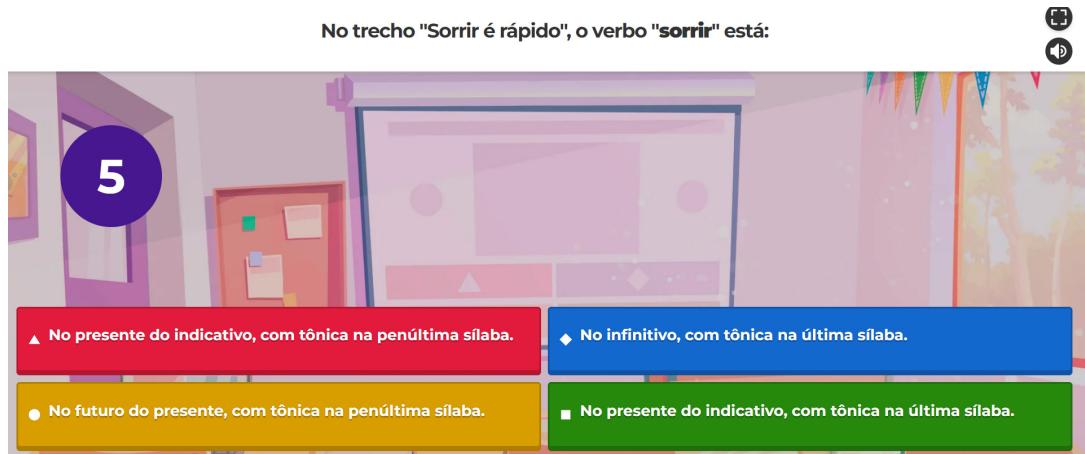
Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 9: Imagem do jogo criado na plataforma *Kahoot*



Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 10: Imagem do jogo criado na plataforma *Kahoot*



Os jogos criados podem ser acessados e jogados pelo link: <https://createkahoot.it/share/apagamento-de-r-em-final-de-palavra/9022dc6c-49a0-4695-bf4c-31179f4bea24>

4.4 Atividade 2: Primeira etapa

O professor pode iniciar a atividade explicando o que é uma transcrição ortográfica e, a partir de uma entrevista gravada, realizar uma transcrição coletiva (professor e alunos). Em seguida, como atividade para ser desenvolvida em casa, o professor pode solicitar que cada estudante entreviste e grave, com o próprio aparelho celular ou outro equipamento disponível, um parente ou amigo. O aluno deve pedir que esse parente ou amigo conte algo que aconteceu em determinado dia/momento relevante para sua família, como se estivesse falando para um diário. A narrativa deve ter no máximo cinco minutos para facilitar a transcrição.

Em sala de aula, cada estudante fará a transcrição ortográfica com ênfase na distinção entre a oralidade e a escrita. Na sequência, será proposta a socialização das transcrições evidenciando as diferenças observadas pelos alunos entre a fala dos entrevistados e a forma como essa fala foi transcrita.

4.5 Atividade 2: Segunda etapa

Nesta etapa, o professor pode iniciar explicando aos alunos que, apesar de usarmos a língua para nos comunicarmos tanto na fala quanto na escrita, essas duas formas apresentam diferenças importantes. O objetivo é que os alunos entendam essas distinções e as percebam no vídeo que será assistido.

Em sala de aula, o professor convidará os estudantes a assistirem ao vídeo *Fala e escrita*, produzido pelo canal do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) disponível no *Youtube*, no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>. O vídeo trata das relações entre fala e escrita, com a participação do professor e linguista Luiz Antônio Marcuschi e outros professores do ensino básico, em uma perspectiva teórica de fácil compreensão, mostrando como a língua se adapta a diferentes contextos de comunicação. Após a exibição, o professor poderá abrir uma breve discussão inicial para que os alunos compartilhem suas impressões. Algumas perguntas podem orientar essa discussão:

Quais características da fala foram mencionadas no vídeo?

Quais características da escrita são diferentes?

Como essas diferenças afetam a maneira como nos comunicamos?

Em seguida, o professor pode distribuir a transcrição ortográfica de alguns trechos do vídeo. A turma assistirá ao vídeo novamente, mas desta vez acompanhando a leitura da transcrição. O objetivo é observar o registro distinto das formas da fala em relação às formas da escrita, com ênfase no fenômeno do apagamento do /R/ em final de palavra. A proposta é que os estudantes registrem as diferenças observadas no caderno e, em seguida, haja uma discussão acerca de suas percepções sobre o apagamento do /R/ e das diferenças entre a fala e a escrita. O professor poderá organizar uma roda de conversa para que os alunos compartilhem suas anotações e percepções. Durante essa discussão, os alunos podem explorar:

Como a fala permite mais informalidade e espontaneidade.

Como a escrita segue regras mais rígidas de pontuação e organização.

Casos em que as duas formas podem se aproximar ou se distanciar.

Seguem alguns exemplos de palavras com /R/ em posição final na escrita que aparecem no vídeo em situação de variação, com presença e ausência do seguimento.

1:07 - Falar [fa'lar]

1:15 - Dormir [dor'mi]

1:18 - Descobrir [desko'bri]

1:25 - Utilizar [utili'za]

1:31 - Apesar [ape'zar]

1:48 - Observar [obser'va]

2:40 - Lugar [lu'gar]

3:12 - Que ['ke]

3:12 - Dizer [dʒi'zer]

3:18 - Manifestar [manifes'ta]

4:42 - Mulher [mu'λer]

4:48 - Identificar [idētſifi'ka]

4:49 - Decidir [desi'dʒi]

A atividade encerra-se com uma breve reflexão escrita sobre como essas diferenças entre fala e escrita podem influenciar a comunicação nas diferentes esferas da vida, como no ambiente escolar, profissional ou familiar.

5 Considerações Finais

Os processos fonológicos têm importante reflexo na língua escrita, muitos deles acompanham nossos alunos no decorrer da formação escolar e, por vezes, seguem com eles ao longo da vida. Identificar como esses processos aparecem na língua em uso pode nos ajudar a elaborar propostas de intervenção para que eles possam adequar os usos aos seus objetivos sócio comunicativos, seja na fala, ou na escrita.

O processo fonológico de apagamento da vibrante em coda final é recorrente na escrita dos alunos, como vimos ao longo do artigo. Embora seja um processo que não traga prejuízo à compreensão da língua em uso, consideramos que é preciso ampliar as possibilidades de uso da modalidade escrita formal da língua portuguesa e, por isso, as propostas de intervenção sugeridas.

Com a proposta das atividades didático-pedagógicas aqui apresentadas, acreditamos que possamos contribuir para que os alunos se tornem falantes mais conscientes do uso da língua, desenvolvendo a consciência linguística e adequando o uso aos seus objetivos sociocomunicativos.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALLOU, D. Variação no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-64.

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: A pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: *Gramática do Português falado*, 2. ed., vol. 6. São Paulo: Editora UNICAMP, 2002. p 463 - 489

CEELUFPE. *Fala e Escrita*. Parte 01. Youtube, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>. Acesso em 5 out. 2024.

JANEKI, M. Todos os verbos. In: *OURO e cobre*. Intérprete: Zélia Duncan. São Paulo: Universal Music Ltda, 2009, faixa 1 (4 min). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

KAHOOT. Disponível em: <https://create.kahoot.it/share/apagamento-de-r-em-final-de-palavra/9022dc6c-49a0-4695-bf4c-31179f4bea24>. Acesso em 23 jul. 2023.

LOPES, F. O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização. *Psicol. Esc. Educ.* 8 (2), São Paulo. Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/Zs83Yfc4wRLFPgpSZbQLFBb/?lang=pt>. Acesso em 10 out. 2024.

MARCUSCHI, L. A. *O papel da Linguística no ensino das línguas*. Diadorim Rio de Janeiro, Revista 18, volume 2, p. 12 -31, jul-dez, 2016.

MESSIAS, E. S. *Apagamento do /r/ em formas verbais infinitivas em textos escolares: uma proposta de intervenção*. 2019. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Profletras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

MESSIAS, E. S.; LACERDA, M. F. Quando a oralidade chega à escrita: o apagamento do /R/ em infinitivos verbais em textos escolares. *Revista A cor das letras*. v. 23, n.3, p. 249-269, setembro-dezembro de 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/acordasletras/article/view/5001/7718>. Acesso em 02 ago. 2023.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.35, p.275-284. 2000.

SANGALO, I. Quando a chuva passar. In: *As super novas*. Intérprete: Ivete Sangalo. São Paulo: Universal Music, 2005.

SEARA, I. C; NUNES, V. G.; LAZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. SEARA, I.; et. al. Fonética e Fonologia do Português Brasileiro. UFSC.

WINTER, J. S.; CASARIN, P. M.; PAZA, C. R. M. Proposta pedagógica e jogo para a aprendizagem da escrita do R final em formas verbais. *Fórum Linguístico*, v. 20, n. 2, p. 8923-8943, 26 maio 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e90551>. Acesso em: 21 jul. 2023.



A LÍNGUA-CULTURA E O ENSINO DE PLE: OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO UM MOSAICO DE DIÁLOGOS

LANGUAGE-CULTURE AND TEACHING PORTUGUESE AS A SECOND LANGUAGE:
PORTUGUESE TEXTBOOKS AS A MOSAIC OF DIALOGUES

Mariana Gurgel Pegorini | [Lattes](#) | marianagurgelpegorini@gmail.com
PUCPR

Cristina Yukie Miyaki | [Lattes](#) | cristina.miyaki@pucpr.br
PUCPR

Resumo: O tema deste artigo é a interculturalidade presente no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio, volume único, sem série definida, “Multiversos e linguagens”, considerando a sua polifonia e o público ao qual se dirige: alunos brasileiros, que aprendem português como língua materna (PLM), e imigrantes, que aprendem português como língua estrangeira (PLE). O objetivo geral foi examinar a presença da interculturalidade nos gêneros discursivos selecionados por esse livro e as vozes discursivas que representam esses diálogos interculturais. Para isso, utilizou-se principalmente os conceitos de Luna (2016), Fiorin (2020), Brait (2005) e Campos (2012). A metodologia adotada foi pesquisa qualitativa com análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Verificou-se que em “Multiversos e linguagens”, a interculturalidade é representada principalmente pelo diálogo entre diferentes estados brasileiros. Embora haja menção aos demais países falantes de português, não é possível encontrar textos cujos autores sejam dessas nacionalidades. Além disso, nos textos que representam países estrangeiros, muitas vezes a reflexão sobre os seus aspectos culturais é superficial. O uso de textos de autores estrangeiros, assim como a proposta de atividades que exijam maior discussão sobre as culturas, seriam relevantes para proporcionar o conhecimento de novas referências literárias, o respeito pela diversidade cultural e a compreensão da indissociabilidade entre língua e cultura.

Palavras-chave: Interculturalidade; Material didático de língua portuguesa; Ensino de PLE (Português como Língua Estrangeira/Adicional).

Abstract: The theme of this article is the interculturality present in a Portuguese High School textbook, “*Multiversos e linguagens*”, a single volume with no defined grade, considering its polyphony and target public: Brazilian students, who learn Portuguese as a native language, and immigrant students, who study Portuguese as a foreign language. The aim of this essay was to examine the presence of interculturality in the discursive genres selected by this textbook, as well as the discursive voices that represent those intercultural dialogues. The concepts of Luna (2016), Fiorin (2020), Brait (2005) and Campos (2012), mainly, were used to achieve it. The methodology adopted was qualitative research with content analysis, according to Bardin (2011). It was verified that in “*Multiversos e linguagens*”, interculturality is represented especially in the dialogue among different Brazilian states. Although the textbook mentions other Portuguese-speaking countries, it doesn't include texts from authors of such nationalities. Additionally, the cultures of the countries from which Brazil receives most immigrants could be more present in the textbook. The use of more texts written by foreign authors, particularly from the nationalities that migrate to Brazil the most, would be relevant to promote the inclusion of foreign students, the knowledge of new literary references, the respect for cultural diversity and the comprehension of the link between language and culture.

Key-words: Interculturality; Portuguese textbooks; Teaching of Portuguese as a second/additional language.

1 INTRODUÇÃO

O material didático é uma ferramenta essencial para o processo de ensino e aprendizagem. Como um mosaico, é composto por várias vozes, dos autores do livro didático, dos autores dos textos incluídos nele, de figuras de autoridade e até mesmo dos professores e dos estudantes que o utilizam, que se expressam nas atividades propostas pelo livro. Tais vozes transmitem diferentes visões de mundo e abrem espaço para um diálogo entre culturas. Logo, a escolha do livro didático, seja de língua materna ou estrangeira, deve ser fundamentada em critérios que considerem as necessidades e a bagagem cultural dos estudantes que irão dialogar com ele. Tendo isso em vista, este trabalho discute a interculturalidade presente em um livro didático de Língua Portuguesa para o Ensino Médio: o volume único “Multiversos Língua Portuguesa”, publicado em 2020 pela editora FTD. Os autores do livro “Multiversos Língua Portuguesa” não especificam a qual série o material está voltado, podendo, dessa forma, ser utilizado nos três anos do Ensino

Médio. É importante ressaltar que o livro será utilizado tanto por estudantes brasileiros, que estudam português como língua materna, quanto por estrangeiros, que imigraram para o Brasil e estudam português como língua estrangeira. O livro foi selecionado para análise devido à grande quantidade de escolas brasileiras que adotam o material didático de sua editora.

Acredita-se que esta pesquisa possa trazer descobertas sobre as vozes e culturas que o livro didático selecionado representa, assim como sobre a forma como ocorre a abertura de espaço para que as vozes de estudantes e professores se façam presentes no contínuo dialogismo existente no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Este trabalho é relevante uma vez que o Novo Ensino Médio iniciou sua implementação no ano de 2022, no Estado do Paraná, e seus objetivos de formação integral do estudante estão alinhados à abordagem de ensino intercultural, que visa criar um espaço de diálogo entre diferentes culturas. A terceira competência geral da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe a valorização, fruição e participação nas manifestações artísticas e culturais. Logo, fica evidente que o documento considera que a abordagem cultural deve ser comum a todas as disciplinas e séries da educação básica. Devido ao estudo de textos de várias temáticas, a disciplina de Língua Portuguesa torna-se um meio privilegiado para conhecer e discutir culturas. Além disso, o trabalho é relevante para os alunos imigrantes, pois os livros didáticos contribuem para que a sala de aula seja um espaço de trocas culturais e propiciam o ensino de português como língua de acolhimento.

As pesquisas sobre interculturalidade no livro didático estão voltadas principalmente para os materiais de língua inglesa. Porém, o atual cenário de globalização, facilidade de comunicação ao redor do mundo e migração, que possibilita ao estudante entrar em contato com diversas sociedades e seus valores, torna relevante a escolha da abordagem intercultural nas aulas de Língua Portuguesa. Ainda que se trate de um livro de língua materna, é importante ter em vista que o português é língua oficial de nove países, portanto, o idioma pode servir como língua de mediação entre culturas estrangeiras. Além disso, dentro do território nacional, encontram-se culturas distintas, como no caso de estudantes imigrantes e refugiados que estão cursando o Ensino Médio.

O material didático pode gerar aprendizagem e diálogo sobre as culturas representadas nele (a partir de gêneros discursivos escolhidos, temáticas, propostas de avaliação, atividades, etc.). Mendes (2011) usa o conceito de língua-cultura para defender uma abordagem de ensino que entende a língua como mediadora de mundos culturais e local

de interação. Isso se torna evidente no material didático conforme ele inclui textos para o estudo linguístico em que estão contidas vozes de diferentes esferas (jornalística, literária, do cotidiano, etc.), contextos e visões de mundo diversificadas e ricas culturalmente. Partindo dessa ideia, o problema que norteia este trabalho é: como a interculturalidade está presente na seleção de textos e no seu diálogo com atividades relacionadas às práticas discursivas do livro selecionado? Portanto, o objetivo geral deste artigo é examinar a presença da interculturalidade nos gêneros discursivos selecionados por esse livro, assim como as vozes discursivas que representam esses diálogos interculturais.

Para tanto, o referencial teórico do estudo se baseia, principalmente, em Luna (2016), Mendes (2011) e Hanna (2016), a partir dos quais se apresenta o conceito de interculturalidade; Antunes (2003), que aborda o ensino interacionista; Campos (2012) e Dias (2009), que fundamentam o conceito de material didático; Brait (2005), Fiorin (2020) e Brait e Melo (2005), cujos estudos tratam do dialogismo segundo Bakhtin; bem como a BNCC, para tratar dos critérios propostos por um documento oficial referente ao Ensino Médio.

Segue-se as competências e habilidades da BNCC nesta pesquisa, tendo em vista que se trata de um documento nacional de caráter normativo, cujo objetivo é definir quais resultados de aprendizagem os estudantes brasileiros devem atingir em cada fase da Educação Básica (BRASIL, 2018). Uma vez que o documento deseja estabelecer uma base comum de aprendizagens escolares para o território nacional, é necessário que os livros didáticos estejam em conformidade com os seus pressupostos. É relevante ressaltar que o livro “Multiversos e linguagens” foi publicado em 2020, dois anos após a BNCC do Ensino Médio ter sido divulgada, em 2018. Ademais, destaca-se que o documento organiza as suas competências e habilidades em eixos curriculares: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Nessa classificação, o componente curricular de Língua Portuguesa está contido em Linguagens e suas Tecnologias (junto a Arte, Educação Física e Língua Inglesa), por isso, serão citadas neste trabalho as competências e habilidades referentes a esse eixo curricular.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: apresenta conceitos sobre a produção de materiais didáticos de língua materna, bem como sobre a exposição da abordagem de ensino intercultural; aborda a perspectiva da BNCC acerca da interculturalidade; trata da concepção de ensino interacionista, do ensino de língua materna e do perfil dos

estudantes de português como língua estrangeira; na sequência, analisa os resultados e encerra com as considerações finais.

2 A ABORDAGEM INTERCULTURAL NO LIVRO DIDÁTICO

Nesta seção, conceitua-se o livro didático, a polifonia como uma característica intrínseca à sua composição, o dialogismo fundamentado e discutido por Bakhtin, a abordagem intercultural, a perspectiva sociointeracionista e o perfil dos estudantes de português como língua estrangeira.

2.1 A polifonia no livro didático: um mosaico de diálogos

O livro didático, uma das ferramentas mais utilizadas em sala de aula, é especialmente importante no contexto de ensino de língua, visto que possibilita o acesso a textos de diferentes gêneros, autores e formatos. Dessa maneira, é um gênero discursivo intrinsecamente polifônico, composto por diversas vozes que guiam o estudante em sua aprendizagem.

O atual cenário, no qual culturas diversas estão presentes em sala, constitui-se em um desafio para os elaboradores do material didático, que precisa representar e atender as necessidades de todos que o utilizam. Fundamentando-se nos conceitos de Fiorin (2012) sobre o Círculo de Bakhtin, pode-se afirmar que o discurso sempre tem um propósito, sempre revela concordância com uma posição e discordância de outra, o que interfere nas relações humanas, gerando entendimentos ou conflitos. Todavia, o caráter polifônico do livro didático pode ser o caminho para chegar ao respeito pelas diversas culturas e à integração entre sujeitos. Para isso, nesta subseção, discutem-se conceitos bakhtinianos de forma interligada à perspectiva intercultural e considerando-se também o que estabelece a BNCC.

2.1.1 O livro didático e sua natureza intrinsecamente polifônica

Os conceitos de dialogismo são relevantes para a pesquisa em língua, uma vez que sempre refletem sobre a interação humana e o contexto em que ela ocorre. De acordo com Brait (2005), o ato bakhtiniano está inserido no mundo, é intencional, realizado por um indivíduo que participa do mundo e se responsabiliza pelos efeitos causados pelo ato. A fim de propor uma fusão entre cultura e vida, Bakhtin interpreta o ato integralmente, como junção de processo, conteúdo e sentido, isto é, o ato não pode ser compreendido de forma isolada, analisando apenas o seu resultado, pois está ligado a uma série de outros

atos concretos (BRAIT, 2005). Também é preciso considerar o aluno como agente de atos e levá-lo ao comprometimento ético, isto é, à responsabilidade pelas suas ações. Isso se encaixa na discussão intercultural tendo em vista que o respeito e as trocas de saberes entre culturas promovem desenvolvimento e evitam conflitos sociais.

Já o evento, segundo o Círculo de Bakhtin, implica a presença de um objeto ou entidade, é dinâmico, singular e engloba vários atos humanos ao longo da vida do sujeito (BRAIT, 2005). Acerca disso, podemos refletir sobre a forma como o livro didático retrata os atos humanos, ou seja, como leva o aluno a interpretá-los e se considera o seu contexto histórico e social.

Segundo Faraco (2005), o conceito de autor, conforme pensado por Bakhtin, pode ser definido como aquele que, a partir da realidade vivida, recorta e reorganiza eventos para dar forma ao conteúdo. Sob essa perspectiva, autoria é “assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voz(es) social(is)” (FARACO, 2005, p. 56). Dessa forma, pode-se entender que a presença de autores diversos no livro didático permite ao estudante entrar em contato com diferentes realidades, assim como reconhecer, compreender e refletir sobre a sua própria realidade. Esses aspectos são relevantes tratando-se de alunos imigrantes, uma vez que contribuem para que a sala de aula seja um espaço de trocas culturais e da inserção desses indivíduos em um novo grupo social.

Conforme Brait e Melo (2005), de acordo com as ideias de Bakhtin e seu Círculo, enunciado é uma unidade de significação contextualizada, isto é, está situado em um momento histórico, cultural e social e envolve a situação comunicativa, os sujeitos envolvidos e seus discursos. A enunciação está ligada ao enunciado concreto, assim como a situação extraverbal, e representa a produção e a circulação de novos discursos, tendo como origem enunciações anteriores. Logo, nas atividades de interpretação textual, o livro didático deve orientar o estudante a analisar os enunciados considerando a situação em que eles foram produzidos. Com isso, a reflexão em sala ultrapassa as fronteiras linguísticas e chega a níveis interdisciplinares, como o histórico e o cultural.

Campos (2012), corroborando com essa ideia, defende que os livros didáticos que adotam a perspectiva bakhtiniana promovem o entendimento de os textos não serem isolados, mas que estes mesmos textos se relacionam com outros, com o seu interlocutor e com o contexto social em que são escritos. Compreender a função social de um gênero leva o estudante a refletir sobre as informações que circulam em outros textos (CAMPOS, 2012). Ou seja, a forma como o livro didático trata dos textos incluídos nele

influencia nos sentidos que os aprendizes constroem a partir deles, evoca conhecimentos prévios e contribui para o desenvolvimento do senso crítico. Portanto, um livro orientado pela perspectiva intercultural deve resgatar os conhecimentos culturais que o estudante já tem, assim como apresentar textos que promovam o diálogo entre culturas, auxiliando o educando a interpretá-los e, a partir desse processo, desenvolver seu senso crítico. Tendo em vista que o livro didático foi escrito para estudantes brasileiros, mas também é adotado por imigrantes em sala de aula, devido a guerras, conflitos, desastres naturais ao redor do mundo, etc., é válido considerar se o livro didático privilegia o diálogo entre os conhecimentos prévios do estudante brasileiro e do imigrante. Embora idealmente, o aprendiz de língua estrangeira utilize um livro próprio para esse contexto de ensino, não é o que se verifica na realidade brasileira atual, visto que estudantes imigrantes e brasileiros frequentam as mesmas aulas de língua.

Outra propriedade discursiva dos livros didáticos é o estilo, que Fiorin (2020) conceitua, conforme o Círculo de Bakhtin, como um conjunto de recursos discursivos e textuais que individualiza o autor. Brait (2005) explica que o estilo está ligado ao enunciado, já que reflete a individualidade do seu emissor, e ao gênero discursivo, pois cada gênero tem o seu estilo próprio. Ao abordar o livro didático, é preciso distinguir o seu estilo dos estilos dos autores dos textos selecionados para fazerem parte do material. Enquanto o primeiro encontra-se na esfera didática, muitas vezes falando diretamente com o seu interlocutor, dando-lhe explicações e o motivando a realizar atividades, os textos selecionados podem fazer parte de várias esferas, como a literária, a jornalística, a do cotidiano, etc.

Fiorin (2020) esclarece que o pensamento bakhtiniano acerca dos gêneros discursivos está focado nas suas condições de produção, na sua finalidade e na sua ligação com as esferas de atuação humana. Essa concepção relaciona-se com a perspectiva interacionista de língua, que a enxerga como local de interação através de textos e é aplicada nos processos de ensino e aprendizagem para “ampliar as competências comunicativo-interacionais do estudante”, tendo como base as práticas sociais (ANTUNES, 2003, p. 34). Esses fundamentos evidenciam o papel indispensável dos textos presentes no livro didático para que o aluno possa se familiarizar com os gêneros discursivos e construir sentidos a partir dos textos lidos.

Dias (2009), que, da mesma forma, defende a perspectiva interacionista de ensino de língua, explica que o uso de textos autênticos promove a autonomia e a interpretação crítica do estudante, e este poderá analisá-los a partir do seu conhecimento do cotidiano

e das condições de produção do texto. Além disso, comenta sobre a necessidade de o livro didático considerar as etapas de produção de um texto, transmitindo a ideia de que a escrita é um processo, e incentive o trabalho em pares. Com isso, cria-se uma atmosfera favorável ao ensino intercultural, uma vez que estudar textos autênticos é também estudar a cultura na qual eles foram produzidos, e o trabalho em pares pode gerar diálogos entre saberes e identidades.

A respeito da palavra, Bakhtin e seu Círculo consideram a linguagem em uso, afirmando que a palavra pode circular em qualquer esfera, liga o mundo interior do sujeito ao exterior, funciona para a compreensão de mundo e para a comunicação (STELLA, 2005). Ademais, Stella (2005) pontua que a palavra tem função de constituir novas ideologias, conforme o pensamento bakhtiniano. O livro didático, através da apresentação de textos, pode levar o estudante a perceber como a linguagem é usada nas esferas comunicativas para defender ideologias de culturas e grupos sociais. Com tal habilidade, ele poderá refletir sobre essas ideias de maneira crítica e questioná-las.

Conforme Bezerra (2005), a polifonia pensada pelo Círculo de Bakhtin pode ser definida como a interação entre uma multiplicidade de vozes e consciências independentes entre si. Uma vez que o livro didático é composto por vários autores (sejam eles autores do material didático ou dos textos incluídos nele) e representantes de grupos sociais, pode-se dizer que seu caráter é intrinsecamente polifônico. Portanto, é relevante pensar sobre quais vozes são expostas no material didático e sobre como elas dialogam com a diversidade cultural dos aprendizes que o utilizam, uma vez que, através da diversidade de gêneros discursivos, autores e grupos representados, o livro didático deve promover o respeito e o diálogo entre as culturas.

2.1.2 A perspectiva de ensino intercultural

Segundo Luna (2016), a abordagem de ensino intercultural caracteriza-se pela valorização de saberes de diversas culturas em uma área de conhecimento, reconhecendo que todos os saberes são incompletos, questionáveis e superáveis. Com isso, dissolve-se a concepção de um modelo epistemológico e se promove o respeito pela diversidade cultural. Luna (2016) apresenta o ensino intercultural como uma forma de criar cidadãos capazes de se responsabilizar pelas suas ações, que compreendem e contribuem com a realidade em vários aspectos (sociais, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos e ambientais). Com isso, percebe-se que a abordagem intercultural aponta para uma for-

mação integral do estudante.

O pensamento de Luna (2016) se articula com a BNCC, pois o documento entende que a abordagem intercultural de ensino promove a “formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade” (BRASIL, 2018, p. 437). Além disso, o documento propõe o tratamento dos diversos conteúdos favorecendo o respeito a várias culturas, histórias, crenças e filosofias de vida, criando um espaço de diálogo permanente e o acolhimento das diversas identidades.

É importante notar que além do eixo de Linguagens e suas Tecnologias, o termo “intercultural” é empregado na BNCC em Ensino Religioso, Arte e no eixo de Ciências Humanas, do Ensino Fundamental Anos Iniciais ao Ensino Médio. No eixo de Linguagens e suas Tecnologias, especificamente, o documento apresenta a questão intercultural de forma interligada ao uso da língua, deixando clara a importância de considerar a pluralidade cultural para promover o desenvolvimento das habilidades comunicativas. Segundo a BNCC, contextualizar as práticas linguísticas em diversos campos permite que o estudante explore a língua na cultura digital, nas culturas juvenis, em estudos e pesquisas (BRASIL, 2018).

Isso fica evidente na primeira, na quarta e na sexta competência específica propostas para o eixo de Linguagens e suas Tecnologias: “Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social”; “Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso”; “Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais” (BRASIL, 2018, p. 492).

Portanto, o documento reconhece a inseparabilidade entre língua e cultura. Esse conceito é apresentado por Hanna (2016), que usa o termo língua-cultura, o qual envolve os vários significados incluídos na língua, as intenções dos falantes, as situações sociais e a dimensão identitária da língua, o uso específico da língua por meio da qual os sujeitos se reconhecem e reconhecem os outros. Para a autora, o conhecimento de uma língua é uma forma de apreciar e entender outras culturas, propiciando a evolução de si mesmo. Dessa maneira, pode-se afirmar que os textos selecionados para compor o material didático não devem ter o objetivo apenas de ensinar conteúdos gramaticais ou familiarizar o

aluno com um gênero textual, mas também promover diálogo intercultural, reflexão e desenvolvimento do indivíduo.

Neste trabalho, a variação linguística é entendida como um fenômeno linguístico oriundo da mutabilidade e heterogeneidade da língua, tendo em vista que “não há em língua um padrão absoluto de correção (válido para todas as circunstâncias), mas apenas padrões relativos às diferentes circunstâncias” (FARACO, 2004). Considera-se neste artigo que o ensino da variação linguística faz parte do ensino intercultural, já que a língua é um elemento significativo da identidade de um povo. Ao ensinar que não há variedade linguística perfeitamente alinhada à língua padrão e promover uma reflexão sobre a diversidade linguística, favorece-se também o respeito a diferentes identidades, com seus modos de expressão linguística.

Na introdução ao Ensino Médio, feita pela BNCC, consta que o foco do eixo de Linguagens e suas Tecnologias está, entre outras questões, “na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2018, p. 471). Nas habilidades propostas para o eixo de Linguagens e suas Tecnologias, a interculturalidade se faz presente principalmente na habilidade EM13LGG601 e EM13LGG602, que tratam de manifestações artísticas e culturais de diferentes locais, sua diversidade e o desenvolvimento da visão crítica e histórica:

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica. (EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade. (BRASIL, 2018, p. 49).

Com base nos critérios da BNCC sobre diversidade cultural, de identidade e de saberes, fica claro o diálogo entre o documento nacional e a polifonia, uma vez que essas questões só podem ser representadas através de uma multiplicidade de vozes, presentes nos textos do material didático por meio de autores de diferentes culturas e de textos de diversos gêneros, temas e perspectivas, tanto no ensino de reflexão linguística como na formação literária.

2.2 As culturas que aprendem português como língua estrangeira

Uma vez que este trabalho trata da perspectiva intercultural, é preciso levar em conta o contexto de migração e refúgio no Brasil. De acordo com os pressupostos de Bizeio (2020), o livro didático é responsável por transferir informações e conceitos ao aluno, simplificando-os e aproximando-se da sua realidade. Dessa forma, na sua produção, devem ser consideradas as características, possibilidades e expectativas dos alunos, a fim de estabelecer o diálogo entre conhecimentos prévios (dos diversos estudantes) e novos conhecimentos. Portanto, entende-se a necessidade de conhecer o público-alvo do material didático.

Segundo dados da Agência Brasil (2021), nos últimos dez anos, o número de imigrantes registrados no país aumentou em 24,4%, sendo os maiores fluxos da Venezuela, do Haiti, da Bolívia, da Colômbia e dos Estados Unidos. Conforme o Instituto Unibanco (2018), entre 2008 e 2016, o número de estudantes estrangeiros matriculados nas escolas brasileiras aumentou de 34 mil para 73 mil, sendo que 64% estavam matriculados em escolas públicas. Assim, é preciso atentar para as necessidades de aprendizagem desse público, que vem aumentando.

Contudo, nem todas as dificuldades dos aprendizes imigrantes dizem respeito ao conteúdo ou à forma como ele é apresentado; muitas vezes essas crianças e adolescentes encontram cenários de exclusão e discriminação, o que interfere no seu desenvolvimento escolar e na sua inclusão na cultura brasileira. Como relatam Kohatsu, Ramos e Ramos (2020) acerca da experiência de uma escola pública em São Paulo, a valorização da cultura de alunos imigrantes e a associação entre o conteúdo das aulas e as vivências desses estudantes contribui para a superação do preconceito no ambiente escolar, além de gerar uma maior integração com os colegas brasileiros. Logo, a abordagem de ensino intercultural pode ser uma ferramenta útil para solucionar essas questões.

Dessa forma, o livro didático deve ser promotor de diálogo entre culturas. Essa proposta pode ser concretizada por meio da seleção de textos de autores e culturas diversas, seja de autores literários ou de pessoas comuns pertencentes a um grupo social, como o grupo dos imigrantes e refugiados no Brasil. Escolher textos de autores latino-americanos, por exemplo, pode levar o aluno estrangeiro a ter mais facilidade para interpretá-los e discuti-los, uma vez que já os conhece e está familiarizado com a cultura que o texto retrata. Esses textos também podem ser janelas para olhar para outras visões de mundo e outras manifestações artísticas.

Além disso, é necessário que a voz dos autores do livro didático, que aparecem nos

enunciados, nas explicações, etc., mostrem-se favoráveis à diversidade cultural. Uma vez que atualmente os estudantes têm facilidade de acesso aos recursos tecnológicos, a interculturalidade pode manifestar-se também em *links*, sugestões de vídeos, QR codes, entre outros recursos que os livros didáticos adotam, tornando-os portais para o diálogo com novas vozes, para além das fronteiras físicas de um livro didático. Por último, é preciso valorizar as vozes dos professores e alunos do livro didático, possibilitando, através das atividades, momentos de discussão e de trocas culturais.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção analisam-se os textos contidos no volume único da coleção “Multiversos e linguagens” que representam a cultura do Brasil ou de países estrangeiros. Com isso, objetiva-se analisar os elementos interculturais presentes na seleção de textos do livro e caracterizar a interculturalidade no material didático de ensino de línguas. Para atingir tais objetivos, a metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, conforme Triviños (2015), que parte do ambiente natural para a coleta de dados e os interpreta indutivamente, e com análise de conteúdo conforme Bardin (2011), que utiliza técnicas de classificação dos elementos significantes de um texto para testar as hipóteses do pesquisador.

Todo material a ser utilizado em sala de aula é um espaço para o diálogo intercultural, que será tão rico quanto a diversidade de culturas ou espaços geográficos apresentados nele. Portanto, realizou-se um mapeamento no site *Padlet*, que mostra quais países são representados no livro. Optou-se por destacar os países falantes de língua portuguesa com a cor laranja a fim de ressaltar as possíveis trocas culturais entre eles. Todavia, é importante ressaltar que a interculturalidade não se dá simplesmente pela menção de países nos textos selecionados para compor o material didático, mas através da presença de vozes representativas de vários países, continentes ou regiões.

Por isso, esta análise foi dividida entre textos de três grupos. A primeira categoria corresponde a textos que recebem citação direta, ou seja, em que há transcrição do discurso do outro (BESSA, 2011), como um trecho de livro sinalizado em bloco tipográfico. A segunda é composta pelos textos retextualizados, conforme Boch e Grossmann (2002), que passaram por tradução ou paráfrase, tal como um artigo de divulgação científica que cite pesquisas ou teorias de terceiros. Por último, a terceira categoria corresponde a uma evocação, conforme a terminologia de Bessa (2011), isto é, na qual o autor faz alusão ao discurso de outro sem citar o texto do qual a informação foi retirada. Neste caso, trata-se de um texto que não tem voz ou autoria definidas, mas que o país representado é apenas

fonte da informação. Isso pode ser visto, por exemplo, em um artigo de *blog* que trate de um aspecto cultural de um país estrangeiro sem especificar de onde essa informação foi retirada.

O livro “Multiversos e linguagens”, de Maria Teresa Arruda Campos e Lucas Sanchez Oda (2020), em sua apresentação, destaca a presença de textos multimodais. Nas orientações ao professor, comenta sobre as culturas digitais, os textos multissemióticos, as inovações e a diversidade. A partir dessa abordagem, pode-se compreender a escolha do título “multiversos”, que tem relação com a ideia de “múltiplos universos”. Apesar de não justificarem essa escolha diretamente, é possível inferir que os autores do livro fazem referência às diferentes realidades vividas pelos estudantes e a sua consequente pretensão de favorecer uma educação plural, visto que afirmam nas Orientações ao Professor que “os estudantes do Ensino Médio vivem contextos e culturas muito diversos, têm necessidades específicas e aspirações variadas” (CAMPOS e ODA, 2020). Essa proposta está alinhada com a abordagem intercultural segundo Luna (2016), pois engloba saberes de diferentes culturas quanto ao uso da linguagem. Aqui também se encaixa o termo língua-cultura de Mendes (2011), uma vez que o livro comprehende que a língua e a cultura não podem ser separadas.

Figura 1 – Mapeamento dos países representados no livro “Multiversos e linguagens”.



Fonte: as autoras, 2022.

Os gêneros discursivos predominantes são artigo de revista, com 16 ocorrências, propaganda, com 12, poema, gráfico, #sobre e #saibamais, cada um com 11 ocorrências.

A partir do mapeamento acima, percebe-se uma preocupação por parte dos autores em representar uma grande diversidade de culturas, abrangendo todos os continentes. Fica visível também que o livro apresenta oito países falantes de língua portuguesa e, dentro do território nacional, engloba textos de vários estados. Entretanto, apesar de representar 41 países nos seus textos, no livro “Multiversos e linguagens”, verificou-se que, na maioria dos casos, os textos não possuem autoria ou voz clara de autores dessas nacionalidades. Na realidade, apenas apresentam-se informações que têm como fonte algum desses países. Além disso, com frequência os aspectos culturais dos países representados são discutidos de maneira superficial. Por exemplo, o artigo “Dieta rica em proteína favorece envelhecimento e aparecimento de doenças”, retirado da revista eletrônica “Minas faz Ciência”, lista os países que mais consomem carne no mundo: Estados Unidos, Austrália, Argentina, Uruguai e Israel. Ainda que o texto trate dos hábitos alimentares desses países e os relacione com a culinária brasileira, há pouco diálogo entre essas culturas. Além disso, os exercícios propostos em seguida não estimulam a reflexão e o debate intercultural, pois privilegiam o estudo do gênero textual.

Por outro lado, o texto “Digitalização de monumentos” de F. Jones, publicado pela revista Pesquisa Fapesp, é um bom exemplo de texto intercultural. Ele inicia com a descrição do incêndio da catedral Notre-Dame de Paris e das medidas que foram tomadas para a sua reconstrução. Em seguida, mostra como esse acontecimento se assemelha ao incêndio da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus de Monte Santo, localizada na Bahia. Partindo desses eventos, o texto informa sobre a tecnologia de escaneamento tridimensional a *laser* (3DLS) e suas vantagens. Não se nota apenas um diálogo entre o fazer científico da França e do Brasil, mas também entre a religiosidade dos dois países, já que aborda a reconstrução de igrejas católicas. Adicionalmente, é possível reconhecer a troca de saberes entre o Estado da Bahia e o de São Paulo, pois o trabalho foi desenvolvido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em colaboração com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Bahia.

Nas páginas 17 e 18, os autores do material didático trazem também duas obras de arte, uma do Brasil e outra dos Estados Unidos. Nas questões seguintes, pedem que os estudantes reflitam sobre o diálogo entre elas a partir de elementos verbais (o título) e não-verbais (o desenho). Essa atividade promove a apreciação das manifestações artísticas de duas culturas diferentes a partir de suas características locais, regionais e globais, uma vez que a mobilização desses saberes é necessária para interpretá-las. Portanto, satisfaz a sexta competência da BNCC para o eixo de Linguagens e suas Tecnologias.

Figura 2 – Atividade intercultural.

**MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO
REPRODUÇÃO PROIBIDA**

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO PROIBIDA

18

Textos

Texto 1



sobre

Andy Warhol
Andy Warhol (1928 - 1987), artista visual e cineasta estadunidense, foi um dos maiores nomes do movimento artístico Arte Pop. A partir dos anos 1960, passou a utilizar em suas obras referências do mundo cotidiano, em especial as associadas às culturas de massa estadunidense e mundial.

WARHOL, A. Lata de sopa Campbell (Tomate). 1962.
Acrílico com esmalte metálico sobre tela, 50,8 cm x 40,6 cm.

Unidade 1 • O leitor 17

Texto 2



sobre

Rubens Tiezzi
Rubens Tiezzi (1958-) é arquiteto e artista plástico. Suas obras arquitetônicas destacam-se pela concepção orgânica das construções e pelo uso de materiais sustentáveis. Como artista plástico, participou de exposições na Fundação Nacional de Artes (Funarte) e integra o #RabisqueirosColetivo.

TIEZZI, R. Camp hell's. 2020. Pastel sobre papel, 42 cm x 54,9 cm. Coleção particular.

18

O diálogo entre autores e suas criações compõe uma corrente na qual se podem identificar estilos, temas, formas e recursos de linguagem que são criados, retomados, recriados e ressignificados.

Esse diálogo compõe uma certa tradição: as latas de sopa elevadas ao *status* de arte, que tanto impactaram nos anos 1960, são revistas por obras contemporâneas e ganham novos sentidos. Percebe-se, assim, que todo artista também dialoga com as produções que o precederam.

Mas, para renovar e atualizar a produção artística, também é preciso romper com o conhecido. É por meio da manutenção da **tradição** e de sua **ruptura** que se constroem a história da arte, em geral, e a da literatura, em particular.

Fonte: CAMPOS; ODA, 2021, p. 18.

Na categoria em que há transcrição direta do discurso do outro, encontram-se apenas textos de autores brasileiros e portugueses. Embora o livro trate do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e os países que fazem parte dele, não há inclusão de textos originários dos demais países que têm o português como língua oficial. Por outro

lado, a seleção de texto engloba vários estados do Brasil, como Amazonas, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Bahia e Rio Grande do Sul. Por exemplo, o texto “Acarajé quente” de A. Gonzalez relata um diálogo entre uma baiana e um gaúcho que inclui expressões características de cada estado: “meu rei”, “bah” e “oxê”. Apesar disso, a variação regional não é discutida nas perguntas feitas em seguida, que dizem respeito à análise linguística e à interpretação de texto. A variação linguística é discutida com maior ênfase nas páginas 292 e 302-306, o que contribui para que os estudantes percebam a presença de mais de uma cultura no território nacional e possam discutir sobre essa diversidade. Logo, o livro dialoga com os critérios da BNCC, pois promove o respeito à diversidade de culturas, saberes e identidades. Também é abordada a variação do português em Angola e em Moçambique, mostrando ao aluno a riqueza da língua portuguesa.

A respeito dos textos em que ocorre tradução, o material didático traz trechos de livros da Rússia, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Colômbia e da Argentina. A escolha dos textos que tratam da série Harry Potter e, mais especificamente, do livro “Harry Potter e a criança amaldiçoada”, de J. K. Rowling, é oportuna, visto que conversa com os interesses dos estudantes, trazendo livros contemporâneos e populares entre o público jovem. A partir deles, o livro didático desenvolve atividades de interpretação de texto. O trecho retirado de “Estética da criação verbal”, de Bakhtin, que trata das esferas da comunicação verbal, relaciona-se ao conteúdo estudado e à quarta competência da BNCC, pois mostra como a língua varia de acordo com o contexto de uso. Os autores também incentivam os estudantes a pensarem sobre os gêneros textuais que surgiram com a internet, o que reforça a intenção do livro de abordar as culturas digitais e os textos multissemióticos.

Quanto aos textos representantes da Colômbia e da Argentina, o material apresenta autores influentes da literatura latino-americana: Júlio Cortázar e Gabriel García Márquez. Essas representações valorizam a cultura de alunos de outros países da América do Sul e da América Central falantes de espanhol que estão aprendendo português como língua estrangeira, um número significativo dentre os alunos imigrantes, de acordo com os dados da Agência Brasil (2021). O uso das obras “Cem anos de solidão” e “O amor nos tempos do cólera”, de Gabriel García Márquez, é especialmente interessante pois se trata de um autor contemporâneo e pertencente a uma escola literária pouco comum no Brasil, o realismo mágico. Ao lado do trecho de “Cem anos de solidão”, os autores usam duas caixas de texto para apresentar o autor e algumas características do realismo mágico. Assim, o material didático propicia a ampliação do repertório literário dos estudantes com obras mais complexas e de outros espaços, o que está de acordo com os objetivos do campo artístico/literário da BNCC (BRASIL, 2018).

O livro dá ênfase a textos atuais e digitais ou do cotidiano, como artigos de revista eletrônica, artigos de divulgação científica, vídeos e perfis de rede social. Dessa maneira, segue o componente curricular de Língua Portuguesa e propõe o estudo de gêneros relevantes para a formação discente, uma vez que os prepara para a atuação social em todos os campos.

Pode-se citar como exemplo a transcrição do vídeo “A física nos games”, de Átila Iamarino, pois, antes do texto, os autores do livro incluem um quadro de texto com informações acerca da formação do autor. Assim, satisfaz-se uma das intenções do campo jornalístico-midiático discutido na BNCC: preparar o estudante para o trato da informação na esfera midiática (BRASIL, 2018). Esse trecho possibilita o debate em sala sobre fontes confiáveis ou não confiáveis, argumentos de autoridade, entre outros conceitos referentes ao letramento digital que são fundamentais na atualidade. A atividade também reforça o conceito de palavra apresentado por Stella (2005), ao afirmar que a sua função é compreender o mundo, comunicar e criar novas ideologias.

Figura 3 – #sobre Átila Iamarino

**MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA**

A ciência em minutos
Estratégias didáticas nas Orientações para o professor

O processo de pesquisa, para produzir resultados confiáveis, deve obedecer a uma rigorosa metodologia de coleta e análise de dados. Por isso, os artigos que registram as pesquisas são técnicos e, por vezes, difíceis de serem lidos pelo público leigo. Por outro lado, outros formatos de textos de divulgação científica têm como objetivo tornar os processos e resultados de pesquisas acessíveis ao leitor não especialista.

Esses textos de divulgação científica são importantes porque, além de popularizarem conhecimentos da ciência e explicações sobre a realidade, podem formar um leitor também rigoroso, capaz de filtrar as informações que merecem ou não merecem crédito, bem como incentivar os jovens a seguir a carreira científica. Alguns desses textos também podem esclarecer aspectos de práticas cotidianas e de lazer, como os *games*.

Contemporaneamente, os vídeos disponíveis em plataformas da internet alcançam um público numeroso, dado seu poder de concisão, os recursos midiáticos em que se apoiam e a facilidade de compartilhamento. Canais de vídeos de divulgação científica na internet têm, portanto, grande responsabilidade na difusão do conhecimento.

1. Respostas e comentários nas Orientações para o professor.

Ler o mundo

2. Espera-se que os estudantes percebam que muitos vídeos são produzidos por pessoas que não pensam a formulação necessária para reproduzir determinados conteúdos e podem divulgar incríveis. É preciso ficar atento ao autor do vídeo, à sua formação e à sua experiência com o conteúdo ou na área relacionada ao assunto divulgado.

Considere suas experiências com o consumo de textos de divulgação científica, sejam eles encontrados em material impresso, digital ou assistido pela televisão ou em vídeos na internet.

1. Com que tipo de produções de divulgação de ciência você mais tem contato?

2. A equipe responsável por uma revista é formada por profissionais capacitados para divulgar determinadas informações. Pensando nisso, que tipo de cuidado é necessário ao assistir a um vídeo de divulgação científica na internet?

3. Qual é a importância para a sociedade da circulação do conhecimento científico de forma mais acessível? Espera-se que os estudantes percebam que a divulgação de como funciona o método científico pode educar o público para identificar ou suspeitar de informações falsas, algumas delas amplamente reproduzidas em grupos de discussão formados por pessoas que não são especialistas no assunto. Além disso, a disseminação de conhecimento é importante para a sociedade de forma geral.

Você vai ler a seguir a transcrição do vídeo **A física nos video games**, produzido pelo canal Nerdologia e apresentado pelo microbiologista Átila Iamarino.

sobre

Átila Iamarino

O biólogo e pesquisador paulistano Átila Iamarino (1984-) é formado em Ciências Biológicas e doutor em Virologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado feito nessa mesma instituição e na Universidade Yale, nos Estados Unidos. Notabilizou-se por seu trabalho de divulgação científica na internet, tendo papel de destaque na difusão de informações sobre o novo coronavírus (SARS-CoV-2) quando a pandemia atingiu o Brasil em 2020.

* Foto do cientista em 2013.

Fonte: Campos; Oda, 2021, p. 275.

Os gêneros discursivos mais representados são poemas, gráficos e propagandas. Todavia, o livro apresenta grande diversidade de gêneros, incluindo crônicas, contos, manifestos, biografia, crítica literária, etc. O material tem grande presença dos gêneros digitais, e em várias ocasiões preserva a estrutura de um tuíte, perfil de rede social ou *site*. Os autores também fazem uso de caixas de texto nas laterais ou no final das páginas para apresentar mais informações sobre o autor de um texto ou indicar materiais complementares que se relacionem com o conteúdo estudado. Tais recursos recebem o nome de #sobre e #saibamais. Com o uso de *hashtags* para nomear essas seções, nota-se o letramento digital e, mais uma vez, a tentativa de se aproximar do universo tecnológico e de dialogar com os interesses dos interlocutores do material didático. Essas escolhas contribuem para que o aluno perceba que a língua varia de acordo com o contexto de uso, como normatiza a quarta competência da BNCC (BRASIL, 2018).

A grande diversidade de vozes no livro didático também favorece esse aprendizado, e observa-se que a voz do jornalista é a predominante. Dentre os textos da esfera jornalística, é possível citar o “Quando o Twitter apareceu ninguém sabia exatamente”, de Rosana Hermann. Uma caixa de texto na lateral da página informa sobre a carreira da autora como jornalista. Ela resgata a história do surgimento da rede social Twitter, atualmente chamada X, e sua participação nela. Com isso, vê-se a organização de experiências vividas para dar forma ao conteúdo, que Faraco (2005) define como autoria.

Outro texto jornalístico que trata das redes sociais, dialogando com a realidade dos estudantes, é o “Youtubers e influenciadores mirins: quando a diversão vira trabalho infantil”, de Guilherme Dias, publicado no *site* Criança Livre de Trabalho Infantil. Nele, o autor relaciona a prática de crianças e adolescentes produzirem vídeos na *internet* à legislação brasileira, o que mostra o diálogo entre duas esferas comunicativas: a do cotidiano e a oficial. Neste trecho, pode-se perceber o evento, conforme definido por Brait (2005), pois o livro trata de um conjunto de atos humanos situados em um contexto histórico de amplo uso tecnológico e leva o estudante a interpretá-los com base na opinião de um especialista.

No entanto, notam-se também as vozes de autores literários, jovens, políticos, órgãos nacionais ou internacionais, etc. Por exemplo, o livro traz uma entrevista com o influenciador digital alagoense Carlinhos Maia, que discute o seu sucesso na *internet*. Já o texto “Conheça Duda Beat: artista que sobreviveu à sofrência e ganhou o Brasil”, de Janaíne Souza, trata da carreira da cantora pernambucana Duda Beat. Embora a sua voz não esteja presente, o autor da reportagem apresenta a biografia da autora e comenta so-

bre o tema de suas músicas. Partindo dessa realidade virtual, que faz parte do cotidiano dos alunos, abre-se espaço para comentar sobre os locais de origem dessas pessoas, seus valores e os elementos culturais que transparecem em seu trabalho. Tendo em conta a diversidade de gêneros, esferas, modalidades e vozes incluídos no material didático, pode-se afirmar que os autores alcançaram o seu objetivo de representar múltiplos universos.

Portanto, considera-se que no livro “Multiversos e linguagens” há pouco diálogo entre culturas tratando-se da relação entre o Brasil e outros países, especialmente em relação aos países falantes de português, visto que há poucas ocorrências de vozes de autores estrangeiros que trouxessem informações relevantes sobre sua cultura de origem. Contudo, o livro promove a interculturalidade dentro do território nacional, visto que estão presentes nele as vozes de autores como Ferreira Gullar (do Maranhão), Guel Arraes (de Recife), Carlos Drummond de Andrade (de Minas Gerais) e Maria Valéria Rezende (de São Paulo).

É possível perceber o estilo da obra por meio da escolha de títulos mais divertidos para as seções do material, dos países que representa e dos gêneros digitais apresentados, sempre respeitando o estilo do gênero textual livro didático, o que pode ser afirmado, dentre outros critérios, visto que traz conceitos corretos e atualizados, além de respeitar as regras gramaticais e ortográficas da norma padrão. Como defende Fiorin (2020), o estilo individualiza o autor do texto. Segundo o conceito de autor de Faraco (2005), essas escolhas estão vinculadas à realidade do produtor do texto. Dessa forma, mais um diálogo intercultural faz-se presente no material didático.

O uso de textos autênticos no livro mostra uma preocupação com a familiarização dos estudantes com os gêneros discursivos e o desenvolvimento de suas habilidades argumentativas, como defende Antunes (2003), e, em especial, apresenta preocupação semelhante com os gêneros da esfera jornalística, digital e do cotidiano. Verificou-se também que o livro segue o pensamento bakhtiniano a respeito dos gêneros discursivos, conforme Fiorin (2020), e dos enunciados, de acordo com a definição de Brait e Melo (2005), pois os exercícios propostos após as leituras frequentemente exigem que o aluno identifique suas condições de produção.

Seria interessante que os livros didáticos de Língua Portuguesa buscassem representar mais os demais países falantes de português, além de Brasil e Portugal, a fim de discutir variações linguísticas, semelhanças e diferenças culturais entre eles e o Brasil. A menção aos países participantes do acordo ortográfico e a discussão sobre a variação linguística entre o português brasileiro, o moçambicano e o angolano são avanços que

promovem o diálogo intercultural. Porém, é oportuno que essa representação ocorra também em textos nos quais a voz e a autoria de autores dessas nacionalidades fiquem claras, assim como já é feito com os autores brasileiros e portugueses. Dessa forma, os estudantes poderiam conhecer novas referências literárias, discutir sobre a ligação entre língua e cultura e refletir sobre o respeito à diversidade cultural.

Considerando que os estudantes imigrantes também utilizarão o livro didático, seria benéfico incluir mais textos de autores estrangeiros, principalmente dos países dos quais o Brasil mais recebe imigrantes. Tendo em vista que, segundo a Agência Brasil (2021), três deles (Venezuela, Bolívia e Colômbia) são latino-americanos, poderiam ser selecionados mais textos dessa região a fim de possibilitar que os estudantes imigrantes participem das trocas culturais com base nos seus conhecimentos prévios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral examinar a presença da interculturalidade nos gêneros discursivos selecionados pelo volume único “Multiversos e linguagens”, de Campos e Oda (2020), assim como as vozes discursivas que representam esses diálogos interculturais. Para isso, buscou-se caracterizar ensino intercultural por meio do estudo de referenciais teóricos na área de Educação, com base, principalmente, nos pressupostos de Luna (2016), Mendes (2011) e Hanna (2016), além do conceito de livro didático e o de dialogismo, este último de Bakhtin.

Com a análise do livro didático, evidenciou-se a priorização do diálogo intercultural entre diferentes regiões do Brasil, valorizando e promovendo o respeito às culturas, às identidades e aos saberes presentes no território nacional. Além disso, outras culturas são representadas através de trechos de livros, tirinhas e textos jornalísticos. Todavia, percebe-se pouco diálogo com os demais países falantes de português, além de Brasil e Portugal. Como alternativa, seria relevante buscar representar mais as culturas dos estudantes imigrantes, como forma de propiciar a sua inclusão e de favorecer as trocas culturais. Tendo em vista o seu caráter polifônico, o livro didático pode retratar uma grande diversidade cultural, assim como vozes de várias esferas (literária, artística, jornalística, etc.). Quanto mais essa oportunidade for aproveitada, maiores serão as trocas culturais e o enriquecimento do repertório dos estudantes.

Novas pesquisas nesta área poderão ser feitas para investigar se outras coleções, em especial aquelas lançadas após a publicação da BNCC para o Ensino Médio, adotam a perspectiva intercultural de ensino e se estabelecem diálogo entre as regiões brasileiras ou entre os países falantes de português.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. *Número de novos imigrantes cresce 24,4% no Brasil em dez anos*. Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/numero-de-novos-imigrantes-cresce-244-no-brasil-em-dez-anos>. Acesso em 9 maio 2022.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BESSA, J. C. R. (Re)pensando a citação em textos acadêmico-científicos. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 421-439, 2011. Disponível: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/8832>. Acesso em 16 nov. 2023.
- BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOCH, F.; GROSSMANN F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002. Disponível: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12452>. Acesso em 16 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 19 out. 2021.
- CAMPOS, M. T. A. ODA, SANCHES, L. *Multiversos Língua Portuguesa*. 1a edição. São Paulo: FTD, 2020.
- DIAS, R. Critérios para a avaliação do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE). In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- FARACO, C. A. *Por uma pedagogia da variação linguística*. 2004. Disponível em: https://variacaolinguistica.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/06/faraco_-por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf. Acesso em 12 out. 2024.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2020.

HANNA, V. L. H. Interculturalismo, transculturalismo: reflexões sobre perspectivas transnacionais nos estudos de línguas estrangeiras. In: FREITAS DE LUNA, J. M. (org.). *Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade e cidadania global*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2016. p. 115-127.

INSTITUTO UNIBANCO. O papel da gestão no acolhimento de alunos imigrantes. *Aprendizagem em foco*, n. 38, fev. 2018. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/38/>. Acesso em 9 maio 2022.

KOHATSU, L. D.; RAMOS, M. C. P.; RAMOS, N. *Educação de alunos imigrantes: a experiência de uma escola pública em São Paulo*. Scielo, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/MRJCDFcLGqrvjV9N6GHdGhn/?lang=pt>. Acesso em 9 maio 2022.

LUNA, J. M. F. de. Internacionalização do currículo e educação intercultural: aproximações à luz da sociologia das ausências e da sociologia das emergências. In: LUNA, J. M. F. de. *Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade e cidadania global*. São Paulo: Pontes, 2016.

MATÊNCIO, M. L. M. Atividade de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002. Disponível: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12453>. Acesso em 16 nov. 2023.

MENDES, E. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. (org.). *Diálogos Interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2015.



VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS DE PORTO ALEGRE (RS) E OS ESTILOS DE VIDA DOS PORTO-ALEGRENSES

**VARIATION IN THE NOMINAL NUMBER AGREEMENT IN PORTO ALEGRE
PORTUGUESE AND THE LIFESTYLES OF PORTO-ALEGRENSES**

Bruna Silva dos Santos | [Lattes](#) | brunacortezi.bc@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Elisa Battisti | [Lattes](#) | battisti.elisa@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O artigo apresenta os resultados de um estudo acerca da concordância nominal de número (CN) no português em Porto Alegre (RS) no que se refere à variação entre CN explícita (*as coisas quebradas*) e CN zero (*as coisas quebrada, as coisa quebrada*). Na primeira etapa do estudo, realizou-se análise quantitativa de produção linguística do tipo atomística (Scherre, 1988) ou mórfica (Lucchesi; Dália, 2022) na linha sociolinguística variacionista (Labov, 2008), com dados de 32 entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (2015-2019). Tomando-se a CN explícita como valor de aplicação da variável resposta, controlaram-se dez variáveis previsoras: Processos morfológicos para a formação de plural, Tonicidade do item lexical singular, Posição relativa do elemento ao núcleo, Posição Linear do elemento no sintagma nominal, Classe gramatical do item analisado, Gênero, Escolaridade, Renda, Zona. A análise dos dados com o R, uma linguagem de programação e ambiente de computação estatística (The R Core Team, 2022), em modelos de regressão logística de efeitos mistos mostrou que a CN explícita é favorecida por elementos pospostos ao núcleo do sintagma nominal e por falantes com nível superior de escolaridade. É desfavorecida por plural regular, vocábulos paroxítonos e proparoxítonos e falantes de renda baixa. Na segunda etapa do estudo, realizou-se análise de conteúdo (Bardin, 2011) em 8 das 32 entrevistas sociolinguísticas, procurando esclarecer por que categorias como Escolaridade, isoladamente, não são capazes de explicar a CN explícita. Os relatos nas entrevistas mostram que produzir mais CN explícita é atributo de sujeitos cujos estilos de vida pautam-se pelo gosto de luxo (Bourdieu, 2015): circulam pelo centro da cidade, consomem produtos culturais, em práticas que valorizam e requerem o uso da CN explícita, o que é possível com maiores níveis de renda.

Palavras-chave: Concordância nominal de número; Português brasileiro de Porto Alegre; Análise variacionista laboviana; Análise de Conteúdo; Dados do LínguaPOA.

Abstract: The article presents the results of a study about nominal number agreement (NC) in Porto Alegre Portuguese regarding the variation between explicit NC (*as coisas quebradas* ‘the broken things’) and zero NC (*as coisas quebrada*, *as coisa quebrada*). In the first stage of the study, a quantitative analysis of linguistic production of the atomistic (Scherre, 1988) or morphic type (Lucchesi; Dália, 2022) was carried out in the variationist sociolinguistic line (Labov, 2008), with data from 32 sociolinguistic interviews from LínguaPOA (2015-2019). Having explicit NC as the application value of the response variable, ten predictor variables were controlled: Morphophonological processes for plural formation, Stress of the singular lexical item, Relative position of the element to the head, Linear Position of the element in the noun phrase, Grammatical class of the analyzed item, Gender, Education, Income, Zone. Data analysis with R, a language and environment for statistical computing and graphics (The R Core Team, 2022), in mixed effects logistic regression models showed that explicit NC is favored by elements postponed to the head of the noun phrase and by speakers with a higher education level. It is disfavored by regular plurals, paroxytone and proparoxytone words, and low-income speakers. In the second stage of the study, content analysis was carried out (Bardin, 2011) in 8 of the 32 sociolinguistic interviews, seeking to clarify why categories such as Education, alone, are not able to explain the explicit NC. The reports in the interviews show that producing explicit NC is an attribute of subjects whose lifestyles are guided by a taste for luxury (Bourdieu, 2015): they circulate in the city center, consume cultural products, in practices that value and require the use of explicit NC, which is possible with higher income levels.

Key-words: Nominal number agreement; Brazilian Portuguese from Porto Alegre; Labovian variationist analysis; Content analysis; LínguaPOA data.

Introdução

Neste artigo, sobre a concordância nominal de número em sintagmas nominais (CN) no português de Porto Alegre,¹ tratamos da variação entre CN explícita (*aque-las meninas bonitas*) e CN zero (*aque-las meninas bonitaØ*, *aque-las meninaØ bonitaØ*). Nossos objetivos são apresentar e discutir os resultados das análises quantitativa e qualitativa realizadas,² a primeira para esclarecer os condicionadores linguísticos e sociais da CN variável em Porto Alegre (POA), a segunda, para levantar relatos de práticas sociais

¹ Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul, estado situado no extremo sul do Brasil.

² Este artigo é um recorte de Santos (2022).

associadas ao valor social e aos eventuais significados sociais indexados pela CN explícita e pela CN zero nessa variedade de fala.

Mesmo havendo uma longa tradição de estudos variacionistas acerca da CN no português brasileiro (PB), POA carece de uma pesquisa sociolinguística para além da realizada por Pontes (1979), que investigou a variável na fala de indivíduos não alfabetizados, com ensino primário incompleto. Salientamos aqui a falta especialmente de um estudo sociolinguístico variacionista representativo da comunidade de fala, efetuado com dados mais recentes, uma vez que Mangabeira (2016) investigou a CN no português de POA, mas em uma comunidade de prática.

Assim, com este estudo, esperamos colaborar no mapeamento da CN variável no PB, a partir da análise de produção linguística na perspectiva atomística ou mórfica,³ na linha variacionista quantitativa laboviana (Labov, 1994, 2001, 2008, 2010), de uma de suas variedades, o PB de POA. Considerando os resultados de investigações já realizadas acerca da CN no PB (Scherre, 1988, Oushiro, 2015, Mangabeira, 2016, entre muitos outros), nossa hipótese é a de que os condicionadores da CN variável no PB de POA sejam similares aos verificados em outras variedades, pois, como afirma Scherre (1994, p. 2), a CN apresenta “tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis”.

Para isso, extraímos dados de 32 entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA (2015-2019) e os analisamos quantitativamente com a linguagem de programação R (The R Core Team, 2022), na interface RStudio, em modelos estatísticos de regressão logística de efeitos mistos (função *glmer*) contendo as variáveis aleatórias Palavra e Informante. A novidade da análise quantitativa encontra-se nesse tratamento estatístico dos dados⁴: a execução da análise em modelos efeitos mistos, com a inclusão de variáveis aleatórias,

³ Pelo recorte efetuado neste artigo, trazemos apenas a análise da CN variável na perspectiva *atomística* (Scherre, 1988) ou *mórfica* (Lucchesi; Dália, 2022). Os estudos variacionistas sobre a CN variável a partir de Scherre (1988) reconhecem dois tipos de análise, *não-atomística*, levando em conta a presença/ausência de concordância nominal de número no sintagma como um todo, e *atomística*, considerando a presença de marca de concordância em cada elemento do sintagma. Lucchesi e Dália (2022) chamam a análise *não-atomística* de *sintagmática* e a *atomística* de *mórfica*, denominação que adotamos aqui. Segundo esses autores, os estudos de Scherre e os subsequentes, de diferentes autores, acabaram por focalizar preponderantemente a perspectiva *atomística/mórfica*, o que não fornece um retrato completo da CN variável. Concordamos com os autores. A decisão de relatar aqui apenas os resultados da análise mórfica deve-se, de um lado, ao necessário recorte de informações requerido pelo artigo; de outro, à preponderância acima afirmada e, com ela, a possibilidade de comparar nossos resultados aos de vários outros estudos. Para os resultados da análise sintagmática da CN variável no PB de POA, ver Santos (2022).

⁴ As análises quantitativas da CN variável no PB, a partir dos anos 1970, realizaram-se com os programas do pacote VARBRUL (Cedergren; Sankoff, 1974) e, depois disso, com versões desses programas para o ambiente Windows, como a Goldvarb-X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Análises mais recentes, como a de Oushiro (2015), Santos (2022) e a que se realiza neste artigo empregam a linguagem de programação R para a análise estatística de regressão logística, especialmente porque o R possibilita obter modelos de efeitos mistos, o que está além das potencialidades dos programas do pacote VARBRUL e Goldvarb-X.

minimiza os efeitos estatísticos de contextos linguísticos repetidos e de características específicas do informante.

Outra contribuição deste estudo está no esclarecimento de práticas sociais peculiares a categorias correlacionadas à CN variável, o que pode esclarecer as motivações sociais do processo. A CN variável é fortemente influenciada por variáveis sociais (Scherre, 1998a), sendo que a não realização de concordância pode ser socialmente estigmatizada, associada a pouca escolaridade e baixa renda (Mangabeira, 2016).⁵ Para isso, realizamos análise de conteúdo (Bardin, 2011) das entrevistas sociolinguísticas e mobilizamos a teoria social de Bourdieu (1996, 2015) para, a partir de relatos sobre atividades cotidianas, explorar os estilos de vida dos informantes e sua possível relação com a CN variável.

Explorar estilos de vida, como fez Oliveira (2018) no estudo dos significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no PB de POA, é uma forma de esclarecer a relação entre variação linguística e classes sociais, investigando práticas sociais realizadas por informantes com níveis distintos de escolaridade e renda, práticas essas que estão na base de diferenças linguísticas e sociais. Nossa hipótese é a de que há uma associação das variantes CN explícita e CN zero com o contraste centro-periferia no espaço social de Porto Alegre. Veremos que, além da escolaridade e renda, práticas sociais como as de lazer, realizadas pelos informantes e provavelmente relacionadas a diferentes graus de mobilidade entre zonas da cidade (Battisti; Oushiro, 2022), têm efeito sobre a realização da CN explícita no PB de POA.

A concordância nominal de número no português brasileiro

Estruturalmente, o português conta com o mecanismo da flexão, que possibilita a um vocábulo modificar-se pela relação lógico-gramatical com os demais constituintes do sintagma. A flexão em português se dá por afixação (adição de constituintes mórficos) ao final dos vocábulos (sufixação), de forma sistemática e coerente (Camara Jr., 2015), e serve ao processo de concordância, que pode implicar a repetição dos morfemas (ou alomorfos) flexionais ao longo dos sintagmas. Além disso, a concordância também é caracterizada como um “princípio segundo o qual certos termos (dependentes, determinantes)

⁵ A concepção de variante estigmatizada que mobilizamos conforma-se à Labov (2008, p. 212): “Sob extrema estigmatização, uma forma se torna assunto de comentário social explícito e pode acabar por desaparecer. Trata-se então de um *estereótipo* que pode ficar cada vez mais divorciado das formas que são realmente usadas na fala”. Porém, diferentemente do que prevê Labov, a CN zero não desapareceu, dá mostras de estabilidade no sistema do PB, ensejando discussões como a do caso, de 2011, do livro didático *Para uma vida melhor*, que apresentou uma seção sobre variação linguística e abordou a questão da concordância nominal e verbal. Na época, o contexto “os livro” foi alvo de muitos comentários puristas acerca do que seria uma língua correta, certa, legítima. Para mais informações sobre o assunto, recomendamos a leitura de Cavalcanti (2013) e Lucchesi (2011).

se adaptam, na forma, às categorias gramaticais de outros (principais, determinados)" (Luft, 2002, p. 42), o que exige a marcação redundante da flexão nos elementos flexionáveis do sintagma.

Todavia, estudos sociolinguísticos acerca da CN variável na fala vernacular do PB (Scherre, 1988, Oushiro, 2015, Mangabeira, 2016, entre outros) revelam que os elementos flexionáveis nem sempre concordam com o núcleo. O primeiro elemento do sintagma recebe categoricamente a marca de plural, sustentando o sentido pluralizado do constituinte, razão pela qual o sintagma nominal pode não ser redundantemente flexionado para número. Logo, na expressão oralizada do PB, a CN se caracteriza como uma regra variável em função de os falantes ora realizarem (*os pilas*), ora não realizarem a concordância de número (*os pilaØ*) redundante ao longo do sintagma.

Assim, na fala, pode-se observar marcação de número nos elementos flexionáveis do sintagma – CN *explícita*, nos termos de Scherre (1988), Oushiro (2015) – ou ausência de marcação em pelo menos um dos elementos do sintagma – CN *zero* em um ou mais elementos, conforme essas mesmas autores. No excerto (1), observam-se instanciações de marcação de plural tanto explícita (nos trechos em negrito) quanto zero (registrada com Ø nos trechos em itálico) em um mesmo enunciado, produzido por um mesmo informante (variação intraindividual).

- (1) É eu â eu trabalhei tipo faz uns cinco seis meses mais ou menos que eu saída (nome da empresa) né trabalhei **quinze anos** na (nome da empresa) de distribuição de jornal né e aí tipo não deu pra conciliar tipo *esses quinze anoØ* que eu trabalhei na (nome da empresa) eh não rendeu aqui pra ONG assim né porque tipo trabalhava de noite tinha que fazer reuniões **essas coisas** durante o dia né e agora com *os filhoØ tudo criadoØ* aí eu pensei agora vou me dedicar mesmo à ONG aqui me dedicar ao trabalho voluntário né e tamo aí na luta né fazendo *esses trabalhoØ comunitárioØ* e **nos fins de semana** a gente faz festa de aniversário casamento é assim que a gente vai tirando pra sobreviver. (LÍNGUAPOA, 2015-2019, Inf97, grifos nossos).⁶

Cabe salientar que a CN variável é amplamente investigada no Brasil e, mesmo em comunidades de fala distintas, apresenta muitas similaridades quanto aos condicionado-

⁶ O fragmento é da entrevista de um informante de ensino básico e baixa renda, morador do bairro Mario Quintana (ver figura 1). Localizado na zona leste de Porto Alegre, esse bairro é considerado um dos mais pobres da cidade (Cf. ObservaPOA, disponível em <http://www.observapoa.com.br/default.php>, acesso em 10/11/2022).

res e ao encaixamento. A questão suscitada pelo conjunto de estudos é se as similaridades nos resultados das análises devem-se ao fato de a CN se apresentar como uma variável estável nos diferentes recortes sincrônicos, com poucas divergências nas correlações atestadas, como aponta Scherre (1994, p. 2, grifos nossos):

O fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é *característico de toda a comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio* [...] o fenômeno de variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação linguística inerente, tendo em vista que *ocorre em contextos linguísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis*. (Scherre, 1994, p. 2, grifos nossos)

Ou se, para manter a tradição de análise de Scherre (1988), os estudos posteriores se preocuparam mais com atestar os resultados da pesquisadora do que com propor avanços metodológicos, como sugerem Lucchesi e Dália (2022):

A variação na concordância nominal de número é um dos aspectos da morfossintaxe do português mais estudados pela Sociolinguística Variacionista no Brasil, e a tese de Marta Scherre (1988), intitulada Reanálise da Concordância Nominal em Português, constituiu um marco no desenvolvimento das análises variacionistas do fenômeno. Scherre destaca como principais condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número a posição do constituinte e sua natureza (nuclear ou não), a diferença entre a forma do singular e do plural do constituinte, com base no princípio da saliência fônica, e a presença ou ausência de marca de plural no constituinte precedente, no que se denominou paralelismo formal. Desde então, praticamente todas as análises do fenômeno seguem esse enquadramento [...] Como a maioria desses estudos se contentou em comprovar os achados de Scherre (1988), poucos avanços foram alcançados na compreensão de como o mecanismo da concordância nominal de número é condicionado na estrutura da língua. Assim, algumas lacunas e incompREENsões se mantêm, sobretudo na forma de abordar o fenômeno. (Lucchesi; Dália, 2022, p. 7370).

Mesmo reconhecendo as críticas de Lucchesi e Dália (2022), entendemos que Marta Scherre iniciou uma tradição nos estudos sociolinguísticos acerca da CN no Brasil, produzindo conhecimentos que ainda vêm sendo ampliados. Inserindo-nos nessa tradição, e pelas limitações da divulgação do trabalho em formato de artigo, optamos por divulgar apenas os resultados na análise mórfica, e parte dos resultados da análise qualitativa.

Metodologia

A análise quantitativa aqui realizada, de produção linguística da CN variável no PB de POA, orienta-se pela sociolinguística variacionista (Labov, 2008), que se pauta pela ideia de a heterogeneidade linguística manifesta na fala ser ordenada, correlacionada a variáveis sociais e linguísticas.

Como afirmamos na Introdução, os dados extraídos de 32 entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA (2015-2019) são analisados quantitativamente na perspectiva mórfica. Usa-se, para tanto, a linguagem de programação R (The R Core Team, 2022) na interface RStudio. Os 32 informantes de cujas entrevistas extraíram-se os dados têm entre 40 e 59 anos e são equilibradamente estratificados em Zona (centro, leste, sul, norte), Gênero (masculino, feminino), Escolaridade (Básico, Superior), Renda média mensal dos domicílios no bairro de residência do informante (baixa, alta),⁷ conforme mostra o quadro 1.

Quadro 1. Estratificação dos informantes do LínguaPOA (2015-2019) considerados na análise. Os números nas células do quadro identificam cada informante no LínguaPO

Escol.	Centro				Leste				Sul				Norte			
	Fem		Masc		Fem		Masc		Fem		Masc		Fem		Masc	
	Bás	Sup	Bás	Sup	Bás	Sup	Bás	Sup	Bás	Sup	Bás	Sup	Bás	Sup	Bás	Sup
Renda* baixa	29	30	26	27	100	102	97	99	137	138	134	135	65	66	62	63
Renda* alta	10	12	8	9	83	84	80	81	119	120	116	117	47	48	44	45

* Renda média mensal dos domicílios no bairro de residência do informante.

Informantes em azul têm nível Fundamental de escolaridade e foram agrupados ao nível Médio na categoria Básico.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na análise estatística, a CN foi tratada como variável binomial, compreendendo CN explícita e CN zero. Sendo uma análise do tipo mórfica, os elementos dentro dos sintagmas são computados individualmente. Por exemplo, em um sintagma como *esses trabalho*Ø *comunitário*Ø, há duas ocorrências de CN zero e uma ocorrência de CN explícita. O valor de aplicação da variável resposta é a CN explícita. As variáveis previsoras linguísticas, baseadas na literatura revisada – especialmente Scherre (1988), Oushiro (2015), Mangabeira (2016) – são: *Processos morfológicos* para a formação de plural e

⁷ As quatro zonas, os dois gêneros, os níveis de escolaridade e renda considerados seguem os critérios de estratificação do LínguaPOA. Informações sobre esses critérios estão disponíveis em <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em 10 nov. 2022.

Tonicidade do item lexical singular, como variáveis separadas, que contemplam aspectos abrangidos pela variável *Saliência Fônica* (cf. SCHERRE, 1988); *Posição linear* do elemento no sintagma nominal; *Posição Relativa* do elemento ao núcleo; *Classe gramatical* do item analisado. As variáveis previsoras sociais são: *Gênero*, apontada por Scherre (1998) como uma das variáveis geralmente correlacionadas à CN variável; *Escolaridade*, uma vez que, conforme Scherre (1988, 1998a), a proporção de CN explícita é proporcional ao nível de escolaridade (quanto mais alto o nível de escolaridade, mais uso da marca explícita de plural); *Renda*, variável relacionada ao acesso a certas práticas sociais; e *Zona de residência* dos falantes, já que as práticas sociais nelas e entre elas realizadas influenciam os estilos de vida e os padrões de mobilidade no espaço urbano dos informantes (Oliveira, 2018; Battisti; Oushiro, 2022), o que pode se correlacionar à CN variável.

No quadro 2, estão dispostas as variáveis previsoras investigadas e seus respectivos níveis.

Quadro 2. Variáveis previsoras

Variável	Fatores
Processos morfológicos para a formação de plural	Plural regular Plural irregular
Tonicidade do item lexical singular	Monossílabos tônicos e oxítonos Monossílabos átonos e paroxítonos Proparoxítonos
Posição relativa do elemento ao núcleo	Pré-nuclear Núcleo Pós-nuclear
Posição Linear do elemento no Sintagma Nominal	Primeira posição Segunda posição Terceira posição Outras posições
Classe gramatical do item analisado	Elemento nominal Elemento não nominal
Gênero	Feminino Masculino
Escolaridade	Básico (Fundamental+Médio) Superior
Renda	Baixa Alta

Zona	Centro Leste Sul Norte
------	---------------------------------

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além dessas variáveis, adicionam-se aos modelos de regressão logística de efeitos mistos as variáveis aleatórias Informante e Palavra.

Em sua tese de doutoramento, Scherre (1988) contempla a variável Saliência Fônica⁸ desdobrando-a em duas variáveis: *Processos morfonológicos* de formação de plural⁹ e *Tonicidade do item singular*¹⁰, o que também fazemos aqui. Assumindo, como Scherre (1989), que os efeitos de Processos e Tonicidade se sobrepõem – há “uma forte sobreposição entre as duas variáveis, decorrente da realidade linguística que envolve os dados analisados” (Scherre, 1989, p. 306) – são feitas, no presente estudo, análises estatísticas conforme o sugerido por Scherre (1988): além do modelo com ambas as variáveis, testamos outros dois. Retiramos de um deles a variável Processos, de outro, a variável Tonicidade. Nossa objetivo é verificar os efeitos, sobre as estimativas, da presença-ausência de Processos e Tonicidade nos modelos, uma vez que “inevitavelmente haverá diferenças probabilísticas” entre eles (Scherre, 1989, p. 307). Fechando o conjunto de variáveis linguísticas, o estudo contou com as variáveis *Posição linear*, *Posição relativa* e *Classe gramatical*. Por sua não ortogonalidade, também planejávamos analisá-las separadamente. No entanto, como veremos no relato dos resultados, essa medida não foi necessária porque as variáveis *Posição linear* e *Classe gramatical* acabaram não sendo

⁸ A variável Saliência Fônica é frequentemente considerada em estudos acerca da CN variável. Ela foi inicialmente elaborada por Naro e Lemle (1977 *apud* Chaves, 2014). Resumidamente, Saliência Fônica diz respeito à diferenciação do material fônico dos elementos linguísticos no contraste singular/plural: a marca de plural em *casa/casas*, por exemplo, é menos saliente do que a marca em *lençol/lençóis*.

⁹ Uma das diferenças de nossa análise em relação à de Scherre (1988) é o número de níveis na variável Processos. A autora controla seis níveis (plural metafônico, itens com final em /l/, em /ão/, em /r/, em /s/ e plurais regulares) distribuídos em um *continuum* de saliência. De um lado, têm-se os elementos menos salientes (plurais regulares) e, de outro, observam-se os mais salientes (metafônicos). Também fizemos isso neste trabalho, porém, devido ao número desequilibrado de dados por nível, optamos por amalgamar os seis níveis em dois: plurais regulares e plurais irregulares. Além disso, observamos que a maioria dos elementos com plurais irregulares são oxítonos, o que desequilibra o número de plurais irregulares paroxítonos e proparoxítonos na amostra, impossibilitando a análise. Com isso, decidimos manter a diferenciação entre plurais regulares e irregulares, mas apenas os plurais regulares apresentaram diferenciação quanto à sua Tonicidade (cf. Quadro 2).

¹⁰ Para ser mais exato, Scherre (1988) investigou uma terceira dimensão da Saliência Fônica: Número de Sílabas. A variável, porém, não se mostrou relevante para o estudo da CN.

incluídas nos modelos devido a problemas nos níveis de cada uma delas – CN explícita quase categórica em um nível de *Posição linear*, ausência de diferença significativa entre os níveis de *Classe gramatical*.

As hipóteses testadas no controle das variáveis previsoras linguísticas estão de acordo com a literatura. Para *Processos*, seguimos Scherre (1988), Oushiro (2015) e Mangabeira (2016) e esperamos observar um favorecimento de CN explícita em plurais irregulares (*os lençóis, meus irmãos*), desfavorecimento em plurais regulares (*os gêmeos, as casas*). Para *Tonicidade*, a expectativa é de que itens lexicais paroxítonos e proparoxítonos (*os cara, os médico*) desfavoreçam a CN explícita. Para *Posição Relativa*, apoiamo-nos em Oushiro (2015) e contamos que a posição nuclear (*essas atividades*) desfavoreça a marca explícita de plural, em contraste com os elementos pré-nucleares (*nossos sobrinhos*), que, esperamos, a favoreçam.

Para as variáveis previsoras sociais *Gênero, Escolaridade e Renda*, baseando-nos em Scherre (1988) e Oushiro (2015), esperamos observar um favorecimento da CN explícita por informantes do gênero feminino, com educação superior e de renda alta. Já para a variável *Zona*, esperamos que moradores das zonas Leste, Sul, Norte apresentem maior proporção de CN zero, em contraste com os residentes na zona Centro, com mais CN explícita. Nossa hipótese é a de que o Centro de POA mostre-se mais conservador porque sua formação é mais antiga do que as outras, além de ser onde situam-se instituições culturais e administrativas da cidade e do estado.

Já a análise qualitativa fundamenta-se na teoria social de Bourdieu (1996, 2015). A partir dela, procuramos esclarecer as práticas sociais de sujeitos de diferentes níveis de escolaridade, renda e local de residência enquanto estilos de vida pautados por gostos distintos, os quais promoveriam a CN explícita ou sua realização zero. Nossa hipótese é a de que renda e escolaridade, na base dos capitais econômico e cultural dos sujeitos, definem diferentes estilos de vida. Pessoas com escolaridade mais alta, mais bem situadas no mercado de trabalho, têm maiores salários, o que oportuniza o acesso a locais de relativo privilégio social, onde a marca explícita de CN é eventualmente prestigiada. Além disso, esperamos ser capazes de examinar o efeito da relação centro-periferia na CN variável: de um lado, os informantes residentes no centro da cidade apresentariam maior proporção de CN explícita; por outro, os informantes de áreas mais periféricas apresentariam mais CN zero, a não ser quando tivessem de se locomover para o centro para realizar práticas como trabalho e lazer. Em outras palavras, os informantes da periferia com maior mobili-

dade geográfica e deslocamento para o centro, onde, acreditamos, a CN explícita é relativamente prestigiada, poderiam apresentar maior proporção de concordância.¹¹

Para testar tais hipóteses, voltamo-nos às entrevistas sociolinguísticas e às fichas sociais dos informantes. Nas entrevistas, buscamos relatos das práticas sociais dos informantes, nas fichas, informações adicionais sobre suas categorias sociais.

No exame das entrevistas, efetuamos análise de conteúdo (Bardin, 2011), técnica de estudo que objetiva a descrição do conteúdo de uma comunicação – a entrevista sociolinguística, em nosso caso. A unidade de análise é o registro temático. Consideramos, nessa análise, apenas 8 das 32 entrevistas de que, antes, extraímos dados para a análise quantitativa de produção linguística. Escolhemos 8 informantes com proporções distintas de CN zero, distribuídos ao longo de um *continuum* que vai de 0,7% a 44% de CN zero (Tabela 1).

Tabela 1. Informações sociais e proporção de CN zero de informantes cujas entrevistas sociolinguísticas são submetidas a análise de conteúdo

Informante	Escolaridade	Renda*	Zona/Bairro	Proporção CN-parcial
Inf09	Superior	Alta	Zona central (Menino Deus)	0,7%
Inf81	Superior	Alta	Zona leste (Rio Branco)	2%
Inf117	Superior	Alta	Zona sul (Tristeza)	7%
Inf45	Superior	Alta	Zona norte (Jardim Itu Sabará)	13%
Inf26	Básica	Baixa	Zona central (Cidade Baixa)	14%
Inf134	Básica	Baixa	Zona sul (Restinga)	20%
Inf97	Básica	Baixa	Zona leste (Mario Quintana)	37%
Inf62	Básica	Baixa	Zona norte (Cristo Redentor)	44%

* Renda média mensal dos domicílios no bairro de residência do informante

Fonte: Elaborado pelas autoras

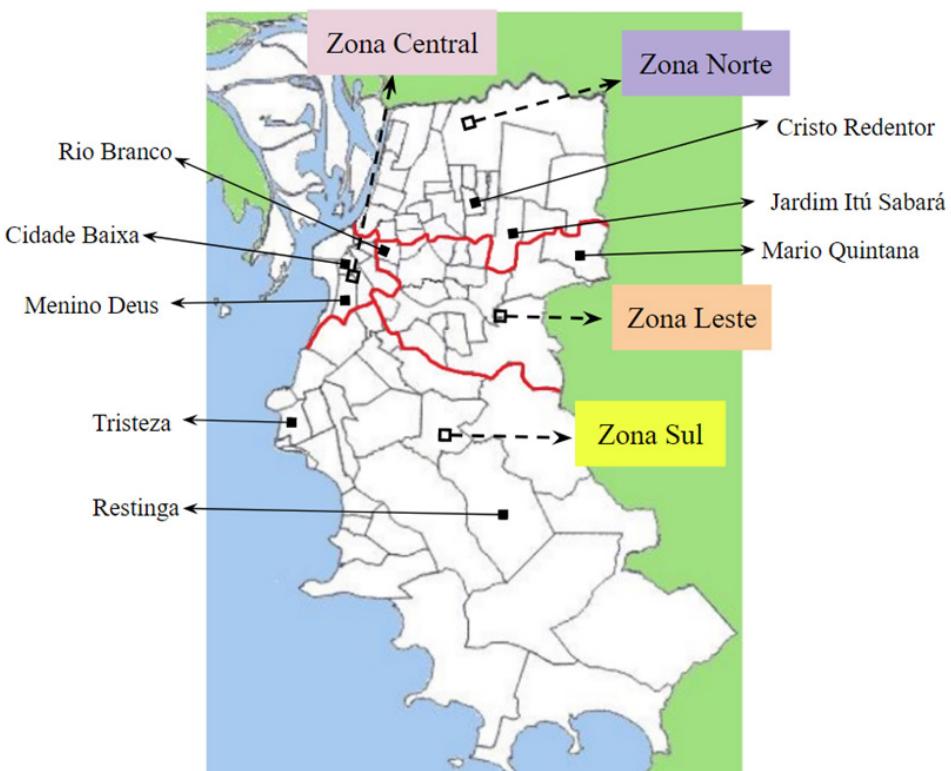
Os informantes considerados na análise qualitativa (tabela 1) distribuem-se ao longo de um *continuum* de CN zero. Essa distribuição objetivou verificar se diferenças e semelhanças na aplicação de CN zero e, por oposição, de CN explícita seriam análogas a semelhanças e diferenças das práticas sociais dos informantes. Além das proporções de CN zero no *continuum*, levamos em conta, na seleção dos 8 informantes, o fato de serem do gênero masculino, respeitando-se, também, sua distribuição por zona, em articulação com escolaridade e renda.

¹¹ A variável Mobilidade foi operacionalizada na análise quantitativa da haplogenia variável por Battisti e Oushiro (2022), que comprovaram a correlação entre a maior mobilidade no espaço urbano e o processo variável por eles investigado. Essa operacionalização poderá ser replicada, futuramente, em análises da CN variável no PB de POA.

A escolha de entrevistas de informantes do gênero masculino para a análise de conteúdo deveu-se aos resultados da análise quantitativa de produção: a CN explícita é menos frequente na fala de informantes do gênero masculino do que do gênero feminino. Optamos pela junção de escolaridade e renda para testar a hipótese de que essas variáveis, juntas, associam-se à participação dos sujeitos em diferentes práticas sociais, viabilizadas por seus capitais e determinadas por seus *habitus*, conforme Bourdieu (2015). Contar com dois informantes de cada zona, por seu turno, voltou-se à testagem da hipótese acerca da relação entre centro-periferia com a CN.

Na Figura 1, está o mapa de Porto Alegre, com a indicação do bairro de residência de cada um dos 8 informantes considerados na análise qualitativa (tabela 1).

Figura 1. Localização geográfica dos 8 informantes (Tabela 1) por bairro e zona



Fonte: Elaborado pelas autoras

“Os mesmos desfavorecido”: os resultados da análise quantitativa

Das 32 entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA (2015-2019), extraímos um total de 8719 dados.¹² Dentre eles, 92,7% apresentam CN explícita, 7,3% apresentam

¹² Na análise mórfica aqui realizada, os dados são cada um dos elementos dentro do sintagma, não o sintagma como um todo.

CN zero. Ou seja, considerando-se a amostra total, a CN explícita é alta no PB de POA.

Em uma primeira etapa da análise, examinamos a distribuição dos dados nos níveis compreendidos em cada variável previsora e realizamos testes de qui-quadrado (de Pearson), para verificar se havia diferença significativa ($p \leq 0,05$) nas proporções de CN explícita entre os níveis das variáveis previsoras. Incluiríamos nos modelos de regressão logística de efeitos mistos apenas as variáveis com valor de p significativo no teste de qui-quadrado. As variáveis *Processos*, *Tonicidade*, *Posição Linear*, *Posição Relativa*, *Classe Gramatical*, *Gênero*, *Escolaridade*, *Renda*, *Zona* apresentaram valor de p significativo. No entanto, constatamos que as variáveis linguísticas *Posição linear* e *Posição relativa* apresentavam um de seus níveis com quase 100% de CN explícita. Em *Posição Linear*, o nível *primeira posição* contava com um total de 3559 dados, dos quais apenas 16 apresentavam CN zero.¹³ Por isso, optamos por retirar o nível *primeira posição* da análise. Diminuiu-se, consequentemente, o número total de dados (N), como se vê na tabela 2. Submeteu-se novamente a variável *Posição linear* (ajustada) ao teste de qui-quadrado, mas o valor de p (de 0,39) não se mostrou significativo, muito provavelmente porque os níveis remanescentes apresentaram praticamente a mesma proporção de CN explícita. Assim, a variável *Posição Linear* não foi incluída nos modelos.

Tabela 2 - Distribuição de dados e aplicação da CN explícita por nível da variável
Posição linear do elemento no sintagma nominal

	N=8719 dados, <u>com</u> os dados do nível 'Primeira posição'	N=5160 dados, <u>sem</u> os dados do nível 'Primeira posição'
Níveis	<i>Aplicação/Tokens (%)</i>	<i>Aplicação/Tokens (%)</i>
Primeira posição	3543/3559 (99%)	
Segunda posição	3728/4252 (87%)	3735/4252 (87%)
Terceira posição	708/791 (89%)	708/791 (89%)
Outras posições	102/117 (87%)	102/117 (87%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Outra variável com aplicação quase categórica de CN explícita em um dos níveis foi *Posição Relativa*: o nível *anteposta* apresentou 98% de aplicação. Porém, diferentemente de *Posição Linear*, a variável *Posição Relativa* seguiu exibindo valor de p significativo

¹³ Esses 16 contextos são: [aqui nesta praça tem] muito drogados (Inf29); *o nomes, o meus pais* (Inf30); *a minhas sobrinhas* (Inf80); *todo o meus vizinhos, o meus netos, curso técnicos* (Inf119); *um fatores positivos* (Inf117); *o efetivos* (Inf62); *o meu outros filhos, o meus primos, o meu primos, o meu negócios* (Inf44); *o nossos problema* (Inf45); *o meus pais* (Inf47); *coisa absurdas* (Inf66).

($p < 0,001$), mesmo com a retirada do nível *anteposta* da análise (tabela 3). Desse modo, optamos por efetuar as análises de regressão logística de efeitos mistos em modelos com a variável *Posição Relativa* ajustada, sem a presença do nível *anteposta* e dos dados a ele referentes. Isso causou uma redução no N, que foi de 8719 para 4942 dados.

Tabela 3 - Distribuição de dados e aplicação da CN explícita por nível da variável
Posição relativa do elemento ao núcleo

	N=8719 dados, <u>com</u> os dados do nível 'Anteposta'	N=4942 dados, <u>sem</u> os dados do nível 'Anteposta'
Níveis	Aplicação/Tokens (%)	Aplicação/Tokens (%)
Anteposta	3744/3777 (99%)	
Núcleo	3887/4440 (87%)	3887/4440 (87%)
Posposta	457/502 (91%)	457/502 (91%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Esse ajuste em *Posição relativa*, com a retirada do nível *anteposta* e a diminuição no N de 8719 para 4942 dados, teve implicações na variável *Classe grammatical*. Ao retirar os dados referentes ao nível *anteposta*, houve redistribuição dos dados nos dois níveis de *Classe grammatical* e redução considerável no número de dados do nível *não nominal* (tabela 4). Além disso, e mais importante, os níveis apresentaram a mesma proporção de CN explícita, razão pela qual a variável não alcançou valor de p significativo, levando-nos a não incluir a variável *Classe grammatical* nos modelos de efeitos mistos.

Tabela 4 - Distribuição de dados e aplicação da CN explícita por nível da variável *Classe grammatical do item analisado*

	N=8719 dados	N=4942 dados
Níveis	Aplicação/Tokens (%)	Aplicação/Tokens (%)
Elemento nominal	3621/3659 (98%)	4323/4918 (87%)
Elemento não nominal	4460/5060 (88%)	21/24 (87%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Assim, após a testagem de qui-quadrado, do exame da proporção de CN explícita por nível das variáveis e dos ajustes nos níveis, adicionamos aos modelos de análise de regressão logística de efeitos mistos apenas as variáveis *Processos, Tonicidade, Posição Relativa, Gênero, Escolaridade, Renda, Zona*.

Como esclarecemos antes (ver Metodologia), as variáveis *Processos* e *Tonicidade* foram controladas juntas em um dos modelos e separadas em outros dois, para verificar se as estimativas e correlações medidas nos modelos são afetadas. Na tabela 5 está o modelo com *Processos* e *Tonicidade*, na tabela 6 consta o modelo com *Tonicidade* e na tabela 7 vai o modelo com *Processos*.

Tabela 5 - Análise de regressão logística de efeitos mistos da CN explícita

N = 4942

Intercept = 30,2281

Variável	Aplic./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	p
Tonicidade					
Oxítona (valor de ref.)	1191/1271 (93%)				
Paroxítona	3007/3503 (85%)	-3,074	0,585	-5,250	<0,001***
Proparoxítona	146/168 (86%)	-4,373	0,858	-5,135	<0,001***
Posição Relativa					
Núcleo	3887/4440 (87%)				
Posposta	457/502 (91%)	-2,970	0,440	-7,404	<0,001***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	2260/2476 (91%)				
Masculino	2084/2466 (84%)	-1,027	0,340	-3,017	0,002**
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	1834/2200 (83%)				
Superior	2510/2742 (91%)	1,073	0,343	3,122	0,001**
Renda					
Alta (valor de ref.)	2206/2405 (91%)				
Baixa	2138/2537 (84%)	-1,629	0,360	-4,525	<0,001***
Zona					
Centro (valor de ref.)	1304/1439 (90%)				
Leste	1075/1273 (84%)	-1,982	0,528	-3,752	<0,001 ***
Norte	857/985 (87%)	-2,416	0,552	-4,376	<0,001***
Sul	1108/1245 (88%)	-1,723	0,539	-3,194	0,001**

Modelo 1. (*Aplicacao ~ Processos + Tonicidade + Posicao Relativa + Genero + Escolaridade + Renda + Zona (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA)*, data = atomistica, family = binomial)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados na Tabela 5 mostram que, no modelo com *Processo* e *Tonicidade* juntas, apenas as variáveis Gênero e Zona não se correlacionam à CN explícita. As estimativas nesse modelo mostram que plural regular, vocábulos paroxítonos e proparoxítonos e falantes de renda baixa desfavorecem a CN explícita. Já a posição relativa posposta ao núcleo e a escolaridade Superior favorecem a CN explícita. Esses resultados vão ao encontro de nossas hipóteses.

Retirando-se a variável *Processos* do modelo (tabela 6), todas as variáveis previsoras controladas correlacionam-se à CN explícita.

Tabela 6. Análise de regressão logística de efeitos mistos da CN explícita sem *Processos*

$$N = 4942 \\ Intercept = 13,5062$$

Variável	Aplic./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	p
Tonicidade					
Oxítona (valor de ref.)					
	1191/1271 (93%)				
Paroxítona	3007/3503 (85%)	-3,074	0,585	-5,250	<0,001***
Proparoxítona	146/168 (86%)	-4,373	0,858	-5,135	<0,001***
Posição Relativa					
Núcleo	3887/4440 (87%)				
Posposta	457/502 (91%)	-2,970	0,440	-7,404	<0,001***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	2260/2476 (91%)				
Masculino	2084/2466 (84%)	-1,027	0,340	-3,017	0,002**
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)	1834/2200 (83%)				
Superior	2510/2742 (91%)	1,073	0,343	3,122	0,001**
Renda					
Alta (valor de ref.)	2206/2405 (91%)				
Baixa	2138/2537 (84%)	-1,629	0,360	-4,525	<0,001***
Zona					
Centro (valor de ref.)	1304/1439 (90%)				
Leste	1075/1273 (84%)	-1,982	0,528	-3,752	<0,001 ***
Norte	857/985 (87%)	-2,416	0,552	-4,376	<0,001***
Sul	1108/1245 (88%)	-1,723	0,539	-3,194	0,001**

Modelo 2. (Aplicacao ~ Tonicidade + Posicao Relativa + Genero + Escolaridade + Renda + Zona

(1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = atomistica, family = binomial)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Além das correlações já atestadas no modelo da tabela 5, o modelo na tabela 6 exibe correlação com as variáveis *Gênero* e *Zona*: a estimativas mostram que gênero masculino, bem como as zonas leste, norte, sul desfavorecem a CN explícita.

Já no modelo sem *Tonicidade*, mas com *Processos* (tabela 7), apenas as correlações com as variáveis linguísticas se mantêm.

Tabela 7. Análise de regressão logística de efeitos mistos da CN explícita sem *Tonicidade*

N = 4942
Intercept = 33,4716

Variável	Aplic./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	p
Processos					
Plural irreg. (valor de ref.)					
Plural regular	512/538 (95%)				
Plural regular					
Posposta	3832/4404 (87%)	-19,918	4,476	-4,450	<0,001***
Posição Relativa					
Núcleo					
Núcleo	3887/4440 (87%)				
Posposta	457/502 (91%)	-2,783	0,803	-3,464	<0,001***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)					
Feminino	2260/2476 (91%)				
Masculino	2084/2466 (84%)	-0,977	0,800	-1,222	0,221
Escolaridade					
Básica (valor de ref.)					
Básica	1834/2200 (83%)				
Superior	2510/2742 (91%)	1,098	0,775	1,416	0,156
Renda					
Alta (valor de ref.)					
Alta	2206/2405 (91%)				
Baixa	2138/2537 (84%)	-1,024	0,774	-1,323	0,185
Zona					
Centro (valor de ref.)					
Centro	1304/1439 (90%)				
Leste	1075/1273 (84%)	-1,784	1,066	-1,674	0,094.
Norte	857/985 (87%)	-2,041	1,157	-1,763	0,077.
Sul	1108/1245 (88%)	-1,500	1,124	-1,334	0,182

Modelo 3. (Aplicacao ~ Processos + Posicao Relativa + Genero + Escolaridade + Renda + Zona
 $(1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA)$), data = atomistica, family = binomial)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

No modelo na tabela 7, as variáveis *Processos* e *Posição relativa* correlacionam-se à CN explícita: plural regular e itens pospostos ao núcleo desfavorecem a aplicação do processo.

A comparação dos três modelos de regressão logística de efeitos mistos mostra que, de fato, as correlações das variáveis consideradas na análise da CN explícita são afetadas pela presença de ambas as variáveis *Processos* e *Tonicidade* em um modelo e pela ausência de uma delas nos dois outros. Especialmente no que diz respeito às variáveis previsoras sociais, essas exibem correlação com a CN explícita apenas nos modelos em que *Tonicidade* está presente (tabelas 5 e 6).

No entanto, o mais importante a observar na comparação dos três modelos refere-se às estimativas: elas são coerentes. Não há alteração no valor das estimativas nos níveis das diferentes variáveis previsoras e naquilo que as estimativas apontam: valor negativo,

desfavorecimento da variável resposta; positivo, favorecimento da variável resposta. Isso permite enunciar generalizações sobre os resultados,¹⁴ considerando o que revela o conjunto dos três modelos.

Nos modelos com Tonicidade (tabelas 5 e 6), a CN explícita é explicada como efeito da ação de variáveis sociais e linguísticas, especialmente Renda, Escolaridade, Posição Relativa, Processos e a própria Tonicidade. Já o modelo com Processos, sem Tonicidade (tabela 7) mostra que as variáveis Posição Relativa e Processos têm maior poder explicativo sobre a CN explícita do que as demais variáveis previsoras juntas. Esse achado, no entanto, não invalida o que revelam os modelos com Tonicidade (tabelas 5 e 6): essa variável tem efeito sobre a CN explícita, mas menor do que o de Processos, razão pela qual as demais variáveis controladas exibem correlação quando apenas Tonicidade está presente (tabela 6).

A análise quantitativa aqui realizada revela, então, que a CN explícita, bastante frequente no português de porto-alegrenses, é favorecida por elementos pospostos ao núcleo do sintagma nominal e por falantes com nível superior de escolaridade, é desfavorecida por plural regular, vocábulos paroxítonos e proparoxítonos e falantes de renda baixa. Sobre as variáveis Gênero e Zona, que apresentaram correlação com a CN explícita apenas em um dos três modelos, vale dizer, considerando-se as proporções de aplicação na amostra, que há mais marcação de plural na fala de mulheres do que na de homens, e na de falantes que residem no Centro de Porto Alegre do que nas demais zonas.

Esses resultados não apenas confirmam nossas hipóteses de pesquisa, mas também se equiparam ao atestado em outros estudos sobre a variação de número no PB – Scherre (1988), Oushiro (2015), Mangabeira (2016), citando apenas alguns. Conformam-se à constatação de Scherre (1994) sobre a CN variável como processo de variação inerente no PB: manifesta-se em contextos linguísticos e sociais similares, com tendências a CN explícita ou zero bastante previsíveis.

Em relação às variáveis previsoras sociais, especialmente *Escolaridade*, vale dizer que esperávamos o papel favorecedor do maior nível de escolarização sobre a CN explícita, pela maior exposição dos sujeitos à cultura letrada e maior realização de práticas mediadas pela leitura e pela escrita, tanto ao longo da formação escolar quanto nas atividades socioeconômicas realizadas a partir dela. Como Scherre (1998a) e Scherre e Naro (2006), nossos resultados mostram que as proporções de CN explícita aumentam conforme aumenta o nível de escolaridade. No que se refere à zona Centro, seus efeitos

¹⁴ Agradecemos a Adalberto Ayjara Dornelles Filho (IBGE-Unidade Estadual/Rio Grande do Sul) a consultoria estatística na interpretação dos resultados dos três modelos.

favorecedores sobre a CN explícita comprovam que, em grandes centros urbanos brasileiros como Porto Alegre, as áreas centrais são o *lócus* de práticas socioeconômicas relativamente privilegiadas, nas quais a CN explícita pode ser valorizada como símbolo de conhecimento (da linguagem padrão) e de autoridade (Bourdieu, 1996). Essas razões, referentes ao espaço físico, estendem-se também à renda, que financia o acesso ao espaço físico e explica o favorecimento da CN explícita pelo nível mais alto de renda, aferida, em nosso estudo, a partir da renda domiciliar média mensal das famílias no bairro onde reside o informante.

Os modelos estatísticos mostram, portanto, que a CN explícita é condicionada por variáveis sociais e linguísticas no português de Porto Alegre, de forma coerente com os estudos referidos até aqui. Nosso próximo passo é aprofundar, em alguma medida, o esclarecimento das motivações sociais do processo. Realizamos uma análise das práticas sociais de alguns dos informantes de que extraímos os dados para a análise quantitativa. Levamos em conta o declarado pelos informantes sobre suas práticas cotidianas nas entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (2015-2019). Categorias correlacionadas à CN explícita, quer por favorecer-la, quer por inibi-la, serão mobilizadas na análise, mas agora em uma perspectiva distinta, qualitativa.

“Bares estilizados, bares mais bacaninhas”: os resultados da análise qualitativa

A análise qualitativa sobre práticas sociais dos informantes em que a CN explícita ou zero realizam-se fundamenta-se na teoria social de Bourdieu (1996, 2015).

Uma noção fundamental dessa teoria é a de *habitus*, conjunto de disposições a agir socialmente que se desenvolve ao longo da vida de um indivíduo e está no centro da reprodução social. O *habitus* é um “gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificações [...] de tais práticas” (BOURDIEU, 2015, p. 162). É na relação entre essas duas dimensões, da prática e da percepção da prática, que se constituem os diferentes estilos de vida, definidos pelo sociólogo como resultados sistemáticos do *habitus*. Ao serem percebidos, os estilos de vida são qualificados socialmente.

No cerne dos estilos de vida, encontra-se o gosto, produto da diferenciação e apreciação das práticas. Caracterizado como operador prático, motivador da conversão das coisas em sinais distintivos e distintos, o gosto transforma práticas classificadas em manifestações simbólicas. Assim, concebem-se estilos de vida como “um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem e/ou hexis corporal – a mesma intenção

expressiva” (Bourdieu, 2015, p. 165). Ou seja, pode-se entender que variantes como a CN explícita integram estilos linguísticos concernentes a certos estilos de vida. São, assim, apreciadas ou, eventualmente, desvalorizadas, conforme o gosto dos estilos de vida particulares.

É desse modo que as trocas linguísticas, segundo Bourdieu (1996), vêm a ser trocas econômicas em mercados linguísticos. Localizadas em relações de força simbólica, as trocas linguísticas podem conferir valor material/simbólico ao discurso, a depender da posição e dos papéis dos sujeitos no espaço social, decorrentes da soma de seus capitais, especialmente do econômico (riquezas) e cultural (conhecimento, escolaridade). Assim, para Bourdieu, os discursos são signos de riqueza e de autoridade, implicam obediência e conferem confiabilidade. Os agentes sociais posicionados no topo da hierarquia social possuem um *habitus* linguístico resultante da antecipação dos lucros no mercado linguístico, uma vez que já conhecem a dinâmica, as leis e os valores das formas linguísticas que ali circulam.

Na teoria social de Bourdieu, portanto, um agente social – e, supostamente, seu padrão de fala – é percebido e classificado socialmente a partir da sua posição relativa no espaço social, dependente do tipo e quantia do capital que possui, a qual lhe confere certo estilo de vida e lhe fornece o gosto, um esquema de apreciação/ação. As classes dominantes são marcadas pelo que Bourdieu (2015) denomina gosto de luxo, as classes dominadas, por estilos de vida calcados no gosto de necessidade. Cabe-nos questionar quais são os estilos de vida dos 8 informantes, do total de 32, cujas entrevistas sociolinguísticas são examinadas qualitativamente aqui, por análise de conteúdo. Objetivamos esclarecer, a esse respeito, as práticas sociais em que as variantes da CN, explícita ou zero, tendem a manifestar-se.

Oliveira (2018), sobre variação linguística e significados sociais no PB de POA, identificou, entre os informantes do LínguaPOA investigados, pelo menos dois estilos de vida:

grupo A [...], composto por pessoas que, dentre outros aspectos, circulam a pé pelo centro da cidade (onde realizam práticas culturais), não ouvem rádio, tendem a ser favoráveis à legalização da maconha e mencionam políticos de partidos de esquerda como bons exemplos; grupo B [...], composto por pessoas que, dentre outros aspectos, circulam de carro na cidade (não no centro, mas preferencialmente na orla, onde praticam esporte ao ar livre, como corrida), ouvem rádio, são desfavoráveis à legalização das drogas e têm dificuldade em mencionar bons exemplos de políticos. (grifos nossos) (Oliveira, 2018, p.8)

Os informantes cujas entrevistas sociolinguísticas examinamos na análise de conteúdo, desta vez discutindo também a CN zero, não são exatamente os mesmos considerados por Oliveira (2018). Por essa razão, não operamos com os estilos de vida A e B identificados pelo autor. Mas chamam atenção, no contraste dos dois estilos, as diferenças identitário-ideológicas e as práticas sociais distintas realizadas pelos sujeitos, que podem dar origem a significados sociais peculiares, associados a uma mesma forma linguística, como a CN zero ou a CN explícita. Chama atenção, também, o fato de um dos grupos realizar práticas culturais no centro da cidade, outro, não.

Como afirmamos anteriormente, a CN explícita, requerida e mantida por práticas letradas fomentadas pela escola, pode ser socialmente prestigiada em certos estilos de vida, desprestigiada em outros. Práticas culturais que requerem o uso da CN explícita dependem de sua vinculação mais ou menos estreita com a escolarização de quem as realiza.

O incremento da escolarização da população vem sendo apontado na literatura como crucial para o aumento da CN explícita entre os brasileiros: “a variação na concordância nominal de número [...] não reflete mudança clara para todos os falantes [...], embora estejamos capturando aumento de concordância em função de maior exposição ao ambiente escolar”. (Scherre; Naro, 2006, p. 120). Na escola, ensina-se a norma-padrão da Língua Portuguesa, o que, segundo Dália e Lucchesi (2020), pode ter efeito nas práticas linguísticas dos sujeitos: “[...] a variação apresentada pela geração de jovens, na atualidade, pode estar associada ao seu maior acesso à educação formal [...] fomentando, na maioria das vezes, o estigma social sobre as formas da linguagem popular e o preconceito linguístico.” (Dália; Lucchesi, 2020, p. 232).

No entanto, gostaríamos de acrescentar outro fator a essa discussão: acreditamos que, para além da exposição à educação formal como fator de promoção da CN explícita, a renda, a localização dos sujeitos no espaço urbano (moradia) e os espaços sociais e institucionais frequentados por eles também interferem na variável, na medida em que esses fatores definem seus estilos de vida. Sabemos que a convivência nesses espaços, na maioria das vezes, depende do nível de escolaridade e da renda. Em outras palavras, o acesso à educação formal, especialmente em níveis superiores, abre portas no mercado de trabalho, viabilizando salários mais altos e, consequentemente, estilos de vida relativamente privilegiados, pelo aumento de capital (cultural e econômico, principalmente). Isso porque, esperada na linguagem padrão, a CN explícita indexa autoridade e confere prestígio aos falantes que a utilizam em locais onde tal uso é esperado.

Como explicamos na seção Metodologia, os informantes selecionados para a aná-

lise qualitativa apresentam proporções distintas de CN zero. Distribuem-se ao longo de um *continuum*, que vai de 0,7% a 44% de CN zero (Tabela 1). Selecionamos focalizar a discussão nos dois informantes das pontas (Inf09 e Inf62) e nos dois do meio (Inf45 e Inf26) do *continuum*, isto é, em extremos opostos e na posição intermediária do *continuum*, para contrastar as diferenças e semelhanças na aplicação de CN zero, buscando esclarecer tais contrastes por associação a práticas sociais dos informantes.

Iniciaremos pelos informantes 09 (escolaridade Superior, bairro renda média alta, zona Centro, 0,7% de CN zero) e 62 (escolaridade Básica, bairro renda média baixa, zona Norte, 44% de CN zero), nos extremos do *continuum* de CN zero. Eles têm também perfis sociais contrastantes: de um lado está o informante 09, formado em Direito e servidor público do estado do Rio Grande do Sul, com um uso de CN zero abaixo de 1%; de outro lado, o informante 62, trabalhador autônomo na área de manutenção elétrica, com um uso de CN zero acima de 40%. Quanto ao espaço geográfico (figura 1), podemos observar a distância do bairro Cristo Redentor, onde reside o informante 62, em relação ao centro, e sua proximidade com os limites ou periferia da cidade. Esses fatores corroboram nossa hipótese, de que escolaridade e renda, assim como a relação centro-periferia, condicionam a CN variável.

A análise de conteúdo revela que o informante 09 realiza diversas práticas sociais de um estilo de vida pautado pelo gosto de luxo (Bourdieu, 2015). Ele relata ter duas bandas e a oportunidade de tocar em espaços públicos, como bares. Além disso, apesar de ser formado em Direito e exercer a profissão, seu grupo social de amigos é formado majoritariamente por músicos, com quem frequenta muitos bares na Cidade Baixa, bairro boêmio da cidade. Além disso, gosta de frequentar, com a esposa, locais como restaurantes, cafeterias e cinemas. Por fim, o informante declara que gosta muito de viajar, já visitou muitos estados brasileiros, assim como diversos países europeus e os Estados Unidos. Já o informante 62, que apresenta escolaridade básica, renda baixa e reside longe do centro da cidade, realiza práticas sociais de um estilo de vida orientado pelo gosto de necessidade (Bourdieu, 2015). Ele considera-se uma pessoa “caseira”. Declara a todo o momento, ao longo da entrevista, que não gosta de sair de casa, não gosta de viajar, não frequenta espaços públicos. Resumidamente, o informante afirma ser uma “pessoa que não se mistura”.

A análise de conteúdo das entrevistas dos informantes 09 e 62, portanto, vai ao encontro de nossa hipótese: o conjunto das diferenças de escolaridade, renda e local de moradia associa-se a práticas sociais distintas, peculiares a estilos de vida e gostos diversos, incluindo-se nessas práticas a fala e as formas linguísticas habitualmente empregadas,

como a CN explícita ou zero. No entanto, os achados da análise das fichas sociais e do conteúdo das entrevistas dos informantes 45 e 26, de certa forma, resistem parcialmente à nossa tese, já que, embora seus perfis e práticas sejam distintos, apresentam proporções de CN zero praticamente iguais.

Os informantes 45 (escolaridade Superior, bairro renda média alta, zona norte, 13% de CN zero) e 26 (escolaridade Básica, bairro renda média baixa, zona central, 14% de CN zero) apresentam diferenças quanto à escolaridade e à renda. O informante 45 trabalha em um centro de pesquisa da PUCRS, enquanto o informante 26 é empresário e sócio de uma rede de lancherias em Porto Alegre. Se os perfis sociais são diferentes, a que se devem as proporções similares de CN zero?

O informante 26, embora tenha escolaridade básica, tem uma ocupação profissional (empresário) detentora de capital (econômico). Além disso, o bairro onde mora, mesmo que seja de renda média baixa, situa-se no centro da cidade. Assim, costuma frequentar shoppings, viajar (especialmente para ver o filho), ir a bares e restaurantes com os amigos. Já o informante 45, que tem maior escolaridade (Superior) e ocupação identificada com a elite (trabalha em um centro de pesquisa universitário), afirma não gostar de viajar, nem de sair. Raramente vai a restaurantes com a família. Declara-se uma pessoa caseira, com interesses em política e economia, mesmo que não se envolva em grupos de discussão acerca desses temas. Ou seja, os informantes 26 e 45 mesclam práticas dos estilos de vida pautados pelos gostos de luxo e de necessidade, o que pode explicar as proporções similares de CN zero, mesmo tendo traços de perfil social distintos.

Os achados da análise de conteúdo dessas entrevistas contribuem para esclarecer de que forma variáveis como Escolaridade e Renda, correlacionadas ao uso variável da CN, operam conjuntamente na CN variável: elas estão na base das disposições do *habitus*. Definem o ponto, no espaço social, ocupado pelos sujeitos, seu local de moradia, estilos de vida e gostos. São compatíveis com a relação centro-periferia estabelecida, pelos informantes, em suas práticas sociais na cidade. Quanto mais um sujeito participa de espaços sociais que privilegiam a linguagem padrão, mais ele usa a CN explícita. Portanto, como afirmamos anteriormente, acreditamos que, além da escolaridade, fatores como renda, zona (ou local de moradia) atuam conjuntamente na CN variável no PB, por incorporarem-se a estilos de vida e gostos em cujos padrões de fala as variantes CN explícita e CN zero podem ser socialmente significativas.

Últimas palavras

Os resultados da análise da CN variável no PB de POA, realizada em uma perspecti-

va mórfica, mostraram que a proporção de CN explícita é alta no português dessa comunidade de fala. A variação observada é condicionada por variáveis linguísticas e sociais. Nos diferentes modelos estatísticos testados, verificou-se que a CN explícita é favorecida, no PB de POA, pela posição posposta ao núcleo do sintagma e por falantes com ensino superior de escolaridade. É desfavorecida por plural regular, paroxítona e proparoxítona, falantes de renda baixa. Os resultados da análise quantitativa de produção são coerentes, portanto, com os resultados de estudos da CN variável em outras comunidades de fala brasileiras, indo ao encontro da afirmação de Scherre (1994) de que o processo apresenta tendências sistemáticas e previsíveis.

A análise de conteúdo lançou luz à associação entre a CN variável, escolaridade, renda e local de moradia dos informantes, em termos de práticas sociais e estilos de vida. A correlação entre maior escolaridade e maior frequência de CN explícita, atestada na análise quantitativa, nem sempre se comprova no exame de dados de informantes individuais. Os relatos nas entrevistas sociolinguísticas mostram que, se a maior escolaridade leva à maior CN explícita, esta é atributo de informantes cujos estilos de vida pautam-se pelo que se poderia denominar, com Bourdieu (2015), de gosto de luxo, levando-os a circular pelo centro da cidade e consumir produtos culturais, em práticas que valorizam e requerem o uso da CN explícita.

Para ampliar a compreensão da CN variável no PB de POA, teria sido necessário incluir, no artigo, também os resultados da análise de produção na perspectiva *sintagmática*, que, como afirmamos, não se fez pela limitação de espaço no artigo, mas encontra-se em Santos (2022). Faltou ao artigo, além disso, controlar outros grupos etários que não apenas o de informantes com 40 a 59 anos de idade, como fizemos aqui. Isso teria oportunizado investigar a CN variável na perspectiva da mudança em tempo aparente, com dados de entrevistas disponíveis no mesmo banco de dados, o LínguaPOA (2015-2019). Esta etapa fica como tarefa de pesquisa futura e tema de publicações que, esperamos, venham adiante.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Ed. revista e ampliada. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATTISTI, E.; OUSHIRO, L. A motivação social da haploglossia varia no português de Porto Alegre. *Confluência*, n. 62, p. 270-302, 2022.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegoumu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira 2. ed. rev. 2. reimpr. Porto Alegre: Zouk, 2015.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CAVALCANTI, J. As faces de uma polêmica: o episódio do livro didático “Por uma vida melhor”. *D.E.L.T.A*, v. 29, Edição Especial, p. 487-501, 2013.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n. 2, p. 333–355, 1974.

CHAVES, R. Q. Princípios de Saliência Fônica: isso não soa bem. *Letrônica*, v. 7, n. 2, p. 522-550, jul./dez., 2014.

DÁLIA, J; LUCCHESI, D. A variação na concordância de número do sintagma nominal no português rural da serra fluminense: deriva ou contato? *Gragoatá*, v. 26, n. 54, p. 217-251, 2021.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Malden/Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 16/06/2022.

LUCCHESI, D. Ciência ou dogma? O caso do livro do MEC e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. *Revista Letras*, n. 83, p. 163-187, 2011.

LUCCHESI, D; DÁLIA, J. Novos condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número. *Forum Linguístico*, v. 19, n. 1, p. 7369-7386, 2022.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. Ed. revisada e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MANGABEIRA, A. B. de A. *Variação na concordância nominal, prática social e identidade entre jovens e adultos do Centro do Trabalhador (Porto Alegre - RS)*. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. In: NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 25-48.

OLIVEIRA, S. G. de. *Ingilding de vogais tônicas como prática estilística no falar porto-alegrense: significados sociais da variação linguística*. 2018. 230 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

OUCHIRO, L. *Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PONTES, V. M. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. 1979. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldVarb X: Variable Rule Application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

SANTOS, B. S. dos. *Os mesmos desfavorecidos: a variação na concordância nominal de número em Porto Alegre/RS*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a atuação do princípio da Saliência Fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (org). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p.301-302.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa - Norma e Variação do Português*, p. 12-37-49, 1994.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. de O; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, RJ, 1998a. p.239-264.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. de O; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, RJ, 1998b. p. 85-117.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. Sobre a concordância nominal de número no português falado no Brasil. In: RUFFINO, G. (org). *DialetoLOGIA, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. Mudança sem mudança: a concordância nominal de número no português brasileiro. *Scripta*, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006.

THE R CORE TEAM. *R: a language and environment for statistical computing*. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2019. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 16/06/2022.



O AVANÇO DO APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EXTERNA NA REGIÃO SUL: CHUÍ E SANTANA DO LIVRAMENTO (PROJETO ALIB)

THE IMPLEMENTATION OF R-DELETION IN FINAL CODA POSITION IN SOUTHERN BRAZIL: CHUÍ AND SANTANA DO LIVRAMENTO (PROJETO ALIB)

Caio Korol | [Lattes](#) | caikorol@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Carolina Ribeiro Serra | [Lattes](#) | carolinaserra@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Nosso objetivo é capturar o avanço do processo de apagamento do rótico em coda silábica externa nas variedades faladas no Chuí e em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, com base em oito amostras de fala semiespontânea do *corpus* do Projeto ALiB (Comitê Nacional do ALiB, 2011). A pesquisa é desenvolvida a partir do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov, 1994, 2001, 2003, 2008 [1972]). Os dados coletados (847 em verbos e 318 em não verbos) foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que revelou altos índices de apagamento em verbos (94% no Chuí, com *input* de .94; e 97% em Santana do Livramento com *input* de .97) e baixos percentuais em não verbos (25% na primeira comunidade, com *input* de .25; e 12% na segunda, com *input* de .12). Quando da manutenção do rótico, o tepe alveolar o e r-retroflexo se mostraram as variantes mais produtivas. Na categoria dos verbos, no falar do Chuí, o contexto fonético antecedente e o contexto fonético subsequente foram apontados como favorecedores do cancelamento. Nos não verbos, apenas essa segunda variável se mostrou relevante. Quanto à Santana do Livramento, não houve seleção de nenhuma variável para os não verbos. No entanto, para os verbos, o contexto fonético antecedente e a faixa etária do informante foram apontados como condicionadores da aplicação da regra variável.

Palavras-chave: Apagamento; Rótico; Projeto ALiB; Sociolinguística Quantitativa Laboviana.

Abstract: This study focuses on variable R-deletion in final coda in the varieties spoken in Chuí and Santana do Livramento, in Rio Grande do Sul, based on eight samples of semi-spontaneous speech from the corpus of the ALiB Project (ALiB National Committee, 2011). The research is developed based on the theoretical-methodological contribution of Labovian Quantitative Sociolinguistics (Labov, 1994, 2001, 2003, 2008 [1972]). The collected data (847 in verbs and 318 in non-verbs) were submitted to the statistical analysis program GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), which revealed high rates of deletion in verbs (94% in Chuí, with an input of .94; and 97% in Santana do Livramento with an input of .97) and low percentages in non-verbs (25% in the first community, with an input of .25; and 12% in the second, with an input of .12). When the rhotic is produced, the alveolar tap and the r-retroflex were the most productive variants. In the category of verbs, in Chuí, the antecedent phonetic context and the subsequent phonetic context were identified as favoring the deletion. In non-verbs, only this second variable was relevant. As for Santana do Livramento, there was no selection of any variable for non-verbs. However, for verbs, the antecedent phonetic context and the informant's age were identified as conditioning factors.

Keywords: Deletion; Rhotic; ALiB Project; Labovian Quantitative Sociolinguistics.

1. INTRODUÇÃO

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é um projeto geolinguístico amplo que ambiciona mapear as diversas realidades linguísticas do Brasil. Sua produção satisfaz um antigo desejo dos dialetólogos brasileiros, que almejavam, há tempos, a elaboração de um atlas de alcance nacional. Se trata, portanto, de um projeto de caráter nacional, com sede na Universidade Federal da Bahia, que integra pesquisadores e universidades de todo o país e se encontra em pleno desenvolvimento, tendo sido publicados, por enquanto, seus volumes I e II (Cardoso *et al.*, 2014). Seu *corpus* foi elaborado a partir de questionários¹ aplicados durante a primeira década deste século a 1100 informantes distribuídos em 250 localidades (25 capitais brasileiras² + 225 pontos do interior) espalhadas pelo território brasileiro. Esses informantes foram selecionados segundo o seu grau de instrução (escolaridade fundamental e universitária), sua idade (entre 18 e 30 anos, e entre 50 e 65 anos),

¹ O *corpus* do ALiB é composto por questionários linguísticos direcionados à obtenção, através das respostas dos falantes, de aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos. Além da inserção de questões de prosódia no grupo fonético-fonológico, foram elaboradas ainda questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos para obtenção de fala espontânea, perguntas metalingüísticas e um texto para leitura. Entre os questionários, há nas gravações muitos momentos de conversa espontânea entre inquiridor e falante, o que constitui material precioso para nossas análises sociolinguísticas.

² Das 27 capitais, não são pontos de inquérito do ALiB Palmas e o Distrito Federal, por conta da sua data de fundação ser recente à época da recolha e, por isso, ainda não contarem com falantes com o perfil requerido pelo Projeto.

e seu sexo (homens e mulheres). Para as capitais, foram feitas gravações com 8 falantes, divididos igualmente por sexo, faixa etária e grau de instrução; nas cidades do interior, foram gravados 4 falantes, representativos dos dois sexos e faixas etárias, mas com o mesmo grau de instrução, o ensino fundamental. Os informantes (obrigatoriamente) e seus pais (idealmente) deveriam ser nascidos na localidade pesquisada.

Desenvolvida no âmbito do Projeto ALiB, esta análise busca dar um passo à frente na tarefa de descrição e análise de fenômenos linguísticos nos 225 municípios interioranos que compõem a rede de pontos do Atlas. Considerando-se que as 25 capitais brasileiras já foram amplamente estudadas, no que diz respeito às suas variedades linguísticas, este estudo pretende contribuir para a descrição dos falares do interior. Mais especificamente, a pesquisa tem como objetivo capturar o processo de apagamento do rótico (Exemplos a-d), bem como identificar suas variantes (Exemplos g-h), quando realizadas, em contexto de coda silábica externa, em duas comunidades fronteiriças do Rio Grande do Sul: Chuí e Santana do Livramento, ambas na divisa com o Uruguai. Ao proceder ao mapeamento da implementação do zero fonético, buscamos determinar, também, quais fatores linguísticos e sociais atuam na perda segmental. Além disso, pretendemos averiguar até que ponto o processo de cancelamento do rótico é sensível às fronteiras dos constituintes prosódicos (palavra prosódica (Pw), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP)) (Serra; Callou, 2013, 2015; Oliveira *et al.* 2018; Serra *et al.*, 2021; Callou, Serra & Farias, 2022; Farias, 2022).

- (a) “Nós falamos coador quando é pra coa[Ø] massa” (CHU – Inf. 3)
- (b) “A minha mãe é do la[Ø]” (CHU – Inf. 2)
- (c) “Tão até já me enchendo pra i[Ø] pro colégio” (SL – Inf. 2)
- (d) “Tavam com outras mulhe[Ø]” (SL – Inf. 1)
- (e) “Obrigado por te[f] me emprestado dinheiro” (CHU – Inf. 1)
- (f) “A profissão que eu exerci, que não é, não era das melho[l]” (CHU – Inf. 3)
- (g) “Tudo que vai po[f]” (SL – Inf. 2)
- (h) “A outra é a pio[f]” (SL – Inf. 4)

Devido ao seu potencial de variação, o rótico tem merecido a atenção de muitos pesquisadores, seja para a determinação da sua representação na gramática (Monarettto, 1997, 2002; Abaurre; Sândalo, 2003; entre outros), seja para a descrição do seu uso variável, a partir de diversas correntes teóricas (Callou *et al.*, 1996, 1998, 2002; Melo; Gomes, 2018; Schwindt; Chaves, 2019; Gomes, 2021; entre outros). Focalizando a posição de

coda silábica, os estudos demonstram que o apagamento é muito mais frequente em final de palavra do que em posição medial, e revelam informações importantes 1) sobre o contexto facilitador da variação, 2) sobre a interação com a morfologia, já que na raiz (coda medial e coda final de não verbos) o cancelamento é mais restrito, 3) sobre a gradiente regional do fenômeno relacionada aos tipos de variantes preferidas nas localidades brasileiras, e 4) sobre a interação com a prosódia, já que o seu *locus* de aplicação privilegiado parece não ser a sílaba, mas a sua localização na cadeia fônica mais alta, por assim dizer.

Desde a década de 1970, muito se estuda a respeito do comportamento variável do rótico na fala espontânea e semiespontânea. As análises revelam que, em contexto de coda final, há um processo de mudança em curso, que tende a começar com o enfraquecimento/posteriorização do rótico e que, de forma gradativa, leva ao apagamento total do segmento (Callou, 1987). O zero fonético costuma se implementar primeiramente em falares que possuem as realizações [-ant] como as mais produtivas, como a fricativa glotal. As Cartas F04 C3 e C4, do ALiB, apresentam o quadro geral das variantes do R em final de palavra nas capitais, discriminando nomes³ (Figura 1) e verbos (Figura 2)⁴.

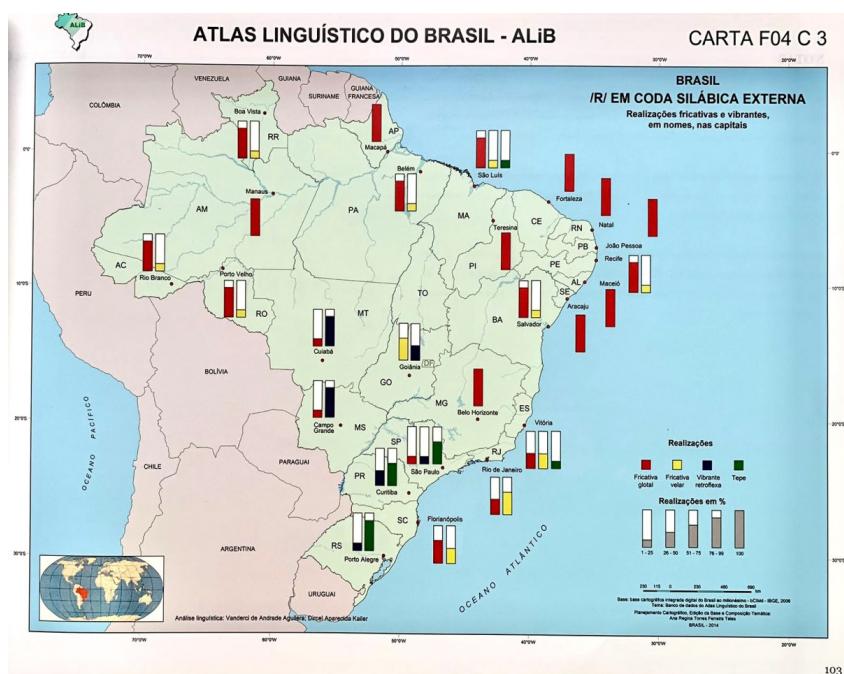
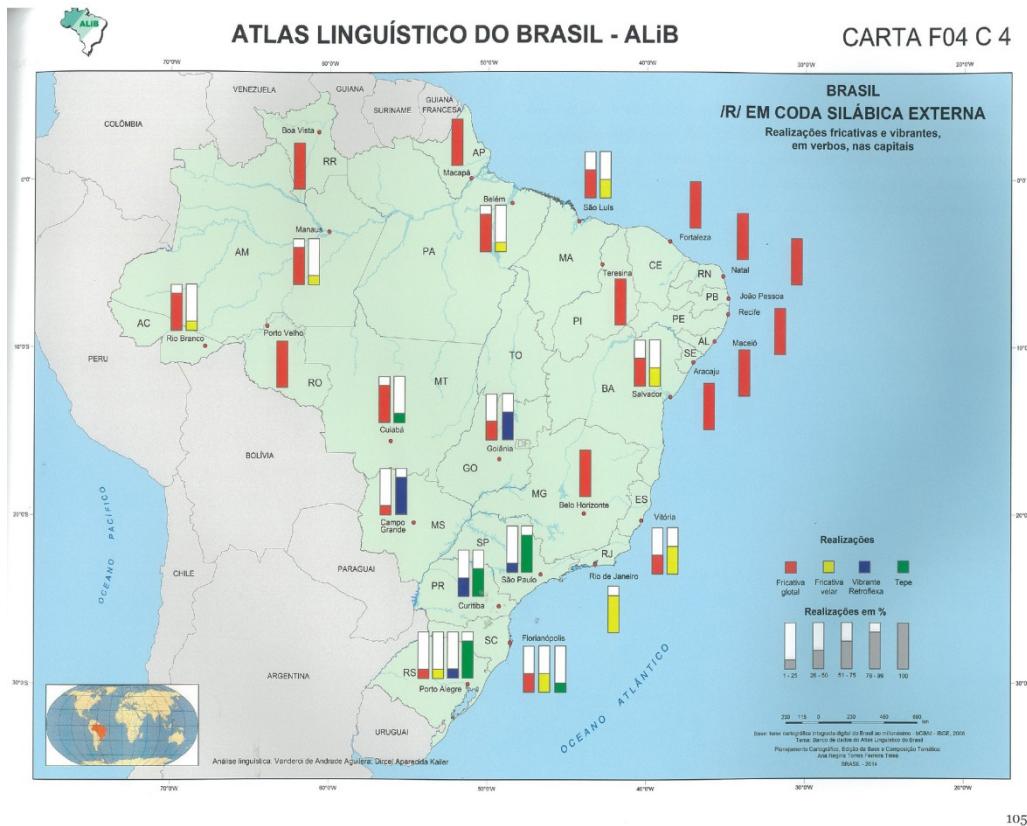


Figura 1: Distribuição das realizações do rótico em coda silábica externa em nomes nas capitais brasileiras (Cardoso *et al.*, 2014).

³ Para os resultados referidos na Introdução, na categoria “nomes”, estão incluídos substantivos e adjetivos somente. Quando nos referimos a “não verbos”, nas demais seções, o fator inclui todas as classes morfológicas terminadas em R à exceção dos verbos.

⁴ Nas Figuras 1 e 2, as variantes do rótico estão representadas por cores: fricativa glotal (vermelho), fricativa velar (amarelo), aproximante retroflexa (azul escuro) e tepe (verde escuro).



105

Figura 2: Distribuição das realizações do rótico em coda silábica externa em verbos nas capitais brasileiras (Cardoso *et al.*, 2014).

É possível observar que, nas capitais da regiões Norte, Nordeste, e parcialmente nas do Centro-Oeste e Sudeste, e ainda em Florianópolis, na Região Sul, predominam as realizações fricativas (posteriores), sinalizadas em vermelho e amarelo. No restante do país (em parte das capitais do Centro-Oeste, em grande parte da Região Sul e em São Paulo, no Sudeste) são mais produtivas as variantes vibrantes (anteriores), destacadas em azul e verde.

As Cartas F04 C1 e F04 C2, a seguir, exibem os índices de apagamento do rótico, também separando nomes (Figura 3) e verbos (Figura 4). Relativamente à perda segmental, é ainda mais importante que, no momento da análise dos dados, se distinguam as duas categorias morfológicas.

Vê-se, na Figura 3, que em nomes, o cancelamento varia bastante a depender da região. Em todas as capitais do Nordeste, os percentuais de zero fonético (em amarelo) ultrapassam os índices de realização (em vermelho). Quanto à Região Norte, a manutenção é mais frequente em Boa Vista (RR), Macapá (AP), Belém (PA) e Porto Velho (RO)

ao passo que, em Rio Branco (AC), a situação é inversa. Já em Manaus (AM), os índices de manutenção e apagamento são similares. Quanto ao Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a presença do rótico é sempre superior ao apagamento. Entretanto, na categoria dos verbos, a Figura 4 mostra que o processo de apagamento apresenta índices superiores ao de manutenção em todo o país, com exceção de Belo Horizonte (MG).

Muitas análises, de escopo sociolinguístico e não só, explicam que a alta frequência de cancelamento dos róticos em final de verbos se deve ao fato de o segmento constituir uma marca morfológica redundante do infinitivo (*fazeR*, *comeR*) e do futuro do subjuntivo (*se eu fizeR*, *se ele quiseR*), já que a sílaba que contém o *R* também recebe o acento de palavra. Isso não acontece em palavras de outras classes morfológicas, nas quais o rótico quase sempre se encontra em sílaba acentuada, mas faz parte da raiz da palavra (*caloR*, *mulheR*, *maioR*, *devagaR*, *poR favoR*). Assim se explicaria a avanço mais contundente do cancelamento nos verbos, justificando ainda o tratamento separado das classes morfológicas nas rodas estatísticas.

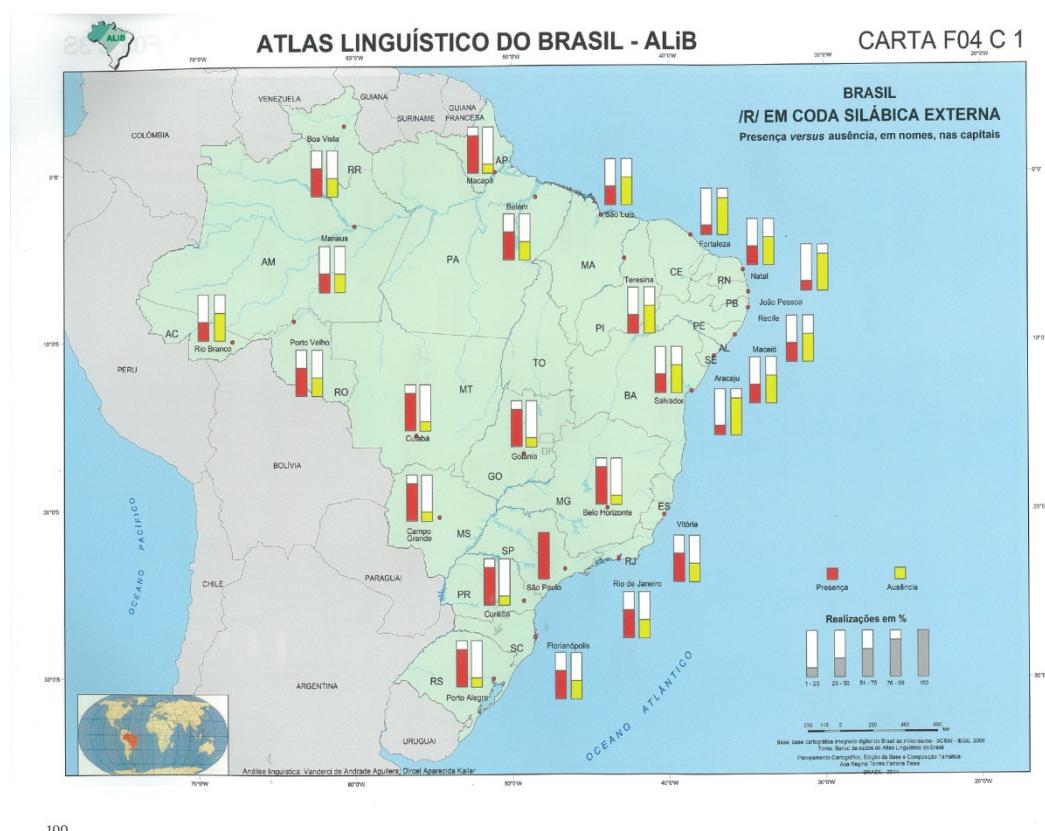


Figura 3: Distribuição do apagamento do rótico em nomes nas capitais brasileiras (Cardoso et al., 2014).

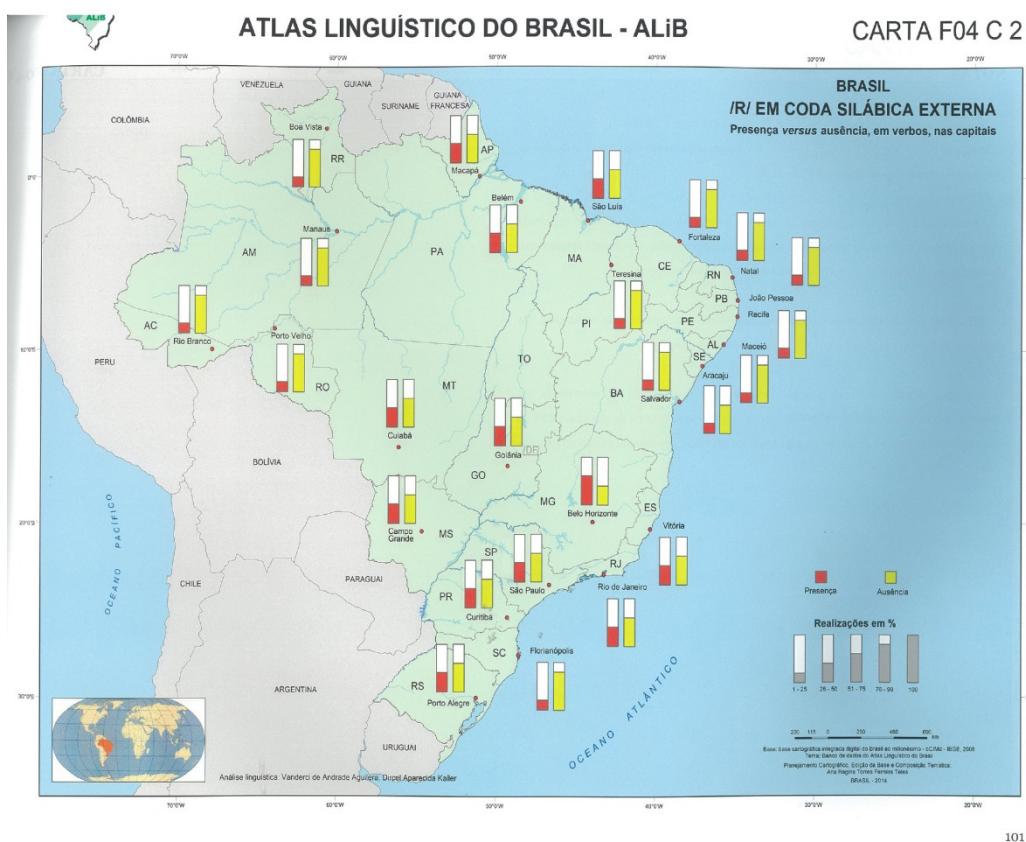


Figura 4: Distribuição do apagamento do rótico em verbos nas capitais brasileiras (Cardoso *et al.*, 2014).

Além desta Introdução, o presente artigo é composto por mais quatro seções. Na seção 2 a seguir, apresentamos análises acerca do fenômeno de cancelamento na região Sul, dando destaque aos trabalhos de Monareta (1992, 1997), Koch, Klassmann & Altenhofen (2002), Santana (2017), Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021). Na seção 3, explicitamos as variáveis consideradas na análise estatística no programa GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), bem como o apporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov, 1994, 2001, 2003, 2008 [1972]). Apresentamos, também, algumas características socioeconômicas das comunidades estudadas. Na seção 4, são expostos, interpretados e discutidos os resultados obtidos e, por último, fazemos uma síntese a respeito do percurso de mudança linguística do rótico em contexto de coda externa.

2. ALGUNS ESTUDOS ANTERIORES SOBRE O APAGAMENTO E A REALIZAÇÃO DO RÓTICO NO SUL DO BRASIL⁵

No âmbito dos estudos acerca do *R* nos falares do Sul do Brasil, os trabalhos de Monarettto (1992, 1997) trazem importantes contribuições. Em Monarettto (1992), desenvolve-se uma investigação acerca da vibrante como posterior ou anterior, também atentando para seu *status fonológico*, a partir de um *corpus* composto por quatro cidades do Rio Grande do Sul, sociolinguisticamente distintas, a saber: 1) Porto Alegre - representando a região metropolitana; 2) Taquara - de colonização alemã; 3) Santana do Livramento - município que faz fronteira com o Uruguai e 4) Monte Bérico - de colonização italiana. A amostra utilizada pela autora faz parte dos dados coletados por Bisol (1981, *apud* Monarettto 1992) e os resultados indicam que a realização do rótico como posterior ou anterior é influenciada pela própria posição na sílaba, contexto precedente, grupo étnico e sexo, nessa ordem.

Começando pela primeira variável selecionada, a posição do segmento na sílaba, os percentuais gerais mostram que, na posição pós-vocálica (*veRmelho, fazeR*), 34.4% das ocorrências tiveram a vibrante branda com articulação anterior como realização; 64.6% foram de vibrante forte anterior e apenas 0.95%, de vibrante forte posterior. Dando um *zoom* nas ocorrências de vibrante branda anterior em posição de coda, observou-se que essa realização, nesse contexto, é pouco expressiva em Porto Alegre e mais produtiva nas regiões de colonização bilíngue. Em posição pré-vocálica e intervocálica (*Rouco, carro*), 23% das ocorrências foram de vibrante branda em contraste com 37.8% e 39.1% de vibrante forte anterior e forte posterior, respectivamente. Observando mais atentamente, vemos que, também em ataque, a vibrante branda é bem menos expressiva na metrópole e mais presente nas demais regiões. Quanto ao contexto precedente, isto é, a qualidade da vogal do núcleo da sílaba, os resultados indicam que vogais de traço [+ ant] favorecem a realização anterior, independentemente de a vibrante ser forte ou branda. Por outro lado, e em menor grau, a realização posterior seria favorecida por vogais de traço [+ post] (Monarettto, 1992, p. 72).

Continua a autora esclarecendo que, em referência ao grupo étnico, os índices mostram que os metropolitanos fazem menos uso da vibrante anterior – sem especificar, no entanto, a que contexto silábico se refere –, o que pode sugerir que essa variante não tenha muito prestígio em Porto Alegre. Monarettto acrescenta que, em ataque, a articulação anterior é mais presente no falar das regiões bilíngues em função das línguas ou dialetos de

⁵ Para uma revisão ainda mais ampla, sugerimos também a leitura de Kailer e Almeida (2015, 2016, 2019, 2020) e Aguilera e Kailer (2015)

origem: “O dialeto italiano não possui vibrante forte posterior, dificultando a pronúncia de um *r* forte. O dialeto alemão apresenta a vibrante forte anterior ou posterior no lugar da simples da Língua Portuguesa, o que ocasiona a troca de fonemas” (Monaretto, 1992, p. 73). Quanto à coda, conclui-se que a variante mais expressiva é a vibrante anterior. A quarta e última variável selecionada pelo programa estatístico foi o sexo do falante. Em Porto Alegre, as mulheres lideram o uso da vibrante anterior forte ao passo que, na fronteira – ou seja, em Santana do Livramento –, é o sexo masculino que prefere essa forma de produção: “Em suma, quanto à preservação da vibrante anterior forte como traço característico do sul, o papel do sexo parece expressivo: o homem na fronteira e a mulher na capital” (Monaretto, 1992, p. 74-75). Nas demais regiões, com exceção da alemã, são as mulheres que mais fazem uso dessa variante.

Em Monaretto (1997), é apresentada uma nova versão do estudo sobre o comportamento fonético-fonológico da vibrante nos falares sulista. O *corpus* utilizado é o do projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), cujos dados foram coletados entre os anos 1980 e 1990, com informantes das três capitais: Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). A descrição da pronúncia do *R* se deu a partir das seguintes variantes: 1) vibrante anterior, 2) vibrante posterior, 3) tepe e 4) retroflexo. A autora parte das hipóteses de que a posição do rótico na sílaba e a etnia do falante são as variáveis mais significativas para o tipo de produção desse segmento. Além disso, Monaretto (1997) defende que, em posição de coda, o tepe é a variante preferida.

A partir de rodadas estatísticas realizadas no programa VARBRUL, a autora verificou que, das 3994 ocorrências, 40% foi de tepe, 39% de vibrante posterior, 16% de vibrante anterior e 5% de retroflexa. Analisando as comunidades separadamente, os resultados indicam que o tepe é a variante preferida em Curitiba e Porto Alegre ao passo que, em Florianópolis, prefere-se a vibrante posterior. Ao observar os índices de cada variante de acordo com a posição do rótico na sílaba, Monaretto (1997) constata que, de fato, o tepe é privilegiado em coda, enquanto, em ataque, a vibrante posterior é mais produtiva. Fazendo uma tabulação cruzada entre o grupo geográfico e a posição que o rótico ocupa na sílaba, observa-se que, em Porto Alegre, há predominância do tepe, sobretudo em contexto de coda (52%); em Florianópolis, nesse mesmo contexto, ocorre com mais frequência a vibrante posterior (61%); já em Curitiba, é mais frequente a retroflexa (79%) em contexto de coda.

O Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS – Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002) também é uma importante fonte de informação no que

diz respeito às realizações do *R*. O *corpus* do ALERS conta com 99 pontos de inquérito no Paraná; 79 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul. Vamos nos ater aos resultados observados no contexto de coda final. Os questionários fonéticos-fonológicos permitem observar as realizações do segmento em coda nas palavras *revólver***R** e *calor***R**. No que diz respeito ao primeiro vocábulo, diversas variantes são identificadas na Região Sul, porém quatro se mostram mais expressivas: 1) *revol*[vɪ]; 2) *revol*[ver]; 3) *revol*[ve/və]; e 4) *revol*[v]. Quanto à segunda palavra, as produções que se destacam quantitativamente são as seguintes: 1) *calo*[ɾ]; 2) *calo*[t]; 3) *calo*[r]; e, por último, 4) *calo*[Ø].

Ao lado dos três trabalhos já mencionados, as pesquisas de Santana (2017), Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021) trazem muitos contributos para o entendimento do comportamento variável do rótico em coda final no Sul do Brasil. As análises fazem uso do *corpus* do Projeto ALiB, entretanto, enquanto Santana (2017) focaliza os falares de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra, Callou, Korol & Martins (2021) dão conta das variedades interioranas.

O estudo de Santana (2017), que focaliza a fala de informantes com 3º grau completo e de informantes com ensino fundamental (completo ou incompleto), conta com um total de 5.282 dados em verbos e 1.247 em não verbos. O percentual geral de apagamento na primeira categoria, referente às três capitais, foi de 89% (*input* .92) enquanto nos não verbos, o índice foi de 19% (*input* .11).

Analizando os resultados separadamente por cidade, temos, em Curitiba, para verbos e não verbos, respectivamente, um índice de 87% (*input* .91) e 5% (*input* .05). Relativamente às variáveis apontadas como favorecedoras do fenômeno do cancelamento nessa capital, houve apenas seleção para os verbos, com 1) as vogais antecedentes [a] (P.R. .56) e [ɛ] (P.R. .57); 2) vocábulos polissílabos (P.R. .58); 3) o contexto subsequente de consoante (P.R. .58); 4) os informantes mais novos (P.R. .64); e 5) menos escolarizados (P.R. .61), nessa ordem de seleção, como propulsores do cancelamento. Quando o segmento é mantido, a variante mais produtiva é o tepe, tanto nos verbos quanto nos não verbos.

Quanto à Florianópolis, o apagamento atingiu 94% (*input* .98) na categoria verbal e 41% (*input* .38) em não verbos. No caso da capital catarinense, os seguintes fatores, nessa ordem, foram apontados como relevantes na categoria verbal: 1) sexo, com as mulheres liderando (P.R. 67); 2) contexto fonético antecedente, sendo [a] (P.R. .54), [e] (P.R. .52) e [i] (P.R. .59) os segmentos que mais favorecem; 3) falantes menos escolarizados (P.R. .68); 4) informantes mais novos (P.R. .59); 5) contexto subsequente de consoante (P.R.

.59); 6) outras formas verbais (P.R. .85); 7) fronteira de sintagma fonológico (P.R. .59) e de sintagma entoacional (P.R. .52). No caso dos não verbos, 1) informantes menos escolarizados (P.R. .67); 2) vocábulos polissílabos (P.R. .59); 3) falantes mais velhos (P.R. .57); e 4) as vogais antecedentes [a] (P.R. .53) e [o] (P.R. .57) favorecem, nessa ordem, a aplicação do cancelamento. Ademais, quando ocorre a manutenção do rótico, o tepe é a produção favorita nos verbos e a fricativa velar, nos não verbos.

Assim como em Curitiba e Florianópolis, em Porto Alegre, os índices de cancelamento em verbos e em não verbos também divergiram consideravelmente: apenas 7% (*input*.03) nesta categoria e 86% (*input*.87), naquela. Para os verbos, sete variáveis foram selecionadas como influenciadoras: 1) contexto subsequente de consoante (P.R. .59); 2) contexto fonético antecedente, sendo [e] (P.R. .56) e [ɛ] (P.R. .78) as vogais favorecedoras; 3) vocábulos polissílabos (P.R. .54); 4) informante mais novos (P.R. .59); 5) falantes menos escolarizados (P.R. .56); 6) sexo masculino (P.R. .56); e 7) verbos no infinitivo (P.R. .51). Para os não verbos, quatro variáveis foram selecionadas: 1) contexto subsequente de consoante (P.R. .66); 2) informantes menos escolarizados (P.R. .68); 3) contexto fonético antecedente, sendo [a] (P.R. .55), [e] (P.R. .72), [ɛ] (P.R. .84), e [o] (P.R. .59), os segmentos favorecedores; e 4) sexo masculino (P.R. .63). Semelhantemente à Curitiba, também em Porto Alegro, o tepe foi a variante favorita nas duas categorias.

Os trabalhos de Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018) se debruçam sobre os falares de Campo Mourão (PR), Guarapuava (PR), Criciúma (SC), Lages (SC), Santa Maria (RS) e Caçapava do Sul (RS), em análises que contam com um total de 3.099 dados de rótico em coda final em verbos e 680 em formas não verbais, coletados dos questionários/entrevistas do ALiB de 4 falantes de cada município, todos com ensino fundamental (completo ou incompleto). Similarmente ao observado em Santana (2017), o percentual geral de apagamento, amalgamando os seis municípios interioranos, mostra um forte contraste entre a aplicação da regra variável em verbos (92%) e não verbos (11%).

Em Guarapuava (PR), o cancelamento atingiu 94% (*input*.94) em verbos e somente 11% (*input*.11) em não verbos. Para a categoria verbal, apenas o contexto fonético antecedente se mostrou relevante para aplicação da regra variável, sendo as vogais [a] (P.R. .62) e [i] (P.R. .52) as mais favorecedoras. No que diz respeito aos não verbos, quatro fatores foram selecionados, nesta ordem: 1) contexto fonético antecedente, com as vogais [e] (P.R. .92) e [ɛ] (P.R. .93) favorecendo; 2) informantes mais velhos (P.R. .86); 3) fronteira de palavra prosódica (P.R. .98); e 4) informantes do sexo masculino (P.R. .75). Nos verbos, o tepe é a variante mais produtiva, enquanto, em não verbos, predomina a aproximante retroflexa.

Para o outro município paranaense, Campo Mourão, 90% (*input .90*) dos verbos sofreram apagamento e apenas 3% (*input .03*) de não verbos ilustram o fenômeno. Os seguintes fatores foram apontados como condicionantes entre os verbos: 1) vocábulos polissílabos (P.R. .58); 2) informantes mais novos (P.R. .81); 3) sexo masculino (P.R. .65); e 4) contexto fonético antecedente, sendo o segmento [a] (P.R. .55) o mais relevante. Apesar do baixo índice de cancelamento em não verbos, o contexto fonético antecedente – a vogal [ɛ] se mostrou a mais favorecedora (P.R. .91) – e o gênero – com os homens atingindo P.R. de .97 – foram selecionadas pelo programa estatístico, nessa ordem. Em Campo Mourão, o r-retroflexo é a pronúncia preferida independentemente da classe morfológica do vocábulo.

No município catarinense de Criciúma os índices foram de 97% (*input .97*) em verbos e 22% (*input .22*) em não verbos. Quando o rótico é produzido, a preferência é pela aproximante retroflexa nos dois grupos. Para os verbos, três variáveis foram selecionadas, seguindo esta ordem: 1) contexto fonético antecedente, com os segmentos [a] (P.R..56) e [e] (P.R. .53) liderando; 2) informantes mais velhos (P.R. .65); e 3) contexto subsequente de consoante (P.R. .63). No caso dos não verbos, apenas os segmentos [a] (P.R. .68) e [e] (P.R. .79) se mostraram condicionantes do apagamento.

Quanto a Lages (SC), esse foi o município que apresentou menor percentual de apagamento em verbos: 87% (*input .87*). Já para os não verbos, registrou-se um índice de apenas 6% (*input .06*). Na primeira categoria, os informantes mais jovens lideram o processo (P.R. .78) e o contexto subsequente de consoante (P.R. .63) é o que mais favorece a perda segmental. Para os não verbos, poucos foram os dados de apagamento. Mesmo assim, o programa estatístico apontou que as ocorrências de perda segmental foram mais frequentes com as vogais [o] (P.R. .33) e [ɛ] (P.R. .99), além de serem as mulheres que lidaram o fenômeno (P.R. .90). A variante mais expressiva foi o tepe alveolar tanto em verbos quanto em não verbos.

Caçapava do Sul (RS) apresentou um percentual de apagamento de 95% (*input .89*) em verbos e de somente 8% (*input .08*) em não verbos. Para a categoria verbal, os segmentos [a] (P.R. .51), [i] (P.R. .56), [ɛ] (P.R. .64), e [e] (P.R. .68), foram apontados como condicionantes para o cancelamento. Para os não verbos, [a] (P.R. .69), [ɛ] (P.R. .92) e [e] (P.R. .85) foram apontadas como relevantes. Nas duas classes, o tepe alveolar foi a variante favorita.

Em Santa Maria (RS), os índices de apagamento em verbos atingiram 95% (*input .95*) enquanto, nos não verbos, foi baixo, sendo este de 16% (*input .16*). Para os verbos,

apenas o contexto fonético antecedente se mostrou relevante, sendo as vogais [i] (P.R. .51) e [e] (P.R. .51) as que mais favorecem a perda segmental. Essa mesma variável foi apontada como relevante para os não verbos, com [e] (P.R. .93) e [ɛ] (P.R. 62) condicionando o processo. A fronteira de sintagma fonológico (P.R. .63) também se mostrou favorecedora ao apagamento na classe dos não verbos. No que diz respeito às variantes encontradas, na classe verbal, o tepe predominou, mas, nos não verbos, houve um equilíbrio entre essa variante e a aproximante retroflexa.

O estudo de Serra *et al.* (2021) se propõe a investigar a queda do rótico nas variedades de Barracão (PR), São Miguel do Iguaçu (PR), Itajaí (SC) e Blumenau (SC), a partir de um total de 1.708 dados (1.293 em verbos e 415 em não verbos). Os pesquisadores fizeram uso de quatro entrevistas de cada município, cujos informantes tinham ensino fundamental (completo ou incompleto) e eram monolíngues do português.

Em Barracão (PR), os índices de aplicação da regra de cancelamento alcançaram 90% (*input* .90) ao passo que, em não verbos, o percentual foi baixo, de somente 8% (*input* .08), não havendo seleção de variáveis para essa categoria. Nos verbos, por outro lado, o apagamento parece ser mais expressivo em vocábulos polissílabos (P.R. .59), além de ser liderado pelos informantes mais jovens (P.R. .74) do sexo masculino (P.R. 63). No falar barraconense, o tepe alveolar e o r-retroflexo se mostraram produtivos, predominando a primeira variante tanto em verbos quanto em não verbos.

No município de São Miguel do Iguaçu (PR), os percentuais de zero fonético também foram altos em verbos (95%; *input* .95) e relativamente baixos em não verbos (15%; *input* .15). Relativamente à primeira categoria, em uma primeira rodada, mostraram-se favorecedores ao apagamento o contexto fonético antecedente – com [e] (P.R. .79) condicionando o processo –, e a forma verbal, com verbos na forma não infinitiva (P.R. .98) sendo mais sensíveis à perda segmental. Contudo, os autores destacam que, em uma segunda rodada estatística, em que não levam em consideração o contexto fonético antecedente, o sexo do informante foi apontado como relevante para o apagamento, com as mulheres (P.R. .73) propiciando a aplicação do fenômeno. Quanto aos não verbos, verificou-se que as vogais [ɛ] (P.R. .87), [e] (P.R. .75), e [a] (P.R. .70), quando em núcleo silábico, favorecem a queda do segmento, ao passo que as vogais [ɔ] (P.R. .32) e [o] (P.R. .28) inibem a elisão. Nessa comunidade, o tepe alveolar e o r-retroflexo também se mostraram variantes produtivas quando da manutenção do rótico. Entretanto, inversamente ao observado em Barracão, a segunda variante predominou tanto em verbos quanto em não verbos.

Partindo para a comunidade de Blumenau (SC), verificamos elevados índices de apagamento: 98.3% (*input.98*) em verbos e 69% (*input .69*) em não verbos. Para a primeira categoria, não houve seleção de variáveis. Porém, a aplicação da regra de cancelamento, em não verbos, parece ser sensível ao contexto subsequente de consoante (P.R. .90), bem como a vocábulos polissílabos (P.R. .63). Além disso, os homens (P.R. .83) propiciam a perda segmental. Em verbos, prevalece a realização fricativa e, em não verbos, o tepe alveolar.

Em Itajaí (SC), na categoria dos verbos, o percentual foi de 99.3% (*input .99*) em favor do cancelamento e nenhuma variável foi apontada como relevante. Em não verbos (52%; *input .52*), todavia, o contexto subsequente de consoante (P.R..75), a fronteira de sintagma entoacional (P.R. .63), as vogais antecedentes [a] (P.R. .64) e [ɔ] (P.R. .60) e os falantes mais jovens (P.R. .64) foram os fatores propulsores da aplicação da regra. A realização fricativa se mostrou expressiva no falar de Itajaí, nas duas categorias.

Nos estudos de Santana (2017), Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021), percebemos uma consistência na seleção da variável “contexto precedente”, com a qualidade da vogal do núcleo da sílaba sendo regularmente apontada como relevante para a aplicação da regra variável do cancelamento. As vogais de traço [+ ant] geralmente favorecem a queda segmental, nos falares que apresentam as variantes tepe, vibrante múltipla ou retroflexa (produções anteriores); nos falares que apresentam as variantes fricativas velar e glotal (produções posteriores), a propensão de cancelamento é favorecida por vogais de traço [+ post], além do [a], que se mostra um forte condicionante da queda, em quase todos os falares considerados. Apesar de ficar mais ou menos clara a participação de um processo de assimilação de traços, os autores chamam a atenção para o fato de que, dada a natureza do inquérito do Projeto ALiB, é comum que alguns vocábulos sejam mais frequentes do que outros, sobretudo nos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical. No decorrer das entrevistas, por exemplo, é normal que o informante repita diversas vezes palavras como “açúcar”, “mulher”, “melhor”, etc., em função das temáticas suscitadas pelo entrevistador. Por isso, não se pode ignorar a frequência com que esses vocábulos aparecem nas entrevistas para que se possa determinar se o que está em jogo é, de fato, a qualidade da vogal do núcleo da sílaba ou a frequência do próprio vocábulo nas amostras.

Observando o quadro mais geral do apagamento do rótico em coda externa na região Sul, fica evidente que, em não verbos, o zero fonético ainda não está amplamente disseminado, em oposição ao que se observa em verbos, nos quais a regra já se encontra

bastante difundida. Quanto às formas de produção do *R*, na capital paranaense, observamos o predomínio do tepe alveolar. No interior do estado, por outro lado, vemos que essa variante divide espaço com o aproximante retroflexo. Enquanto isso, Santa Catarina apresenta um comportamento mais diversificado quanto às variantes do rótico tendo em vista que, a depender da localidade, identificam-se o tepe alveolar, realizações fricativas e o aproximante retroflexo. No falar do Rio Grande do Sul, a variante de prestígio parece ser o tepe alveolar, muito embora, no interior, também se encontre o aproximante retroflexo, ainda que em menor grau. É indiscutível, então, que quando se trata das variantes de produção do rótico, a Região Sul ainda tem um comportamento linguístico conservador, já que o zero fonético e as produções fricativas seriam as variantes mais inovadoras.

3. APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO E CORPUS

Conforme mencionado na seção introdutória, tomamos como base para a presente pesquisa oito amostras de fala semiespontânea pertencentes ao *corpus* do Projeto ALiB de falantes oriundos do Chuí (RS) e de Santana do Livramento (RS) – de duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos), todos com ensino fundamental (completo ou incompleto) e monolíngues do português –, para a análise do processo de apagamento do rótico em coda silábica final em verbos e não verbos. Para identificarmos os fatores linguísticos e sociais que condicionam o fenômeno em foco, lançamos mão da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (1994, 2001, 2003, 2008 [1972]) e realizamos o tratamento estatístico dos dados com o pacote de programas GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

O município do Chuí está localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, ficando acerca de 525 km de Porto Alegre e fazendo fronteira com o Chuy uruguaio. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui um pouco mais de 6.800 habitantes, dentre os quais, além de brasileiros, há uruguaios e árabes palestinos. O índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) da comunidade é de 0,706 e 97.7% dos indivíduos entre 06 e 14 anos são escolarizados. Santana do Livramento faz fronteira com a cidade uruguaia de Rivera e se encontra a 498 km da capital do estado. Sua população é muito superior à do Chuí, com mais de 75.000 habitantes. O IDHM da comunidade é de 0,727 e 97.6% dos indivíduos de 06 a 14 anos são escolarizados.

Consideramos nove variáveis independentes como possivelmente relevantes para a perda segmental, sendo três delas de caráter social: sexo (masculino e feminino), faixa etária (18-30 anos e 50-65 anos) e origem geográfica do informante (Chuí e Santana do Livramento).

Em pesquisas sociolinguísticas, leva-se em consideração o sexo do informante uma vez que homens e mulheres tendem a assumir papéis sociais diferentes, o que faz com que, no âmbito linguístico, se expressem distintamente. Labov (2008 [1972]) afirma que, em geral, as mulheres seriam mais adeptas à mudança linguística, quando a forma linguística inovadora é de prestígio, enquanto os homens teriam um comportamento mais conservador. Entretanto, Callou (1987) e Paiva (2004), comentando as pesquisas de outros linguistas, argumentam que a fala das mulheres ora pode ser conservadora ora inovadora, a depender do *status social* das variantes em competição e do meio em que vive a mulher, se urbano ou rural. Apesar de não ser tão simples determinar se os falantes são conscientes do *status social* das variantes em jogo atualmente (realização x cancelamento do rótico), muito em função de esse ser um fenômeno variável já antigo no português do Brasil (Xavier, 2020), pudemos verificar nos estudos resenhados na seção anterior que os homens normalmente costumam propiciar mais o cancelamento, quando a variável sexo era selecionada. Em razão disso, buscamos verificar a atuação dessa variável nas amostras de fala em análise.

Quanto à faixa etária, o que muitos estudos sobre o cancelamento do rótico em coda externa revelam é que, embora os percentuais de cancelamento sejam altos pelas faixas etárias, principalmente entre os verbos, a escala dos pesos relativos mostra que a implementação da mudança linguística se dá na fala dos mais jovens. Desde a década de 1970, o cancelamento tem sido favorecido na fala dos mais jovens e, nas amostras posteriores, temos observado o aumento gradativo da variante zero fonético nas gerações que vão se sucedendo e o cancelamento acaba por se espalhar paulatinamente pela comunidade como um todo. Tendo isso em mente, partimos da hipótese de que os informantes de 18-30 anos são mais adeptos ao cancelamento, o que talvez fique ainda mais evidente entre os não verbos, para os quais o processo ainda se encontra no seu início, na região Sul.

A inclusão da variável origem geográfica também é de extrema importância, tendo em vista que as análises resenhadas e as cartas do ALiB expostas anteriormente mostram uma grande variabilidade no comportamento do rótico em coda silábica final a depender da localidade. Desejamos, portanto, averiguar se Chuí e Santana do Livramento apresentam índices distintos de zero fonético e se as variantes produzidas, quando da manutenção do segmento, são semelhantes ou não às da capital Porto Alegre.

As outras cinco variáveis, de cunho linguístico, são as seguintes: classe morfológica do vocábulo (verbo ou não verbo); forma verbal (no caso de verbos); dimensão do vocábulo (monossílabo ou polissílabo); contexto fonético antecedente (qualidade da vogal do núcleo); contexto subsequente (pausa ou consoante); tipo de consoante subsequente (excluído o contexto subsequente de vogal alvo da ressilabificação) e fronteira prosódica

(palavra prosódica (Pw), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP).

Como se pode observar nas Cartas F04 C1 e C2 do ALiB, os altos índices de apagamento em verbos são flagrantes ao passo que, em não verbos, ainda são tímidos, principalmente no Centro-Sul do Brasil. Isso reforça a necessidade de discriminar as duas categorias no momento da codificação sociolinguística, para que os resultados não sejam enviesados. No que diz respeito à forma verbal, procuramos verificar se há distinção entre os percentuais de aplicação da regra caso o verbo esteja no infinitivo, no presente do indicativo (você/ele queR...) ou no futuro do subjuntivo. A dimensão do vocábulo também tem influência na aplicação ou não do apagamento. Segundo a hipótese da saliência fônica⁶, em vocábulos monossílabos, o rótico tem maior saliência e, portanto, tende a ser mantido. Enquanto isso, em palavras polissílabas, sua menor saliência fônica licencia seu cancelamento. Quanto ao contexto fonético antecedente, pelo que temos observado de estudos anteriores, acreditamos que segmentos de traço [-arred] favorecem o apagamento. Relativamente ao contexto subsequente, nossa hipótese é de que, quando seguido de consoante, o rótico terá maior probabilidade de ser cancelado, relativamente ao contexto de pausa. Vamos verificar, também, se o ponto e o modo de articulação da consoante seguinte terão alguma influência na aplicação da regra variável. Por último, acredita-se que, quando em fronteiras mais baixas de Pw e PhP, o rótico será mais frequentemente apagado, enquanto na fronteira mais alta de IP, o segmento será realizado, por conta das características entoacionais do final de frase que, em hipótese, demandariam a maior presença de material segmental, para ancoragem do acento melódico nuclear da frase (acento tonal e tom de fronteira) (Serra; Callou, 2013, 2015; Callou; Serra; Farias, 2022; Farias, 2022).

Cabe ainda justificar a escolha da Sociolinguística Quantitativa Laboviana como aporte teórico-metodológico desta análise. Em sua obra *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (2008, [1972]) relata que a insatisfação em relação aos modelos teóricos existentes na década de 60, que não incluíam a variação em suas análises, fez com que pesquisadores buscassem outros caminhos e, ainda segundo Labov (2008, [1972], p. 13),

Uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. A grande maioria dos linguistas tinha se voltado resolutamente para contemplação de seus próprios idioletos. [...] Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social [...].

⁶ A hipótese da saliência fônica foi primeiramente postulada por Naro e Lemle (1976), para o tratamento da concordância verbal variável no português brasileiro (*eles dizem ~ eles dizØ, eles falavam ~ eles falavaØ, eles vão ~ eles vai*) e, posteriormente, foi incluída em muitos outros estudos de fenômenos fonético-fonológicos.

Sabemos que a variação e a mudança são intrínsecas a todas as línguas humanas e que estas se encontram, constantemente, sujeitas à pressão de forças que agem no sentido da variabilidade, de um lado, e da unidade, de outro (MOLLICA, 2017). Se, por um lado, existe uma força centrífuga que impulsiona a língua à variação e, quiçá, à mudança, por outro há, também, uma força centrípeta que mantém a unidade linguística: “[...] as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas: de um lado o impulso à variação e, possivelmente, à mudança; de outro o impulso à convergência, base para a noção de comunidade linguística caracterizada por padrões estruturais e estilísticos” (MOLLICA, 2017, p. 12). A Sociolinguística Quantitativa Laboviana visa, então, à sistematização e ao apontamento da probabilidade da ocorrência de variantes que coexistem em um meio social.

Na próxima seção, apresentamos os índices de zero fonético no Chuí e Santana do Livramento, além das variantes mapeadas quando o rótico é mantido. Discutiremos, também, as variáveis apontadas como favorecedoras da regra de apagamento.

4. VARIANTES DO RÓTICO E CANCELAMENTO EM CODA EXTERNA

4.1 DISTRIBUIÇÃO DO CANCELAMENTO DO RÓTICO PELAS COMUNIDADES

Ao todo, foram recolhidos 1.165 dados de rótico em coda silábica final nas comunidades estudadas, sendo 753 no Chuí e 412 em Santana do Livramento. O Gráfico 1, a seguir, expõe os índices de aplicação da regra de apagamento do *R* nos dois municípios, discriminando verbos e não verbos.

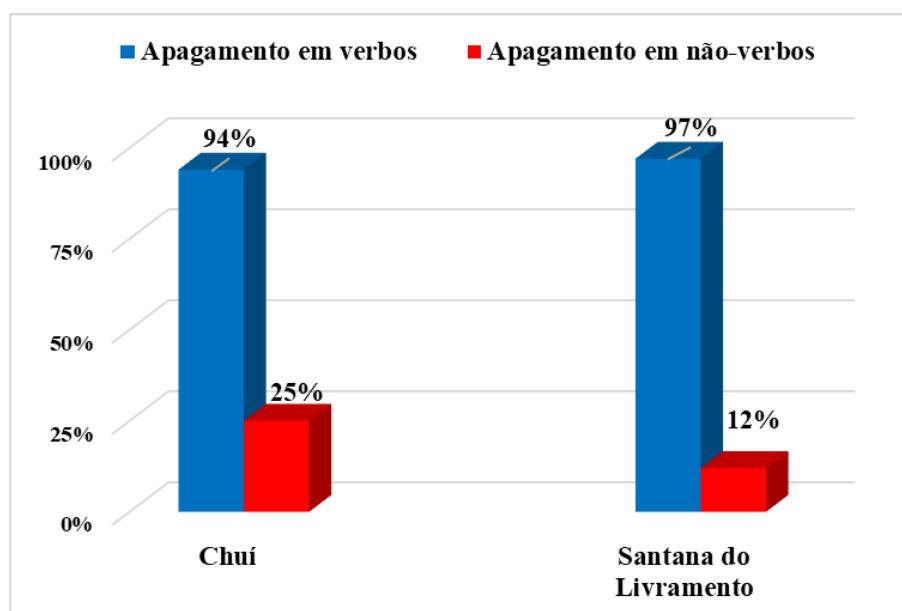


Gráfico 1: Percentuais de apagamento do rótico em coda silábica final de acordo com a classe morfológica nas duas comunidades estudadas.

Identificamos índices elevados de cancelamento em verbos nas duas comunidades, com altos *inputs* de aplicação da regra: .94 no Chuí e .97 em Santana do Livramento. No entanto, no que diz respeito aos não verbos, os percentuais ainda são relativamente baixos, apenas de 25% na primeira comunidade (*input* .25) e de 12% (*input* .12) na segunda. Com base na leitura dos dados, pode-se concluir que esse cenário ilustra uma mudança sonora em curso tendo em vista que o fenômeno, na categoria dos verbos, é semicategórico ao passo que, em não verbos, os índices, apesar de ainda baixos, parecem estar em elevação e caracterizam uma regra variável (Labov, 1994, 2003).

Traçando um paralelo entre os resultados desta análise e os de Oliveira (2018), Oliveira *et al.* (2018) e Serra *et al.* (2021), que também analisam comunidades interiores da Região Sul, vemos que os estudos estão em consonância quanto aos altos índices de apagamento em verbos e aos relativamente baixos percentuais em não verbos. Monareta (2002) e Santana (2017), que estudam as três capitais da região Sul com base, respectivamente, no *corpus* do VarSul e do ALiB, também atestam que o zero fonético está bem mais difundido na primeira categoria do que na segunda.

A partir disso, é possível afirmar que, no tocante aos não verbos, a variedade sulista do português ainda resiste à implementação da regra de cancelamento, embora o fenômeno revele sua robustez. Analisando os resultados de diversas pesquisas sobre a queda do rótico no Sul do país, observamos que os índices de apagamento têm se ampliado desde a década de 1970.

Focalizando especificamente os resultados para Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, onde estão localizados os municípios analisados por nós, flagramos o avanço do cancelamento. Os estudos de Callou & Moraes (1995) e Callou, Leite & Moraes (1996), com base em entrevistas de indivíduos porto-alegrenses que compõem o *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) – gravado na década de 70 e que conta somente com falantes com nível superior –, mostram um índice de 49% de apagamento em verbos e somente 14% em não verbos. Monareta (2002), encontra, em dados do Projeto VarSul gravados entre 1988 e 1996 (falantes mais e menos escolarizados), 81% de cancelamento em coda externa de verbos, 20% em palavras funcionais e apenas 5% em não verbos. As variantes do rótico mais produtivas na capital gaúcha eram o tepe e a vibrante alveolar. Por outro lado, Santana (2017), ao estudar o mesmo fenômeno em Porto Alegre, a partir de entrevistas realizadas na primeira década dos anos 2000 (Projeto ALiB), encontra um índice 83% de apagamento em verbos no falar de informantes mais escolarizados e 87%, na mesma categoria, na variedade de falantes menos escolarizados.

Quanto aos não verbos, a autora ainda encontra baixos índices de cancelamento: 3% na fala de mais escolarizados e 11% na fala de menos escolarizados. Embora em todas as pesquisas os percentuais de apagamento sejam relativamente baixos em não verbos, na categoria dos verbos, houve um aumento significativo nos índices de aplicação da regra na variedade dos falantes mais escolarizados: 49% na década de 1970 e 83% na primeira década dos anos 2000.

Na próxima seção, apresentaremos as variantes mais produtivas quando da manutenção do rótico nos falares do Chuí e Santana do Livramento. Ademais, discutiremos as variáveis apontadas como favorecedoras do apagamento conforme indicado pelas rodadas estatísticas inferenciais. Começaremos a discussão pelas variáveis selecionadas para verbos e não verbos no município do Chuí e, em seguida, passaremos às selecionadas para o falar de Santana do Livramento.

4.2 AS VARIANTES DO RÓTICO E OS CONDICIONAMENTOS DA MUDANÇA EM DIREÇÃO AO CANCELAMENTO

Nas gravações do Chuí, recolhemos 521 dados de verbos, dos quais 490 foram de cancelamento (94%) e somente 31 dados foram de manutenção do *R* (6%). Na categoria dos não verbos, coletamos 232 dados: 59 dessas ocorrências sofreram perda segmental (25%) e 173 foram de realização do rótico (75%). A Tabela 1 a seguir exibe as variantes mapeadas no município:

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	24/31	77%
Aproximante retroflexa	7/31	23%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	147/173	85%
Aproximante retroflexa	18/173	10.4%
Fricativa glotal	4/173	2.3%
Vibrante múltipla alveolar	4/173	2.3%

Tabela 1: Distribuição das variantes do rótico em coda silábica externa em verbos e não verbos, respectivamente, no município do Chuí (RS), sem levar em consideração o zero fonético.

Vemos que, semelhantemente ao observado nos municípios gaúchos estudados por Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018), o tepe alveolar e o r-retroflexo predominam. Mais especificamente, em verbos, as produções do rótico se limitam a essas duas variantes. Quanto aos não verbos, além do tepe alveolar e da aproximante retroflexa, encontramos quatro ocorrências de fricativa glotal e quatro de vibrante múltipla alveolar.

No que concerne às variáveis apontadas como favorecedoras do cancelamento em verbos, o programa estatístico apontou como relevantes o *contexto fonético antecedente* e o *contexto fonético subsequente*. Na categoria dos não verbos, apenas o *contexto fonético subsequente* se mostrou significativo.

Como se pode observar na Tabela 2, a seguir, os verbos cujo núcleo da sílaba portadora do rótico é [a] ou [e] se mostram mais favoráveis à perda segmental, com P.R. de .64 e .52, respectivamente. Enquanto isso, quando o R é antecedido pela vogal [o] (P.R. .003), o processo de cancelamento é inibido, isto é, o rótico tende a ser mantido. Os três verbos de primeira conjugação mais frequentes na amostra de fala foram “falar” (33 vezes), “tomar” (16 vezes) e “trabalhar” (14 vezes). No caso dos de segunda conjugação, “ser” (50 vezes), “fazer” (25 vezes) e “dizer” (17 vezes) foram os mais frequentes. Muito embora pareça se confirmar a hipótese de que vogais menos arredondadas condicionam o apagamento do segmento em estudo, como defendido por Callou (1987) e Brandão, Mota & Cunha (2003), entre outros, é importante ter em mente que, no português, formas verbais em que o rótico é antecedido por [a] e [e] são bastante comuns e os vocábulos se repetem nas amostras. Por isso, acreditamos que os altos pesos relativos atribuídos para [a] e [e] e o baixo peso relativo para [o] estejam relacionados com a frequência com que verbos com núcleos preenchidos por essas vogais aparecem na amostra. A Tabela 2, abaixo, mostra que a distribuição não é equilibrada, havendo 268 dados em [a] (Exemplo 1), 162 em [e] (Exemplo 2) e somente 30 em [o] (Exemplo 3).

Vogal do núcleo	Oco. /total	%	P.R.
[a]	265/268	99%	0.64
[e]	159/162	98%	0.52
[o]	5/30	17%	0.003

Tabela 2: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético antecedente.

- 1) “Ela ia trabalha[Ø] de empregada doméstica” (CHU – Inf. 3)
- 2) “Doutor, quando vou te[Ø] minha alta?” (CHU – Inf. 4)
- 3) “Servente de pedreiro... cortava lenha... que fo[r]” (CHU – Inf. 1)

Para a segunda variável selecionada, o *contexto subsequente*, observa-se que, quando seguido de consoante, o rótico nos verbos tende a ser cancelado (P.R. .60), como se vê no Exemplo 4. Por outro lado, conforme exemplificado em 5, o contexto de pausa inibe a aplicação da regra de apagamento (P.R. .31) (Tabela 3). A mesma variável foi apontada como influenciadora em não verbos, sendo a única selecionada pelo programa estatístico. Nessa categoria, observando a Tabela 4, vemos que o cenário é similar ao observado em verbos, pois o contexto subsequente de consoante também propulsiona o fenômeno (P.R. .60), como exemplificado em 6, e o contexto de pausa o desfavorece (P.R. 43), conforme se vê em no Exemplo 7.

Contexto subsequente	Oco. /total	%	P.R.
Consoante	319/334	95.5%	0.60
Pausa	171/187	91.4%	0.31

Tabela 3: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético subsequente.

Contexto subsequente	Oco. /total	%	P.R.
Consoante	30/59	38%	0.60
Pausa	29/114	20%	0.43

Tabela 4: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em não verbos, no município do Chuí (RS), de acordo com o contexto fonético subsequente.

- 4) “É tão boa de come[Ø] bem doce” (CHU – Inf. 3)
- 5) “Pode ser o que fo[r]” (CHU – Inf. 3)
- 6) “Douto[Ø] quando o senhor vai liberar meu filho?” (CHU – Inf. 2)
- 7) “Não tem luga[r]” (CHU – Inf. 1)

Vale destacar a relação existente entre o contexto fonético subsequente e a fronteira do constituinte prosódico, observada neste estudo e em pesquisas recentes que também se debruçam sobre o cancelamento do rótico (Callou; Serra, 2012; Serra; Callou, 2013, 2015; Santana, 2017; Oliveira, 2018; Oliveira *et al.*, 2018; Serra *et al.*, 2021; Callou; Serra; Farias, 2022; Farias, 2022). Embora a fronteira de constituinte prosódico não tenha sido selecionada como relevante para o apagamento, o fato de o contexto subsequente de consoante ter sido apontado como favorecedor à perda segmental, enquanto a pausa a inibe, não se deve ao acaso. Este último contexto é uma pista prosódica relacionada à fronteira de sintagma entoacional, *locus* da ocorrência do acento tonal nuclear da frase (Serra; Callou, 2015), o que inibe perdas segmentais.

Dando um *zoom* na distribuição do apagamento na categoria dos verbos de acordo com a fronteira do constituinte prosódico, verifica-se que os percentuais de cancelamento são altos nos três contextos prosódicos. Mesmo assim, o contexto de sintagma entoacional (Exemplo 8) é o que apresenta menor índice de zero fonético (90%) ao passo que os de sintagma fonológico (Exemplo 9) e de palavra prosódica (Exemplo 10) têm índices mais elevados (95% e 99%, respectivamente). Embora os percentuais de apagamento nos três contextos prosódicos sejam iguais ou superiores a 90%, vemos que, quanto mais alta a fronteira prosódica, menor o percentual de cancelamento. A mesma situação é observada nos não verbos. O percentual de apagamento em contexto de sintagma entoacional é de 21% em contraste com 33% e 36%, em fronteira de sintagma fonológico e de palavra prosódica, nessa ordem. Portanto, o R tende a ser mantido na fronteira mais alta de sintagma entoacional (ou seja, no final da frase), estando acompanhada de pausa, ao passo que, em fronteiras mais baixas, como de palavra prosódica e sintagma fonológico, o rótico tem mais chances de ser cancelado.

- 8) (Servente de pedreiro)IP (cortava lenha)IP (o que fo[r])IP – (CHU – Inf. 1)
- 9) ((Nós)PhP (passava garfo)PhP (antes)PhP (pra fica[Ø])PhP (com aquela forminha) PhP) IP – (CHU – Inf. 4)
- 10) (Porque eu não consegui (me da[Ø]) Pw conta) IP – (CHU – Inf. 3)

Para o município de Santana do Livramento, coletamos 326 dados de verbos, dos quais 315 sofreram perda segmental (97%) e 11 tiveram o rótico mantido (3%). Na categoria dos não verbos, recolhemos 86 dados, sendo somente 10 de apagamento (12%) e 76 de realização do R (88%). A Tabela 5 abaixo mostra as variantes encontradas nessa comunidade:

Variantes em verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	11/11	100%
Variantes em não verbos	Oco. /total	%
Tepe alveolar	74/76	97.4%
Aproximante retroflexa	1/76	1.3%
Vibrante múltipla alveolar	1/76	1.3%

Tabela 5: Distribuição das variantes do rótico em coda silábica externa em verbos e não verbos, respectivamente, no município de Santana do Livramento (RS), sem levar em consideração o zero fonético.

Vemos que o tepe alveolar é muito produtivo no falar de Santana do Livramento tanto em verbos quanto em não verbos. Além disso, diferentemente do que acontece no Chuí e nas comunidades gaúchas estudadas por Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018), houve apenas uma ocorrência do r-retroflexo assim como somente um dado de vibrante múltipla alveolar na categoria dos não verbos.

Nos verbos, a rodada estatística indicou como favorecedoras do cancelamento duas variáveis, uma de cunho de linguístico e outra de cunho social. A primeira variável selecionada foi o *contexto fonético antecedente* e a segunda, a *faixa etária do informante*. Para categoria dos não verbos, nenhuma variável se mostrou relevante.

No que diz respeito ao *contexto fonético antecedente* (Tabela 6), os verbos cujo núcleo da sílaba portadora do rótico é [e] (Exemplo 11) propiciam a aplicação da regra de apagamento, com P.R. de .70. Em contrapartida, as vogais [a] (Exemplo 12), [ɛ] (Exemplo 13) e [o] (Exemplo 14) inibem o cancelamento com P.R. de .44, .31 e .005, respectivamente.

Vogal do núcleo	Oco. /total	%	P.R.
[e]	91/92	99%	0.70
[a]	173/178	97%	0.44
[ɛ]	18/19	95%	0.31
[o]	1/5	20%	0.005

Tabela 6: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município de Santana do Livramento (RS), de acordo com o contexto fonético antecedente.

- 11) “Pode se[Ø] mariposa” (SL – Inf. 1)
- 12) “...mas, depois, se ele opta[f] por ficar...” (SL – Inf. 3)
- 13) “Que[f] me acompanhar num café?” (SL – Inf. 3)
- 14) “Só se fo[f] muito conhecido...” (SL – Inf. 3)

Referentemente à *faixa etária do informante* (Tabela 7), observamos que os jovens lideram a propagação do zero fonético, com P.R. elevado de .77 (Exemplo 15). Os informantes mais velhos, entretanto, têm um comportamento linguístico mais conservador (P.R. .23) (Exemplo 16). Isso vai ao encontro da nossa hipótese, segundo a qual os jovens lideram a mudança linguística em direção ao cancelamento do rótico em final de palavra.

Faixa etária	Oco. /total	%	P.R.
18-30 anos	155/156	99%	0.77
50-65 anos	160/170	94%	0.23

Tabela 7: Distribuição do apagamento do R em coda silábica externa em verbos, no município de Santana do Livramento (RS), de acordo com a faixa etária do informante.

- 15) “Não pode sai[Ø] pra fora ainda” (SL – Inf. 2)
- 16) “Cansou de tanto pula[f]” (SL – Inf. 4)

Em suma, observamos que os municípios do Chuí e de Santana do Livramento, ambos em áreas fronteiriças do Rio Grande do Sul, seguem, no que diz respeito à regra de apagamento do rótico em coda externa, a tendência geral observada para os demais falares da Região Sul já estudados. Isto é, índices elevados de cancelamento na classe dos verbos e percentuais ainda baixos em não verbos. Adicionalmente, a mudança parece estar condicionada tanto por fatores linguísticos – a vogal do núcleo e o contexto subsequente –, quanto por fatores sociais.

5. PALAVRAS FINAIS

Na mesma esteira das pesquisas citadas neste texto, que analisam a perda segmental no interior da região Sul do Brasil, com base nas amostras de fala do Projeto ALiB, este estudo cumpriu com seu objetivo de acrescentar mais uma peça ao quebra-cabeças dos

falares brasileiros interioranos, com a análise do rótico em coda externa nas variedades do Chuí e de Santana do Livramento.

Comparando os nossos resultados com os encontrados nos municípios gaúchos estudados por Oliveira (2018) e Oliveira *et al.* (2018), verificamos que os índices de apagamento não diferem consideravelmente. Contudo, como já dito anteriormente, o que se pode afirmar, sem sombra de dúvida, é que, no que diz respeito aos não verbos, a Região Sul ainda é conservadora, uma vez que os índices de cancelamento do rótico nessa categoria ainda são baixos. Além disso, quando da manutenção do segmento, são bastante produtivas variantes de traço [+ ant] ao invés de variantes [+ post], que são as formas inovadoras (Callou, 1987; Xavier, 2020). No caso dos verbos, por outro lado, o apagamento representa uma mudança em curso, praticamente completa.

O tepe alveolar e o r-retroflexo se mostraram as variantes mais produtivas no Chuí e em Santana do Livramento, havendo poucas ocorrências de outras realizações do R. Um outro fator que vem se somar à influência linguística da colonização italiana e ao resquício da rota de bandeirantes paulistas, para a manutenção de realizações mais conservadoras do rótico na região Sul, é a participação, em falares sulistas localizados em fronteiras, do contato do português com variedades do espanhol, como nos municípios focalizados neste estudo. É interessante notar que, embora o chamado r-caipira não receba tanto prestígio quanto as outras variantes do rótico, ele também se faz presente, mesmo em municípios onde o tepe alveolar é claramente a variante mais usada, como é o caso do Chuí e de Santana do Livramento. Por fim, é digno de nota, também, que, diferentemente do observado por Callou (1987) para o dialeto carioca, nas comunidades aqui estudadas, a mudança de ponto (de alveolar para velar e glotal) e modo de articulação do rótico (de vibrante para fricativa) parece não constituir uma etapa necessária, a depender do tipo de rótico e do dialeto, para implementação do zero fonético. Nessa área dialetal, o cancelamento do rótico em coda externa parece constituir, então, uma mudança sonora abrupta.

Referências

ABAURRE, M. B.; SÂNDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: da HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Orgs.), *Teoria linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFPB. 2003, p. 144-180.

AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, K. A. J.; LINDSCHOUW, J. J. (Eds.). *Les variations diasystématiques et leurs interdépendances dans les langues romanes: actes du Colloque DIA II à Copenhague*. Strasbourg: Société de linguistique romane/ÉliPhi. 2015, p. 19-21.

BRANDÃO, S. F., MOTA, M. A.; CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocabulário. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio. 2003, p. 163-180.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, L. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, B.; RODRIGUES, A (Orgs.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*, vol. 8. Campinas: Editora da Unicamp. 2002, p. 537-555.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I.; MORAES, J.; LEITE, Y. (Orgs.). *Gramática do português falado*, vol. 6. Campinas: Editora da Unicamp. 1996, p. 465-494.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real. *Revista Delta*. São Paulo, v. 14, 1998.

CALLOU, D.; MORAES, J. A. Condicionamentos socio e geolinguísticos na realização do R no português do Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, v. 17, p. 69-78, 1995.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*. vol. 14, no Especial, 2012, p. 41-58.

CALLOU, D.; SERRA, C.; FARIA, A. On R-deletion in final coda position: regional diversity in Brazilian Portuguese and syllable phonology. In: *Pluricentric Languages in the Americas*. PCL-Press: Graz/Berlin. 2022, p. 173-188.

CARDOSO, S. A. M. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. S. A. M. CARDOSO; J. A. MORA; M. M. T. PAIM; S.S. C. RIBEIRO (Orgs.) Salvador: Vento Leste, 2003.

CARDOSO, S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

FARIAS, A. J. *O rótico em coda silábica externa e a fonologia da sílaba: enveredando por novos caminhos*. 2022. 140 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

GOMES, C. A. Passado e presente da alternância entre a lateral e o tepe no onset complexo no português: Considerações sobre representação, mudança linguística e avaliação social. *LaborHistórico*. Rio de Janeiro, vol. 7, p. 16-42, 2021.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. O falar paranaense: um estudo sobre os róticos em coda silábica. In: LUCHINI, P. L.; GARCÍA, J. A.; ALVES, U. K. (Orgs.). *Fonética y Fonología: articulación entre enseñanza e investigación*. Mar De Plata: Editora da Universidad Nacional de Mar del Plata, 2015, v. 1, p. 88-97.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. Róticos em coda silábica interna nas regiões sul e centro-oeste do Brasil/ Rothics in syllabical coda in the southern and central western regions of Brazil. In: BARDEL, C.; DE MEO, A. (Orgs.). *Parler les langues romanes Parlare le lingue romanze Hablar las lenguas romances Falando línguas românicas*. 1ed. Napoli: Camilla Bardel and Anna De Meo, 2016, v. 1, p. 225-24

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. A implementação do /r/ em coda silábica no interior de Santa Catarina conforme os dados do ALiB. In: BENÇAL, D. R.; COSTA, D. S. S. (Orgs.). *Estudos Linguísticos em foco - perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1ed. Londrina: Eduel, 2019, v. 1, p. 75-91.

KAILER, D. A.; ALMEIDA, E. d. F. d. As variantes róticas em coda silábica no interior de Santa Catarina. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: Textos selecionados*. Porto Alegre: BC – PUCRS, 2020, p. 1-339.

KOCH, W.; M. S. KLASSMANN; C.V. ALTHENHOFEN. *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil. Cartas fonéticas e morfossintáticas*, vol. 2. Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba: EDUFRGS, EDUFSC, EDUFPR, 2002.

LABOV, W. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change. Social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Principles of linguistic change. Internal factors. In: C. B. PAULSTON; G. R. TUCKER. *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, p. 234-350.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherree Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, M.; GOMES, C. Sobre variação, mudança e representação da coda (r) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Diádorim*. Rio de Janeiro, vol. 20(2), 169-190, 2018.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 9-14.

MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. 1992. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, V. N. O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionistas e fonológica*. 1997. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C (Orgs.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC, 2002, p. 253-268.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, S. B. et alii (Eds.) *Papers from the parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976, p 221-241.

OLIVEIRA, I. C. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região sul no projeto ALiB*. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, I. C., SANTANA, M., XAVIER, K. & SERRA, C. R. O rótico em coda silábica final na região Sul do Brasil: variação e mudança no Corpus do ALiB. *Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, 2018, p. 334-364.

PAIVA, M. C. A. A variável gênero. In: Maria Luiza Braga; Maria Cecília Mollica. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. GoldvarbX: a variable rule application for Macintosh and Windows. 2005.

SANTANA, M. *O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: variação e prosódia no corpus do ALiB*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. Convergência de processos no apagamento de /r/ em português e espanhol. *Lingüística. Uruguay*, vol. 35, 2019, p. 129-147.

SERRA, C.; CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Selecionados*, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Coimbra, APL, 2013, p. 585-594.

SERRA, C.; CALLOU D. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: DOMINICIS, A. D. (Org.). *pS-prominenceS: Prominences in Linguistics*. Proceedings of the International Conference. Viterbo: Disucom Press, 2015, p. 96-113.

SERRA, C.; CALLOU, D.; KOROL, C.; MARTINS, L. Variação e mudança do rótico em coda final: a região Sul resiste (como pode?). In: MARINS, J. E.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. d. *Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 20-55.

XAVIER, K. d. S. *As múltiplas pronúncias do rótico na música popular brasileira do século XX: da vibrante à fricativa e ao zero fonético*. 2020. 249 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

